LEA KAMPE

O Anjo de Varsóvia

A mulher corajosa e determinada
que salvou milhares de crianças
no período mais negro da história.

«UM TESTEMUNHO DE ESPERANÇA E CORAGEM!»
Goodreads



alma dos livros

LEA KAMPE

O ANJO DE VARSÓVIA

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
tiktok.com/@almadoslivros
twitter.com/almados_livros
linkedin.com/company/alma-dos-livros/
© 2024
Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros
© 2021 Piper Verlag GmbH, München
Título: *O Anjo de Varsóvia*
Título original: *Der Engel von Warschau*
Autora: Lea Kampe
Tradução: Filipa Ramalho
Revisão: Márcia Marto
Paginação: Maria João Gomes
Design de capa: Johannes Wiebel
Imagens de capa: Shutterstock; Mark Owen/trevillion.com
Arranjo de capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros
Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.
Depósito legal: 531834/24
1.ª edição: Julho de 2024
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

LEA KAMPE

O ANJO DE VARSÓVIA

Tradução de
Filipa Ramalho

alma dos livros

Para Cläre Müller,
sempre a meu lado.

Capítulo Um

Entre! – Disse Hans Frank, o ministro do *Reich*, ao levantar o olhar da secretária do seu escritório de Berlim.

Entrou na sala um jovem da SA. À primeira vista, com a sua estatura robusta e o seu rosto redondo, Ludwig Fischer assemelhava-se a um simpático homem do campo, mas por detrás dos olhos rasgados escondia-se algo pérfido.

– Entre, sente-se – convidou-o Frank com um ar jovial. – Conhaque? Brande? Ou prefere uma grapa?

Fischer arqueou as sobrancelhas, espantado. Frank riu-se.

– Estamos aqui hoje para um encontro amigável, fiquemos à vontade – aproximou-se de uma mesinha baixa na qual estavam copos e garrafas e serviu o licor antes de se acomodar no sofá e convidar Fischer a ocupar o lugar na poltrona à sua frente. Depois, deu uma olhadela rápida ao relógio de pêndulo.

– Vamos lá. Pelo que acabei de saber, às 4h em ponto o nosso major da SS, o Naujocks, recebeu a palavra-chave – zombou. – «Avó morta». Pergunto-me quem se terá lembrado dela. Seja como for, dentro de poucas horas o Naujocks e o seu bando vão atacar a nossa estação de rádio em Gleiwitz disfarçados de rebeldes polacos. É uma provocação inadmissível que, claramente, nós alemães não podemos aceitar e, por isso, vemo-nos obrigados a declarar guerra à Polónia. Deduzo que o ataque irá começar nas primeiras horas da manhã.

Ludwig Fischer soltou uma gargalhada.

– Os polacos estão obviamente em alerta. Reuniram uma mão-cheia de tropas na fronteira à pressa. Mas em segredo absoluto, para que não nos sentíssemos provocados. E o melhor é que estão mesmo convencidos de que não nos apercebemos.

– E parece que até têm tropas a cavalo. Cavalos, Fischer, consegue imaginar? O que acha que vão pensar quando derem de caras com os nossos tanques? Espero que os nossos rapazes não massacrem aquelas pobres criaturas – zombou de novo, esticando o braço ao longo das costas do sofá.

– Nem sequer vão ter tempo – respondeu Fischer. – Todos sabemos que esta farsa irá durar, no máximo, algumas semanas. Mais tardar, no final de setembro

teremos a Polónia na mão e Varsóvia será nossa.

– Isso é que é falar, Fischer! – exclamou Frank, inclinando-se um pouco para a frente. A sua testa alta, com grandes entradas, era iluminada pela luz baixa do início de tarde. A pele lisa do sofá mimicava os reflexos castanhos avermelhados do copo de brande, ainda intacto na sua mão. – É por isso mesmo que lhe pedi para vir – fez uma pausa breve. – Sabe, fui nomeado governador do futuro Governo Geral da Polónia e preciso de um homem de confiança para a cidade de Varsóvia – observou Fischer com olhos atentos. – Então, pensei em si. Que me diz? Governador de Varsóvia. Que acha?

– Seria uma honra, senhor Frank.

Frank anuiu, pensativo.

– O senhor merece. Para a residência oficial, pensámos no Palácio Brühl, fica na praça Pilsudski, que vai ser renomeada praça Adolf Hitler. Mas poderá alojar-se numa moradia no bairro nobre de Konstancin, que será totalmente poupado dos ataques aéreos – levantou o copo. Fischer fez o mesmo. – A Varsóvia, a nova cidade alemã, e ao seu governador. Saúde!

Capítulo Dois

Lá fora, no corredor, uma porta abriu devagar e foi imediatamente fechada. Irena ouviu passos rápidos e delicados. Olhou para o relógio e sorriu: 16h30. Poderia saber as horas com base nos hábitos de Elena. Todos no escritório dos serviços sociais de Varsóvia sabiam que saía sempre meia hora mais cedo do trabalho. Elena era a única convencida de que ninguém se apercebia da sua fuga quotidiana do escritório.

Irena apoiou-se nas costas da cadeira e fechou os olhos enquanto a porta para as escadas se fechava no corredor. Lá de fora vinha o ruído de motores e de passos e das vozes cristalinas de duas senhoras. Agora, uma carroça aproximava-se pela calçada, o cocheiro assobiou prolongadamente. Mas, de repente, um outro ruído sobrepôs-se a todos os outros. Um moscardo que, zumbindo, bateu várias vezes contra o vidro da janela. Irena abriu os olhos. Por um instante, observou o inseto que tentava ultrapassar a barreira invisível apenas com a sua força de vontade, depois levantou-se e abriu a janela.

Ao voltar à secretária, terminou o último relatório do dia e deu uma vista de olhos ao que tinha escrito. Parecia estar tudo bem. Não havia nada que justificasse uma revisão mais aprofundada, ainda que já não fizesse as suas pequenas correções sozinha, mas sim com a sua colega Irka Schultz, e ficava mais descansada. De qualquer modo, não sentia remorsos: fazia aquilo que tinha a fazer. Alguns anos antes, o governo polaco reduziu de forma drástica os subsídios dos cidadãos judeus, colocando inúmeras condições insensatas e afetando mais severamente as famílias pobres. Desde então, Irena cometia com regularidade pequenos erros na gestão das práticas. Por vezes, reduzia a idade de uma criança em alguns meses para continuar a providenciar sustento à família, que já vivia no limiar da pobreza. Noutros casos, como naquele dia, o espaço habitacional tornava-se mais pequeno, coisa que, afinal, nem era bem uma mentira, pensava Irena. A sua visita à casa dos Geremek naquela tarde tinha-a desanimado. Oficialmente, os seis membros da família viviam em dois quartos, mas, na realidade, o senhorio manhoso limitou-se a dividir o espaço montando uma divisória de madeira. No formulário, Irena sentiu que devia corrigir esta

falsidade de modo que a família voltasse a beneficiar de um subsídio mensal.

Tirou a folha da máquina de escrever e colocou-a junto das outras. Lá fora, o relógio da torre mais próxima bateu as 17h. Irena não costumava sair até terminar tudo, mas naquele dia saiu a horas. Uma colega sua amiga queria festejar o aniversário com um piquenique no parque.

Quando saiu, o calor sufocante cortou-lhe a respiração. Colocou a mala e a caixa do bolo na cesta da bicicleta e foi-se embora. O Jardim Saxónico era um parque magnífico do século XVIII que ficava a dois passos do seu escritório na Rua Zlota. Irena pedalou até que o vento despenteasse os seus cabelos loiros que lhe davam pelas costas. Na movimentada Avenida Emilii Plater, tinha de passar pela calçada e, com a mão esquerda, tentava manter a caixa do bolo estável. A sua mãe insistiu em fazer um *babka*[1] e Irena queria evitar que só chegassem migalhas ao piquenique.

Ultrapassou com agilidade uma carroça que parou de repente à sua frente e, logo a seguir, virou e atravessou o portão de ferro fundido do parque, que estava aberto. A luz quente da tarde era filtrada por entre as copas altas das tílias e das faias. As crianças passeavam com as mães e as governantas, enquanto na relva verde estavam sentados pequenos grupos de amigos e casais isolados. Quanto mais Irena penetrava no parque, mais os ruídos da cidade se tornavam indistintos e eram substituídos pelo chilrear dos pássaros, pelo zumbido das abelhas e pela brisa que fazia sussurrar as folhas das velhas árvores. De repente, viu à sua frente dois braços a abanar na relva e, instintivamente, levantou o seu braço de volta.

– Finalmente! – A aniversariante avançou até ela enquanto Irena ainda estava a encostar a bicicleta a uma árvore.

Irena abraçou-a com força. Depois, deu um passo atrás para poder vê-la melhor.

– Finalmente nos reencontramos – disse, com um ligeiro tom de repreensão. Desde há uns meses, após Ewa Rechtman ter sido despedida dos serviços sociais devido às suas origens hebraicas, que se tinham visto muito poucas vezes. Irena sentia falta do otimismo inabalável da sua amiga.

– Olha quem fala, senhora *Nunca Tenho Tempo* – rebateu Ewa com prontidão. Separou-se de Irena e, passando as mãos pelos cabelos claros, virou-se para a caixa com o bolo.

– Mmm, *babka*!

Irena riu-se e cumprimentou as outras. A maior parte delas, nomeadamente

Irka Schultz, Jaga Piotrowska e Janka Grabowska, trabalhavam nos serviços sociais da cidade, tal como Irena. Já Ala Golaab-Grynberg que, tal como Ewa, era judia, trabalhava no hospital hebraico.

Na manta quadriculada colorida havia pratos e caixas com sandes. Janka levou limonada caseira. Ewa pousou o *babka* de Irena no centro.

– Espero que tenha sido a tua mãe a fazê-lo, e não tu – brincou, enquanto colocava as velas vermelhas no bolo.

– Não precisavas de dizer isso tão alto – protestou Irena. Mas não se aborreceu com Ewa; a cozinha não era, de todo, o seu forte.

– Em compensação, tens outras qualidades! – Jaga, que se sentava ao seu lado, deu-lhe um beijo ruidoso na bochecha.

Enquanto Ewa acendia as velas, cantaram os parabéns, desejando-lhe mais cem anos de vida. As pessoas que passeavam pelos caminhos voltavam-se para olhar para elas. Mas mal Ewa apagou as velas e distribuiu as fatias de bolo, caiu o silêncio.

– Quase me sinto culpada por estarmos aqui sentadas a festejar o meu aniversário como se nada tivesse acontecido – disse Ewa, por fim.

– E quando é que o faríamos senão agora? – Perguntou Janka, decidida. – Se a Alemanha realmente atacar a Polónia, não vamos poder festejar durante uns tempos.

– O Mietek foi destacado. Levei-o ontem à estação – contou Irena.

Caiu, de novo, o silêncio. Há semanas que a tensão entre a Alemanha e a Polónia era palpável. Em julho, já havia boatos de que a Polónia estava a mobilizar as suas forças armadas pela calada, mas só agora é que a realidade tinha atingido o marido de Irena. Mietek era um homem de família pacífico e com os pés assentes na terra. Poucos anos antes, aceitou o seu primeiro trabalho na universidade de Poznan e tomou por garantido a ida de Irena com ele, mas o trabalho como assistente social e os estudos em Varsóvia eram mais importantes para ela. Só então se apercebeu do quanto ela e Mietek eram diferentes: ele não se interessava por política e sonhava apenas ser professor de Filologia Clássica e ter uma família. Já ela queria estar presente para os outros, cultivar projetos com os seus amigos na universidade, no partido socialista, queria tornar o mundo um lugar melhor. E por onde haveria de começar senão pelos pobres e pelos menos afortunados de Varsóvia?

Mas ainda que ela e Mietek estivessem separados há anos e o seu casamento só existisse em papel, ele era importante para Irena. Foi o seu amor de infância, o

amigo com quem patinava todos os invernos no rio Vístula gelado. E, agora, tinha de combater os alemães com as suas mãos delicadas… era difícil imaginar. Ao contrário de Adam, um ex-companheiro da universidade e o seu melhor amigo. Sentiu-se a ferver com aquele pensamento. Subitamente, queria falar sobre ele, dizer às amigas que também foi destacado. E porque não fazê-lo? Todas conheciam Adam: tinha a cabeça quente das ideias revolucionárias para uma Polónia nova, mais justa, mas, sobretudo, livre. Adam, que devorava qualquer livro, desde as poesias românticas aos manuais de Direito, e com quem muitas vezes sonhava e discutia até às altas horas da noite num café ou debaixo das copas das árvores no parque.

Mas, em vez de falar, serviu-se de outra fatia de bolo. Irka fez o mesmo. Quando as suas mãos se tocaram sobre o prato, os seus olhares cruzaram-se.

– Vai correr tudo bem – disse Irka. – Desta vez, a Inglaterra e a França não vão deixar a Polónia sozinha, vais ver. Comprometeram-se mesmo. Que venham os alemães. A festa não vai durar muito. E, antes que deem por isso, o Mietek e os outros já terão regressado.

– Espero mesmo que sim – respondeu Ala, sem convicção. – Se não for assim, esperam-nos tempos sombrios. Para toda a Polónia, mas especialmente para a Ewa, para mim e para os outros judeus polacos. Aquilo que os alemães estão a fazer aos seus cidadãos judeus já é bastante grave, mas, se quiserem saber o que eu acho, aqui, longe de casa, vão fazer bem pior.

Ewa apertou a mão de Ala.

– Vá, não sejas tão pessimista. Além disso, é o meu aniversário, caso se tenham esquecido. Então, que acham de mudar de assunto?

Irka e Janka levantaram as mãos, rindo-se. Ala apertou a mão de Ewa, mas o seu sorriso parecia forçado.

Já estava escuro quando foram para casa. Irena adorava as longas tardes de verão que lhe davam uma sensação de liberdade. As pessoas encontravam-se no parque, nos cafés, nas gelatarias. Até mesmo hoje havia muita gente na rua e estava tudo como sempre. Ou será que não? Será que há uns tempos as vozes eram mais animadas? As gargalhadas mais intensas? Os carros andavam mais depressa? Irena não sabia dizer.

Quando chegou a casa, parou a bicicleta no pátio e abriu devagar a porta do apartamento que dividia com a mãe. Estava escuro lá dentro. Parou à escuta da respiração da mãe, que estava a dormir; estava normal. Irena sentiu-se aliviada, já que a mãe tinha problemas de coração e, muitas vezes, a sua respiração era

ofegante. Sem acender as luzes, foi até à cozinha e abriu a janela. Seria o *krupnik*, o licor de mel caseiro que Irka tinha levado, ou a recordação do dia anterior que não a deixava sentir cansaço?

A maior parte das janelas da Rua Ludwiki ainda estavam iluminadas. Na sala de estar da casa da frente, Irena conseguia ver os Nowak sentados à volta do rádio. O seu pensamento estava com Mietek. A ordem que recebeu falava numa «mobilização secreta», mas, ao chegar à estação, perceberam que a única coisa secreta era a falta de notícias nos jornais e na rádio. Só com dificuldade é que conseguiram pôr-se a caminho e chegar à plataforma de Mietek. Parecia que todos os jovens de Varsóvia se tinham reunido ali, e, pela primeira vez, surgia na cabeça de Irena um medo palpável. Será que o governo estava a esconder alguma coisa? Sabia que, ao início, a Polónia tinha planeado uma mobilização total, mas a Inglaterra e a França opuseram-se: não deviam provocar Hitler desnecessariamente. Já na plataforma, Irena procurava com o olhar rostos familiares, um em particular. Adam tinha-lhe ligado no dia anterior para dizer que também tinha sido destacado para ir para a fronteira entre a Alemanha e a Polónia. Tinha de estar por ali, mas era escusado procurá-lo no meio daquela multidão.

O adeus a Mietek foi breve. Os soldados empurravam-nos por todos os lados e, pela primeira vez, Mietek, normalmente tagarela, não tinha palavras. No fim, foi Irena quem falou.

– Tem cuidado contigo – sussurrou-lhe, dando-lhe um beijo no rosto. Mietek anuiu antes de virar costas e entrar na carruagem apinhada.

Os jovens, eufóricos e cheios de energia, debruçavam-se sobre as janelas a gritar a plenos pulmões para quem estava na plataforma, como se fossem de férias. Talvez, no fim das contas, as coisas não fossem assim tão más… Com aliados como a Inglaterra e a França, uma eventual guerra não iria durar muito.

Ou será que era apenas uma ilusão e Adam, o radical que pensava que a guerra seria longa, tinha razão?

– Não querem que nos apercebamos, – dizia – mas as divisões da casa europeia são redistribuídas rapidamente, mandam-se muros abaixo e erguem-se outros novos com facilidade.

Irena não soube o que responder. O relógio de parede da sala de estar bateu as 23h. Irena fechou a janela, deitou-se na cama e adormeceu.

Um som agudo e atroz surgiu no seu sonho, um grito que ampliava e voltava a desvanecer. Irena virou-se subitamente para o outro lado, mas não acordou e o

som persistiu.

– Irena! – Sentiu uma mão nas suas costas. – Irena, acorda!

Irena escancarou os olhos. O grito tornou-se mais forte, mais ameaçador.

– Mãe, que se passa?

– Sirenes antiaéreas. Anda! Temos de sair daqui.

A mãe vestiu-lhe um roupão enquanto Irena procurava as pantufas. Na cozinha, espreitou lá para fora: do outro lado da estrada, o senhor Nowak estava sentado em frente ao rádio, a sua mulher puxava-lhe o braço, mas ele não lhe prestava atenção. A mãe de Irena já estava nas escadas; com a mão direita agarrava o corrimão enquanto pousava um pé à frente do outro em passo incerto. Irena agarrou-a com firmeza pelo braço e guiou-a escadas abaixo o mais depressa possível. A porta que dava para o pátio estava aberta e a rua estava cheia de gente. Porque não estavam na cave?

Foi naquele momento que Irena se apercebeu de que as sirenes antiaéreas eram o único som que se ouvia. De resto, reinava o silêncio. Enquanto ajudava a mãe a descer para o pátio, tentou perceber se dava para ouvir o estrondo de motores ou explosões. Nada. Os inquilinos reunidos no pátio olhavam em silêncio para as novas chegadas. Pareciam incrédulos, desorientados, os cabelos despenteados do sono, os olhos cansados com ar inquisitivo. Mais tarde, Irena não saberia dizer quanto tempo ficaram ali. A luz clara da manhã começou a brilhar, dourada. Depois, as sirenes antiaéreas cessaram e, durante alguns segundos, estava um silêncio de morte. Um murmúrio atravessou o grupo e as vozes misturaram-se.

– *Acabou o alarme, voltem para casa! Acabou o alarme…* – A voz que vinha de um megafone chegou do nada ao pátio e tornava-se mais débil à medida que o veículo se afastava. Puseram-se todos a andar como um rebanho ordeiro. Irena ajudou a mãe a subir as escadas até ao segundo andar. Depois, correu para o rádio. Teve a mesma ideia que todos os outros quando rodou a maçaneta. Não foi preciso procurar, todas as estações transmitiam a mesma mensagem. Há horas que os alemães tinham lançado uma ofensiva de norte, sul e oeste, os aviões sobrevoaram a fronteira sem dar nas vistas e bombardearam as regiões fronteiriças. Ao mesmo tempo, a divisão da infantaria avançou com o apoio de tanques. A voz na rádio falava na necessidade de as tropas polacas se reorganizarem, o que quer que isso significasse.

– *Varsóvia está segura* – afirmava a voz do rádio. – *Mantenham a calma! Todos os membros do governo, todos os funcionários públicos são chamados aos seus postos de*

trabalho.

Irena apressou-se até ao quarto para se vestir enquanto a estação de rádio na sala ao lado repetia incessantemente a mesma mensagem.

– Onde vais? – Perguntou a mãe, correndo até à cozinha.

– Vou trabalhar, já te tinha dito!

A mãe agarrou-a pelo braço.

– São 7h. Senta-te e bebe café, o escritório ainda está fechado.

Sem ripostar, Irena sentou-se. Os seus pensamentos estavam com Mietek e Adam. Estariam bem? Será que os seus regimentos tinham estado envolvidos nos combates? Sentia uma certa amargura quando pensava em Adam. Tinha estudado Direito, tinha passado nos exames com louvor e queria tornar-se advogado, mas as tendências antissemitas dos últimos anos prejudicaram as suas perspetivas de carreira.

– Quando é para trabalhar como advogado, sou um judeu e não sou bem-vindo. Mas quando é para me mandar para a linha da frente, já sou polaco o suficiente – disse com ironia na última vez em que falaram pelo telefone.

Distraiu-se dos seus pensamentos quando a mãe colocou a cafeteira, um pão, manteiga e marmelada à sua frente.

– Come – ordenou. A sua voz não permitia discussões.

Irena preparou mecanicamente um pão, grata por a sua mãe não tentar ter uma conversa. Devorou o pão e bebeu o café apressadamente. Depois, levantou-se de repente, beijou a mãe na testa e correu para as escadas, descendo dois degraus de cada vez.

Se Irena estava à espera de encontrar ruas desertas, estava muito enganada. Varsóvia parecia estar toda a pé e todos estavam com pressa: homens em bicicleta, mulheres que arrastavam atrás de si os filhos. Os elétricos estavam cheios e, ainda que fosse muito cedo, as lojas estavam abertas e as senhoras enchiam os sacos das compras com carne, verduras e pão. Mas o silêncio tingia toda aquela azáfama frenética. Ninguém falava. Além do som de alguma criança que choramingava, só se ouviam os sons do elétrico, dos carros e das carroças. Irena começou a pedalar.

Já nas escadas dos serviços sociais, foi acolhida por vozes agitadas. O corredor estava cheio de pessoas que queriam falar com uma assistente social ou que avançavam com pedidos às que estavam presentes. Irena acabara de chegar ao corredor quando se reuniu uma multidão à sua volta.

– Um momento! Um de cada vez! – Ordenava enquanto caminhava para o

gabinete. De repente, uma mão agarrou o seu braço e puxou-a em direção à porta. A multidão, espantada, parou. Irka Schultz fechou a porta atrás das costas e rodou a chave.

– Caramba – disse, deixando-se cair numa cadeira. Irena quase se desmanchava a rir. Irka era responsável pela divisão e dava muita importância a um aspeto profissional impecável. Tinha a camisa por fora das calças e o nó da sua subtil gravata estava solto. Com os seus cabelos loiros encaracolados, parecia que tinha passado a noite num clube de *jazz*. Irena deteve-se e, em vez de se rir, acenou para o corredor.

– Que se está a passar aqui?

Irka levantou os olhos em direção ao céu.

– O que achas? Querem todos o subsídio mensal, e depressa. O dinheiro, os bens alimentares e para as cantinas dos pobres. Temem que dentro em pouco já não haja nada. Muitos querem deixar a cidade, têm medo dos ataques aéreos. E muitos colegas não vieram trabalhar hoje.

Irena sentou-se à secretária.

– Que achas de usar a tua autoridade e pôr tudo em ordem lá fora? Tenta ao menos fazer com que só entre um de cada vez.

Irka assentiu mostrando-se rendida. Desfrutou da calma no gabinete de Irena por mais uns segundos, depois abriu a porta e voltou à confusão.

Irena já estava a trabalhar há uma hora e pensava em ir buscar um café à cozinha do escritório quando as sirenes antiaéreas recomeçaram a uivar. De repente, ouviram-se dezenas de passos a apressar-se pelo corredor até à saída. Irena também saiu do gabinete e a porta do lado oposto do corredor abriu. Em vez de a cumprimentar, Jan Dobraczynski, o chefe do escritório dos serviços sociais, indicou a direção das escadas.

– Talvez seja apenas um falso alarme como o desta manhã – disse, enquanto se apressava. Lá de fora ouvia-se um zumbido indistinto.

Irena parou de repente, mas as pessoas atrás de si empurraram-na para a frente. O zumbido transformou-se num estrondo. Quando o ar começou a vibrar, Irena sentiu o pânico a invadi-la. Tinha chegado à cave quando a primeira explosão fez estremecer as paredes do edifício. Uma onda de choque atravessou o seu corpo e aspirou o ar dos seus pulmões, os seus ouvidos taparam, caiu poeira de cimento do teto como se fosse farinha.

Na meia hora seguinte, a mesma sequência repetiu-se mais vezes: um zumbido que se transformava num estrondo cada vez mais forte, depois a

explosão antes que o barulho atenuasse de novo. Sempre que uma bomba caía na vizinhança, a luz falhava durante alguns segundos. Irena queria gritar, mas deteve-se, tal como os outros.

Por fim, o alarme cessou e todos saíram à rua. Irena tossiu ao inspirar o ar cinzento acastanhado, e o fumo e a poeira instalaram-se nos seus pulmões. Os edifícios da Rua Zlota estavam todos intactos, mas não muito longe erguiam-se colunas de fumo negro no céu e de todas as direções vinha o chiar das sirenes.

Uma mão pousou nas suas costas e Irena virou-se.

– Jaga! – Abraçou repentinamente a sua amiga e colega.

– Vamos? – Jan Dobraczynski estava imóvel ao seu lado. O homem, alto e robusto, parecia ter encolhido e os seus cabelos escuros, normalmente penteados, estavam brancos da poeira e todos desgrenhados. Jaga, a sua secretária, libertou-se do abraço de Irena e seguiu o seu chefe.

Depois de os colegas se reunirem no gabinete de Jan Dobraczynski, o homem olhou para os seus colaboradores em silêncio. Raramente ficava sem palavras, mas naquele momento não as encontrava. Com um gesto nervoso, tentou pôr para trás as madeixas de cabelo despenteadas, mas desistiu quando se apercebeu da poeira que tinha na cabeça. Irena quase lamentava por ele: era um bom chefe e fazia bem o seu trabalho, isso era inegável, mesmo que Irena não gostasse dele. Enquanto Irena era uma social-democrata convicta, Dobraczynski estava no partido nacional-conservador e não escondia o seu desgosto particular pelos judeus. O aspeto positivo era que deixava aos colaboradores uma grande margem de manobra, e, assim, Irena tinha a liberdade de organizar as coisas à sua maneira.

Finalmente, Dobraczynski tomou a palavra.

– A senhora Sendler é responsável, entre outras coisas, pelas cantinas de pobres da cidade – fez uma pausa e virou-se para ela. – Não serve de muito dizer-vos que devemos esperar um verdadeiro assalto aos nossos escritórios nos próximos dias e semanas. Só no primeiro ataque aéreo de hoje, muitas pessoas deverão ter perdido a própria casa. Também devemos esperar refugiados das regiões limítrofes, pessoas que devemos acolher e assistir – fez outra pausa antes de continuar. – Quero que voltem para casa das vossas famílias e que vejam se está tudo bem. Quando nos reencontrarmos, quero ouvir as vossas ideias para gerir a situação que nos espera – olhou em volta: apenas caras sérias. – E sejam prudentes. Precisamos de vocês aqui. De todos vós, agora mais do que nunca!

[1] Pão doce trançado com origem nas comunidades judaicas da Polónia e da Ucrânia. [*N. da T.*]

Capítulo Três

As palavras ainda ressoavam na cabeça de Irena quando voltava a casa pouco depois, atravessando uma cidade diferente. Vivia há muitos anos em Varsóvia, com as suas casas coloridas e os inúmeros cafés, e conhecia cada rua e cada praça. E esta mesma cidade apresentava-se agora como um animal ferido e ofegante, confuso e perdido. Uma ambulância passou ao seu lado a uma velocidade tal que a bicicleta guinou e começou a andar aos ziguezagues.

Entrou numa rua secundária para depois parar de repente. À sua frente abria-se uma cratera enorme: o edifício de quatro andares que se erguia mais além estava esventrado em todos os andares. Alguns móveis resistiam no chão semi-colapsado, algumas pessoas escavavam o entulho com pás e com as próprias mãos à procura de inquilinos. Numa divisão que outrora tinha sido uma cozinha, viam-se penduradas num gancho pegas de cozinha feitas de crochê. Um candeeiro com um abajur bordado com flores pendia do teto subjacente.

Irena desviou o olhar e voltou à rua principal. Em frente à praça Daszynskiego estavam dois elétricos que se detiveram pouco antes da sua paragem porque algumas partes da rede elétrica já não funcionavam. Pareciam duas grandes lagartas sem vida.

Irena pedalou com mais força. Depois do bombardeamento, não tinha pensado em nada a não ser na carga de trabalho que a esperava, como se a destruição da cidade fosse apenas um desafio profissional que não estava diretamente relacionado consigo, e, ao início, ficou espantada pelo facto de que Dobraczynski a tivesse mandado para casa quando havia tanto que fazer! Apenas então se apercebeu de que essa casa podia já não existir. E a sua mãe? O suor escorria-lhe pelos olhos, aderindo à poeira que tinha no rosto. Quando virou para a Rua Ludwiki e viu os prédios intactos, parou e fechou os olhos. Estava tudo bem. A casa estava de pé, a sua mãe estava viva. Naquele preciso instante, ficou horrorizada com o seu egoísmo, mas o alívio persistiu e transformou-se em felicidade quando, poucos minutos depois, abraçou a mãe com força.

Nos dias seguintes, aconteceram muitos outros ataques aéreos. Dezenas de milhares de pessoas enchiam as ruas de Varsóvia; tinham fugido dos avanços do

exército alemão e procuravam refúgio na capital. Mas, uma vez chegados, muitos davam por si sem saber para onde ir. Tinham deixado para trás tudo aquilo que possuíam e tinham caminhado durante dias, esfomeados, sujos e exaustos, pedindo a desconhecidos um lugar para dormir ou um pedaço de pão. Certa manhã, à luz dos primeiros raios de sol, Irena deu pela sua mãe no pátio de casa a distribuir chá quente de um panelão.

– Os aviões disparam a quem lhes apetecer – explicou uma senhora em lágrimas, com as suas mãos a tremer de tal forma que mal conseguiam segurar na caneca. – Voam a altitudes baixas e disparam contra refugiados em fuga, até contra agricultores no campo. A maior parte das aldeias está em chamas. Os soldados alemães entram nas casas e matam judeus, professores, médicos e advogados – foi sacudida por soluços.

Mais tarde, no escritório, Irena falou sobre o assunto com Jaga, Janka e Irka.

– Que eles andavam à procura de judeus já se sabia. Mas porquê os professores e os médicos? – Jaga não conseguia dar uma resposta. Mas Irena sabia porquê.

– É óbvio. Querem eliminar os intelectuais, todos aqueles que são instruídos e que têm conhecimento suficiente para se opor e levar os seus concidadãos a fazer o mesmo.

As outras anuíram em silêncio e, depois, voltaram ao trabalho: organizar novas cantinas de pobres, fornecer alojamento.

Certa tarde, o telefone do escritório tocou. Irena estava pronta para fazer uma visita domiciliar. Já à porta, hesitou ao olhar para o relógio e, com um suspiro, voltou à secretária e atendeu.

– Irena? – Era a voz da sua mãe.

– Que se passa, mãe? É o coração…? – Mas não foi capaz de acabar a frase.

– Tens de vir cá. A polícia está na nossa rua. Já estão nos vizinhos. Estão a arrastar para a rua todos os nossos móveis ou a atirá-los pela janela. Dizem que é preciso construir barricadas.

– Estou a caminho – Irena desligou. A visita domiciliar podia esperar. Apressou-se para sair e em apenas dez minutos chegou à Rua Ludwiki. De facto, havia polícias por toda a parte e ouviam-se berros, choro e gritos de indignação. No meio da rua estavam os móveis, muitos dos quais estragados. Irena chegou ao segundo andar ofegante. A sua mãe estava na sala e chorava enquanto dois polícias marcavam com giz as maiores peças de mobiliário que tinham. Irena estava lívida de raiva.

– Que estão a fazer? – Gritou.

Um dos polícias dirigiu-lhe um olhar indiferente.

– São ordens de cima. É para erguer barricadas na Rua Ludwiki.

– Mas não com a nossa mobília! E porquê? Os alemães estão… há algum cerco?

O polícia olhou para ela com pena e Irena corou. Claro que os alemães tinham entrado em Varsóvia, há dias que não se falava de outra coisa no escritório. Ficou irritada consigo mesma.

– Querem que defendamos a cidade ou não? – O homem sorriu com um ar desafiante.

Os olhos de Irena pousaram na estante, talvez a coisa mais preciosa que possuía. Atravessou o quarto e colocou-se em frente dela.

– Levem tudo, mas esta estante não sai daqui – a sua voz era firme.

O rosto do homem encheu-se de raiva. Com dois passos, chegou até ela, empurrou-a bruscamente para o lado e, com um só movimento, inclinou a estante. Primeiro, um a um, e depois, de uma vez só, os livros caíram ao chão.

– Começamos por aqui – fez sinal ao colega. – Talvez assim a senhora compreenda a gravidade da situação. Tenho curiosidade em saber se ainda vai ter tempo para ler quando os alemães nos matarem a todos.

Depois, tudo aconteceu num instante. Mudas, Irena e a sua mãe viram o apartamento esvaziar. No fim, não restou nada. Só quando chegou a noite é que o barulho lá de fora parou e desceu um silêncio inquietante sobre a rua. Irena evitou olhar pela janela. Bastou-lhe quando, de manhã, teve de passar em frente às barricadas construídas com as coisas que a tinham acompanhado a vida toda até àquele momento. E, agora, estes bens pessoais tinham de afastar os tanques e os disparos dos alemães. Com os seus livros, os polícias tinham selado pequenas frestas e Irena sentiu um peso no peito. Não foi grande companhia ao jantar e foi para a cama cedo.

Mas, poucas horas depois, foi acordada por alguma coisa. Seria a luz da sala ao lado? Descalça, dirigiu-se à cozinha. Sentada à mesa escangalhada que encontraram no sótão estava a sua mãe com um álbum de fotografias à frente. Irena reconheceu-o imediatamente.

– Consegui salvá-lo – anunciou a mãe, satisfeita com a sua proeza. Irena sentou-se ao seu lado e olhou para aquela foto tão familiar, na qual estava retratada a mãe e a sua irmã. A tia estava sentada numa bicicleta da época. – Kazimiera – disse a mãe a sorrir, e virou a página.

– E o pai – acrescentou Irena quando viu a foto seguinte. Retratava um belo

jovem de cabelos escuros e bigode encaracolado, estendido no chão com a cabeça sobre o colo da mulher, a mão dela apoiada nas suas costas.

– Sinto muito a falta dele – de repente, as lágrimas reluziam nos olhos da mãe. Irena sabia porque é que aquela recordação era tão dolorosa para a mãe, sobretudo naquele dia. O seu pai era médico e tinha ajudado todos, ricos e pobres, independentemente do facto de poderem pagar ou não. Em Otwock, o lugar onde viviam na altura, foi o único médico que cuidou das pessoas com tifo, apesar do alto risco de contágio. A coragem que demonstrou custou-lhe a vida apenas aos quarenta anos, a poucos dias do sétimo aniversário de Irena.

– Eu era tão pequena – murmurou. – Ainda assim, lembro-me bem dele.

– Como não havias de te lembrar? – A mãe esboçou um sorriso entre lágrimas. – Eras a pequerrucha dele. Quando as tias eram vivas, diziam sempre: «Stas, mima-la muito! Vais acabar por estragar esta miúda!», mas o teu pai ria-se e respondia sempre da mesma maneira: «Deixem-me estar, quem sabe o que a espera quando for mais velha. Talvez um dia o nosso amor seja uma das suas recordações mais bonitas».

Irena sentiu um nó na garganta. Sabia aquela história de cor, mas, pela primeira vez, pareceu-lhe um presságio de uma verdade obscura.

Nas semanas seguintes, Irena trabalhou até à exaustão. Saía de casa pela manhã cedo e voltava quase sempre tardíssimo. O trabalho nos serviços sociais era, muitas vezes, interrompido pelos alarmes antiaéreos e, durante as deslocações pela cidade, Irena tentava memorizar com precisão as casas e os prédios; dependendo de quanto tempo durasse aquela loucura, muitos deles não iriam sobreviver aos ataques. A sua velha e amada Varsóvia desaparecia de dia para dia.

Então, chegou o dia 25 de setembro. Irena não acreditava que um agravamento fosse possível, mas aquele dia superou tudo aquilo que tinha acontecido antes. Ainda não eram 7h. A noite tinha sido surpreendentemente calma e Irena tinha conseguido dormir algumas horas. Quase esperançosa, ia para o trabalho de bicicleta quando soou o primeiro alarme antiaéreo. Nesse preciso momento, sentiu um rugido vindo do céu, que rapidamente se tornou mais forte. Começou a pedalar freneticamente. Para onde iria? O escritório não ficava longe, conseguia lá chegar. Em poucos segundos a rua foi varrida, os carros abandonados foram empurrados pela estrada fora. Em pânico, Irena continuou a pedalar, mas tinha feito mal as contas: um avião alemão surgiu de repente na ponta oposta da longa rua. Atirou-se da bicicleta e correu para se

agachar atrás de um carro estacionado. «Se eu não te vejo, tu não me consegues ver», pensou com uma ponta de ironia. Quando o estrondo atingiu o seu ápice, Irena levantou a cabeça e viu o rosto de um jovem piloto com caracóis castanhos curtos. Quem sabe se ele também a tinha visto?

Já tinha passado.

– Tinha, no máximo, vinte anos, é apenas alguns anos mais novo que eu – sussurrou Irena. Depois, começou a contar. Aos vinte e um, uma explosão fê-la estremecer. Irena pensou que o alvo tivesse sido o bairro de Praga.

Quando, pouco depois, se apoiou a tremer à parede fria da cave dos serviços sociais, estava encharcada em suor. A poucos metros de distância, Irka, Janka e Jaga olhavam para ela com olhos assustados, mas Irena virou-se para o outro lado. Não conseguia falar.

As horas passavam, intermináveis. Só ao fim da tarde é que conseguiram deixar o seu refúgio. Nos últimos degraus de acesso ao rés do chão, uma luz artificial era filtrada pelos vidros da porta. Um barulho estridente cortou o ar. Quando saíram, um calor ardente atingiu-os. Ao fim da rua, uma parede de fogo levantava-se até ao céu, engolindo tudo. Com um som parecido a um gemido, o telhado da casa colapsou.

Mais tarde, Irena não sabia dizer quanto tempo ficaram ao calor e na luz ofuscante, hipnotizados pela voracidade absurda do fogo. Na mesma noite, a rádio anunciou que, naquele dia, Varsóvia tinha sido atacada por mais de mil aviões. E os dias seguintes não foram melhores. O quarteirão entre os cemitérios e a Grande Sinagoga, onde viviam muitos cidadãos judeus, foi gravemente atingido, mas também era difícil reconhecer o resto da cidade. Viam-se por todo o lado casas bombardeadas, veículos e elétricos em chamas.

O ataque da força aérea alemã durou vários dias e várias noites. Depois, voltou a calma.

– Quinta-feira, 28 de setembro de 1939. Interrompemos o programa para uma notícia de última hora.

Irena tinha acabado de se sentar para jantar com a mãe e, ao ouvir aquelas palavras, aumentou o volume do rádio.

– Devido ao elevado número de perdas entre a população civil, o comandante da cidade de Varsóvia, o general Juliusz Rómmel, anunciou ontem a rendição. Varsóvia está nas mãos dos alemães. Agora, iremos transmitir um anúncio do novo governador de Varsóvia, Ludwig Fischer – ouviu-se uma marcha e, depois, uma elegante voz alemã. Cada frase era traduzida consecutivamente para polaco.

– Cidadãos de Varsóvia, daqui fala o vosso novo governador, Ludwig Fischer. A vossa cidade rendeu-se e está nas mãos dos alemães. Dentro de poucos dias, o exército alemão entrará em Varsóvia. A cidade fará parte do novo Governo Geral sob a direção do governador geral Hans Frank. Todas as instruções e todos os comunicados devem ser seguidos à letra.

Mais uma vez, soavam as notas de uma marcha. Depois, a emissora polaca forneceu mais detalhes. As notícias eram devastadoras, o Estado livre da Polónia já não existia. Os alemães e os russos tinham dividido amigavelmente o país, ainda antes de o primeiro tiro ser disparado na fronteira. Os números também eram desconcertantes: quarenta mil pessoas tinham morrido durante os ataques aéreos, setenta mil nas várias frentes, enquanto centenas de milhares de prisioneiros de guerra polacos estavam destinados aos trabalhos forçados na Alemanha. Estaria o Mietek entre eles? E que seria feito de Adam?

Na manhã seguinte, Irena viu uma multidão ao longe. Cerca de vinte homens e mulheres juntavam-se em frente a um cartaz numa esquina. «A primeira comunicação à população vencida», pensou Irena com amargura. Com um peso no coração, abriu uma fresta para ler a folha.

COMUNICADO

A todos os polacos são garantidos todos os direitos civis
sob o *Reich* alemão. A todos os judeus são garantidos
todos os direitos, como a propriedade e a segurança.

Sentiu-se aliviada. Será que bastava aos alemães anexar uma parte da Polónia e a destruição das últimas semanas tinha sido o culminar do horror?

Nas horas seguintes, Irena trabalhou com as energias recarregadas. O simples facto de poder deslocar-se de novo livremente e sem o terror dos ataques aéreos era uma bênção inesperada. À tarde, quando passou por uma família judaica sua amiga que tinha aceitado acolher um casal de refugiados vindos da zona da fronteira, a mulher chamou-a à parte.

– Irena, és amiga do Adam Celnikier, não és?

Irena sentiu um aperto no estômago. Anuiu timidamente.

– Então, lembrava-me bem – a mulher sorriu calorosamente. – Assim sendo, interessa-te saber que esta manhã o encontrei na cidade com a mãe. Voltou são e salvo. O grupo dele foi dissolvido há umas semanas. Deve ter sido um grande caos.

– Ah, que bom! – Exclamou Irena. Um momento depois, sentiu-se corar e

acrescentou à pressa: – Fico muito feliz. Vou vê-lo em breve.

«Em breve?», pensou com um sorriso, quando, um segundo depois, se apressava escadas abaixo. Diria até hoje.

Pouco tempo depois, parou a bicicleta à entrada, que lhe era familiar, do prédio número 18 da Rua Baluckiego. Passavam poucos minutos das 18h, os raios de sol luziam ainda quentes e Irena tremia com a ideia de rever Adam. A mãe dele abriu a porta mal a jovem tocara à campainha.

– Irena, és tu! Que bom ver-te. O Adam está no quarto. Talvez consigas levantar-lhe a moral – aquelas palavras levantaram suspeitas, mas Irena não fez perguntas.

Quando chegou ao quarto, Adam estava sentado na cama. Levantou o olhar e esboçou um sorriso com os olhos, mas desapareceu com a mesma velocidade com que aparecera.

– Irena – levantou-se. Por um momento, permaneceram em silêncio um em frente ao outro. Quando o silêncio se tornou insuportável, Irena disse:

– A senhora Kowak disse-me que te encontrou. Estou feliz por teres voltado.

Adam acenou com a cabeça e esboçou um sorriso resignado.

– Vejo que, pelo menos, o gongo ainda funciona.

– Felizmente, sim – Irena sorriu com um ar encorajador, mas ele permaneceu em silêncio. – Adam, que se passa? Estás triste?

– Porquê, tu não estás? – Pressionou-a com uma aspereza inesperada. – Metade de Varsóvia foi reduzida a entulho, a nossa suposta defesa da fronteira era uma mentira. Os alemães literalmente tiraram-nos das camas e o meu regimento retirou-se antes sequer de disparar uma bala! Depois, cada um voltou para aqui por sua conta. Estou furioso. Aliás, não, tenho vergonha – Adam tinha o rosto vermelho, mas a sua expressão parecia menos tensa do que antes. Irena compreendia bem o que ele sentia.

– Ainda assim, estou feliz por te ver. Estava preocupada – sussurrou docemente. Os seus olhos encontraram-se por um instante. Depois, como que obedecendo a um acordo silencioso, deram um abraço apertado e fugaz. Quando Adam se separou dela, recuou subitamente e olhou para o chão.

– O Mietek?

Irena abanou a cabeça.

– Não tenho notícias dele. Espero que esteja bem – as suas próprias palavras envergonharam-na, não podia ter dito nada mais banal.

Adam foi até à janela aberta e sentou-se no parapeito largo. Agarrou uma das

pernas, deixando a outra pendurada. O sol de setembro iluminava-lhe os cabelos curtos e escuros. Irena sentou-se à sua frente, como tinha feito milhares de vezes.

– Leste o comunicado? Todos os direitos serão garantidos – tentou dizer passado um pouco.

Adam olhou para ela. Nos seus olhos havia uma alegria triste.

– Mas tu és demasiado inteligente para acreditar nisso, certo?

Irena desviou o olhar e encolheu os ombros com um ar desafiante.

– Se calhar, sou apenas mais otimista do que tu.

Adam riu-se com amargura.

– Acredita, eu também gostava de ter essa confiança, mas depois daquilo que vi durante a retirada… A maneira como os alemães atiravam as pessoas para fora das suas casas e as fuzilavam na rua. Sobretudo os judeus e as pessoas instruídas: os médicos, os advogados, os professores. Pura arbitrariedade, nenhum rasto de direitos garantidos. E pensa nos judeus que estão na Alemanha. Achas mesmo que se vão comportar de maneira mais civil aqui na Polónia? Aqui, no sítio que conquistaram em menos de um mês? Não, acredita em mim, desprezam-nos, vão fazer de nós aquilo que quiserem.

Irena sentia um peso no coração. Conhecia o pessimismo de Adam. Muitas vezes, picava-o para agir impulsivamente e levava-o a opor-se a tudo o que temia ou criticava, mas hoje as suas palavras tinham algo de sombrio, quase fatalista, e os próprios medos de Irena eram difíceis de combater.

– Ouviste que o nosso governo deverá ir para exílio? – Per-guntou Adam, acabando com o silêncio.

– O quê? – Exclamou Irena, incrédula.

Adam anuiu.

– Para já, são apenas boatos, mas, se assim for, vamos ser deixados nas nossas próprias mãos – outra vez o sorriso de troça. – Quando o barco afunda, as ratazanas fogem – o sorriso desapareceu. – Mas talvez esteja a exagerar. Quiçá os nossos políticos nos possam ser mais úteis no estrangeiro em vez de ficarem aqui e serem presos e mortos pelos alemães.

Naquela noite, as palavras de Adam, os seus olhos tristes, o breve mas intenso abraço deixaram a mente de Irena bastante agitada enquanto tentava adormecer. Também estava preocupada com Mietek. Ainda que nos últimos anos se tivessem visto raramente, não conseguia sequer imaginar nunca mais o ver.

Capítulo Quatro

Dois homens da SA guardavam a entrada da majestosa residência quando o carro de Ludwig Fischer se aproximou. Saiu ao mesmo tempo que o seu assistente.

– *Heil* Hitler, governador! – Os braços dos dois jovens dispararam em diante, o olhar fixo à sua frente. Fischer respondeu à saudação.

– Qual é o andar? – Perguntou ao seu assistente.

– É o último andar. Tem elevador, uma esplêndida vista da cidade, mais de duzentos e cinquenta metros quadrados mobilados com um gosto requintado. Uma biblioteca bem recheada, quartos separados para o pessoal. Fica nos arredores do parque – elencou o assistente. Era o terceiro na lista de possíveis apartamentos. Os dois primeiros não eram maus, mas não convenceram Fischer.

– Os proprietários? – Perguntou Fischer.

– O doutor Samuel Weintraub tem mulher e três filhos. São uma família de cirurgiões. Estavam a jantar. Reunimo-los no salão.

– Hum – fez Fischer, com relutância. O elevador subiu. Outro homem da SA fez a saudação no patamar do apartamento.

Fischer entrou.

– Nada mau – atravessou o soalho cintilante do corredor e entrou nas primeiras divisões. A luz quente da tarde pousava através das grandes janelas nos móveis de mogno. Os grossos tapetes persas amortizavam o som dos passos. Na cozinha, o pessoal fardado estava alinhado numa fila com olhos fixos no chão. Pairava no ar o cheiro a comida.

– Pessoal judaico? – Perguntou Fischer.

– Não, polaco.

Fischer suspirou. Claro, eram os seus preferidos. Os judeus ricos que tinham ingressado em profissões prestigiosas usavam trajes elegantes, viviam em prédios como aquele e eram servidos por pessoal não judeu. Era difícil reconhecê-los a olho nu quando os encontravam na rua. O disfarce era quase perfeito. Mas, por detrás da fachada, tudo aquilo não passava de uma triste farsa.

Fischer entrou no salão. Lá estava ele, o judeu com um lenço de seda vermelho no bolso do casaco, a mulher com um colar de pérolas a adornar-lhe o pescoço, dois dos filhos loiros. Como podia a natureza ser tão traiçoeira? «É tudo um fingimento», pensou Fischer, «um fino véu. O vosso verdadeiro rosto será revelado no inferno para onde vos vamos mandar».

– Senhor Fischer? O meu nome é Weintraub. Este apartamento pertence à minha família. Que se está a passar aqui? Não vou tolerar… – a voz pertencia ao cirurgião, cujos olhos cinzentos por detrás dos óculos dourados estavam inquietos.

– Silêncio! – Gritou o assistente.

Fischer olhou através daquelas cinco pessoas como se fizessem parte do inventário. Os seus olhos demoraram-se no teto alto de estuque com frescos no centro. Depois, atravessou a porta dupla aberta na varanda: a vista dos telhados vermelhos do centro histórico de Varsóvia era lindíssima. Pelo meio, árvores altas elevavam-se em direção ao céu com as suas copas verdes. Em muitos lugares levantavam-se colunas de fumo, mas mais tarde ou mais cedo seriam diluídas e aquela zona era, sem dúvida, a melhor. Ali moravam os detestáveis judeus ricos, mas, por sorte, não havia ortodoxos com os seus cafetãs negros, os chapéus e os caracóis. Até agora, só os conhecia através das caricaturas do *Stürmer* e de outros jornais. Na Alemanha havia poucos, mas em Varsóvia podiam encontrar-se em quase qualquer lugar, multiplicavam-se por todas as ruas, surgiam em todas as portas de casas.

No seu primeiro dia na cidade, sentiu-se quase contaminado só de os avistar. Eram alienígenas, ameaçadores, repulsivos. Tinha nojo das suas barbas e dos seus corpos debaixo das vestes negras, onde certamente se aninhavam piolhos que transmitiam o tifo. Não conseguia olhá-los nos olhos escuros. Na sua residência oficial, o Palácio Brühl, observava-os a caminhar com as suas famílias numerosas até ao Jardim Saxónico. Mas não por muito tempo. Estava na hora de limpar os parques.

Ludwig Fischer fez sinal ao seu assistente para se aproximar.

– Vou ficar com o apartamento. Amanhã mudo-me para cá. Dê-lhes todas as instruções. E assegure-se de que não levam nada, apenas uma mala com roupa por cada um.

O assistente anuiu.

– Às suas ordens, doutor Fischer. A propósito, aqui está a lista de que estava à espera, acabaram de ma entregar.

Fischer pegou na folha e estudou-a: continha vários nomes com breves comentários.

– São os possíveis candidatos à presidência do futuro Conselho de Judeus – explicou o assistente. Acrescentou cautelosamente: – Já foi realizado um primeiro contacto. Nenhum dos… Erm… Senhores quer assumir o cargo.

– Ai sim? – Um sorriso dissimulado surgiu no rosto de Fischer. – Parece que são menos estúpidos do que pensávamos – apontou com o dedo indicador para o primeiro nome. – Este aqui. Czerniaków, o chefe da comunidade judaica. Mande o Müller a casa dele, ele saberá o que fazer. Eu tratarei do resto. Bem, voltemos ao palácio.

Capítulo Cinco

Menos de uma hora depois, vários meios detiveram-se em frente à sede da comunidade judaica fazendo os pneus dos seus carros chiar. Dez jovens da Gestapo vestidos com uniformes escuros como o breu saíram rapidamente.

– Primeiro andar, segundo andar. Rápido! – Gritou o comandante.

Os homens correram pelo edifício dentro e espalharam-se. No interior ouviam-se gritos e o som das cadeiras a serem atiradas ao chão.

O comandante seguiu os seus homens com calma. Tranqui-lamente, quase aborrecido, entrou no gabinete do chefe da comunidade. Uma funcionária vestida de azul estava de pé junto à secretária e fitava os seus sapatos, amedrontada.

– Onde está o Czerniaków? – Perguntou o homem da Gestapo.

– Acabou de sair para outro escritório…

– O quê? Não percebo o que diz. Fale mais alto!

– Está noutro escritório – a voz da jovem senhora tremia. Ouviram-se passos velozes no corredor. Dois homens da Gestapo entraram. O homem que tinham capturado era mais alto que eles por uma cabeça, tinha cerca de sessenta anos, a cabeça calva brilhante e os olhos por detrás dos pequenos óculos redondos revelavam um certo nervosismo.

– Que é que se passa aqui? – Perguntou. Queria utilizar um tom duro, mas a sua voz falhou.

O comandante olhou-o de alto a baixo.

– Mais um daqueles judeus imundos que pensam ser boas pessoas – disse ele, arrancando-lhe o relógio de ouro do bolso do casaco. Premiu o botão e, com um clique, o relógio abriu-se. – Bela peça – e deixou-o escorregar para dentro do bolso do seu casaco. – Infelizmente, ainda precisamos de si. Levem-no daqui. Para o quartel-general.

– Mas o que… – Balbuciou Czerniaków à medida que os homens da Gestapo o arrastavam dali para fora.

– Onde está a caixa? – O comandante voltou a dirigir-se à secretária, que permaneceu em silêncio. – A caixa! – Bradou.

Aterrorizada, a jovem foi a correr até à secretária, retirou uma chave e foi buscar a caixa ao armário.

Czerniaków passou as horas seguintes dentro de uma cela no quartel-general da Gestapo na Avenida Szucha. Os pensamentos invadiam-lhe a mente, mas não conseguia explicar porque tinha sido preso. Limpou repetidamente o rosto com o seu lenço. Estava cheio de sede. Finalmente, ouviu o som metálico das chaves na fechadura.

– Venha comigo.

O homem da Gestapo levou-o para uma sala bem mobilada. Em frente à janela estava uma secretária de cerejeira possante, as paredes revestidas de madeira tinham pendurados quadros a óleo. Estava um homem sentado no sofá da sala com as pernas cruzadas que calçava botas pretas brilhantes.

– Fique à vontade, Czerniaków – apontou-lhe uma poltrona.

– Governador Fischer, eu…

– Quer um conhaque? – Interrompeu-o. – Tenho de lhe pedir desculpa pelos meus homens – fez sinal ao homem da Gestapo para encher o copo a Czerniaków. – Pu-lo numa cela, temo que tenhamos exagerado um pouco. Mas vamos diretos ao assunto. Já deve ter ouvido dizer que queremos fundar um Conselho de Judeus, ou melhor, será o senhor a fundá-lo. Será o novo presidente. Escolha vinte e quatro homens, deve chegar.

– Doutor Fischer, eu prefiro não…

– Não é negociável – o governador Fischer fez um gesto desdenhoso com a mão. – Trata-se apenas de pormenores. O Conselho de Judeus terá uma espécie de função mediadora entre nós e a comunidade judaica. Será o nosso porta-voz e, ao mesmo tempo, um órgão executivo. Terá vários deveres: o trabalho, a saúde, a segurança social, as finanças, simplesmente tudo. Irá instituir as comissões, será responsável pela autorização e pelo respeito de todas as novas leis. Quanto às reclamações e aos problemas da população judaica, o Conselho de Judeus será, daqui para a frente, o único ponto de contacto.

Czerniaków estudava-o: aquilo que o governador de Varsóvia lhe estava a oferecer parecia bastante inofensivo, mas não se deixava enganar. O tal Conselho de Judeus tornar-se-ia um meio para atormentar a população judaica.

– Estão a criar um Conselho de Judeus que vai aplicar as vossas futuras leis contra a sua própria gente – disse com calma.

– Meu caro Czerniaków! – Fischer sorriu. – O senhor não está a usar as palavras corretas. Pelo contrário! Estamos interessados numa coexistência

pacífica, e tenho a certeza de que o senhor conseguirá explicar as novas circunstâncias àqueles com quem partilha a religião de maneira mais convincente do que nós seríamos capazes. Acho que deve ver o seu trabalho como uma oportunidade. Terá um papel fundamental, e eu estarei sempre aberto às suas sugestões e às suas propostas de melhorias – levantou o copo. – Czerniaków, dou-lhe duas semanas para escolher os membros do conselho. Não me desiluda. Explique aos seus candidatos que o privilégio de colaborar não vai ser subvalorizado. Vocês e as vossas famílias poderão desfrutar de uma proteção especial. E nunca se sabe quando uma promessa destas não poderá vir a ser útil, um dia.

Não esperou pela reação de Czerniaków e bebeu um gole do conhaque.

– Ah, que maravilha. Não o vou deter muito mais tempo, tem muito trabalho a fazer – Levantou-se. Czerniaków permaneceu sentado.

– Então, que foi? Pode ir-se embora. – A voz de Fischer revelava a sua impaciência.

Czerniaków levantou-se e, ainda atordoado, dirigiu-se à saída.

Capítulo Seis

Irena olhava pela janela do seu gabinete à luz cinzenta do fim do outono quando entrou Irka. Visto que Irena não se voltou, Irka juntou-se a ela.

– Viste os novos comunicados? – Perguntou Irena com uma voz vacilante.

Irka anuiu.

– Sim. Todas as lojas e empresas judaicas têm de ser transferidas para credores alemães. Os funcionários públicos judeus serão despedidos, os judeus proprietários de casas serão privados do seu direito à propriedade e as novas atividades só podem ser abertas por arianos.

– Esqueceste-te das pensões – acrescentou Irena, destroçada. – Os judeus já não têm direito a pensões ou a apoios sociais – virou-se para Irka. – O Adam tinha razão, há umas semanas queriam iludir-nos ao dizer que estávamos seguros. «Tenham calma! Não vai ser assim tão mau». Mas agora estão a mostrar as suas verdadeiras intenções.

– Pois é – confirmou Irka. – O que será feito dos nossos dependentes judaicos, sem trabalho, subsídios ou pensões? Como é que se vão safar?

Irena abanou a cabeça.

– Não sei, mas tem de haver uma solução.

– Claro – disse Irka com firmeza. – Temos de pensar nalguma coisa…

Interrompeu o que estava a dizer ao ver Adam na rua.

– Por falar no diabo… acho que vem alguém buscar-te – sorrindo, Irka deu-lhe uma palmada nas costas. – E não te preocupes. Vamos encontrar uma solução para os dependentes judaicos – e foi-se embora.

Irena olhou outra vez para a rua. Estava feliz porque, nas últimas semanas, tinha visto Adam muito poucas vezes. Quando saía do escritório à tarde, costumava estar estafada e tinha a mãe à sua espera em casa para jantar.

Guardou as suas coisas à pressa e saiu.

– Queres ir beber qualquer coisa? – Perguntou Adam sem antes cumprimentá-la.

– De bom grado! – Quando o agarrou pelo braço, Adam pareceu-lhe quase um desconhecido. Antes da guerra, ia buscá-la ao trabalho tantas vezes que

algumas colegas começaram a comentar, mas nas últimas semanas tinham-se distraído com os seus hábitos.

O café a que costumavam ir não ficava longe. As ruas estavam quase desertas e até naquele sítio havia pouco movimento. Um rádio transmitia *jazz* americano.

– O Mietek? – Perguntou Adam assim que se sentaram. A alegria de Irena desvaneceu-se, deixando no seu lugar irritação. Em todos os poucos encontros que tiveram nas últimas semanas, Adam tinha começado a conversa desta forma. Apesar da sua separação oficial, Mietek continuava a ser um obstáculo entre os dois. Será que Adam queria que assim fosse? E, se sim, porquê? Mas, desta vez, Irena tinha mesmo novidades.

– O Mietek escreveu-me – disse. – Está num campo de prisioneiros, ileso. As condições não são boas, mas aguentam-se.

– Boa. Fico muito feliz – Adam sentia-se realmente aliviado.

Irena sorriu-lhe.

– Também eu.

Adam correspondeu o seu olhar durante demasiado tempo e Irena ficou grata pela chegada do empregado. Pediram cerveja e sementes de girassol tostadas.

Quando o empregado se foi embora, Adam olhou em volta.

– Já está a começar – observou. – Vês como alguns deles parecem espantados? Tu, uma mulher loira, com alguém como eu no café, não dá para acreditar.

– Alguém como tu?

– Alguém que é exatamente aquilo que os alemães pensam que é um judeu – apontou para o seu nariz adunco e para os cabelos negros.

Irena suspirou.

– As pessoas já olhavam antes. Lembras-te da separação das aulas universitárias antes da guerra? Os polacos à direita, os judeus à esquerda.

Adam anuiu. Irena foi suspensa da universidade durante muitos anos porque apagou a inscrição «lado direito: arianos» da sua caderneta universitária e porque se sentava sempre com os seus amigos judeus do lado esquerdo da sala. Mas a chegada dos alemães tinha intensificado as tendências antissemitas dos polacos.

– Tens andado pouco por aí, ultimamente – observou Irena, procurando mudar de conversa. Não queria que parecesse uma repreensão, mas não lhe saiu com o tom correto.

– Tu também – foi a resposta seca de Adam.

– Sabes quanto trabalho tenho tido estas semanas? – Perguntou Irena, irritada

e pronta para discutir.

Mas o rosto dele adocicou e sentiu o calor da mão de Adam na sua. O gesto foi tão inesperado que retraiu involuntariamente a mão. O olhar de Adam voltou a escurecer e Irena ficou chateada consigo própria. Porque estava tão tensa? Onde estava a confiança de há uns tempos? De modo desajeitado e demasiado apressado, acariciou-lhe as costas da mão com os dedos. Adam voltou a esboçar um sorriso.

– Desculpa – disse ele. – Tens razão. E, infelizmente, os meus problemas são menos urgentes. Eu… não estou bem. É como se tivesse paralisado por causa do medo. Deves ter visto os comunicados – brincava com o guardanapo com os dedos. – Também ouvi dizer que querem fazer um recenseamento da população judaica. Não é difícil imaginar porquê. E pior ainda: os judeus já não podem abandonar o Governo Geral.

Irena anuiu.

– Eu sei. O professor Palester já perdeu o seu cargo. Também o conheces, não é?

– Henryk Palester? O especialista em doenças infeciosas?

Irena anuiu.

– Trabalhava no Ministério da Saúde. Mandaram-no embora de um dia para o outro.

Adam abanou a cabeça.

– Querem excluir-nos de todos os cargos mais altos das profissões mais prestigiosas. E quem ainda está a trabalhar é mal pago. Querem empobrecer-nos de modo que nos transformemos nos sub-humanos que acham que somos – houve uma breve pausa.

– Estás a pensar em ir-te embora? – Perguntou Irena, repentinamente. – Pelo que ouvi, a situação parece melhor para os judeus nos territórios ocupados pelos soviéticos. Sei de muita gente que conseguiu passar a fronteira.

– Eu sei – Adam olhava fixamente em frente. – E aqui em Varsóvia nem se pode sair de casa. Não suporto os olhares enjoados dos alemães. Na Alemanha, os nazis não conseguiam distinguir os judeus dos outros, mas aqui há muitos ortodoxos com barba e chapéu. Sabes como são aqueles olhares de desprezo quando um dos miúdos das forças armadas alemãs vê um ortodoxo. Faziam melhor se se vissem ao espelho – riu amargamente. – Sem os uniformes e as botas brilhantes, não passam de fedelhos malvados cheios de borbulhas.

Irena riu-se, mesmo sabendo que ele não estava a brincar.

– Mas voltando à tua pergunta, – continuou Adam – com a minha mãe não é possível fugir para leste. E não posso deixá-la aqui.

Irena anuiu. Ela própria pensou ir com a sua mãe para Otwock, a pequena cidade não muito distante de Varsóvia onde tinham vivido algum tempo. Talvez não fosse uma má escolha para a sua mãe, mas para si? Irena sabia que fazia falta em Varsóvia, e ainda mais agora que os seus dependentes judeus estavam oficialmente excluídos de todos os apoios sociais.

Capítulo Sete

A comida que temos não chega, nem de perto nem de longe, para todos. E todos os dias aparecem mais pessoas – Rita, uma das cozinheiras da cantina dos pobres, limpou as mãos com um gesto mecânico no avental. O seu rosto redondo estava ruborizado do trabalho e dos vapores da cozinha.

– Vou tentar entregar-vos mais…

– Mais? – Interrompeu-a Rita com os olhos serrados. – Nem nos entregam a quantidade de que precisamos. Ontem, por exemplo, só havia setenta quilos de batata em vez de cem.

– O quê? – Exclamou Irena. – Não estou a perceber. Há comida, pelo menos por agora. Tenho… – Foi interrompida por um grito histérico lá de fora.

– Uma judia! Ali à frente, na fila. Eu conheço-a. Mora na nossa rua. E nem sequer tem a braçadeira com a estrela de David! E os judeus não podem vir aqui!

Irena percorreu rapidamente os cem metros de fila. Já ao longe, viu uma mulher com os cabelos desgrenhados que tinha saído do fim da fila.

– É ela! Prendam-na! Judia! – Gritou a senhora à medida que se aproximava a correr.

Ao mesmo tempo, dois jovens saíram da fila. O seu aspeto não prenunciava nada de bom.

Apenas alguns dias antes, Irena tinha visto três rapazes cortar a barba a um idoso judeu e a pisar o seu chapéu na rua antes de o despejarem com um pontapé. Este era apenas um dos milhares de ataques humilhantes que aconteciam diariamente, e não só pelas mãos dos soldados alemães. Os antissemitas e os fascistas polacos pareciam ter estado apenas à espera da luz verde oferecida pelas novas leis antijudaicas e pela propaganda de ódio alemã.

– Acabou! Pare imediatamente! – Gritou Irena de longe, mas um dos jovens já tinha agarrado na vítima enquanto o outro a esbofeteava. A sua cabeça era sacudida com os golpes e cada vez se descompunham mais madeixas de cabelo. Irena chegou no momento em que os homens a atiraram para o chão com um pontapé.

– Mas será que enlouqueceram? – Gritou aos dois rapazes, e baixou-se para ajudar a senhora a levantar-se.

Um dos homens agarrou-a pelo braço.

– Será que somos nós os loucos? – Perguntou em voz baixa e ameaçadora. – Estamos apenas a defender os nossos direitos. Não se admitem judeus nas cantinas dos pobres, mas ninguém respeita as regras. Eles comem tudo. Ou queres dar a tua sopa a esta cabra, amiguinha dos judeus?

Irena sentia o rosto a arder. Com um movimento violento, libertou-se das garras do homem.

– Sou eu que organizo esta cantina de pobres. Mais uma palavra e podem pôr-se a andar – sibilou. Depois, virou-se para a mulher, mas esta tinha desaparecido. Enquanto as pessoas na fila olhavam para ela, Irena voltou em silêncio para a cozinha.

– Amiguinha dos judeus! – Gritou-lhe, de novo, um dos dois homens. Irena cerrava os punhos. De um ponto de vista puramente legal, não podia fazer nada contra eles. Os cidadãos judeus já não tinham direito a refeições na cantina dos pobres e há alguns dias que também tinham de usar uma braçadeira branca com uma estrela de David azul escura para poderem ser identificados.
Era mais que uma humilhação: marginalizava-os e expunha-os aos abusos.

Naturalmente, Irena não estava preocupada com o respeito pelas normas antissemitas, e até àquele momento encorajou todos os seus dependentes judeus a ir até às cantinas de pobres sem a braçadeira. Mas parecia que já não era uma opção válida, ou pelo menos já não era segura. Era preciso encontrar soluções mais discretas.

Pouco tempo depois, Irena estava outra vez sentada no seu gabinete na Rua Zlota. À sua frente tinha uma pilha de documentos para examinar, mas não conseguia trabalhar. Continuava a pensar no episódio vergonhoso da cantina dos pobres.

«É certo que não posso deixar que os meus dependentes judeus morram de fome», pensou, como tinha feito tantas vezes nas últimas semanas. Mas continuar a mandá-los para lá sem a braçadeira à espera que ninguém os reconhecesse e denunciasse era muito perigoso. Se naquele dia tivesse estado presente um soldado alemão, a senhora teria, provavelmente, pagado a esperança de um prato de sopa com a vida. Mas como podia ajudar estas pessoas sem as expor ao perigo?

De repente, Irena endireitou-se na cadeira. «Regras extraordinárias requerem

medidas extraordinárias», pensou antes de se levantar.

Estava com sorte. Quando entrou no gabinete de Irka, Jaga e Janka também estavam lá.

– Três coelhos de uma cajadada – disse Irena, rindo. – Têm planos para hoje à tarde?

– Para dizer a verdade, estava a pensar em trabalhar – observou Jaga a brincar.

– E vais – respondeu Irena. – Mas em minha casa. Conseguem organizar-se? Queria convidar-vos para passarmos a tarde juntas, mas não podemos por causa do recolher obrigatório. Então, que acham?

As outras mulheres olharam umas para as outras por um momento com estranheza, mas depois concordaram.

Às 16h em ponto encontraram-se para aquilo que Irena tinha definido como o seu «encontro extraordinário». Tinha preparado chá e colocou na mesa uma garrafa de licor de alperce feito pela sua mãe.

– Assim é bom trabalhar – brincou Jaga enquanto enchia os copos. – Mas agora diz lá, porquê esta reunião conspiradora?

Irena deu uma olhadela à porta do quarto da mãe, que tinha ido descansar. Estava fechada. Depois, voltou-se para os rostos tensos das colegas. De repente, já não se sentia assim tão segura. Seria boa ideia fazer uma proposta deste género às suas amigas?

– Trata-se de um projeto de trabalho social criativo – explicou Irena com determinação, silenciando os seus medos. – Talvez já saibam há algum tempo do que se trata.

Irka sorriu eloquentemente.

– Claro, fui eu que inventei o conceito.

– Estive a pensar em como trabalhar de forma ainda mais criativa – continuou Irena. – Os nossos pequenos truques funcionaram bastante bem durante uns tempos. Falsificámos informações nos formulários, fizemos das crianças um pouco mais jovens, dos apartamentos mais pequenos e dos idosos ainda mais idosos. Mas isto só funcionava porque os nossos dependentes judaicos ainda tinham direito a alguma coisa. Agora, já não recebem nada. Acabou. E não sabem bem onde procurar a sua próxima refeição.

– Hum – murmurou Irka. – Mas o que queres dizer com «ainda mais criativa»? O que podemos fazer?

– É simples! – O rosto de Irena iluminou-se com o entusiasmo. – Em que é que se baseiam os nossos apoios sociais?

Irka encolheu os ombros.

– Fazemos visitas domiciliares às pessoas necessitadas para verificar a sua situação, falamos com elas, temos listas. Estatísticas. Mas não percebo onde queres chegar, Irena.

– Estatísticas, exatamente! – Disse, radiante. – E somos nós a chave de tudo. Somos nós que fazemos a lista dos necessitados, percebem?

– Queres juntar as famílias judaicas às listas? – Perguntou Jaga, desapontada. – Iam perceber logo.

– Não, não é assim tão simples! Estava antes a pensar em juntar às listas famílias não judaicas. Famílias que, obviamente, fomos verificar com muita atenção e às quais reconhecemos a necessidade de ajuda – sorriu toda presunçosa. – E os apoios aos quais têm direito vão para as famílias judaicas. Desta forma, estarão protegidas e não terão de voltar a arriscar a vida ao enfiar-se nas cantinas dos pobres sem a braçadeira – contou às outras o que tinha acontecido naquela manhã.

– A tua ideia não é má, mas é um pouco audaz – comentou Irka. – E se os alemães forem verificar estas famílias «falsas»? Estaremos em sarilhos.

– Tenho a certeza de que não o vão fazer, – respondeu Irena – porque ao lado dessas famílias estará sempre aquela cruz que eles temem mais do que qualquer outra coisa.

Jaga foi a primeira a perceber o que a amiga queria dizer.

– Declaramos que naquelas famílias existem casos de tifo ou cólera! – Exclamou, triunfante. – Eu estou dentro, e vocês?

– Está bem – concordou Irka após um momento de hesitação.

Também Janka se juntou ao empreendimento.

Irena teve vontade de abraçar as suas amigas. Uma voz no seu íntimo dizia-lhe que estavam a entrar por caminhos perigosos, no entanto, sentia-se mais viva do que nunca. Fariam de tudo para ajudar as pessoas e, ao mesmo tempo, iriam atrapalhar as engrenagens dos ocupantes alemães.

– Na nossa cidade, somos nós a decidir quem recebe ajuda! – Irena estendeu o braço com a mão aberta no centro da mesa. As outras colocaram as suas mãos por cima da dela.

– Somos nós! – Gritaram em uníssono, sorrindo.

Capítulo Oito

«Há que ver sempre o lado positivo», tinha-a recordado a amiga Ewa recentemente. Durante um dos seus encontros, Ewa tinha-lhe contado acerca do novo hábito de escrever todas as noites algo de bom que tivesse acontecido naquele dia. Era nisto que pensava Irena quando se levantou e o seu olhar caiu sobre os adornos árabes de filigrana desenhados pela geada na janela. Tinha-se habituado a ver a nuvem branca da sua respiração até em casa e a vestir várias camisolas e meias de lã, tanto de dia como de noite, mas os adornos árabes de gelo eram uma novidade.

Irena levantou-se. Eram lindíssimos. Tinha nevado durante a noite e algum pássaro deixou marcas delicadas das patas no parapeito. Devia ser a rola que acordava Irena pela manhã com o seu arrulhar.

Também esteve com a família de Ewa no início de dezembro, quando acenderam a primeira vela do Chanucá. A festa judaica das luzes celebrava a reconsagração do Templo de Jerusalém depois da revolta vitoriosa contra a tirania no século II a.C. O óleo da lâmpada, que deveria ter durado apenas um dia, queimou milagrosamente durante oito dias. A festa das luzes durou o mesmo tempo. Todas as noites acendiam uma nova vela, e os olhos de Ewa iluminavam-se ao dizer que também a tirania atual seria vencida. «Acredito em milagres», acrescentou. «Acontecem todos os dias. Só temos de os ver». Irena abraçou a amiga com força. Adorava-a pelo seu otimismo incontrolável, que a ela faltava e muito. Pensou no seu pai. Quando lutou como médico por cada doente. Talvez fosse isso que fazia com que Irena duvidasse dos milagres: para ela, eram o resultado de trabalho árduo.

Nas semanas seguintes, os adornos de gelo tornaram-se habituais e Irena já não sentia a magia daquela primeira manhã. A atmosfera nas ruas era demasiado opressora. A braçadeira obrigatória com a estrela de David parecia curvar fisicamente os que a usavam. Curvados, os judeus apressavam-se nos passeios sem levantar o olhar. Até ao dia anterior, eram apenas cidadãos comuns a quem ninguém prestava muita atenção, e agora as faixas nos braços faziam-nos parecer leprosos. Alguns dos seus concidadãos desviavam o olhar, outros fixavam-nos. A

pouco e pouco, começaram a surgir cartazes nas lojas: «Aqui não servimos judeus». Irena só ia às lojas com a estrela hebraica obrigatória pendurada na vitrina.

Mas a faixa no braço não era apenas uma simples humilhação. Tinha também motivos muito práticos: permitia perceber ao longe se uma mulher não judia estava com um homem judeu ou vice-versa. Adam recusava com cada vez mais frequência dar passeios com Irena ou ir ter com ela a um café. O parapeito da sua sala tornou-se no ponto de encontro dos dois.

Depois, veio uma nova chuva de anúncios:

Os judeus estão proibidos
de entrar nos correios da Rua Warecki.
Todas as escolas hebraicas estão encerradas.
Os advogados judaicos estão proibidos de exercer a profissão.
Estão proibidas as missas na sinagoga.

– Estão a matar-nos à fome – dizia Adam sempre que se sentavam um em frente ao outro no parapeito. – Estão a matar o nosso espírito e a nossa alma à fome. Querem privar-nos de tudo o que é humano. Todas as alegrias, as satisfações. E isto é só o começo, vais ver.

Não havia consolação para as suas palavras. A respiração de Irena embaciou o vidro até que uma parede turva a separou do mundo exterior. O carvão era escasso e mesmo as famílias mais abastadas só acendiam as lareiras à noite.

Adam tinha razão. Em janeiro, todas as sinagogas e os pontos de encontro hebraicos foram encerrados. Aparentemente, tratava-se de uma medida para evitar a epidemia do tifo, que os porcos dos judeus teriam, com certeza, provocado ao reunir-se. O bairro judeu estava rodeado de vedações com arame farpado em diversos pontos e os cartazes indicavam que aquela área era uma zona de quarentena. Os judeus não podiam entrar nos parques, nos cafés e nos restaurantes e já nem sequer se podiam sentar em bancos públicos.

Nos seus raros passeios pela cidade, Irena usava cada vez mais frequentemente a faixa com a estrela de David. «É um gesto de solidariedade», dizia. Mas não só por isso. Havia muitos fascistas pelas ruas e um homem judeu com uma mulher não judia ao seu lado era um bom motivo para começar uma discussão.

Então, chegaram os primeiros dias mornos da primavera e com eles a esperança irracional pelo célere fim da guerra, pela normalidade, por um sopro de vida. Mas a realidade acabou com esta esperança bem depressa. Em maio, a

Holanda, a Bélgica e a Noruega renderam-se. O exército britânico retirou-se após a derrota amarga de Dunquerque e, apenas poucos dias depois, as botas das forças armadas alemãs ressoaram pelo chão dos Champs-Élysées enquanto ondulavam no ar as bandeiras com a suástica. Estes lugares ficavam longe, mas Irena sabia que viriam aí graves consequências para si e para o seu país. Nesta guerra, tudo estava interligado. Aquilo que acontecia em Paris ou em Dunquerque tinha impacto imediato nas vidas de Varsóvia.

Enquanto as ruas principais e os edifícios mais importantes da cidade bombardeada eram reparados, o som dos cascos dos cavalos ecoava nos passeios ao puxar as carroças e os primeiros cafés colocavam as mesas nas praças e nos passeios, bastava virar para uma rua secundária para sentir-se invadir pelo odor a cadáveres ainda sepultados sob o entulho.

– Tens notícias do Mietek? – Perguntou Ewa sentada ao sol com Ala e Irena durante a sua hora de almoço no terraço do hospital hebraico.

– Sim – suspirou Irena. – De vez em quando escreve-me um pouco. Ainda está no mesmo campo de prisioneiros na Alemanha. O trabalho é duro, mas pelo menos está bem. Só Deus sabe quando o vão deixar regressar a casa.

– Estou feliz por ele estar bem – disse Ewa. – Mas, no que toca à nossa casa… é como se tudo estivesse envolvido por uma luz sinistra. É algo horrível, não sei como descrever de outra forma.

Irena olhou para a amiga pensativa. Os olhos castanhos de Ewa estavam escondidos por detrás dos óculos de sol escuros e Irena maravilhava-se com o facto de a amiga se apresentar tão bem mesmo num dia de trabalho normal. Era apenas o fim de maio, mas já tinha o rosto e os braços um pouco bronzeados, os cabelos louros apanhados e vestia a camisa azul que lhe assentava que nem uma luva. Já Ala parecia-se mais com Irena: era bonita, mas era evidente que não dedicava muito tempo ao cabelo ou à roupa.

– Sei o que queres dizer – assegurou Ala. – De vez em quando, tenho a sensação de que existem duas realidades: aquela que conhecemos e que ainda podemos ver ao longe e uma nova realidade que se sobrepôs. É parecida e, aos nossos olhos, parece normal, mas as duas realidades não coincidem completamente, e quando estendemos a mão para agarrar qualquer coisa, elas separam-se e não sabes o que agarrar. Agora, por exemplo, – acrescentou quando viu que Ewa queria dizer alguma coisa – estamos aqui sentadas todas juntas durante a hora de almoço, comemos sandes e apanhamos sol enquanto o elétrico sobe a rua. As mesmas coisas de sempre, como no ano passado e no ano

antes desse. Mas quando descer daqui a meia hora, só vou ver pessoas doentes com o tifo. E não é por acaso. Há pessoas a passar fome por toda a cidade, refugiados sem teto. Os alemães falavam há meses no perigo de uma epidemia de tifo, no entanto, criaram as melhores condições para a provocar.

– Compreendo perfeitamente – disse Ewa. – Às vezes, vou a andar pela rua e está tudo como sempre, as lojas abertas, as pessoas com sacos de compras e depois, de repente, encontro arame farpado. A vedação está ali há meses e, ainda assim, continuo a esquecer-me dela.

Houve uma pausa. Ewa tinha tocado numa ferida.

– Há umas semanas, em Lódz, fizeram um gueto judeu – disse Irena em voz baixa. – Um fechado.

Ewa tirou os óculos de sol com um gesto aborrecido.

– Todos sabemos disso, mas aqui não podem fazer tal coisa. Não em Varsóvia, a comunidade judaica é demasiado grande. São mais de cem mil pessoas. É impensável. E onde é que ficava esse gueto? Ia ocupar metade da cidade. E muitos judeus não vivem no bairro judeu, estão espalhados por toda a capital.

– Em teoria, tens razão – comentou Ala, alisando pensativamente o embrulho da sua sandes. – Mas ainda ontem vi uns operários a construir um muro. Acho que são judeus a fazer trabalhos forçados. Um muro… Porque é que haviam de construir um muro?

Ewa olhou para Ala.

– Não acham mesmo que vão fechar o bairro judeu com um muro, pois não? Ainda para mais construído com o trabalho forçado dos judeus? – Procurou as palavras certas. – Seria… realmente absurdo. Não, Ala – voltou a colocar os óculos de sol e abanou a cabeça. – Não faz sentido. Estou a dizer-vos que não vão fazer isso!

Capítulo Nove

Senhor Lambrecht? Coronel Schön? Estejam à vontade.

Ludwig Fischer apontou para as cadeiras do seu escritório espaçoso no Palácio Brühl. Preferia que o encontro tivesse sido no salão. Estava a transpirar dentro do uniforme e tinha comido muito ao almoço e, portanto, um copo iria ajudar a digestão, mas as questões a resolver eram demasiado complexas. Um gueto: sim ou não? Onde e quando? Porque é que a direção não tinha dado instruções claras? Tinha de ser ele a resolver tudo naquela maldita cidade. Tinha inveja dos homens que tinham sido enviados para França: Paris estava completamente intacta. Afinal, os franceses eram um povo civilizado e, mais importante ainda, tinham comida e vinho excelentes.

– Meus senhores, – começou quando os dois convidados se sentaram – como todos sabemos, desde o passado setembro que foi feita uma recomendação oficial por parte do nosso tenente-general da SS, Reinhard Heydrich, para concentrar os judeus o mais depressa possível nos guetos de modo a melhorar o controlo e facilitar eventuais deportações. Infelizmente, desde então que não recebemos instruções concretas dos superiores. Está tudo nas nossas mãos – agarrou no colete do uniforme e alargou-o, mas resistiu à tentação de desapertar um botão.

– Coronel Schön, – virou-se para o chefe do departamento de realojamento – espero que haja progressos.

– Sim, governador – respondeu Waldemar Schön energicamente. – Gostava de os recordar dos objetivos do isolamento nos guetos. O primeiro é a concentração especial dos judeus e, assim, o controlo total dos mesmos; o segundo é a prevenção da transmissão de doenças por parte dos judeus; o terceiro é a eliminação da nódoa judaica da população ariana e do seu espaço vital.

– Sim, sim – interveio Fischer com um movimento brusco. Schön ficou parado, surpreendido. O governador pegou num dossier que estava em cima da sua secretária e usou-o como leque.

– Sem ofensa, Schön, – apertou com ele – mas diga-nos apenas aquilo que ainda não sabemos.

– Com certeza – Schön endireitou as costas. – Para chegar aos objetivos já mencionados, proponho a criação de dois guetos nos subúrbios de Varsóvia. Assim, iremos alcançar não só a eliminação política e cultural daquilo que é a nódoa judaica da sociedade ariana, mas também o embelezar da paisagem urbana de Varsóvia. Não haverá mais judeus no centro da cidade. Entre os dois subúrbios há espaço suficiente. As barracas podem ser construídas com gastos mínimos e…

– Tempo? – Interrompeu-o Fischer.

– Quatro ou cinco meses.

– Não é possível! – Arnold Lambrecht, o médico do distrito, abanou a cabeça veemente. – Já tive o prazer de falar com o nosso estimado Schön – virou-se para Fischer. – Assim que a nossa campanha francesa terminar com sucesso, irão chegar mais tropas alemãs à cidade. Somos responsáveis pela saúde deles, não podemos permitir que o flagelo judaico enfraqueça o nosso exército com as suas doenças, continuando a deixá-los movimentar-se livremente. Quatro ou cinco meses? Não temos esse tempo. Estamos a falar do realojamento de cerca de seiscentas mil pessoas, judeus e polacos. É um grande esforço.

– Hum – disse Fischer ao lançar o dossier com o qual se tinha abanado para a mesa. – Vamos tentar resolver este lamentável problema com gastos mínimos em termos de custos e de tempo. Alguém tem propostas alternativas?

Schön tinha a desilusão estampada na cara, mas recompôs-se.

– Muito bem – respondeu e abriu um segundo dossier. – Também podemos criar um gueto que incorpore o bairro judeu que já existe. Naturalmente, não só vivem lá judeus como também polacos, mas o número de pessoas que teríamos de realojar seria inferior. A única questão é quanto espaço queremos dar aos judeus no centro de Varsóvia.

– O menos possível.

Schön sorriu.

– Tal como eu pensava. Posso? – Tirou um mapa do dossier e estendeu-o sobre a mesa. Fischer levantou-se e debruçou-se sobre ele.

– Segundo os meus cálculos, podemos fazer assim: na área que está aqui indicada estão cerca de vinte e sete mil apartamentos com uma média de dois quartos e meio. A maior parte das pessoas que vivem ali agora são judaicas e mais oitenta mil polacos que deviam pôr-se a andar. Cento e quarenta mil judeus vivem fora desta zona e serão realojados.

– Oitenta mil fora e cento e quarenta mil dentro? As contas não batem certo –

observou Lambrecht com um sorriso maroto. Waldemar Schön voltou-se irritado para Lambrecht, mas hesitou quando viu o rosto dele. Lambrecht levantou os braços.

– Não era uma crítica, caro Schön. Por mim, está muito bem. O importante é fechar aqueles parasitas o mais depressa possível e mandar fora a chave.

– É exequível? – Perguntou Fischer.

– Não terão outra escolha senão dividir os quartos. Já construímos alguns muros para controlar as entradas. Temos de construir mais. Mas é para isso que servem os trabalhos forçados, não é? Assim, os custos serão praticamente nulos.

Fischer anuiu, pensativo.

– Os custos, sim. Isto leva-nos à questão financeira. Se fechamos o gueto, a maior parte deles irá perder o trabalho na parte ariana da cidade.

– Também pensei nisso – disse Waldemar Schön com orgulho. – Temos de manter o controlo sobre o abastecimento de alimentos no gueto. A melhor opção é instituir uma espécie de gabinete de transferências que será responsável por aquilo que é introduzido no gueto. Sugiro reduzir os racionamentos de comida e pensei que, por agora, bastariam cerca de quatrocentas calorias por dia a cada judeu. Assim, iremos reduzir os custos.

– Doutor Lambrecht? – Fischer olhou para o médico do distrito com um ar interrogativo.

– Não tenho nenhuma objeção.

Fischer sorriu, aliviado.

– Bem, então a questão está resolvida – desapertou o primeiro botão do colete do uniforme. Agora sim, já podia beber um conhaque. Mas sozinho.

Capítulo Dez

As últimas semanas tinham sido caracterizadas por uma calma invulgar, como se depois da rendição da França o mundo estivesse a suster a respiração, indeciso acerca do que fazer. Durante o verão, a população de Varsóvia caiu numa espécie de sono profundo. Convivia com as novas proibições, com os alimentos racionados, o recolher obrigatório à tarde. O governo polaco estava exilado em Londres e em Varsóvia falava-se, em segredo, de um movimento clandestino que se tinha vindo a formar. Mas à superfície tudo parecia imóvel.

Já se passavam vários meses desde a instituição do gueto de Lódz e, com o passar do tempo, crescia a certeza de que os alemães não estavam a planear nada de semelhante em Varsóvia. Ewa tinha razão: a comunidade judaica era demasiado numerosa e as poucas vedações com arame farpado que continham o bairro judeu como uma zona de quarentena podiam ser ignoradas voluntariamente. Era nisto que pensava Irena enquanto ia para o trabalho naquela manhã de outono, mas, ao chegar a uma praça um pouco antes do escritório, desceu da bicicleta. Os carros e as carroças estavam parados, as janelas dos carros estavam abertas e as pessoas saíam deles, muitos já estavam na rua. Ao início, Irena não percebeu o que estava a acontecer. Seria um acidente? Depois, num momento de silêncio, ouviu uma voz distorcida que grasnava de um altifalante.

«*… e o realojamento dos judeus serão finalizados até ao fim de outubro. Ordens do governador de Varsóvia, Ludwig Fischer*».

Ouviu-se um crepitar do altifalante. De que realojamento estariam a falar? Irena agarrou o guiador da bicicleta com força.

A voz continuou: «*Residentes de Varsóvia, todos os judeus que vivem fora do bairro judeu devem deixar as suas casas e mudar-se para o respetivo distrito residencial. Poderão levar apenas aquilo que conseguirem transportar com as mãos ou colocar num carrinho. O resto deve ser deixado onde está. A retirada de todos os polacos do bairro e o realojamento dos judeus serão finalizados até ao fim de outubro. Ordens do governador de Varsóvia, Ludwig Fischer*».

A buzina dos carros que esperavam com impaciência varreram a rua em

silêncio depois do anúncio. À volta de Irena, os motores ligaram e quem tinha ouvido a mensagem deixou lugar para quem vinha a seguir. Quando tentou montar a bicicleta, quase perdeu o equilíbrio. Premiu as mãos que tremiam contra o rosto frio e beliscou as bochechas como se quisesse acordar de um sonho. O seu primeiro pensamento foi Adam. Depois, foram Ewa e Ala.

Cerrou os dentes e partiu. Quando abriu a porta do gabinete, Irka, Janka e Jaga já estavam à sua espera. Estavam pálidas.

– Também já sabemos – disse Jaga. O rosto de Irena dizia tudo. – Falei com o Jan Dobraczynski, recebeu uma comunicação oficial. Aqui está.

Irena deixou cair a mala e deu uma olhadela à folha que Jaga lhe tinha dado. Nesta estavam escritos nomes de ruas que conhecia, muitas que já pertenciam ao tal bairro judeu, outras que ainda não. Afinal, tratava-se de um distrito pequeno.

– Não pode ser – murmurou. Em seguida, levantou o olhar. – Nesta área não podem viver sequer cem mil pessoas. Em muitas ruas há pequenas casas de operários sem água nem eletricidade. Não é matematicamente possível – os seus olhos procuraram a confirmação nos das colegas, algo que desmentisse a realidade, mas não encontrou nada.

Nas semanas seguintes, Irena viu a cidade sucumbir ao pânico. Havia pessoas a correr como loucas por toda a parte, com os rostos cheios de lágrimas, irritados, inexpressivos. Centenas de milhares de pessoas tinham de «trocar» de casa em apenas algumas semanas. Mas o número de cidadãos judaicos que tinha de se mudar para o novo bairro ultrapassava bastante o número de polacos que tinha de sair. As pessoas procuravam desesperadamente um novo sítio para ficar. Quem tinha possibilidades encontrou alojamento nas poucas casas burguesas à volta da Rua Sienna, enquanto centenas de milhares de pessoas tinham de se contentar com o que havia.

Poucos dias depois, tornou-se evidente que não havia espaço para todos. Famílias inteiras eram forçadas a viver em quartos de apartamentos partilhados. Os preços das rendas dispararam. Dos pátios vinham gritos e choros. As pessoas enlouqueceram com a ideia de ficar sem teto. Além disso, os limites da nova «zona residencial judaica» estavam sempre a mudar. Algumas ruas que originalmente pertenciam a este bairro foram reatribuídas à parte polaca e vice-versa. As pessoas que tinham acabado de se mudar tinham de voltar a procurar alojamento.

Os que tinham conseguido alojamento arrastavam os seus pertences em malas

e sacos. Por toda a parte, viam-se famílias inteiras a carregar carrinhos cheios de mobília e com várias camadas de roupa vestidas apesar do clima ainda ameno. Tentavam levar consigo tudo o que podiam. Mais um par de calças ou uma camisa. Os miúdos calçavam os sapatos dos pais sobre os seus, de rostos silenciosos e desnorteados. Os idosos e os doentes carregavam sacos às costas e tentavam acompanhar o passo dos mais jovens. Estavam todos a fugir na sua própria cidade e não sabiam sequer o porquê.

Estas imagens enchiam a cabeça de Irena quando, ao fim da tarde, estava sentada no gabinete a organizar os últimos papéis na sua secretária. Tinha combinado com Adam ir ver um apartamento que conseguiria alugar com a mãe daí a uma hora.

Ouviu-se bater à porta, que se abriu. Irena levantou o olhar, surpreendida, e sorriu.

– Maria, és tu!

Maria Palester era uma mulher magra, tinha o cabelo curto e escuro e as sobrancelhas arqueadas. Ela e o marido, Henryk, tinham-se convertido ao judaísmo muitos anos antes e Maria colaborava há alguns meses na rede criativa de Irena.

– Ias sair? – Perguntou Maria. Irena assentiu.

– Combinei ir ter com o Adam. Temos de ir ver um apartamento. A mãe dele ainda não aceitou que tem de se mudar. Ela está em negação e não quero que ele vá sozinho.

– Tal como faria uma boa amiga – Maria esboçou um sorriso maroto e Irena corou.

– E vocês? – Perguntou repentinamente. – No outro dia, disseste que tinhas algo em mente.

Maria deu uma olhadela ao corredor, depois fechou a porta atrás de si e aproximou-se de Irena.

– Mudámos de ideias – disse baixinho. Irena ergueu as sobrancelhas com um ar confuso. – Não vamos a lado nenhum – explicou Maria. – O Henryk e eu ainda temos as nossas certidões de nascimento e de batismo católicas e ninguém no nosso bairro sabe que nos convertemos. Decidimos arriscar e esperar para ver o que fazer em nossa casa.

Irena anuiu, pensativa.

– Eu percebo-vos, mas é muito arriscado.

– Não é mais arriscado do que irmos viver para o gueto – Maria estava a falar

demasiado alto e acalmou-se. – Se tivermos sorte, vamos conseguir passar pela rede com os nossos documentos originais. Sei que ainda não se fala de fechar o gueto, dizem que é apenas uma zona de quarentena. Mas não consigo tirar uma coisa da cabeça: este é só o primeiro passo. No ano passado fizeram o recenseamento, do qual eu e o Henryk, por sorte, nos safámos. E agora estes muros. O que virá a seguir? Irena, acredita em mim, agora que têm os judeus todos juntos num só lugar, vai tudo ficar mais sério. O gueto é uma armadilha.

Irena sentiu um murro no estômago. Maria acabava de lhe dizer aquilo que ela própria temia.

Quando, pouco depois, entrou num apartamento com Adam, o seu rosto não estava menos petrificado que o dele. A boa notícia era que a família de Adam não tinha de dividir o aluguer com ninguém. Mas acabava aí. Irena aproximou-se da janela.

– A vista não é má – mordeu a língua. Como se Adam se quisesse mudar para ter uma vista melhor. Ele estava parado no centro do quarto sem sequer olhar à volta.

– Como está a tua mãe? – Irena mudou a conversa.

Adam encolheu os ombros.

– Ela deixa-me tratar de tudo. Ainda ontem disse, de repente, que havia um lado positivo. Que no nosso bairro judeu talvez estivéssemos mais seguros das agressões contínuas dos alemães e dos fascistas. E quem sabe se não terá razão? Já não haverá lojas e cafés onde não podemos entrar e enquanto as portas continuarem abertas será mesmo só uma mudança.

Aquela última frase não pareceu lá muito confiante e Irena não tinha dúvidas de que ele não acreditava sequer numa palavra do que tinha acabado de dizer. Sem pensar, Adam dirigiu-se a um armário na parede e abriu-o. Não tinha prateleiras. No fundo, estava uma meia abandonada. Irena aproximou-se dele e tocou-lhe no braço.

– Adam, eu…

– E é absurdo – protestou Adam sem se virar. – É absurdo que eu tenha de estar sempre a pensar se poderei, pelo menos, continuar a ver-te. Estou a falar em caso de fecharem. Ficarei preso aqui dentro e tu lá fora. Como se fosse normal ser esta a minha maior preocupação neste momento. Eu…

Irena fê-lo voltar-se com um gesto delicado, mas firme. Adam puxou-a para si e envolveu-a nos seus braços, ela pousou a cabeça no ombro dele e sentiu o cheiro da sua pele. O corpo dele estava quente, mas não havia ternura naquele

abraço. Irena percebia o seu desespero.

– O Henryk e a Maria querem ficar onde estão – sussurrou. – Vão esconder-se à vista de todos, debaixo dos narizes de toda a gente. Ainda têm as certidões antigas de batismo e vão tentar arranjar umas falsas para as crianças. E se vocês também fizessem isso? Posso ajudar-vos a procurar documentos novos. Ainda não sei como, mas tenho a certeza de que consigo. A Maria acha que o gueto é uma armadilha, e eu também…

– Basta, Irena! – De repente, Adam separou-se dela e deu um passo atrás. Sentia-se a raiva na sua voz, mas o rosto enterneceu-se ao ver os olhos espantados da rapariga. – Irena… – Aproximou-se dela e, por um instante, parecia querer tocar-lhe, mas depois limitou-se a dizer: – A minha mãe não era capaz. Esconder-se e fingir debaixo do nariz de toda a gente, sair ilesa de qualquer fiscalização. É preciso coragem para fazer isso. Conheces a minha mãe, não ia conseguir, e não a posso deixar sozinha.

Irena estava apavorada. Compreendia-o demasiado bem, mas na sua cabeça havia uma voz que gritava: «O gueto é uma armadilha. Uma armadilha, uma armadilha».

O prazo para o realojamento no bairro judeu foi prorrogado. Havia tempo até dia 15 de novembro. Muitos resistiram nos seus velhos apartamentos até ao fim, na esperança vã de uma nova prorrogação. Outros desafiaram a sorte. Com mais de cento e cinquenta mil pessoas, os alemães não conseguiam controlar cada uma das famílias. As contas não batiam certo. Nos dias anteriores à data final, o arrastar das botas ressoou em centenas de escadas, viram-se móveis a ser atirados para as ruas, mulheres e idosos arrastados para fora de casa pelos cabelos. Na maior parte dos casos, as pessoas tinham menos de meia hora para recolher quaisquer bens pessoais antes de serem levadas para o bairro judeu, onde eram deixadas sem teto.

Irena ia ter com Adam, Ewa e Ala todos os dias. Afinal, os portões estavam abertos e não se viam soldados alemães ou a polícia polaca por perto. Os fornecedores polacos levavam verduras e carne ao bairro judeu e os residentes iam de manhã trabalhar do outro lado do muro sem obstáculos. O mundo de fora do gueto agora chamava-se «a parte ariana», embora fosse falacioso, já que os alemães não viam os polacos como arianos iguais a si, mas apenas como uma espécie melhor de sub-humanos.

Depois, chegou o dia 16 de novembro com um frio cortante e um sol magnífico. Irena montou a bicicleta e desfrutou da brisa gélida no rosto quente.

Queria ir buscar Adam e Ewa, talvez fossem beber um café ou melhor ainda… Mas parou subitamente. Em frente ao portão do gueto estavam soldados alemães e polícias polacos, assim como alguns jovens do novo Serviço Policial judaico, que tinha assumido a responsabilidade da ordem pública dentro do bairro. Do outro lado, Irena via uma multidão, ouvia os gritos, mas não os conseguia decifrar. O seu coração começou a disparar. Empurrou velozmente a bicicleta ao longo dos últimos metros até ao portão.

– Só tenho de ir ver uma amiga!

– A minha padaria é aqui na esquina. Só demoro um segundo!

Os gritos das pessoas sobrepunham-se de forma confusa.

– Que se passa? – Irena virou-se para um polícia polaco de uniforme azul escuro. – Porque é que não deixam ninguém sair?

– Está fechado – respondeu, sem sequer olhar para Irena.

– Fechado? Mas porquê? – Irena já sabia há muito tempo que era inútil perguntar porquê. Os alemães não precisavam de motivos para aquilo que faziam.

– Menina, – o polícia falava com ela como se fosse idiota – esta é uma zona de quarentena. Que sentido é que faz ter um bairro judeu se podem entrar e sair todos os dias à vontade, transmitindo-nos piolhos e doenças sem preocupação alguma? Agora, ficam ali dentro. É o melhor para todos.

– Mas eu tenho de entrar – insistiu Irena. – Vou ter com uma pessoa.

Os polícias não reagiram. Subitamente, Irena viu do outro lado os rostos de Ewa e Adam. O rosto de Ewa estava ruborizado, uma madeixa de cabelo clara tinha-se soltado do gancho e caía-lhe sobre a bochecha esquerda. Devia ter estado a correr. Irena intercetou o olhar de Adam e, durante alguns segundos, fixaram-se um no outro. O rosto dele estava calmo, demasiado calmo. Depois, as suas feições mudaram. Girou sobre os calcanhares e desapareceu.

– Adam! – Gritou Irena. – Adam, vem cá! – Mas ele não parou.

– Irena! – Ewa tinha ouvido a voz da amiga e foi abrindo caminho entre a multidão. Conseguiram trocar algumas palavras separadas pela formação dos polícias. Enquanto os soldados alemães afastavam a multidão, Irena abriu a mala e colocou uma garrafa de sumo de maçã caseiro nas mãos do atónito polícia polaco.

– Isto é para aquela senhora ali, está a vê-la?

Só então é que o homem deu pela sua presença. Abanou a cabeça.

– A senhora tem muita lata, sabia? – Ainda assim, dirigiu-se a Ewa.

A semana seguinte foi passada como que num estado febril. Continuava a estar bom tempo, mas Irena não se apercebia sequer do mundo que a rodeava. Maria tinha razão: o gueto era uma armadilha que agora se fechava. Descobriu que todas as manhãs os trabalhadores empregados no exterior do bairro eram trazidos de forma organizada para a parte ariana e reconduzidos ao gueto ao fim do dia. Entre eles estava Ala, que trabalhava no hospital hebraico, ainda situado do outro lado. Conseguiram falar muitas vezes e Ala dava-lhe novidades sobre Ewa, Adam e os dependentes de Irena que passavam mais dificuldades no bairro. Eram conversas breves e concisas enquanto Ala esperava que as pessoas à sua frente na fila fossem revistadas à entrada dos muros.

– Traz-me uma pomada – sussurrou durante o seu último encontro. – A família Krol precisa urgentemente de pomada e não tem dinheiro para a comprar.

Não era difícil encontrar pomada, mas Irena tinha a moral por terra quando chegou ao escritório na manhã de sexta-feira. Há dias que dormia pouquíssimo e todos os seus pensamentos giravam à volta de uma só questão: como é que iria aceder ao gueto?

As suas conjeturas foram interrompidas pelo ressoar de botas que subiam as escadas dos serviços sociais. A porta do corredor foi aberta com tanta força que bateu na parede.

– *Kontrolle*! *Kontrolle*! – Gritavam as vozes. Ainda antes de Irena se poder levantar, a porta já estava escancarada. – O que é que a senhora faz? – Perguntou um alemão de uniforme com um tom imperativo.

Irena percebeu imediatamente.

«Cantinas dos pobres» foi a única coisa que lhe veio à cabeça em inglês. O homem recolheu alguns dossiês e desapareceu no corredor. Nos outros gabinetes aconteciam cenas semelhantes. Irena dirigiu-se à porta, mas um homem de uniforme intimidou-a para que ficasse na sua sala e fechou-lhe a porta na cara. Não se passou nada durante uma hora. Depois, ouviu as botas a subir as escadas de novo. Logo a seguir, Irka entrou de rompante no gabinete de Irena.

– Que se passa? – Perguntou Irena.

– É uma vistoria geral das nossas atividades – sussurrou Irka. – Falei com a Rosa. Esteve lá o tempo todo porque sabia alemão. Levaram tudo para o gabinete do Jan Dobraczynski e fizeram milhares de perguntas, mas a Rosa diz que nem eles sabiam do que estavam à procura. Provavelmente é só uma forma de nos intimidar para evitar que tenhamos ideias estranhas – o rosto de Irka

mostrava-se expressivo e, rapidamente, trocaram entre si um olhar de simpatia. Por fim, Irka murmurou: – Só deixaram aqui um homem. Depois da hora de almoço, os outros vão voltar.

E assim foi. Voltaram menos de uma hora depois. As horas passavam num silêncio de cortar à faca. Irena mudava os formulários de um sítio para o outro na mesa sem sequer ler uma folha. Por volta das cinco, a tarefa estava terminada.

Irena olhou para o relógio. Se queria dar os medicamentos a Ala, teria de sair em breve, mas tinha medo de ir. Os seus dossiês ainda estavam no gabinete do chefe. Teriam os alemães descoberto alguma coisa? Mas, nesse caso, certamente já teriam ido ter consigo. E se o chefe tiver descoberto que andavam a contornar as regras? Provavelmente seria despedida. Começou a calcular por quanto tempo ainda poderia pagar o apartamento sem levar um ordenado para casa. Dois meses? Três? Depois disso iria para a rua. E não só ela, mas também a sua mãe, que tinha uma doença de coração.

Esforçou-se por se acalmar. A maior parte das suas colegas já tinha recuperado os dossiês do gabinete de Jan Dobraczynski, mas Irena ainda estava ali parada em frente à sua secretária. O relógio de parede apontava as cinco e meia. Ou recuperava os documentos rapidamente… ou tinha de ir a correr ter com Ala sem saber o que aconteceria. Decidida, levantou-se e bateu à porta do chefe. «Entre», ouviu-o a murmurar. Quando Irena entrou na sala, Dobraczynski levantou apenas o olhar. Com um aceno de cabeça, apontou para uma pilha de dossiês. Irena recolheu-os e já ia em direção à porta.

– Senhora Sendler?

Irena congelou.

– Ao que parece, o número de famílias aumentou bastante, sobretudo aquelas com casos sérios de tifo e outras doenças contagiosas.

– Sim, a situação é muito grave – Irena estava surpreendida com a sua voz firme. Seguiu-se um momento de silêncio, durante o qual continuou a olhar o patrão nos olhos.

– É estranho, os alemães não tinham nem uma destas famílias na lista de residentes registados – continuou Dobraczynski.

Irena sentiu-se congelar. «Força, podes dizê-lo», pensou ela e esboçou um sorriso triste.

– Sim, eu sei. São todos refugiados provenientes dos arredores e ainda não estão registados. Às vezes, as necessidades são tantas que temos de os socorrer

antes de todas as formalidades estarem completas.

Dobraczynski olhou para ela com um olhar inquisitivo.

«Ele não é parvo», pensou Irena. «Já percebeu tudo, e é um homem de direita, católico convicto que nunca escondeu a sua aversão pelos judeus». Já se conseguia ver sentada na cozinha a confessar o despedimento à mãe.

– Foi isso mesmo que disse aos alemães – concluiu Dobraczynski. – Não ficaram, de todo, contentes, mas com o caos dos últimos meses não puderam fazer objeções. Fazemos aquilo que podemos.

Irena esforçou-se por manter uma expressão indiferente.

– É verdade.

– Desejo-lhe uma boa noite, senhora Sendler! – Dobraczynski voltou aos seus documentos.

Capítulo Onze

Irena chegou ao portão do gueto mesmo a tempo de dar os medicamentos a Ala em segredo. Desde aquele dia que só se encontravam ali à tarde. Às vezes, também via o colega de Ala, o médico e microbiólogo Ludwig Hirszfeld.

– No início, ainda podia levar coisas para dentro, – sussurrou-lhe Ala, enquanto a fila se aproximava dos guardas – mas está a tornar-se cada vez mais difícil. Ontem, tiraram-me uns doces que tinha comprado para a minha família.

Irena perguntou por Ewa e ficou a saber que esta se esforçava muito pelas crianças do gueto. Era típico da Ewa tentar continuar com a vida de antigamente.

– Não queres saber como está o Adam? – Perguntou-lhe Ala.

– Consigo imaginar sozinha – respondeu Irena de forma brusca. Esperava que Adam fosse, pelo menos, de vez em quando ao portão do gueto para a ver. Ele sabia que ela vinha todas as tardes para falar com Ala quando esta terminava o turno no hospital, mas nunca o viu. Naturalmente, Irena sabia porquê. Vê-la sem poder falar-lhe seria frustrante e Adam devia sentir-se como um leão enjaulado. Ainda assim, todas as tardes esperava ver o rosto dele.

Um dia, o doutor Hirszfeld aproximou-se de Irena enquanto estava na fila com Ala em frente ao portão. Com uma mão segurava na mala castanha, com a outra impedia que o seu chapéu preto voasse. Fortes rajadas de vento agitavam-lhe os cabelos brancos.

– Irena, ouvi dizer que foram emitidos passes de entrada para o gueto. Apenas para pessoal qualificado. Disseram-me que é preciso contactar Juliusz Majkowski, o diretor do distrito de saúde na Rua Spokojnej. É tudo o que sei, mas pode valer a pena tentar.

Claro que valia a pena tentar. Na manhã seguinte, Irena foi até à Rua Spokojnej. Uma secretária pediu-lhe que esperasse no corredor junto ao gabinete de Majkowski. Dez minutos depois, o diretor do distrito de saúde apareceu no corredor. O seu rosto estava meio escondido por um cachecol e o chapéu cobria-lhe a testa.

– Ah, se ao menos tivesse uma rapariga bonita à minha espera todas as

manhãs. Fique à vontade, a minha secretária já me avisou que aqui está – Irena levantou-se. Mesmo só conseguindo ver os olhos de Majkowski, sabia que este estava a sorrir. Quando se acomodou no gabinete e o diretor despiu o casaco pesado e o cachecol a muito custo, Irena explicou o motivo que a trazia ali. Majkowski olhou para ela com um ar muito sério.

– Os passes de entrada são emitidos para pessoas encarregadas de limitar a propagação de casos de tifo no gueto. Pelo que me diz, deduzo que não seja uma enfermeira especializada.

– Exatamente – respondeu Irena. – Mas, como assistente social, tenho muitos dependentes no gueto, muitas famílias que passam dificuldades e, por vezes, doentes de quem já não posso cuidar.

Majkowski observou-a, pensativo.

– Muitas pessoas ficariam felizes por não terem essa responsabilidade graças ao muro. Aquilo que me está a pedir seria uma grande honra para si. Aliás, que estou eu a dizer? Seria um perigo! O gueto foi fechado apenas há algumas semanas, mas qualquer pessoa com bom senso sabe que, mais tarde ou mais cedo, a pobreza e os espaços pequenos irão causar uma epidemia como já não se vê há muito. Espero que compreenda isso.

– Eu sei.

Majkowski sorriu.

– Bem, então não serei eu a impedi-la.

Dez minutos depois, Irena estava a ir-se embora. Antes de lhe apertar a mão, Majkowski dirigiu-se a um armário de vidro e pegou em dois frascos.

– A vacina contra o tifo. A senhora deve saber quem mais precisa dela.

O rosto de Irena iluminou-se com a alegria. Pegou nos frascos e apertou a mão de Majkowski.

– Obrigada – disse ela.

Poucos dias depois, Irena pôde levantar o seu passe, e não só. Num momento de coragem, pediu a Majkowski que o emitisse também para as suas colegas Jaga, Janka e Irka. As amigas não conseguiram conter a sua felicidade.

– Irena, a nossa lutadora! – Exclamou Irka. – Quando quer uma coisa, consegue-a sempre.

Irena queria utilizar o seu passe imediatamente, mas Ala dissuadiu-a. As fiscalizações dos alemães tinham-se tornado mais minuciosas. No gueto só entrava comida, medicamentos e matérias primas oficialmente designadas para os habitantes. Naquela tarde, depois de a mãe se ir deitar, Irena agarrou no

sobretudo e descoseu cuidadosamente o forro de ambos os lados. Depois, aplicou pequenos sacos em vários sítios, enfiou os frascos da vacina em dois deles e tornou a fechar a costura. Vestiu o sobretudo para ver como tinha ficado. Não se notava nada e os saquinhos que tinha fixado no interior do forro permitiam-lhe transportar também objetos maiores, caso fosse necessário.

Irena decidiu levar os frascos da vacina a Ewa. A amiga trabalhava para a CENTOS, a organização central de assistência às crianças judaicas. Nos tempos livres, ocupava-se também de um dos muitos círculos jovens que se estavam a formar em todo o gueto. Nestes círculos, as crianças e os jovens de várias zonas de habitação encontravam-se, brincando e discutindo entre si, encorajando-se uns aos outros. As crianças mais velhas tomavam conta das mais novas, cujos pais trabalhavam.

Quando, na tarde seguinte, Irena se colocou na fila em frente ao portão do gueto, teve de se conter para não estar constantemente a verificar se estava tudo bem. «Vai correr bem», repetia. «O facto de ter perdido alguns quilos tem de servir para alguma coisa». De facto, o sobretudo estava-lhe tão largo que não se iria notar nada, nem que tivesse escondido um pão inteiro. Ainda assim, estava a transpirar apesar do frio de dezembro, tinha apenas as mãos geladas. Encostou-as várias vezes às bochechas, que estavam a arder, pois não queria parecer nervosa. Ao contrário do habitual, parecia que a fila andava muito lentamente. Por fim, já só tinha uma senhora à sua frente.

– Posto de trabalho? – Gritou o guarda.

– Na lavandaria da Rua Towarowa – respondeu a senhora.

– Abra a mala!

Enquanto a senhora abria a mala com um tecido às flores, o guarda agarrou-a e virou-a ao contrário. Uma cesta para o almoço caiu no chão. Estava vazia.

– Recolha-a! – Rugiu o homem. A mulher baixou-se. Irena susteve a respiração quando viu o cachecol dela esvoaçar. De entre as pregas surgiu uma tablete de chocolate.

– Ora, ora, o que temos aqui? – Com um sorriso malicioso, o homem agarrou na tablete.

– É para o meu filho…

– Caluda! – O guarda abriu o chocolate e deu uma dentada com gosto. O silêncio caiu como se fosse uma ordem. Imóvel, a multidão à espera seguia todos os movimentos do homem, que metia na boca um pedaço a seguir ao outro. Os seus colegas e companheiros estavam de lado a fazer chacota.

Apanhou com os dedos as últimas migalhas, depois cuspiu lá para dentro, amarrotou o invólucro e deu-o à mulher, que olhava para ele de olhos bem abertos.

– Pegue nisso! – Gritou o homem. A mulher agarrou no invólucro com um gesto rápido. – Próximo.

Um quarto de hora depois, Irena estava em frente à casa da sua amiga Ewa, na Rua Sienna. Os guardas claramente já tinham visto passes semelhantes e, como não tinha nenhum bolso, fizeram-lhe sinal para que prosseguisse.

Irena fechou a pesada porta de madeira atrás das costas e procurou com a mão o interruptor. Ouvia vozes, deviam ser as crianças. Ewa tinha-lhe dito que, naquele dia, o círculo jovem ia reunir-se no sótão, onde havia espaço suficiente para todos. À medida que subia as escadas, as vozes tornavam-se mais nítidas.

– Eu apoio a formação de grupos diferentes – dizia uma rapariga de cabelos castanhos apanhados num rabo de cavalo enquanto Irena empurrava a porta do sótão. Estava tanto frio que se formavam pequenas nuvens brancas quando falavam. Não muito longe da entrada, Ewa estava de pé apoiada numa divisória de madeira. Uma menina de cabelos loiros abraçava-se às pernas de Ewa, empurrando o rosto contra elas. Estava a chuchar no dedo.
De olhos bem abertos, ouvia os argumentos da rapariga mais velha.

– Devíamos formar vários grupos para cuidarmos dos mais pequenos. Assim, eles não vão fazer todos a mesma coisa, vão estar separados. Um grupo de pintura, por exemplo. E um grupo de flauta, e…

– Trouxeste flautas para o gueto? – Perguntou um rapaz da mesma idade, meio incrédulo, meio divertido. Coçou a cabeça e olhou à sua volta com um sorriso maroto para a provocar. Alguns começaram a rir.

– Sim, trouxe – respondeu a rapariga, indiferente. – Mas, se não tivermos flautas suficientes, também podemos cantar. Só acho que se já não há creches e escolas, temos de ocupar os mais novos com algo interessante. Temos de os estimular.

Irena aproximou-se de Ewa. Deram um breve abraço e, depois, enquanto Ewa agarrava no casaco, Irena abriu as costuras com uma agulha e extraiu os frascos. Ewa levou as mãos à cabeça.

– Irena, és incrível!

– Disseste-me que os pais de algumas crianças estavam doentes – sussurrou Irena.

O rosto de Ewa escureceu.

– Há tantos que precisam da vacina… Mas os preços são inacessíveis para a maior parte deles, além do facto de que é preciso que entrem escondidas através de contactos externos, e nem todos os têm – baixou os olhos por um instante, depois olhou para Irena. – Sabes que mais? Vamos perguntar diretamente aos interessados – Irena ficou atónita, mas Ewa já tinha chamado a atenção das crianças e estava a explicar o motivo da visita da amiga.

– Vocês sabem o quanto é difícil encontrar a vacina contra o tifo e o quanto é cara, – começou – mas quem a levar estará protegido. Só temos dois frascos e não quero simplesmente escolher duas pessoas. Decidam entre vocês qual é a família que os deve receber.

Por um instante, caiu o silêncio. Depois, Irena ouviu a voz de um menino com um barrete que não deveria ter mais de doze anos.

– Devíamos dar os frascos a duas famílias diferentes. Cada uma vacina o pai ou a mãe, senão só chega para uma família.

– Concordo – interveio uma rapariga de caracóis castanhos e pele escura. – É melhor se for uma família com crianças pequenas que ainda não consigam cuidar de si. Talvez os pais do Romek e… – Não conseguiu terminar porque foi interrompida por outra rapariga.

– Eu proponho dar os frascos ao Noah e à Halina.

Irena percebeu logo a quem se referia a rapariga de cabelo ruivo: dois adolescentes magros rodeados de quatro crianças pequenas. O rapaz, que se chamava Noah, tinha nos braços uma criança com um ano e meio, no máximo.

– Os pais do Noah já morreram de tifo, o pai da Halina está num campo de trabalho e a mãe desapareceu – continuou a rapariga. – O Noah e a Halina têm de cuidar dos irmãos sozinhos. Se lhes acontece alguma coisa, os pequeninos não vão ter ninguém.

Os dois jovens coraram. Os seus irmãos também perceberam que estavam a falar de si e aproximaram-se deles timidamente.

– Bem, então vamos a votos. Quem está a favor que levante a mão – disse, bem alto, a rapariga com o rabo de cavalo. As mãos levantaram-se, uma depois da outra. Ninguém falava, ninguém sorria. Ewa e Irena trocaram um olhar. Os miúdos, nenhum deles com mais de dezasseis anos, tinham tomado a decisão altruísta e bastante pragmática de proteger os mais fracos do grupo. Uma decisão que era uma questão de vida ou de morte e que, no futuro, poderia ter impacto nas suas vidas ou nas dos seus pais.

Capítulo Doze

Adam Czerniaków, o presidente do Conselho dos Judeus, massajava as mãos avermelhadas e brincava nervosamente com o gémeo direito. A raiva e o nervosismo misturavam-se com o sentimento de impotência do costume. Há horas que estava sentado na sala de espera do gabinete de transferências, assim como tinha acontecido no dia anterior e no dia anterior a esse, sem que o chamassem para entrar.

Czerniaków sentia-se profundamente incapaz. Quando lhe foi confiado o cargo de presidente, ainda tinha uma réstia de esperança de poder fazer algo de bom como mediador entre os alemães, de um lado, e as necessidades e interesses da comunidade judaica, do outro. Mas todos os dias acreditava um pouco menos nisso. As pessoas dirigiam-se a ele com os seus pedidos, a sua pobreza, o seu sofrimento e esperavam que o Conselho de Judeus as ajudasse. Quem mais os poderia ajudar? O Conselho de Judeus não era responsável por eles? Não era o único interlocutor reconhecido pelos alemães? E ele fazia o que podia. Muitas vezes, dirigia-se às autoridades alemãs, escrevia cartas, descrevia as condições insustentáveis, denunciava a falta de bens e era-lhe tudo sistematicamente negado.

O sentimento das pessoas em relação ao Conselho de Judeus transformou-se com o tempo em desconfiança, perdidas no ódio. Em vez da ajuda esperada, os alemães apenas faziam novas exigências, que o Conselho devia fazer cumprir, e cobravam mais impostos. Teriam as pessoas razão para dizer mal do Conselho? Claro, mas o que devia fazer? Também podia suplicar junto de quem detinha o poder, perguntar, reclamar, discutir até à exaustão, mas as suas palavras eram sempre ridicularizadas.

Passou mais meia hora. O gabinete de transferências, instituído pelos alemães após o encerramento do gueto, geria todas as exportações e as importações do gueto para fora e vice-versa. Bens alimentares, medicamentos, matérias-primas, materiais para se aquecerem. Tudo o que lá entrava legalmente passava por este gabinete. Era aqui que se decidia se se entregaria um carregamento de batatas e a que preço, porque, obviamente, os habitantes do gueto tinham de as pagar. E

foi aqui que se decidiu interromper o fornecimento sem pré-aviso.

– Senhor Czerniaków? – Uma secretária de meia-idade com o cabelo apanhado num coque apertado entrou na sala. – O diretor Palfinger tem tempo agora.

Assim que a secretária se voltou, Czerniaków passou rapidamente a mão pela cabeça calva, um gesto que lhe ficou da altura em que ainda tinha cabelo. Pegou na sua mala, ajustou os óculos redondos e seguiu a senhora que abriu a porta de um gabinete.

Palfinger estava à janela e apontou para uma cadeira em frente à sua secretária. Ao contrário dos outros alemães, este não se demorava com falsos sorrisos ou falsa jovialidade.

Evitava ao máximo o contacto pessoal com os judeus e dizia-se que abria a janela para arejar o seu gabinete depois de cada reunião. Czerniaków sempre se identificou como cidadão polaco, mas naquele gabinete era apenas um judeu.

– Qual é o assunto? – Perguntou Palfinger sem o cumprimentar.

– Senhor Palfinger, – começou Czerniaków – estou aqui para o alertar, mais uma vez, que desde dezembro que não são entregues bens alimentares no gueto. Já estamos em janeiro. Tinha-me falado num carregamento no fim de dezembro, mas não chegou nada. Certamente trata-se de um…

– Não é um mal-entendido, Czerniaków. E também não há problemas de fornecimento. Simplesmente mudei de ideias.

– Mudou de ideias? – Perguntou Czerniaków, consternado. – Não percebo o que têm as ideias que ver com isto. Em dezembro, não houve carregamentos. As pessoas estão a morrer à fome e ao frio. Estão mais expostos do que nunca às doenças, a taxa de mortalidade está…

– Czerniaków, não me aborreça com a taxa de mortalidade – interrompeu-o Palfinger.

– Mas do que é que as pessoas vão viver? – Gritou Czerniaków, estupefacto. Palfinger troçou dele.

– Acha que não sabemos que todos os dias entra no gueto comida e outros bens em contrabando? Não importa quantas pessoas matamos, há sempre um contrabandista novo.

– Mas os preços do mercado negro são proibitivos. A maior parte não se pode permitir. E, além disso, existe o problema da falta de habitação. Os alugueres estão caros. Cada vez mais pessoas ficam sem casa. Vendem o último relógio, o último par de calças bom e, quando já não há nada para converter em dinheiro,

acabam na rua.

– Alugueres caros, preços elevados no mercado negro. Isso é problema meu? – Palfinger olhou para ele com um ar desdenhoso. – O senhor é que é o presidente do Conselho de Judeus, e são vocês que vendem a preços exorbitantes. Mas, mais uma vez, vocês judeus são assim mesmo, só pensam em dinheiro e não querem levantar um dedo. Estão ali o dia todo sem fazer nada à espera que vos entreguemos a comida à porta de casa. Nunca vi um povo tão preguiçoso.

– A maior parte das pessoas perdeu o trabalho fora do gueto quando este foi encerrado – protestou com veemência Czerniaków. – E no gueto não há trabalho suficiente para todos. Além disso, muitas fábricas fecharam porque não conseguem encontrar matérias-primas, já que estas também não são entregues desde dezembro. As pessoas dariam qualquer coisa para conseguirem sustentar-se.

– Ai sim? Então porque é que ninguém se voluntaria para os campos de trabalho? Porque é que temos de vos expulsar como ratos para cumprir as quotas? – Czerniaków queria rebater, mas bateram à porta.

– Entre!

A secretária de Palfinger entrou no gabinete.

– O governador Fischer quer falar consigo, senhor Palfinger.

– Muito bem. E, por favor, acompanhe o meu convidado à saída.

Czerniaków continuou sentado. Fez um protesto silencioso durante alguns segundos. Depois, levantou-se e saiu.

– Que queria o nosso ilustríssimo judeu desta vez? – Perguntou Fischer enquanto se acomodava na poltrona.

– O que queria? Lamentar-se porque suspendemos os carregamentos sem pré-aviso.

Fischer olhou-o, pensativo.

– Ele é um osso duro de roer, Palfinger. Os nossos dados falam em mais de mil mortos por mês no gueto, neste inverno. Fome, frio, doenças. Não sei se estamos realmente de acordo. Mesmo entre a chefia, as vozes que dizem que não devemos desperdiçar a força de trabalho e de produção dos judeus tão cedo multiplicam-se.

– Não se preocupe, governador. A corja que morre ali dentro não seria útil para o trabalho. Além disso, alguns dados indicam que no gueto ainda há bens patrimoniais consideráveis. Este Czerniaków vem aqui dia sim, dia não e conta-nos historiazinhas sobre pobreza e miséria. Os pobres isto, os pobres aquilo! –

Fez um movimento amplo com ambas as mãos. – Mas sejamos honestos, nem todos ali dentro são pobres. Ainda há pequenas e grandes fortunas escondidas. As minhas medidas visam… digamos… encontrar estes bens e retirá-los do gueto.

– Palfinger, Palfinger – Ludwig Fischer sorriu. – Se continuar assim, os judeus vão morrer à fome e na miséria e a única coisa que restará relativamente ao assunto dos judeus é um cemitério.

Capítulo Treze

O manto de neve do costume não era capaz de esconder o desespero que as pessoas do gueto viviam. Por todo o lado, viam-se mendigos na rua. Quem ainda tinha forças cantava canções em iídiche ou tocava um instrumento. Outros ficavam em silêncio, sentados ou deitados num estado de apatia, estendendo a mão de forma mecânica sem sequer olhar para quem passava. À noite, a temperatura descia até aos quinze graus negativos e, quando Irena fez a sua primeira visita ao gueto pela manhã, os passeios e as entradas dos edifícios estavam repletos de cadáveres nus, cobertos improvisadamente com papel de jornal. As roupas eram levadas por outros na esperança de se poderem aquecer ou de as vender por alguns tostões. Aquilo que há uns meses parecia ser bárbaro agora não passava de uma tentativa desesperada de prolongar a própria existência.

Não poder ajudar quem precisava era um pensamento insuportável para Irena. Parou na esquina de uma rua: o jovem casal consumido pela fome com as duas crianças pequenas a quem dava sempre um pouco de pão e dinheiro ainda estava ali. Ou melhor, estava o pai. Tinha a filha de três anos sentada ao seu colo.

– Onde está a sua mulher com o menino? – O homem, que tinha fechado os olhos vermelhos, estremeceu. Quando reconheceu Irena, a sua boca contraiu-se e agarrou na filha com mais força. A pequena começou a choramingar.

– A minha mulher… morreu congelada durante o sono, ontem à noite. O pequeno Dariusz estava com ela e eu estava com a nossa filha. Se eles também estivessem comigo… talvez o pequeno ainda estivesse vivo – começou a soluçar.

Também a menina tinha começado a chorar. Irena deu-lhes um pedaço de pão. As lágrimas secaram e ela estendeu a mão suja para pegar nele.

– Eu volto – prometeu Irena. Nem ela sabia porque tinha dito aquilo ou o que queria dizer. Depois, apressou-se pela rua fora, mas não era a pressa que a guiava. Fugia da dor do homem que tinha perdido a mulher e o filho, fugia da própria impotência.

Recuperou o fôlego na Rua Leszno. O hospital em que Ala trabalhava foi transferido para o gueto algumas semanas antes e, como sempre, Irena levava

alguns medicamentos para a amiga.

– Irena? Que se passa? Estás tão pálida, pareces um fantasma – Ala levou a amiga para outro sítio, preocupada.

Irena esboçou um sorriso quase imperceptível. Ala pensava sempre nos outros primeiro: na sua filhota Rami, nos pacientes, nos amigos. Contudo, ela também tinha olheiras e as maçãs do rosto pronunciadas confirmavam que não comia o suficiente. Irena contou-lhe brevemente o seu encontro.

Ala assentiu com raiva. As palavras eram supérfluas. Depois, mudou de assunto.

– Vens esta noite? – Perguntou.

– Onde?

– Ao Café Sztuka. Há um concerto, alguém vai cantar acompanhado de um piano. Já te tinha falado sobre isto – sorriu. – Alguns dos jovens talentosos dos círculos também vão tocar um pouco. O valor do bilhete vai reverter para o orfanato do doutor Korczak.

– Hum – Irena estava indecisa. Depois do encontro daquela manhã, não estava com disposição para uma noitada, muito menos no Sztuka. Aquele sítio não era apenas um ponto de encontro para a alta sociedade do gueto, mas também era popular entre os oficiais da Gestapo, que frequentavam bastante o elegante café com música ao vivo todas as noites. Sentavam-se junto dos habitantes ricos do gueto e passavam um bom bocado. Porque mesmo no gueto era possível encontrar tudo a preços baixíssimos.

– Sei o que estás a pensar – Ala agarrou no braço da amiga. – Não gostas do Sztuka.

Irena anuiu.

– Acho absurdo que os ricos do gueto passem a noite a beber champanhe e a dançar com a orquestra, enquanto cá fora as pessoas morrem de frio na rua. Mas a cereja no topo do bolo é quando os da Gestapo se sentam ao pé deles, como se, de repente, fossem melhores amigos.

Ala suspirou.

– Tens razão. Mas os ricos são sempre a mesma coisa, são egoístas. A única forma de receber as doações deles é participar nestes eventos de beneficência. Melhor ainda se for num sítio de que gostem… – A expressão de Ala atenuou e esta colocou uma mão no braço de Irena. – E queres proibir as pessoas que ainda podem permitir-se de serem felizes aqui dentro uma vez ou outra de o fazer? Vestir uma roupa bonita, sentar-se no café, dançar e conversar como antes da

guerra? A vida nunca foi apenas preto no branco.

Irena ainda estava indecisa.

– Então, vens?

Irena suspirou.

– Vou, mas apenas por ti e pelo orfanato.

Com os argumentos de Ala, Irena conseguiu convencer não só Ewa e Adam, mas também Rachela Rosenthal, uma amiga dos tempos da universidade, a irem ao concerto. Uma visita ao Sztuka significava para Irena passar a noite no gueto, o que era absolutamente proibido para os não judeus. Ala propôs-lhe que passasse a noite na sua casa e Ewa emprestou-lhe um vestido azul escuro cintilante. Como é que iria justificar aos guardas o facto de estar bem vestida ao mostrar um passe?

– Então, como é que fica? – Ewa entrou na sala no preciso momento em que Irena apertava o fecho e olhou para ela com atenção. – Hum, ainda falta qualquer coisa – pegou num gancho da cómoda, virou-se para Irena e prendeu os seus longos cabelos loiros escuros de um lado com elegância.

– Só de um lado? – Perguntou Irena, enquanto Ewa ia buscar o batom.

– Sim. E, agora, um pouco de…

– Ewa, também o batom… É demasiado – Irena sentiu uma dor no estômago outra vez. Mas era por outro motivo que nada tinha que ver com a miséria do gueto. Tinham-se passado meses desde a última vez que usou batom e não sabia se Adam alguma vez a tinha visto a usá-lo. De repente, sentiu-se constrangida.

– É só um evento de beneficência para o orfanato do doutor Korczak – contestou.

– Irena! – Ewa deu meio passo atrás e olhou muito séria para a amiga. – Estamos sempre em serviço, fazemos o que podemos. Olhamos a miséria nos olhos, todos os dias. Às vezes podemos ajudar, outras vezes não. Mesmo o pequeno concerto desta noite é trabalho para nós. Acho mesmo que merecemos umas horas de lazer… E isso inclui o batom, e o Adam.

– O Adam? Porquê? Eu… – Irena interrompeu-se. Sabia que era inútil. Ewa conhecia-a demasiado bem e, para dizer a verdade, não via a hora de passar algum tempo com ele.

Pouco depois, a campainha tocou. Ewa abriu a porta e Irena permaneceu imóvel devido à surpresa. Adam penteou os cabelos escuros e grossos para trás. Além da camisa branca, vestia uma gravata *bordeaux* e calças pretas com pregas. Era óbvio que se tinha empenhado um pouco em frente ao espelho, uma coisa

tão insólita para ele, cuja vida era feita sobretudo de livros, política e ideias, como para Irena. Subitamente, estava feliz por ter dado ouvidos a Ewa. Quando se apercebeu do tempo que tinha ficado a olhá-lo, corou. Ele parecia sentir o mesmo. Adam desviou rapidamente o olhar e perguntou:

– Está tudo bem? Estão prontas?

A Rua Leszno não ficava longe da Rua Sienna. As pequenas luzes nas paredes vermelhas escuras do café criavam uma atmosfera ligeira, como se estivessem no teatro. Irena olhou para os rostos de Ala e Rachela e abriu caminho entre as mesas redondas com velas brancas no centro. Ao contrário dos apartamentos do gueto, o Sztuka estava bem aquecido. As senhoras vestiam roupas apertadas com as costas descobertas, alguns homens de fato e gravata já estavam a limpar a testa com os lenços. Ala e Rachela pediram licor e canapés. Quando Irena se sentou, viu pelo canto do olho Adam a apressar-se para ocupar o lugar ao seu lado.

Pouco tempo depois, as luzes apagaram-se. No palco estavam apenas quatro grandes candelabros acesos. A cantora e o pianista subiram ao palco e fizeram uma vénia entre aplausos e aclamações tímidas.

– Marysia Eisenstadt! O rouxinol do gueto! Não me tinham dito! – Sussurrou Irena a Ala quando viu a rapariga com apenas dezoito anos. Já tinha ouvido falar bastante da jovem cantora, mas nunca a tinha escutado ao vivo. Marysia era a filha do ex-diretor do coro da sinagoga. Com o seu rosto redondo como o de uma donzela e os cabelos castanhos longos que lhe chegavam às costas, esperava impacientemente ao lado do pianista pelo fim dos aplausos. Finalmente, os aplausos desvaneceram e o pianista tocou as primeiras notas.

Quando a voz de soprano de Marysia ressoou pela sala, todos sustiveram a respiração. Começou por interpretar peças de Schumann e Mozart e depois, após uma breve pausa, uma série de *chansons* francesas.

Irena não sabia dizer do que era. Se do licor, da iluminação suave ou da leveza das canções francesas, mas, quando sentiu o joelho de Adam contra o seu debaixo da mesa, pousou a mão sobre ele espontaneamente. Tinha calor e parecia uma miúda a tremer. Quando Irena afastou a mão para bater palmas, esta roçou na de Adam.

– Bravo! – Gritaram Ala e Ewa. Irena olhou rapidamente para Adam pelo canto do olho. Ele não olhava para ela, mas sorria e a pressão no joelho aumentou.

Depois de Marysia Eisenstadt, foi a vez de vários jovens, também eles

interpretando peças magníficas. «Existe tanto talento dentro destes muros», continuava a pensar Irena. «E estas crianças têm um enorme desejo de aprender, um desejo de normalidade».

Quando Irena se levantou para esticar as pernas depois do espetáculo, reparou num homem magro de cabelos grisalhos com óculos de metal e pera encostado à parede, longe das mesas. Parecia não estar à espera de ninguém e tinha um ar confuso no meio de todas aquelas pessoas alegres e vivazes na sala.

– É o doutor Korczak! – Disse Irena baixinho. Sem pensar, dirigiu-se a ele. Há muito que não via o célebre pediatra e pedagogo. Antes da guerra, tinha gerido um grande orfanato na Rua Krochmalna, onde pôs em prática as suas ideias progressistas com base nos direitos das crianças. Desde pequena que devorava o seu adorado livro infantil, «O Rei Matias I», e Irena e a mãe raramente perdiam um episódio do famoso programa de rádio «O Velho Doutor». Via Janusz Korczak como um homem muito cordial que animava as suas reflexões filosóficas com piadas secas.

– Boa noite, doutor Korczak!

O diretor do orfanato virou-se, surpreendido. Pela sua cara, Irena percebeu que ele reconhecia a pessoa que estava à sua frente, mas que não se recordava do nome.

– Irena Sendler – ajudou-o. – Trabalho nos serviços sociais. Já nos encontrámos algumas vezes.

Korczak fez um aceno de cabeça ligeiro.

– Sim, já me lembro. Era por causa das crianças – sorriu. – Como sempre, na verdade.

Irena devolveu-lhe o sorriso.

– E esta noite não é exceção. Ouvi dizer que o dinheiro dos bilhetes e as doações vão para o orfanato. É maravilhoso.

– Hum – olhou à volta da sala distraído. – Maravilhoso, sim, mas no meu orfanato deve haver um buraco enorme onde cai todo o dinheiro mal o recebemos. Como é que se diz? Vivemos um dia de cada vez – acariciou o braço de Irena quando viu a sua expressão tristonha. – Não deixe que um velho lhe estrague a noite, senhora Sendler. Mas sabe que mais? Quero contar-lhe uma história – fechou os olhos por um instante. – Quantos anos tem? Talvez seja demasiado jovem para conhecer este costume.

De qualquer forma, quando eu era pequeno, ainda existia este ritual. No Natal, os operários passavam sempre pelas casas mais ricas de Varsóvia. No inverno,

não tinham trabalho e faziam pequenos espetáculos de marionetas e, em troca, pediam uma doação. Era tudo muito simples: uma caixa de madeira, algumas marionetas e um acordeão. Eu esperava por eles todos os anos com muita impaciência, mas também com muito medo. E sabe porquê? – Irena abanou a cabeça e Korczak continuou.

– A impaciência devia-se ao facto de ser algo muito especial. O medo devia-se ao facto de, no fim, haver sempre um velhote a passar com um saco para recolher as moedas. Eu podia dar-lhas e todos os anos ele olhava para mim, aflito, e dizia: «Tão pouco, senhor, tão pouco». Sentia-me sempre meio ofendido e meio envergonhado, então comecei a pôr de parte um pouco do meu ordenado durante o ano para dar ao velhote, de modo a poder colocar mais dinheiro no saco. Mas por mais moedas que eu lá pusesse, nunca era suficiente. E agora, – sorriu para Irena, e nos seus olhos havia uma ponta de ironia – agora, sou eu o velhote com a sacola.

Irena anuiu. Talvez não fosse o momento certo para dizer-lhe aquilo que queria, mas esse momento provavelmente nunca chegaria.

– Doutor Korczak, há uma menina que precisa da sua ajuda – contou-lhe o encontro que teve com o pai sem-abrigo que tinha perdido a mulher e o filho pequeno durante a noite devido ao frio. O doutor Korczak suspirou.

– O pai vai aceitar separar-se da filhota?

Irena não sabia, mas indicou-lhe a esquina da rua onde os podia encontrar.

– Também lhe vou dar bonecas – prometeu. – O professor Witwicki fá-las à mão.

– Wladyslaw Witwicki? O professor de psicologia? – Korczak olhou à volta com cautela, mas não havia ninguém ali que os pudesse ouvir. – Soube que está escondido fora do gueto. E agora faz bonecas… – Surgiu-lhe um sorriso no rosto. – Está bem, senhora Sendler, traga-me as bonecas. O meu bando de pirralhos vai ficar entusiasmado, ainda que eu preferisse batatas – largou-lhe a mão e afastou-se.

Capítulo Catorze

Irena manteve a sua palavra. Contudo, era preciso algum tempo para levar bonecas suficientes para as crianças do doutor Korczak às escondidas para dentro do gueto. Dadas as suas dimensões, só podia levar uma de cada vez. O professor Witwicki estava feliz por poder ajudar com as suas bonecas simples feitas de pano. Vivia escondido num quarto minúsculo na parte ariana. Não tendo documentos falsos, não podia sair à rua e tinha de contar com a ajuda de amigos. A sua situação era precária e Irena esforçou-se por lhe arranjar o chamado cartão de identificação, sem o qual ninguém podia circular na rua, mas não tinha os contactos necessários. O professor Witwicki rejeitou com um sorriso. «Estou a sair-me muito bem, mesmo assim», assegurou. «E não quero que se ponha em risco por causa de um velho como eu».

Mas Irena não fazia tenções de desistir. Só o contrabando de medicamentos e comida para o gueto podia levar à deportação para um campo de concentração e, agora, os alemães estavam ainda mais determinados. Em todos os cantos da rua estavam afixados anúncios para avisar a população polaca: quem ajudasse um judeu, mesmo que apenas com uma fatia de pão, seria fuzilado no local. Desde então, a solidariedade dos habitantes de Varsóvia nos confrontos dos concidadãos judeus tinha-se desvanecido por completo. As pessoas tinham medo e quem continuava a ajudar fazia-o com a coragem do desespero. Irena reagiu com teimosia. Arriscava-se a morrer por levar uma boneca ou um pedaço de pão para o gueto, porque não ousar ainda mais e obter um benefício maior? «Se me apanharem,» pensava com um pouco de desfaçatez, «pelo menos terá valido a pena».

No entretanto, Irena ia para o gueto mais vezes por dia e aquilo que via era de cortar a respiração. Aqueles que acreditavam estar a salvo dos alemães tinham caído numa armadilha traiçoeira. Muitas vezes, via-se os soldados nas esquinas das ruas a obrigar pessoas enfraquecidas pela fome a fazer flexões até desmaiarem. Os fuzilamentos indiscriminados na rua tornaram a resolução de quaisquer assuntos numa cilada mortal. Milhares de pessoas morriam todos os meses de tifo, fome e frio ou eram mortas quando iam comprar pão ou

trabalhar. As pessoas tinham desistido há muito de perguntar-se porquê. Podia-se morrer todos os dias, das formas mais impensáveis, bastava estar no sítio errado à hora errada nas ruas e nos becos que não se podia evitar percorrer. Contudo, procuravam manter a máxima disciplina possível. Os médicos do gueto ofereciam aulas para ensinar os residentes acerca da importância das medidas de higiene. Era a única forma de prevenir uma transmissão ainda mais agravada do tifo.

E foi isto que o doutor Landauer, um médico dedicado, ensinou também aos jovens do círculo de Ewa, numa fria manhã de março. Bem agasalhados, uns sentados, outros de pé, reuniram-se numa cave iluminada apenas por um feixe de luz filtrado pela ventilação ao nível da estrada. Acender a luz seria perigoso porque todos os tipos de ensino estavam proibidos no gueto.

– A doença alimenta-se das condições catastróficas em que vivemos – sublinhou, mais uma vez, o doutor Landauer. Os jovens agarravam-se a cada palavra, como se a iminente abertura do gueto dependesse apenas da sua capacidade de concentração. Landauer agarrou num jornal introduzido no gueto pela resistência polaca através dos canais secretos e leu-o. – Aqui estão as últimas notícias: a densidade demográfica no gueto e as condições higiénicas e sanitárias são desumanas. Em muitos apartamentos, vivem até vinte pessoas num só quarto – levantou o olhar. Alguns alunos tinham a cabeça baixa. Estas informações não eram novidade para ninguém. – Creio que saibam o que significa – continuou o médico. – As vossas vidas e as das vossas famílias dependem daquilo que vos ensinei hoje. São vocês… – Foi interrompido por gritos vindos lá de fora.

Ouviu-se o bater de botas no passeio, várias pancadas ecoaram contra as paredes do edifício. Outro grito, outro golpe. Os passos tornaram-se mais rápidos, depois mais lentos, e aproximaram-se. «É nesta zona!», ouviram gritar em alemão. «Ali atrás há mais». Irena sabia o que se passava lá fora. A SS não tinha atingido a quota diária de trabalhadores forçados para os campos circundantes e, agora, estavam a caçar, de forma indiscriminada, todos os homens com quem se cruzavam.

Todos sustiveram a respiração dentro da cave. Alguns jovens puxaram para si os irmãos mais novos. O rosto do doutor Landauer continuava impassível, mas mesmo este estava petrificado. Os passos pararam. Uma sombra tapou o feixe de luz em frente à ventilação. Irena não ousou mexer-se. Os homens estavam de pé, mesmo em frente à cave e, se percebessem o que se passava ali, então… Não

terminou o raciocínio.

De repente, as botas começaram a mover-se. Os passos ressoaram no passeio, os jovens voltaram a respirar e uma menina deixou escapar um soluço engasgado.

– Silêncio! – Ordenou Landauer. – Silêncio e disciplina. Contra a doença e contra quem está lá fora. Acham que eles são os únicos soldados? Não… – Esboçou um sorriso triste. – Cada um de vocês é um soldado nesta guerra. E estão na linha da frente. Ninguém vos perguntou se era o que queriam, mas as coisas são assim. Agora, têm de ser fortes. Aliás, mais fortes. Temos de ser todos muito mais fortes do que aqueles lá fora… só assim talvez possamos sobreviver a tudo isto.

Depois da aula, Irena, o doutor Landauer e os miúdos saíram da cave com a maior cautela e um de cada vez. Ninguém podia aperceber-se de que tinha ocorrido ali uma reunião. Quando chegou a casa de Adam para ir buscar as bonecas que tinha lá deixado para o doutor Korczak, Irena já estava atrasada. Adam não estava em casa. A mãe dele entregou-lhe a mochila. Irena foi cautelosa e escondeu as bonecas debaixo de ligaduras e pensos, mas teve sorte. Ninguém a revistou durante o trajeto até ao orfanato de Korczak.

Abriu a porta pesada e avançou pelas escadas rodeada pela escuridão. As paredes do edifício em ruínas estavam a desmoronar-se, as escadas estavam gastas, mas era sempre bom ir lá, já que as crianças pintaram nas paredes com cores vivas pessoas, árvores e animais. Eram imagens calorosas, cheias de esperança e de alegria de viver, um bem muito raro no gueto, que Korczak tentava, ainda assim, transmitir todos os dias aos seus protegidos.

Quando chegou ao primeiro andar, não havia nada a não ser silêncio e Irena parou. O medo apoderou-se dela. Teria acontecido alguma coisa? Depois, ouviu a voz de uma criança. Falava bastante e era o único a falar. Quando terminou o seu discurso, ouviu-se uma outra voz, que respondeu com um tom aceso. Irena recomeçou a andar. Quando chegou ao corredor do primeiro andar, seguiu a voz e abriu uma porta devagar. À sua frente estava uma sala ampla. Mais de cem crianças de várias idades estavam sentadas em círculo. Algumas cabeças viraram-se para ela, mas o rapaz que falava no centro era claramente mais interessante.

Irena dirigiu-se ao doutor Korczak, que estava de pé perto de uma janela. Este sorriu, mas depois levou um dedo à boca.

– O nosso tribunal das crianças – sussurrou-lhe quando Irena já estava perto.

– Fazemo-lo uma vez por semana.

Irena franziu o sobrolho, mas não ousou perguntar porque é que a rapariga no centro tinha parado de falar. Cinco crianças com blocos azuis escuros na mão avançaram.

– Agora, vamos reunir o conselho – comunicou um deles. Fizeram um círculo pequeno com as cabeças no centro. Serpen-tearam sussurros e murmúrios pelas outras crianças.

Korczak explicou baixinho:

– Se alguma criança se sentir injustiçada aqui no orfanato, não se grita, não se bate nem se arranha. A criança só tem de dizer «Vou-te processar!» e inserir o seu «caso» numa lista. Uma vez por semana, os casos são ouvidos por todas as crianças. Para todos os casos há cinco crianças, contra as quais não há nenhum processo, que fazem de júri – indicou o grupo de cinco. – São aqueles com os blocos.

Irena ficou impressionada. Antes do previsto, os cinco pequenos jurados pediram que se fizesse silêncio.

– A Maja arrancou a orelha do macaco da Jana, – disse um deles – admitiu-o e pediu desculpa. Também é a primeira vez que faz uma coisa destas. Para fazer as pazes, tem de costurar a orelha. Aceitam?

Jana e Maja olharam uma para a outra com incerteza por um instante, depois assentiram.

– Boa, este era o último caso do dia. O tribunal vai retirar-se até à próxima semana – concluiu a audiência um outro pequeno jurado.

Voltaram todos a falar e a rir entre si.

– É incrível! – Irena tinha de falar mais alto para se fazer ouvir, mas Korczak já tinha começado a andar em frente e disse:

– Na casa de banho, junto aos baldes, há outra vez imensas moscas – as crianças ficaram em silêncio. – Portanto, o preço por uma sanita melhor aumentou para quinze moscas por dia – um murmúrio alegre atravessou o grupo, depois o cerco fechou-se definitivamente.

Janusz Korczak voltou para junto de Irena e ia dizer-lhe alguma coisa quando chegaram dois rapazes a correr.

– Doutor, doutor – gritou um deles, quase sem fôlego.

– O senhor disse que podemos usar a sanita boa se conseguirmos pagar as quinze moscas. Hoje, não consegui apanhar nenhuma, mas… – fez uma careta. – Elas fogem muito. E eu gostava tanto de usar a sanita. Posso pagar depois?

– Eu já apanhei dezoito hoje – informou-o o seu amigo, igualmente frenético. – Posso dar-lhe três, como adiantamento? – Ficaram os dois à espera, confiantes.

– Aprovado – aceitou Korczak sorrindo, e os rapazes correram dali, tal como tinham chegado. Irena olhou para Korczak incrédula.

– As crianças apanham moscas como pagamento para usarem a sanita da casa de banho?

Korczak sorriu, divertido.

– Desde que a canalização congelou em janeiro e tivemos de começar a usar os baldes que não conseguimos livrar-nos da infestação de moscas, apesar do frio, e por isso é preciso ser criativo.

Irena riu-se à gargalhada. Era mesmo «o velho doutor» que conhecia da transmissão de rádio.

– O tribunal das crianças é uma grande ideia – repetiu Irena. O sorriso de Korczak desapareceu.

– Grande? Não sei se é. Mas, pelo menos antes da guerra, nunca tive de me preocupar em ensiná-los a ler e a escrever. A escola tratava disso. Eu trato, sobretudo, da educação moral. Mais tarde ou mais cedo, as crianças vão tornar-se adultos e quero que sejam boas pessoas com capacidade de resolver os problemas sem recorrer à violência.

– Vamos precisar de pessoas assim… quando tudo isto terminar.

De repente, aquele homem, habitualmente sempre cheio de energia, parecia velho e cansado. Tentou sorrir, mas não conseguiu.

– Sim, senhora Sendler, o futuro. Às vezes, permito-me sonhar com ele. Porque não ir à Palestina, digo eu. Lá está calor, faria bem ao meu reumatismo. Imagino-me a viver num quarto grande com um telhado plano. O telhado inteiro é o meu terraço e as paredes são de vidro, sem muros a tapar a vista. Nunca mais perderia um amanhecer ou um pôr do sol e de noite veria as estrelas – suspirou. – Um dia, senhora Sendler, um dia – depois, esfregou as mãos. – E agora, mostre-me o que faz o meu velho amigo Witwicki no seu interminável tempo livre.

Capítulo Quinze

O sol punha-se tarde naquelas primeiras semanas de verão, mas já começava a escurecer. Sentado à secretária, Adam Czerniaków escrevia uma carta. Nas últimas horas, a mulher já lhe tinha ligado duas vezes para saber quando chegaria para jantar. Das duas vezes, pediu à sua secretária que a tranquilizasse. Não se podia ir embora agora, não antes de escrever aquela carta. Era sobre os problemas de eliminação de resíduos no gueto. Já tinha descartado várias versões; por vezes, as suas palavras eram muito duras, outras vezes pareciam muito suplicantes. Não conseguia encontrar o tom certo.

– Deixe-me passar! Mexa-se, tenho de entrar!

Ouviu-se a voz histérica de uma senhora proveniente do corredor.

– Senhora, não pode… Como se atreve? Mas será que enlouqueceu?

A segunda voz era da secretária de Czerniaków, a senhora Tyszka, que nunca saía do escritório antes do seu chefe.

– Enlouqueci pois. E tenho todos os motivos para isso!

Aproximaram-se passos decididos. Depois, a porta do gabinete de Czerniaków escancarou-se e entrou uma mulher furiosa. Trazia pelo braço um jovem que seguia aos trambolhões atrás dela. Tinha o rosto encovado coberto de suor, o cabelo rapado e o corpo magro. Os seus olhos tinham um ar febril. Atrás daqueles dois espreitava o rosto da secretária de Czerniaków.

– Tentei impedi-la, mas aquela louca arranhou-me – gritou indignada a senhora Tyszka, mostrando uma marca vermelha no braço.

Czerniaków levantou-se, foi até ela e, com uma voz calma, disse:

– Já vou ter consigo num instante, senhora Tyszka. Aliás, fazemos assim: vá para casa. Já é tarde e eu também irei mal termine o que tenho para fazer.

– E a carta que me pediu para passar a máquina?

– Faz isso amanhã – por um instante, a senhora Tyszka olhou para ele, duvidosa. Mas depois anuiu e foi-se embora.

Czerniaków voltou para o gabinete. O jovem estava enrolado sobre si mesmo numa cadeira. Saiu-lhe um golpe de tosse estridente da boca cortada. Contorceu-se, ofegante, e cuspiu saliva para a cavidade da mão.

Czerniaków olhou, impotente, para a mulher com madeixas de cabelo grisalho que lhe caíam sobre o rosto. Nas suas faces formaram-se manchas vermelhas.

– Como posso ajudá-la? – Perguntou.

– Pode ajudar-me ao ter vergonha – a sua voz estava mais calma, mas ainda assim ríspida, como se estivesse carregada de ódio. – Olhe para o meu menino e tenha vergonha, senhor presidente do Conselho de Judeus. Há uns meses, os alemães procuravam homens para os campos de trabalho e também prometiam pagar. Você, o senhor Czerniaków, apelou para que as pessoas se voluntariassem. Organizou o recrutamento e fez de tudo para atingir as quotas que os alemães pretendiam. Agora, veja o estado em que está o meu filho. Quantos anos acha que ele tem? Quarenta e cinco? Cinquenta? Eu digo-lhe. O Leo tem vinte e sete anos. Tem uma mulher e duas filhas pequenas, o meu marido já cá não está. O Leo voluntariou-se porque perdeu o trabalho fora do gueto. Pensou que podia ganhar dinheiro no campo para podermos viver – por uns instantes, a mulher fixou Czerniaków com raiva. Este olhava para ela, petrificado.

– Sim, – continuou a mulher – olhe bem para ele. Pagavam- -lhe 3,20 zlótis por dia e descontavam-lhe até a comida. Mas esta nem é a pior parte. Acordavam-no às cinco da manhã, a ele e aos outros, com bastonadas e pontapés. Tinham de percorrer quilómetros a pé para ir trabalhar. Limpavam os rios. Ficava imerso na água até não poder mais, todos os dias, em pleno inverno. Só comia uma sopa aguada e uma fatia de pão. Durante meses dormiu numa barraca gelada com roupas molhadas. À volta dele, todos os dias morria um, caíam que nem moscas. Ele conseguiu, voltou, mas isto – apontou para o homem com os olhos vazios e brilhantes – já não é o meu filho. O meu Leo já não existe. Mesmo que sobreviva, já não pode cuidar de mim e da sua família. Atiraram o meu filho para os meus pés como se fosse lixo e ainda tenho de agradecer por ter regressado.

Czerniaków recuperou o fôlego para dizer qualquer coisa, mas a senhora interrompeu-o.

– Esteja calado! Não quero ouvir uma palavra que tenha a dizer. Só quero que veja com atenção. Isto é obra sua. Não passa de um maléfico cúmplice do demónio – puxou o seu filho da cadeira. – Olhe bem para ele e tenha vergonha – cuspiu em frente a Czerniaków ao passar à sua frente para sair com o filho logo de seguida.

Czerniaków deu um passo atrás, transtornado. Foi atingido por uma vertigem súbita e agarrou-se à quina da mesa. Agarrou-se com tanta força que os nós dos

dedos ficaram brancos.

Capítulo Dezasseis

Os habitantes do gueto tinham depositado as suas esperanças no verão, mas continuaram desiludidos. Ainda que já não houvesse mendigos mortos nas ruas pela manhã devido ao frio, as medidas sanitárias não atingiram o seu objetivo de prevenir o pico da epidemia do tifo. Todos os dias morriam centenas de pessoas. Homens, mulheres, idosos e crianças. À porta do hospital de Ala estava afixado um cartaz que dizia: «Não temos camas livres». Os outros dois hospitais do gueto tinham fechado as portas.

– É desumano – comentou Ala. – Mas o que podemos fazer? Temos pessoas estendidas no chão nos corredores. Não podemos aceitar nem mais um paciente, não há lugar, já para não falar dos medicamentos para os ajudar.

Irena sabia o que a amiga tinha de enfrentar todos os dias como coordenadora dos enfermeiros. Queria ajudar, realmente ajudar. Era o seu trabalho, a sua vocação, a sua natureza. Contudo, o melhor que podia oferecer aos doentes era uma cama com lençóis sujos e um pouco de água e pão.

– No entanto, se fosse por mim, acolhia-os a todos – partilhava a sua frustração com Irena. – Porque mesmo não os podendo curar, não podendo dar-lhes roupas limpas nem comida suficiente, muitos estão simplesmente gratos por terem, pelo menos, um teto sobre a cabeça nas últimas horas de vida e por não morrerem sozinhos.

Irena pensava nisto enquanto caminhava pela poeirenta Rua Leszno a meio de um dia no fim de junho. Tinha o rosto ruborizado e estava a transpirar. No gueto era inútil procurar árvores grandes com copas espessas que, no resto da cidade, presenteavam muitas ruas com a sua sombra. Não havia espaços verdes, não havia um único parque. Irena tinha levado dinheiro e medicamentos aos seus dependentes mais pobres e ia para casa de Adam quando, ao longe, viu um homem muito magro. Apenas as suas roupas estragadas, vários tamanhos acima do dele, atestavam que uma vez, há muito tempo, teria comido três refeições por dia. Mas não era este o motivo que tinha chamado a atenção de Irena; as pessoas magras e esfarrapadas eram algo habitual nas ruas do gueto.

O homem continuava a cambalear no passeio, e levava nos braços um menino

que Irena estimava que tivesse treze ou catorze anos. A cabeça, os braços e as pernas pendiam inertes, o rosto em brasa, os olhos fechados. Entretanto, o pai tinha conseguido chegar à entrada do hospital. Hesitante, ficou ali parado, sem saber se entrava apesar do cartaz que estava na porta. O seu olhar vagueava por todas as direções, como se pudesse chegar ajuda ou, pelo menos, um conselho de algum lado. Depois, inclinou-se e pousou o rapaz no passeio com cuidado. Moveu-lhe a cabeça e os membros delicadamente para uma posição que parecia mais confortável para o seu filho e levantou-se.

Como se o rapaz se tivesse apercebido do movimento, começou a emitir lamentos e a contorcer-se e a virar-se. O pai deu um passo atrás e tapou o rosto com as mãos. A porta do hospital abriu e uma jovem enfermeira com um ar perturbado desceu rapidamente os degraus.

– Não viu o cartaz? – Perguntou. – Não pode pôr o menino aqui na rua… – Interrompeu o que estava a dizer quando viu que o homem começou a soluçar, desesperado, e a tremer por todo o corpo.

– Tarek – chamou. – Tarek.

A enfermeira não sabia o que fazer primeiro, depois curvou-se sobre o rapaz que tinha parado de se mexer e emitia apenas alguns gemidos débeis. Por fim, estes cessaram. A mulher pôs-lhe um dedo no pescoço, baixou a cabeça e permaneceu imóvel por um instante, depois fechou os olhos do rapaz.

Irena não viu o que aconteceu a seguir. Começou a correr pela estrada fora, com os olhos cheios de lágrimas devido à raiva e ao sentimento de impotência. Só quando chegou à entrada da casa de Adam é que se tentou acalmar. Lá de dentro ouviam-se as vozes de Adam, da mãe e da tia Dora. Pareciam estar no pátio. Irena entrou e, de facto, encontrou-os aos três a trabalhar na pequena horta criada pelos habitantes do prédio no pátio, depois de removerem parte do pavimento de pedra. As verduras oficialmente importadas para o gueto consistiam em pouco mais do que cenouras murchas, nabos amarelos e batatas podres descartadas pelos alemães.

Irena cumprimentou a mãe e a tia de Adam, que vivia noutro apartamento com o marido Jakub, mas fazia sempre uma visita à irmã. Depois, sorriu para Adam e pôs mãos à obra. Juntos removeram as ervas daninhas e regaram tudo. As duas mulheres falavam sobre a notícia de que todos falavam há dias: no dia 22 de junho de 1941, os alemães quebraram o pacto de não agressão com a União Soviética e atacaram o seu ex-aliado.

– A raça ariana precisa de mais espaço vital – comentou sarcasticamente a mãe

de Adam, contando aquilo que tinha sido anunciado nos jornais. A tia Dora endireitou as costas com as mãos cheias de terra.

– Que foi? Que marchem até Moscovo. Achas mesmo que os russos os vão deixar? Um país assim tão grande… Hitler nunca na vida vai conseguir, nem nos anos que ainda tenho por viver. Talvez os russos tenham menos equipamento, mas os alemães não têm homens que cheguem. Por cada russo morto, aparecem mais cinco. Na minha opinião, é a melhor coisa que poderia acontecer, acredita em mim. Os alemães deram um tiro no pé com esta história da Rússia. Finalmente o Hitler cometeu um erro. A Rússia vai pô-los de joelhos e, então, seremos livres.

– Talvez tenhas razão – respondeu a mãe de Adam. – Espero é que ainda cá estejamos quando esse dia chegar.

A tia Dora permaneceu em silêncio e mais ninguém abriu a boca, mas todos pensavam no mesmo. De manhã, uma notícia aterradora tinha chegado à cidade. Ainda ninguém sabia com certeza se era verdade, e muitos nem sequer queriam acreditar, mas Irena e Adam não se iludiam. Dizia-se que na cidade de Bialystok os alemães tinham juntado mais de mil judeus na sinagoga e incendiaram-na. Quase ninguém sobreviveu.

– O Szymon foi aceite no Serviço Policial judaico – disse Dora, interrompendo o silêncio e procurando dar à sua voz um tom despreocupado. Era evidente que queria afastar os pensamentos maus. Lembrou-se do filho dos vizinhos mesmo a tempo, já que Dora sabia o que a irmã pensava do Serviço Policial judaico.

– Que horror! – Disse com desprezo. Estava felicíssima por se poder distrair dos pensamentos mais sombrios. – Típico dos Horowitzen. Quem sabe quanto terão pago para que ele ficasse com o cargo. Mas também não se importam se ele acabar por sujar as mãos. Não percebo como é que aqui no gueto são capazes de intimidar o próprio povo e tornar-se cúmplices dos alemães.

Irena e Adam trocaram um olhar. Sabiam o que ia acontecer, pois já tinham ouvido aquela discussão dezenas de vezes, e também eles já tinham falado muito do assunto. Não havia quase ninguém no gueto que não odiasse e, ao mesmo tempo, invejasse os jovens do Serviço Policial.

Efetivamente, Dora reagiu como previsto.

– Estás a ser muito dura – advertiu a irmã. – Se estiveres no Serviço Policial, a tua família recebe racionamentos maiores e é protegida dos trabalhos forçados. Vais mesmo julgar quem tenta fazer com que o seu filho entre?

– Mas os fins têm mesmo de justificar os meios? – A mãe de Adam ficou furiosa. – E mais, isso não justifica o zelo inacreditável com que muitos deles tentam parecer bons em frente aos alemães.

A discussão continuou durante bastante tempo. Quando pousaram os utensílios, o pátio já estava escuro. A mãe e a tia de Adam entraram em casa e Irena também tinha de ir.

– A minha mãe não se sentia bem esta manhã. Sabes como é, o coração.

Adam assentiu.

– Eu acompanho-te por um pouco.

– Não sei, Adam. A esta hora, os alemães estão a encher os camiões para os campos de… – Não foi capaz de terminar a frase.

– Não vou permitir que me impeçam de te acompanhar – disse Adam sem admitir objeções.

Suspirou em protesto, mas, lá no fundo, estava feliz. Passearam em silêncio ao longo da Rua Sienna. Irena queria aliviar o coração e contar a Adam sobre o homem com o filho morto às portas do hospital de Ala, mas algo a dissuadiu de o fazer. Estes minutos a sós com Adam sem a família dele e sem os seus amigos eram preciosos para ela, não queria falar apenas das coisas terríveis que tinham de suportar todos os dias. Nem sequer falou de Mietek: a bronquite que apanhara na primavera, que provocou grande preocupação a Irena, tinha felizmente passado. Irena gostaria muito de rever Mietek em breve, contudo, nos últimos meses tornou-se claro que o seu casamento tinha terminado para sempre porque o seu coração pertencia a outro.

Irena semicerrou os olhos com a luz do sol já mais baixa. O passeio estava à sombra e ainda fazia calor, mas não demasiado. A Rua Sienna era ampla, estava ladeada de belas casas e por ali passeavam mulheres e homens com roupas limpas. De uma padaria vinha o perfume de pão branco, que só os ricos daquela zona podiam comprar, enquanto no resto do gueto as pessoas morriam à fome. No entanto, durante aqueles minutos, Irena rendeu-se à ilusão da normalidade. Naqueles tempos, o regresso a casa era o que havia de mais parecido a um passeio de verão.

Caminhavam lado a lado em silêncio, o braço de Adam roçava no seu a cada passo, as palavras só iriam atrapalhar. Depois, o som de passos velozes cada vez mais próximos fê-los estremecer. Irena olhou para Adam, mas a reação deles foi muito tardia. Um homem dobrou a esquina em frente a eles e por pouco não os fez cair. Tanto ele como Adam quase perderam o equilíbrio. O jovem devia ter

um bom motivo para andar assim com tanta pressa, uma vez que continuou a correr sem se desculpar. Ouviram mais passos, desta vez de botas pesadas, e surgiu um rosto ruborizado que pertencia a um polícia judeu, que os ultrapassou na perseguição ao jovem.

Um pressentimento horrível invadiu Irena.

– Vá, vamos – instintivamente, agarrou na mão de Adam e arrastou-o consigo. Caminhavam o mais depressa possível sem correr, os sentidos de Irena estavam em alerta. De repente, notou que os passos do polícia já não se ouviam e parou.

– Que foi? – perguntou Adam.

Voltaram a ouvir-se os passos de antes, mas desta vez não se afastavam, pelo contrário, vinham na sua direção.

– Corre, Adam! – Gritou, mas não chegaram longe. Outro polícia apareceu à frente deles enquanto a voz do primeiro lhes chegava às costas.

– Apanha esse! O outro escapou.

Irena e Adam olharam à volta em pânico: não havia um pátio ou uma loja à vista. Adam queria atirar-se para a estrada, mas o polícia já estava em cima dele e torceu-lhe o braço atrás das costas. Adam gritou de dor e raiva, tentando libertar-se do polícia. Também Irena lutava para soltar o braço dele, mas o segundo homem de uniforme apanhou-a.

– Corre! – Gritou Adam. – Salva-te!

Os dois polícias levaram-no consigo. Irena correu atrás deles. Ali! Reparou num movimento pelo canto do olho. Abriu-se a porta de uma loja. Antes que Irena se apercebesse, alguém a agarrou pelo ombro e arrastou-a até uma alfaiataria. A porta fechou-se atrás dela.

– Não! – Gritou Irena. – Não! Deixe-me!

Um homem agarrava nela com firmeza e atrás do balcão estava uma senhora de cabelos grisalhos com uma bata vestida. Estava de pé e olhava para Irena com atenção.

– Tenho de sair – implorou Irena. – Tenho de ajudar o meu amigo.

– Já não há nada a fazer, minha querida. Agora, só te podes ajudar a ti, antes que vás parar à prisão de Pawiak – disse a mulher.

Irena refletiu.

– Têm uma porta traseira? Deixavam-me ir se prometer voltar a casa por ruas secundárias?

Por um momento, a velha senhora olhou para ela com dúvidas, depois acenou

para a divisão atrás de si.

– Deixa-a ir, Yaron.

O aperto que sentia no braço relaxou.

– Obrigada – disse Irena antes de desaparecer pela porta das traseiras. Realmente, era possível aceder ao pátio por ali através de uma porta. Correu, mas não na direção em que Adam desapareceu. Implorar para que o libertassem era inútil e, se tivesse tentado fugir, teriam disparado contra ele. Só havia uma hipótese.

Chegou já sem fôlego a casa da sua amiga Rachela Rosenthal. Rachela tinha estudado literatura polaca e antes da guerra era professora. Agora, no gueto, juntou-se a um grupo de professores que continuavam a dar aulas às crianças em segredo. Contudo, se Rachela a conseguisse ajudar não seria graças ao seu bom coração ou à sua força de vontade, mas sim por ter um pretendente no Serviço Policial judaico que, escusado será dizer, não tinha hipóteses. Rachela tinha um casamento feliz e uma filha, mas Irena sabia que o jovem continuava a fazer-lhe olhinhos e era disso que se queria aproveitar. Talvez fosse errado, mas não era o momento para sentir remorsos.

Teve sorte, Rachela estava em casa. Irena explicou-lhe rapidamente o que tinha acontecido.

– Podias pedir ajuda ao Tadek? Talvez nos possa ajudar. Por favor, Rachela, não sei o que mais fazer.

Rachela assentiu com cumplicidade.

– Tens alguma coisa de valor contigo? Qualquer coisa.

Inicialmente, Irena olhou para ela com um ar inquisitivo, depois percebeu ao que se referia a amiga. Era provável que Tadek tivesse de oferecer algo a um colega para «resgatar» Adam do ponto de recolha. Deu voltas e voltas à cabeça.

– Só tenho este pequeno relógio de bolso – respondeu. Estava quase a chorar.

Rachela pegou no relógio e abanou ligeiramente a cabeça.

– Suponho que a família do Adam tenha alguma coisa, mas não temos tempo. Fica aqui à espera – saiu da sala e regressou com uma mala pequena.

– Rachela, o que…

A amiga interrompeu-a.

– Tenho de ir ter com o Tadek. Vai para casa do Adam, se o Tadek concordar e conseguir libertá-lo, vais poder abraçá-lo. Se ele não quiser… – Hesitou. – Se ele não quiser, eu aviso-te.

Saiu sem dizer mais nada. Atordoada, Irena voltou para casa de Adam por ruas

secundárias, tentando afastar todos os pensamentos à medida que surgiam. Chegada à porta de casa, foi tocar à campainha com o dedo, mas deixou cair a mão. Lá de dentro ouviam-se as vozes da mãe e da tia de Adam. Tinha mesmo de deixar as duas senhoras desesperadas quando ainda havia esperança?

Irena sentou-se num degrau das escadas num andar mais abaixo. Apesar do calor de verão que se sentia fora das janelas, aquele sítio estava quase frio. Irena estava tensa como uma corda de violino.

Teve de recorrer a todas as suas forças e disciplina para não desatar a chorar. Quanto tempo teria passado desde que Rachela saíra? Já não tinha o relógio. Meia hora? Uma hora? Duas?

Por fim, veio um barulho lá de fora. Quando a porta do rés do chão voltou a abrir, o pânico instalou-se. Vinha alguém a subir as escadas devagar. Talvez fosse Rachela. Podia levantar-se, ir a correr na direção dos passos, mas tinha medo do que a esperava.

– Adam!

Ele olhou para o andar de cima. Quando a viu, petrificou. Estava branco como a cal e os seus olhos escuros aumentaram drasticamente de tamanho. Irena levantou-se. Nesse preciso momento, Adam agarrou-a e abraçaram-se como se nunca mais se fossem largar. Adam foi abanado pelos soluços, que primeiro eram brandos, mas depois tornaram-se cada vez mais violentos. Irena abraçou-o com mais força. Por fim, acalmou-se. Olharam um para o outro. Irena limpou-lhe as lágrimas docemente, os lábios de Adam aproximaram-se até roçarem nos dela. Ficaram assim por um instante e beijaram-se.

Capítulo Dezassete

O gabinete ficava ao fundo do corredor. A luz quente da tarde era filtrada pelas janelas altas e desenhava longos retângulos no soalho. Ouvia-se o barulho do trânsito de Berlim ao longe. O tenente-general da SS, Reinhard Heydrich, parou em frente à porta, despiu o casaco preto do uniforme e tirou o chapéu. O seu olhar pousou na placa que havia na porta: «Hermann Göring, Marechal do *Reich*».

Bateu à porta. De imediato, ouviu um «Entre!» enérgico e entrou. Göring foi logo ao seu encontro.

– *Heil Hitler*!

– *Heil Hitler*! – Heydrich fez a saudação.

– Pode ir – disse Göring à secretária.

Ela levantou o olhar, embasbacada.

– Mas não devia…?

– É apenas um copo com amigos, senhora Schmitz. Pode continuar mais tarde – em silêncio, a secretária levantou-se e saiu da sala. Göring convidou Heydrich a pôr-se à vontade e preparou-lhe um conhaque. – É um prazer vê-lo, Comandante Superior – disse, saudando-o.

Heydrich pegou no copo. Estava ansioso por ouvir aquilo que o marechal tinha para lhe dizer. Este não o fez esperar muito.

– Pedi-lhe que viesse, caro Heydrich, porque é necessário tratar, outra vez, o problema mais lamentável de todos: a questão judaica. As leis de Nuremberga permitiram-nos dar um passo em frente. Expulsámos os judeus da nossa sociedade, da nossa cultura, da nossa economia. Mas não nos livrámos de tudo. Eles ainda andam por aí nas nossas cidades alemãs, entre nós, todos os dias.

– Estão a pensar criar guetos como na Polónia? – Interveio Heydrich. Göring sorriu.

– Guetos? Oh, não, não iria solucionar nada. Ouvi dizer que não são uma solução nem a leste. Têm um grande problema em termos de capacidade: milhões de judeus, guetos sobrepopulados e aquelas terríveis doenças. Isto custa-nos muito em termos de tempo, pessoal e dinheiro!

– Naturalmente, podiam construir-se novos guetos a leste e mandar para lá todos os judeus alemães…

Göring levantou a mão para interrompê-lo e Heydrich calou-se.

– O *Führer* está convencido de que a nossa política de emigração não esteja a funcionar, para já. Quem quer os judeus? Quem os devia acolher? Os americanos?

– Ficariam gratos.

– Pois é, Heydrich, pois é. Ninguém quer os judeus. Nem os polacos, já têm lá muitos. Quantos é que há para aqueles lados?

– Dois milhões e meio, três milhões?

Göring agitou a mão como se precisasse de apanhar ar ao ouvir este número.

– Três milhões. E, se vencermos a guerra contra os russos, em breve, serão mais cinco milhões. E teremos de construir guetos novos para todos? – Suspirou. – Os guetos, Heydrich, não são mais do que uma forma de prolongar o problema em vez de o resolver, está a perceber o que quero dizer?

Heydrich permaneceu em silêncio por um momento. Depois disse:

– Penso que percebi.

– Muito bem, – Göring apoiou as mãos nos joelhos – porque gostaria que o senhor tratasse disso. Esta reunião serve para lhe dizer que lhe confio oficialmente a tarefa de providenciar todos os preparativos organizacionais, materiais e operacionais para uma solução final global da questão judaica. E, quando digo «global», quero dizer «global». Vamos finalmente limpar a nossa Europa.

– Está a confiar-me essa responsabilidade em exclusivo? – Heydrich não foi capaz de conter a sua surpresa.

– Digamos que o comando e a responsabilidade suprema são seus – respondeu Göring. – Mas temos de envolver os representantes de todos os organismos implicados na questão judaica, consultá-los formalmente, se é que me entende. Sugiro-lhe convocar uma conferência.

– Sim, de acordo. Seria bom que todos remássemos na mesma direção. Contudo, vêm-me em mente algumas pessoas que poderiam sentir remorsos se adotássemos uma solução pragmática e radical.

– Oh, sim, sei a quem se refere – Göring começou a rir. – E é por isso mesmo que é necessário calçar as luvas de veludo da retórica e utilizar expressões neutras. Evite palavras como «matar», «assassinar», «executar» ou outros termos desagradáveis. Concentre-se nos aspetos pragmáticos. Como acha que

devemos chamar esta operação?

Heydrich refletiu.

– Porque não manter os termos que usávamos antes, quando ainda pensávamos em livrar-nos dos judeus ao evacuá-los da Alemanha?

Göring não percebeu imediatamente.

– «Evacuação» – precisou Heydrich. – Só que, desta vez, não os vamos enviar para outros países, mas sim para outro sítio… – Sorriu.

Göring riu-se com gosto.

– Excelente. Fica assim.

– Falta perceber como.

Göring abanou a cabeça.

– O problema já está resolvido em termos técnicos. Este verão, construímos vinte camiões para utilizar o gás. Os fumos do escape serão introduzidos diretamente na caixa. Há espaço para várias dezenas de judeus. Queremos utilizar alguns na Polónia, em breve, no campo de concentração de Chelmno, mas os nossos técnicos também estão a trabalhar em soluções mais eficazes. Penso que dentro em pouco teremos a possibilidade de usar as câmaras de gás, depois já não iremos precisar dos camiões. Uma solução mais eficiente e muito mais conveniente. E acredite em mim: funciona.

– Vai dar-me todas as informações necessárias? – Perguntou Heydrich.

– Mas é claro. A partir de agora, o senhor é o meu intermediário direto. Todavia, é preciso que nomeie também o seu vice. Tem alguém em mente?

Heydrich não precisou de pensar muito.

– Adolf Eichmann do Gabinete Central de Segurança do *Reich*. É responsável pelas questões relativas à evacuação e à emigração dos judeus.

– Mas é claro! – Göring estalou os dedos. – Uma excelente escolha. E deve absolutamente convidar o nosso amigo Bühler, o vice-governador do Governo Geral polaco, para a sua conferência, e também o Stuckart, que colaborou nas leis de Nuremberga. Talvez também o Müller, o líder da Gestapo, e o Rudolf Lange, comandante da Sipo na Letónia. Um homem muito capaz.

– E temo que não possamos deixar o Kritzinger, da Chancelaria do *Reich*, de fora – Heydrich franziu o sobrolho, em dúvida.

Göring endireitou as costas na poltrona e deu um gole do seu conhaque.

– Não, infelizmente não. Precisamos que o Kritzinger concorde, pelo menos formalmente. Mas o senhor vai conseguir, sei que estou em boas mãos.

Heydrich assentiu, pensativo, enquanto Göring levantava o copo.

– À solução final, Heydrich!
– À evacuação!

Capítulo Dezoito

– Entre!

A porta ficou entreaberta e um homem jovem e pálido, com vestes negras de sacerdote, enfiou a cabeça dentro do gabinete com cautela. Tinha o cabelo loiro e fino e usava óculos com uma armação de metal.

– Posso ajudá-lo? – Perguntou Irka gentilmente.

O homem parecia envergonhado.

– Na verdade, estou à procura da senhora Sendler. Ela não está?

Irka olhou para o relógio.

– Está a fazer visitas domiciliares. Vai demorar mais duas ou três horas. Mas pode dizer-me, colaboro com a senhora Sendler.

O jovem hesitou, mas depois abriu a porta mais um pouco. Irka levantou-se da secretária e estendeu-lhe a mão.

– Irka Schultz. Como posso ajudá-lo?

O jovem sacerdote entrou e apertou a mão de Irka, mas ainda parecia hesitante. Por fim, sentou-se na cadeira que lhe foi oferecida.

– Sou o padre Viktor – começou. – Estou aqui porque acolhemos três refugiados na nossa paróquia. Perderam tudo, não têm nada.

Explicou a situação e Irka prometeu ocupar-se daquela questão. Contudo, de repente, o jovem sacerdote já não estava com pressa e pôs-se a falar da cantina dos pobres da sua paróquia e da situação catastrófica dos sem-abrigo.

– Mas não me posso queixar – disse ele, por fim. – Pelo menos, a minha igreja ainda está de pé e podemos ser úteis – Irka anuiu, mas não sabia como responder. O sacerdote não parecia estar à espera de uma resposta.

– A igreja de um amigo meu, que é sacerdote em Lwów, queimou por completo.

– Isso é terrível – comentou Irka.

– Sim, terrível – assentiu, continuando a torcer e a apertar os dedos das mãos. Depois, acrescentou: – Assim como todos os documentos. Só restaram algumas certidões de nascimento em branco.

Houve uma pausa. Irka esperava que Viktor prosseguisse, mas o sacerdote

permaneceu em silêncio. Foi então que teve uma grande ideia: as certidões de nascimento em branco eram documentos com os quais se podia criar uma nova identidade, e com esta nova identidade era possível pedir aos alemães o cartão de identificação oficial e tornar-se uma pessoa nova, manter-se em segurança. Os pensamentos sucediam-se uns aos outros na cabeça de Irka. Talvez o jovem sacerdote tivesse mencionado os documentos por aquele motivo. Teria a mesma coisa em mente? E se tivesse falado no assunto por acaso? Pôs-se a pensar ferverosamente. Já muitas vezes Irka, Irena e as outras tinham falado de como seria bom se pudessem criar identidades polacas para os seus amigos judeus que se escondiam na parte ariana, mas faltavam-lhes os documentos necessários.

Todavia, devia ser prudente. Ainda estava a pensar no que dizer quando o jovem interrompeu o longo silêncio ao limpar a garganta.

– Primeiro, pensei enviar as certidões de nascimento pelo correio, mas os alemães abrem muitas cartas e só Deus sabe o que iriam pensar se encontrassem as certidões em branco – olhou para Irka com demasiada alegria.

«Não é uma coincidência», pensou ela. «Não pode ser». Decidiu correr o risco.

– A não ser que alguém as vá buscar – disse, com uma certa despreocupação, como se o assunto não lhe interessasse.

– Sim – o sacerdote assentiu timidamente. – Já pensei nisso. Mas a viagem até Lwów é longa e desconfortável… – Hesitou.

– E perigosa – acrescentou Irka de si para si.

– Sozinho não posso fazer muito. Mas se vocês, ou melhor, a vossa autoridade…? É apenas uma ideia. Os serviços sociais de Varsóvia terão certamente contactos até fora da região.

– Claro – Irka sorriu. – Porque não?

– Muito bem – de repente, o jovem sacerdote já tinha pressa outra vez. Levantou-se, debruçou-se sobre a secretária e escreveu dois nomes e endereços numa folha. – Se alguém for realmente encontrar-se com o meu colega, diga-me e irei anunciar a vossa chegada.

– De acordo – Irka sorriu e, por sua vez, levantou-se. «Se alguém nos estivesse a ouvir, poderia pensar que estamos a falar de trocar os nossos livros preferidos», pensou ela, divertida.

Quando Viktor saiu do gabinete, Irka fez com ambos os punhos um gesto de vitória. Tinha conseguido!

Dentro em breve, teriam à disposição certidões de nascimento em branco. Irka

não via a hora de poder contar tudo isto a Irena.

Como seria de esperar, as outras ficaram entusiasmadas.

– O único problema é o risco – objetou Jaga enquanto estavam todas sentadas ao fim da tarde. Janka concordou.

– A viagem até Lwów é longa e se, na volta, os alemães revistarem o comboio e encontrarem as certidões de nascimento em branco, irão perceber logo as tuas intenções. Isto significa arriscar a vida.

Por um instante, permaneceram todas em silêncio.

– Eu vou – disse Irena, repentinamente. – Eu vou lá.

– Isto não é discutível – interrompeu-a Irka com tal rapidez e firmeza que Irena olhou para ela surpreendida. – Eu é que comecei tudo isto. E agora irei até ao fim.

E assim foi. Poucos dias depois, Irka apanhou o comboio. Discutiram tudo durante longas horas: desde que os alemães tinham requisitado todos os comboios modernos para os seus fins que restavam poucos para viagens de longa distância. Aquilo que sobrava eram vagões velhos que pareciam autênticas peças de sucata colocadas sobre os carris. Irka tinha de trocar de comboio várias vezes. As carruagens estavam cheias de pessoas que transportavam malas, sacos e trouxas, de rostos exaustos e apagados. Ninguém falava. Das janelas viam-se passar florestas, prados, lagos e campos de milho e de batatas já colhidos. Aqui e ali surgiam agricultores nas suas carroças, mas, de resto, era uma paisagem tristemente despida.

Irka saiu numa vila nos arredores de Lwów. Dali, tinha de caminhar mais dois quilómetros até uma aldeia minúscula para onde o sacerdote sem igreja tinha ido morar com a irmã.

As casas da aldeia estavam intactas. Os alemães não tinham achado sequer necessário bombardear um lugar com menos de cinquenta habitantes. A poeira castanha da estrada queimada pelo sol pousava nos sapatos e nas pernas de Irka. Um cão fazia uma sesta em frente ao portão de um jardim onde margaridas, ásteres e girassóis surgiam por detrás de uma cerca torta de madeira. Não havia vivalma, apenas o movimento discreto de uma barraca quando Irka passou à sua frente.

Estava tudo mergulhado no silêncio quando bateu à porta azul escura que lhe foi descrita. Bateu de novo: permanecia tudo imóvel, mas alguém devia ter-se aproximado da porta em bicos de pés.

– Sim? – Perguntou uma voz desconfiada.

– Padre Antoni? É a senhora Schultz – sussurrou Irka. E acrescentou: – O padre Viktor é meu amigo.

A porta abriu e surgiu um homem magro de meia-idade. Tinha um ar aquilino. Talvez fosse por causa do nariz longo e encurvado ou dos olhos pequenos e vigilantes. O homem levou-a até ao maior dos três quartos, onde foram acolhidos por uma senhora, que Irka poderia ter percebido que era a irmã do homem mesmo no meio de uma multidão. Ao seu lado estava uma bacia onde podia refrescar-se. Depois, a senhora convidou-a a almoçar com eles. Tinha preparado uma refeição simples, mas saborosa, à base de sopa de verduras, pão e ovos.

Não se falou nas certidões em branco. Só depois de a irmã ter ido dormir é que o padre Antoni abriu um armário e tirou um pequeno envelope. Irka sentiu o coração afundar-se. Não se tinha lembrado de perguntar ao sacerdote de Varsóvia quantas certidões é que o colega tinha. Em silêncio, o padre Antoni pousou o envelope na mesa em frente a Irka. Ela olhou lá para dentro. Deveriam ser umas sete ou oito, talvez dez.

«Tão poucas», pensou. Que desilusão! Tinha dado por garantido que o sacerdote lhe teria dado uma pilha inteira… Tinha estado fora todo o dia por uma mão-cheia de certidões.

Mas, logo a seguir, envergonhou-se daquele pensamento. Oito certidões eram oito vidas. Oito vidas a salvo, talvez para sempre! Agradeceu ao sacerdote com um sorriso.

– Como pretende transportar o envelope? – Perguntou ele.

– Debaixo de uma camisa muito larga, enfiada numa saia justa ao corpo em caso de me quererem revistar. Normalmente, a primeira coisa que revistam é a bagagem de mão.

O sacerdote olhou para ela, alarmado.

– Os alemães não veem apenas a bagagem, também revistam as pessoas. Em caso de perigo, pode deixar lá a mala e ir-se embora, mas se encontrarem o envelope debaixo da camisa está feita.

Irka estremeceu. O padre Antoni tinha razão. Tinha de se lembrar de outra solução.

Nessa noite, Irka dormiu mal. Por vezes, a pequena casa estava muito silenciosa, um silêncio que, de repente, era suspenso pelos chamamentos das corujas e pelo ladrar isolado dos cães da aldeia. Irka continuava a refletir sobre as suas opções. Quando se levantou nas primeiras horas do dia, sentia-se exausta

e ficou feliz por um agricultor da aldeia lhe oferecer boleia até à estação da cidade mais próxima. O cavalo levava um pequeno carregamento de abóboras, maçãs e cenouras tão lentamente que Irka teria chegado mais rápido a pé. Ainda assim, estava grata ao agricultor.

O que a esperava era uma viagem interminável em carruagens velhas e abrasadoras. Além disso, agora já não era apenas uma jovem senhora que tinha passado alguns dias com os pais na longínqua cidade de Lwów. Se, ao contrário do dia anterior, houvesse fiscalizações, só poderia contar com a sua presença de espírito e uma boa dose de sorte.

As horas nos vagões sobrelotados eram intermináveis. Finalmente, Irka entrou no último comboio. Em pouco menos de meia hora estaria em Varsóvia. Sentia dores na palma das mãos, onde tinha espetado tanto as unhas durante aquele dia. Por sorte, tinha corrido tudo bem.

Até àquele momento. Entre chiados e rangidos, o comboio parou numa pequena cidade e lá estavam elas, as vozes alemãs.

– Fiscalização!

– Abram as malas!

– Permaneçam nos vossos lugares.

Por um momento, Irka ficou paralisada devido ao medo, mas depois obrigou-se a pensar naquilo que tinha preparado para esta eventualidade.

Levantou-se. As vozes vinham da parte da frente do comboio, e, por isso, correu para a parte de trás. O anúncio de uma fiscalização tinha espalhado o terror também entre os outros passageiros.

Muitos tentavam esconder as malas e as trouxas e Irka tinha dificuldades em avançar. Chegou à porta, mas através da pequena janela viu os alemães também no último vagão.

«Tenho de sair e apanhar o próximo comboio», pensou Irka, mas viu que os alemães faziam buscas a quem saía. Começou a transpirar, os pensamentos enchiam-lhe a mente, tentava manter uma expressão impassível, mas, na realidade, não via uma saída. Havia fiscalizações atrás de si e fiscalizações à sua frente.

Se deixasse a mala em qualquer sítio no comboio, os alemães iriam encontrar os documentos e descarregar a sua raiva nos outros passageiros inocentes. Chamavam-lhe a justiça coletiva: se não conseguissem encontrar o culpado de um crime, os inocentes pagariam com a própria vida.

Naquele momento, Irka reparou no espaço entre a porta aberta e a parede. Era

um esconderijo mísero e não esperava que passasse despercebido, mas não tinha uma ideia melhor. Irka enfiou a mala na fissura como pôde e afastou-se. O suor fazia com que o seu rosto e as suas costas brilhassem enquanto os alemães faziam buscas a cada um dos viajantes. Cada carcaça e cada maçã foram confiscadas.

Irka mostrou os seus documentos: estavam perfeitos e os alemães não perderam tempo com ela, mas a espera era insuportável. Pensava que poderiam encontrar a mala de um momento para o outro. Do seu lugar não a conseguia ver, mas outro alemão tinha entrado na carruagem. Talvez para assinalar o achado?

– Tudo a postos, vamo-nos embora.

Tudo a postos: Irka percebia esta frase, os alemães usavam-na com frequência. Teria mesmo conseguido safar-se? Parecia que sim. Os primeiros soldados saíram do comboio e caminhavam pela plataforma. Por fim, foram-se todos embora. O comboio tornou a andar fazendo um enorme esforço para arrancar. Irka obrigou-se a permanecer quieta até que tivessem deixado a estação e, depois, levantou-se. Se fosse tudo um truque, encontraria um alemão ao lado da mala à espera que o proprietário se acusasse.

Quando chegou ao fim do corredor, o seu coração parou. Ao lado da porta fechada estava uma agricultora de idade incerta. Tinha o rosto marcado pelas intempéries, o cabelo loiro acinzentado apanhado em pequenas tranças à volta do rosto redondo. Não era alta, mas era corpulenta e vestia roupas largas e sem forma. Quando viu o rosto de choque de Irka, esboçou um sorriso bem-humorado e deu um passo ao lado. Atrás dela estava a mala.

Irka não podia acreditar. A senhora pôs-se em frente à mala e tinha-a escondido com as próprias roupas durante a fiscalização. Devia ter percebido que tinha alguma coisa proibida e ocultou-a da vista dos alemães, ignorando o perigo que o seu conteúdo a poderia ter feito correr ou por quem o estaria a fazer. Agora, já sabia e sorria com um misto de orgulho e satisfação.

Irka pegou na mala.

– Obrigada – balbuciou, e estava quase a ir-se embora, mas voltou-se outra vez e deu um abraço fugaz, mas forte, à mulher. – Obrigada! – Repetiu.

Capítulo Dezanove

Com a chegada das primeiras chuvas fortes de outono a Varsóvia também vieram más notícias. Os altifalantes gritavam as últimas novidades às entradas dos prédios: a Alemanha tinha vencido a batalha do cerco de Kiev e vangloriava-se de ter capturado mais de seiscentos mil prisioneiros de guerra e conquistado quase três mil canhões. A linha da frente do exército russo tinha cedido cerca de quatrocentos mil quilómetros. Para a União Soviética, esta era uma derrota de proporções quase desconcertantes. Para os polacos e, sobretudo, para os judeus, era uma desilusão amarga. Entre o júbilo eufórico do povo alemão, Hitler tinha anunciado a marcha sobre Moscovo e, ainda que Adam não estivesse entre aqueles que tinham colocado as suas esperanças numa vitória russa, também ele permaneceu em silêncio nos dias seguintes.

Outubro acabara de começar quando a chuva se transformou em neve. Enquanto Irena atravessava o portão do gueto ao fim da tarde, uma ventania furiosa atirava contra o seu rosto os pesados flocos de neve. Vestia dois casacos, um por cima do outro, e ai de quem tentasse sequer dizer que não era preciso tanto. Afinal, estava mesmo muito frio. Mas estava com sorte: um dos guardas era um soldado alemão das forças armadas que, segundo Irena, não teria sequer vinte anos. Desde que o vira pela primeira vez que o rapaz estava constipado. Um rosto pálido sobre um pescoço fino, olhos vermelhos a toda a volta por detrás de uma armação de metal, cada vez mais avermelhado e com uma estrutura elegante.

Certamente, preferiria estar em qualquer lugar do que ali. «Nenhum livro acerca da raça superior alemã lhe dedicaria uma única frase», pensava Irena. Mas, depois, percebeu que fechava os olhos a muita coisa: não tinha reparado na saliência debaixo do casaco de uma operária idosa, não se tinha apercebido de que um homem voltava para a parte ariana com dois pares de sapatos calçados. A partir daí, começou a observá-lo. Ou precisava de trocar de óculos ou…

Irena passou pelo guarda sem problemas e continuou a caminhar rapidamente. Um jovem casal tinha tido um filho há pouco tempo; a mãe, debilitada devido à fome, mal tinha sobrevivido ao parto e tinha pouquíssimo leite para alimentar o

minúsculo Piotr. O recém-nascido estava tão fraco que Irena nunca o tinha ouvido chorar.

Bateu à porta do apartamento do casal. Primeiro, devagar, e depois com mais força. Ninguém lhe abriu a porta. Será que os Wozniak tinham saído? Com aquele tempo e aquele frio? Com um recém-nascido? Bateu outra vez, em vão. De uma das vezes, abriu-se uma porta nas escadas, mas era a errada. O rosto de uma vizinha velhota espreitava pela fresta. Quando viu Irena, a senhora abriu ainda mais a porta.

Irena aproximou-se e apresentou-se.

– Chamo-me Irena Sendler, sou assistente social e sou responsável pela família Wozniak. Por acaso sabe onde estão?

A senhora dos cabelos brancos engoliu em seco e tapou a boca com uma mão.

– Fizeram uma busca – disse, finalmente. – Polícias polacos à procura de homens para trabalhos forçados. Quando os ouvimos ao fundo das escadas, corremos todos para o esconderijo no sótão, até a Dorota com o pequeno. Mas o marido não. Ainda não tinha voltado do trabalho. E chegou mesmo na altura em que a polícia ainda estava a revistar os apartamentos. De repente, ouvimo-lo gritar. Foi parar diretamente aos braços deles. Eu quis deter a Dorota, mas quando saíram de casa com o marido e pairava o silêncio, ela não conseguiu resistir. Libertou-se e correu para o ir ajudar.

– E o menino? – Perguntou Irena, temendo o pior.

Mais uma vez, a senhora tapou a boca com a mão durante alguns segundos. Os seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Queria que me desse o Piotr, mas ela disse que um recém-nascido poderia enternecer os corações dos polícias. Tentei pará-la até chegar às escadas. A certo ponto, ouviu-se um tiro. Dispararam contra ela, mataram-na porque lutou pelo marido. Deixaram-na na rua, levaram o marido e não deixaram rasto do menino. Talvez também tenham matado o Piotr e… – Não continuou.

Irena ouvia a história, incrédula. Só tinha uma coisa em mente: o menino! Se os alemães o tivessem matado, teria sido encontrado na rua. Talvez o tivessem levado, mas era improvável.

Irena dirigiu-se à porta dos Wozniak. Talvez estivesse aberta. Rodou a maçaneta e a porta abriu-se de rompante. O quarto onde até há pouco tempo tinham vivido cinco pessoas estava deserto, mas limpo e arrumado, tal como Irena o conhecia. Reinava um silêncio profundo. Hesitante, correu em direção ao berço, quase sem crer nos próprios olhos. O menino estava deitado envolto

num cobertor e olhava para Irena com olhos apáticos.

«Mudou de ideias no último segundo e colocou o pequeno no berço antes de ir a correr», pensou Irena. «Talvez tivesse percebido que estava a ir ao encontro da morte».

Um turbilhão de emoções sobrecarregou Irena. Sentia-se aliviada porque o menino estava vivo, mas estava preocupada com o que aconteceria depois.

– Está aqui! – A velhota estava ao pé de si, outra vez de lágrimas nos olhos. Estendeu a mão rugosa e acariciou a face encovada do menino, que emitiu um gemido abafado.

– A senhora pode ficar com ele? – Perguntou Irena impul-
sivamente.

– Oh – a senhora olhou para ela espantada. – Gostaria muito, mas somos sete a viver num quarto. Não temos nada que comer e o meu cunhado tem tifo – refletiu por uns segundos. – Mas o pequeno já não tem ninguém. Há apenas algumas semanas os avós dele também morreram com o tifo. Talvez eu pudesse…

Irena já se tinha perdido nos seus pensamentos. A velhota tinha um coração de ouro. Ia levar consigo o pequeno.

Mas tinha razão: não tinham nada, nem sequer para eles. E, além disso, havia a questão da doença. Deixar o recém-nascido com ela seria a solução mais simples… Mas, ao mesmo tempo, também uma sentença de morte para o bebé.

De repente, Irena recordou-se do jovem guarda à porta do gueto e do segundo casaco que tinha vestido e que levava para os Wozniak. Era algo terrível, totalmente irresponsável, mas tinha de ser feito. Em casa, ainda tinha uma certidão de nascimento em branco com a qual podiam deixar o menino a um orfanato fora do gueto, onde teria hipóteses de sobreviver. Era agora ou nunca.

– Eu levo-o comigo – disse à velhota com firmeza.

A senhora olhou para ela, maravilhada. Depois, sorriu e acariciou o braço de Irena.

– Você é boa rapariga – disse docemente.

Irena despiu o segundo casaco e deu-o à velhota. Depois, procurou uma camisa na única cómoda que existia e encontrou-a. Deu uma olhadela ao relógio. Em breve, iriam trocar os guardas. Não tinha um minuto a perder. A velhota ajudou Irena a prender bem o recém-nascido ao seu colo, depois colocou a camisola e o casaco por cima dele. O menino era tão franzino que não fazia a mínima diferença.

«Esperemos que não chore, que tenha ar suficiente e que o guarda engripado ainda lá esteja». Irena repetiu esta frase vezes e vezes sem conta para si mesma enquanto caminhava até à porta e o nevão lá fora se tornava cada vez mais violento. Ela e as amigas falaram imensas vezes em tirar pessoas do gueto às escondidas, mas com adultos isso era quase impossível. Com crianças era muito arriscado, mas, tomando as devidas precauções, funcionaria. Além disso, só faltava um dos documentos de que a criança viria a precisar mais tarde. Todas as certidões que Irka tinha trazido de Lwów tinham ido para famílias a viver na clandestinidade na parte ariana, entre os quais estava o fabricante de bonecas, o professor Witwicki. Tirar uma criança do gueto assim a pé era suicídio puro.

Já conseguia ver o portão. Irena aproximou-se, mas tinha de esperar pelo momento certo e estar ali, como que por acaso, quando os outros guardas estivessem ocupados e aquele que estava constipado estivesse livre. Os minutos passavam e começava a ficar tarde.

Os primeiros guardas já estavam a olhar para o relógio. Em breve, iria começar a troca. Agora! Era o momento certo. Enquanto Irena se apressava em direção ao jovem, viu uma senhora a dirigir-se a ele do outro lado do portão. «Também estava à espera dele», pensou.

Irena começou a caminhar mais rapidamente. Se não se apressasse, corria o risco de a vistoria ser interrompida pela troca dos guardas ou, entretanto, outro guarda ficar livre. Queria ter feito um sinal de apelo à senhora do outro lado, mas não ousou.

Teve sorte. O jovem virou-se na sua direção quando estava a poucos passos dele. Irena tirou o passe do bolso, que já tinha à mão, e ele limitou-se a assentir.

– A senhora outra vez. Voltou cedo – disse. – Fez tudo o que queria?

– Quase – respondeu Irena, querendo morder a língua. Que resposta estúpida. – Só tenho de comprar algumas batatas e depois finalmente volto para casa.

– Felizmente, também estou quase a terminar. Não levava malas consigo, se me recordo bem.

– Não.

– Bem, pode ir – com um movimento de cabeça cansado, o jovem fez sinal para que Irena passasse. Como num sonho, Irena afastou-se do portão um passo a seguir ao outro. Quase já não sentia o corpo e estava com vertigens. Quando dobrou a esquina, teve de se esquivar dos guardas que se dirigiam ao portão para a troca. Meia hora depois, Irena virou para a Rua Lekarska. Jaga vivia na vizinhança imediata do hospital militar alemão.

Havia alemães por toda a parte. Andar por ali com uma criança era uma loucura, mas Irena sentia-se segura. Os alemães não pensariam que alguém teria ousado realizar atividades ilícitas mesmo debaixo do seu nariz. A Rua Lekarska era uma das poucas ruas em que nunca tinha havido vistorias, mas não era esse o motivo pelo qual Irena tocou à campainha de Jaga.

Jaga vivia com os pais, a irmã, o marido e a filha Hana num apartamento espaçoso onde havia sempre grande rebuliço. Se o menino chorasse, ninguém iria reparar. Só tinham de ficar com ele por uma noite, na manhã seguinte já teriam falsificado a certidão de nascimento e levado o pequeno Piotr ao orfanato do padre Boduen para mães sem-abrigo, recém-nascidos e crianças polacas. Irena conhecia bem a instituição, a diretora Wladka era sua amiga.

Jaga e a sua família reagiram exatamente como Irena esperava: sem a mínima preocupação pela própria segurança, a mãe de Jaga tomou conta do menino malnutrido, que ainda não tinha emitido um som. Irena retirou-se com Jaga para o quarto da amiga e contou-lhe tudo até ao mais ínfimo detalhe.

– Ufa – disse Jaga. – Não sei se teria tido coragem. Mas fizeste o que estava certo.

– De forma alguma! – Disse Irena com mais veemência do que gostaria. Jaga levantou o sobrolho, estupefacta. – Pensa comigo. Na minha megalomania, não só coloquei a minha vida em perigo, mas também a do pequeno Piotr – continuou Irena. – Foi imprudente trazê-lo para fora do gueto sem planear bem a coisa – fez uma breve pausa antes de continuar. – Com isto não quero dizer que acho que seja demasiado perigoso no geral. Pelo contrário. Falámos muitas vezes sobre isto e estou mais que decidida a tentar. Temos de tirar o maior número de crianças possível daquele inferno. O inverno está aí à porta. Mais tarde ou mais cedo, as pessoas vão voltar a morrer à fome e ao frio. Mas temos de ser metódicas. Como e onde podemos fazer com que as crianças saiam às escondidas? Onde podemos alojá-las durante alguns dias e quais serão as soluções permanentes para elas? Depois, também existe a questão das certidões de nascimento. Vamos precisar de documentos novos, sem eles não podemos fazer nada.

Jaga assentiu.

– Quanto às certidões em branco, tenho uma ideia. Tenho alguns contactos dos sacerdotes da zona, podemos perguntar se nos podem dar algumas… – Esboçou um sorriso presunçoso. – E, nos primeiros dias depois da fuga, as crianças podem ficar comigo ou com outros amigos de confiança que já tenham

crianças pequenas em casa e onde mais uma não fará diferença durante alguns dias.

Irena refletiu.

– Parece-me uma boa ideia – avaliou. – Depois, podemos mandá-las para o orfanato do padre Boduen.

– Exatamente! – Gritou Jaga, baixando logo a seguir a voz. – Proponho inclusive incluir o Jan Dobraczynski. Tem muitos contactos dos conventos monásticos aqui da zona. Nas últimas semanas, acolheram vários órfãos polacos. Se o conseguirmos convencer a cooperar, a rede iria alargar bastante.

Irena fez uma careta.

– O Jan Dobraczynski? Sabes que não é lá muito amigo dos judeus, certo? Duvido que se colocaria em perigo a si e a outros para salvar alguma criança judaica. E o que acontece se lhe contamos os nossos planos e ele não concordar? Talvez até nos denuncie.

– Denunciar-nos? Nunca. Estás a ser injusta com ele. Mas temos mesmo de dizer aos conventos que as crianças são judaicas?

Irena sorriu.

– Jaga, não basta uma certidão de nascimento falsa para que uma criança se torne cristã. As mais pequenas vão denunciar-se ao utilizarem expressões em iídiche ou por não saberem as orações. Quem as acolher terá muito que fazer para que as crianças se tornem invisíveis. Se revelarem a sua identidade e forem denunciadas, não serão as únicas condenadas à morte. Todas as pessoas que as acolheram terão o mesmo destino. Percebes agora o que quero dizer? – Olhou para Jaga com insistência.

Jaga assentiu.

– Sim, claro. Mas pensa no Dobraczynski. Sou secretária dele e conheço-o melhor do que tu. Não é tão mau como o pintas só porque apoia dois movimentos políticos opostos. Agora que está a decorrer uma guerra, isso já não importa. O Dobraczynski pode até não ser amigo dos judeus, mas protegê-los dos alemães é um simples ato de patriotismo. A resistência contra o regime de injustiça. E se há algo em que o Dobraczynski acredita, é precisamente no patriotismo.

Irena assentiu, mas continuou com dúvidas. Pegou num papel que estava na secretária de Jaga e numa caneta.

– Que estás a fazer? – Perguntou Jaga.

Irena começou a escrever. Depois, deu o papel à amiga.

Piotr Wozniak >> Pawel Mazur.

Nascido a 18 de setembro de 1941.

Rua Nalewki, número 4.

Jaga devolveu a Irena um olhar inquisitivo.

– É para que, no futuro, as crianças saibam quem são na verdade e talvez possam reencontrar os seus familiares – explicou Irena. – Sei que é arriscado, mas é o mínimo que podemos fazer por eles.

Capítulo Vinte

O inverno chegara anormalmente cedo e nunca mais se ia embora. Formavam-se montanhas de neve e as temperaturas perto dos vinte e cinco graus negativos não eram insólitas. Os jovens polacos patinavam no rio Vístula gelado enquanto no gueto, todas as manhãs, os mendigos mortos devido ao frio e à fome eram carregados para as carrinhas e levados para encher as valas comuns escavadas com grande esforço no cemitério. Adam desatou a rir à gargalhada quando, em janeiro, os alemães anunciaram que todos os judeus tinham de entregar os seus casacos de pele.

– Os alemães precisam dos nossos casacos de pele porque os soldados deles estão a congelar no inverno russo – disse ele. – Mas ouvi dizer que a maior parte das pessoas faz buracos antes de os entregar. A minha mãe deu o dela aos contrabandistas para o venderem foram do muro.

– E quanto é que lhe pagaram? – Murmurou Irena na dobra do seu braço. Estava deitada ao pé dele debaixo do cobertor pesado e tinha encostado o seu corpo ao dele. Depois do primeiro beijo, não havia maneira de voltar atrás para nenhum dos dois. Viam-se sempre que era possível. E, apesar do perigo que corriam, Irena arriscava passar cada vez mais noites com Adam no gueto. Só podiam estar sozinhos no quarto não aquecido, mas não importava. Estavam juntos, e essa era a única coisa que contava.

– Não conseguiu muito dinheiro, – respondeu Adam – mas sempre é melhor do que cedê-lo aos alemães.

– De qualquer forma, sou eu que te aqueço aqui dentro – sussurrou Irena com malícia. Adam puxou-a com mais força contra si e beijou-a com carinho.

– Já está a funcionar – murmurou Adam, e ela riu-se baixinho. – Mas talvez funcionasse melhor se…

Adam enfiou uma mão debaixo da camisola de Irena, que sentiu os dedos dele debaixo do sutiã.

– A tua mãe ainda está acordada – sussurrou Irena, mas um instante depois os dedos delicados de Adam fizeram-na gemer. Virou-se e puxou-o para cima de si.

Depois, permaneceram em silêncio no escuro. Da cozinha vieram os últimos

barulhos e, por fim, o feixe de luz debaixo da porta desapareceu.

– Ainda estás acordado? – Perguntou Irena.

Adam abriu os olhos, ensonado.

– Claro.

– Boa – Irena apoiou-se num cotovelo e olhou-o nos olhos. – Conseguiste descobrir alguma coisa dos teus contactos nos ambientes de contrabando? Sobre as aberturas no muro onde podemos fazer sair uma criança ou duas às escondidas?

– Hmmm – fez Adam. Não parecia convencido.

– Não falaste com eles – disse Irena, desiludida.

– Falei sim – respondeu Adam, espreguiçando-se. – Mas sabes qual é a minha opinião. É muito perigoso e não quero perder-te – agarrou-lhe a cabeça com ambas as mãos e fixou o seu olhar no dela.

– Adam, vamos fazê-lo de qualquer forma. A Ewa falou-me de algumas caves que têm saídas tanto do lado do gueto, como no lado ariano. Mas há o problema dos responsáveis, em quem nem sempre podemos confiar. Muitos são pagos pela Gestapo e estão de olhos bem abertos. Até a ambulância da Ala é uma opção.
Os motoristas têm um passe e é fácil esconder as crianças no veículo. Mas saber se existem aberturas no muro e onde seria uma grande ajuda. Quanto mais opções tivermos, mais crianças podemos passar de um lado para o outro. Daríamos menos nas vistas.

– És incorrigível – respondeu Adam com um sorriso. – Mas já têm certidões de nascimento em branco suficientes?

O sorriso de Irena desapareceu.

– Infelizmente, estão quase a acabar. Mas hoje, a Ala falou-me de uma outra enfermeira. Chama-se Helena Szeszko e o marido, Leon, falsifica documentos. Parece fazer um bom trabalho e não faz muitas perguntas.

Adam esbugalhou os olhos.

– Estás a ver? A nossa rede está a crescer – disse Irena, satisfeita, e tornou a encostar-se a ele.

– Pois está. Mas também se torna cada vez mais perigosa.

– Eu sei. E foi por isso que adotámos nomes de código. Não é necessário que todos os membros da rede conheçam o verdadeiro nome dos outros.

– Deixa-me adivinhar. Dizes que o teu nome é Amelia.

– Amelia? – Irena franziu o sobrolho. – E porquê?

– É um nome bonito, não é?

Irena riu.

– Não acertaste. Escolhi Jolanta.

– Jolanta? – Adam sentou-se na cama. – Credo! Nunca ouvi um nome menos sensual do que esse.

– Não te preocupes – Irena puxou-o de novo para si. – Quando estiver contigo, serei sempre e só Irena – depois, beijou-o.

Na manhã seguinte, Irena chegou ao escritório um quarto de hora atrasada. Irka estava de pé no corredor em frente ao gabinete de Jan Dobraczynski. Era óbvio que estava à escuta. Quando viu Irena, fez-lhe sinal para se aproximar.

– Um chefe da polícia alemã acabou de entrar no gabinete do Dobraczynski – sussurrou.

Irena também encostou a orelha à porta. A voz do alemão era áspera e Irena não reconhecia a do tradutor polaco. Não era um deles.

Ele dizia:

– A cidade está a abarrotar com crianças pedintes e não estou a falar apenas do gueto judaico, mas também da Varsóvia ariana, pela qual a sua instituição é responsável. É uma vergonha!

– Muitos são órfãos – tentou explicar Dobraczynski. – São filhos de refugiados ou de pais que morreram de tifo…

– E acha que isso me importa? Não me interessa de onde vêm estes fedelhos imundos. Estou aqui para garantir que os tira das ruas antes que as doenças deles cheguem a nós. Assim sendo, recolham aqueles fedelhos, por favor. Tirem-lhes os piolhos, dêem-lhes banho e metam-nos em qualquer sítio. Não me parece que esteja a pedir muito, pois não? – Fez uma pausa cheia de tensão. – Ou então podem deixar que nós tratemos deles. Sabemos gerir estes problemas de forma muito eficaz.

Irka e Irena olharam uma para a outra, horrorizadas. Podiam imaginar o que os alemães quereriam dizer com uma solução «eficaz» para os problemas.

– Não, nós tratamos disso. E imediatamente. Conte connosco – respondeu Dobraczynski.

– Ótimo – ouviram duas cadeiras a mover-se. Irena seguiu Irka para o gabinete da amiga e fechou a porta atrás de si.

Ainda não tinham tido tempo de falar daquilo que tinham acabado de ouvir quando alguém bateu à porta, que se abriu após um instante. Jan Dobraczynski entrou.

– Estão aqui as duas? Que conveniente – comentou em vez de as saudar. Sem

grandes rodeios, explicou-lhes aquilo que já sabiam. – Vou mandar vir duas carrinhas – concluiu. – Juntem uma equipa e recolham as crianças. Tirem-lhes os piolhos, registem os dados delas. O nome, o nome dos pais, a origem.
Depois, farei com que sejam acolhidas pelos orfanatos aqui da cidade – já se tinha voltado para se ir embora. – E depressa – acrescentou antes de sair.

Apenas algumas horas depois, as primeiras crianças desnutridas subiram as rampas de carregamento com roupas esburacadas e sapatos gastos. «São crianças de guerra», pensou Irena, olhando para os rostos silenciosos e sombrios.

A sala que Dobraczynski tinha organizado à pressa e enfurecido estava fria, mas o cheiro a água com sabão encheu rapidamente o ar. Chegavam cada vez mais crianças enquanto outras eram despidas e lavadas. Irka, Irena, Jaga e Janka não fizeram uma única pausa: lavavam, escovavam, cortavam cabelos.

– Não, por favor! – Um menino com cerca de seis anos segurava as calças com as duas mãos e fechou os olhos quando Irena as tentou baixar.

– Não tenhas medo, só te queremos dar banho – disse ela com um tom tranquilizador. – Não te vai acontecer nada e… – Não terminou a frase quando viu aquilo que o menino tentava esconder-lhe. – Raios – deixou escapar. O menino, que tremia que nem varas verdes, era circuncisado. Puxou-lhe as calças para cima, agarrou-o pela mão e foi até Irka, que estava na outra ponta do corredor com Jaga e Janka. Com elas estavam três meninos e duas meninas. Também descobriram crianças judaicas que, não se sabe como, tinham conseguido chegar ao lado de fora do muro.

– Já era de esperar – observou Irka. – Sugiro reuni-los noutra sala e pensar para onde os vamos levar.

Irka tinha razão. Também Irena esperava encontrar uma ou duas crianças judaicas. Aquilo que não tinha previsto era que no fim do dia descobrissem que quase metade das crianças fossem judaicas. Com os meninos dava para perceber pela circuncisão, mas muitas meninas revelaram as suas origens ao utilizar expressões iídiche.

– São dezenas – sussurrou Irka às outras. O seu olhar dirigiu-se aos guardas alemães que tinham aparecido inesperadamente ao fim da tarde e que estavam de pé nas entradas, aborrecidos. Não pareciam interessados no que estava a acontecer, mas a sua presença impedia Irena e as amigas de desaparecer com as crianças. E sem documentos era impossível mandá-las para os orfanatos polacos na parte ariana juntamente com as outras. Tinham de encontrar outra solução para elas.

– São demasiados para ficarem nos refúgios improvisados dos nossos amigos – disse Jaga com firmeza. Depois, virou-se para Irena – Agora, temos mesmo de envolver o Dobraczynski. Só ele tem os contactos certos para organizar abrigos para as crianças em tão pouco tempo.

Irena olhava fixamente para a frente, os pensamentos enchiam-lhe a mente.

Deveria Dobraczynski ajudá-las a levar às escondidas dezenas de crianças judaicas debaixo do nariz dos alemães e a fazer com que estas desaparecessem fora do gueto? Jaga estava absolutamente convencida de que ele o faria, mas Irena não partilhava da mesma certeza. O único problema era o facto de não terem escolha.

Foram estas as palavras que repetiu no gabinete do chefe.

– Não temos escolha, senhor Dobraczynski. Sair do gueto dá pena de morte. Sabe o que irá acontecer a estas crianças se caírem nas mãos dos alemães.

O rosto de Dobraczynski exprimia irritação.

– Senhora Sendler, não preciso que me diga isso a mim. Mas sabe que os orfanatos oficiais para estas crianças estão fora de questão. Só podem ser consideradas famílias de acolhimento polacas. Mas quem arriscaria a vida por estes órfãos judeus? São muitos…

– Mas…

– Não, senhora Sendler. A decisão final é minha. São dezenas de crianças claramente judaicas sem documentos. Não podemos mantê-los em segredo – sem dizer mais uma palavra e sem convidar Irena a sair, pegou no telemóvel. – Sim, entre elas há crianças judaicas. – Irena ouviu uma voz do outro lado da chamada. – Sim, muitas. Dezenas.

Irena podia imaginar com quem estaria Dobraczynski a falar. Com o rosto a arder, saiu da sala e foi direta para o seu gabinete. Não queria falar com Jaga, que tinha depositado tanta confiança naquele velhaco.

Poucos minutos depois, Dobraczynski entrou no gabinete de Irena. Estava pálido e, quando se sentou na cadeira, Irena viu que o seu lábio inferior estava a tremer.

– Temos um acordo – disse Dobraczynski com uma voz incerta. – Os alemães não farão mal às crianças se as devolvermos ao gueto dentro de vinte e quatro horas. Obviamente terá de ser à socapa, de forma clandestina. Ninguém pode saber que conseguiram fugir, isso pode encorajar outros a fazê-lo.

Irena suspirou baixinho. Todos no gueto sabiam que era possível, e a única coisa que detinha a maior parte das pessoas era o medo de serem apanhadas e

fuziladas ao tentar fugir. Sentiu-se a tremer de alívio porque as crianças tinham uma hipótese de sobreviver, mas também de raiva porque iriam ser colocadas de volta no gueto com a ajuda da sua própria instituição.

– Não vou devolver as crianças àquele inferno – disse, finalmente. – E, se tem de ser de forma clandestina, significa que nem os guardas do gueto foram informados. Se descobrirem as crianças na zona do muro, vão disparar sobre elas. É uma autêntica loucura, não estou de acordo.

Nunca se tinha dirigido ao seu superior daquela forma, mas ele estava evidentemente demasiado perturbado para ficar ofendido.

– Além disso, para onde é que elas iriam ao certo? – Irena estava piursa. – Algumas têm pais lá dentro e fora do gueto pediam esmolas ou um pedaço de pão para a família. Mas a maior parte delas são órfãs.

– Vou ligar ao doutor Korczak – Dobraczynski levantou-se. – E vou eu até ao muro do gueto.

Teria feito o mais correto? Era a pergunta que Jan Dobraczynski fazia a si mesmo quando, horas depois, estava sentado sozinho no seu gabinete a olhar para o ponteiro do relógio, que avançava implacavelmente. Mas tinha as mãos atadas, não tinha? Ou será que a senhora Sendler tinha razão? Seria ele um cobarde sem espinha dorsal que enviava aquelas crianças indefesas para o inferno de onde conseguiram fugir colocando em perigo a própria vida? Passou uma mão pelos cabelos.

Em breve, chegaria o momento. Tinham sido as próprias crianças a dizer-lhe onde se encontrava a última fresta aberta no muro do gueto. Sem dúvida que os alemães iriam encontrar o local dentro em pouco e iriam fechá-lo, mas pelo menos de manhã ainda estaria lá. Concordou com Janusz Korczak em entregá-las uma hora antes do recolher obrigatório da tarde. Depois disso, os alemães tinham ordens para disparar sem hesitação contra quem encontrassem nas ruas do gueto. As crianças deveriam regressar enquanto as últimas pessoas voltavam a correr do trabalho ou das comissões. Para não dar nas vistas, vários colaboradores de Dobraczynski levaram as crianças em pequenos grupos até ao ponto de encontro, onde ele as iria buscar.

Por fim, chegou o momento. Dobraczynski não ficou muito tempo à espera do lado de fora do muro quando a primeira criança foi a correr ao seu encontro. Pouco tempo depois, estavam todas ali. Geladas, juntaram-se à volta dele. Uma menina loira com ganchos vermelhos agarrou na mão de Dobraczynski.

– Também tens frio – disse ela.

Dobraczynski percebeu que as crianças confiavam nele. Mas o que estava ele a fazer na verdade? Não estaria a trair aquela confiança? Desviou o olhar, invadido pela vergonha.

Sem pensar, esfregou a mão gélida da menina com os ganchos vermelhos. Algumas crianças com os pés frios raspavam a neve gelada, a sua respiração era uma nuvem branca no escuro. Do outro lado da abertura, as janelas destruídas de uma casa bombardeada estavam escancaradas.

– Vão devagar – sussurrou Dobraczynski.

No ar rarefeito de fevereiro, cada som parecia intensificar-se. Parou em frente à abertura no muro e pôs-se à escuta.

– As crianças do Korczak – disse em voz baixa. Era o código combinado.

Mas não lhe chegou nenhuma resposta.

Passou um minuto ou dois. Dobraczynski tinha dores nos joelhos e já não sentia os dedos dos pés, contudo, não ousava levantar-se. Esfregou os dedos entorpecidos sem sucesso.

As crianças nem respiravam. Tinham atravessado o muro mais do que uma vez, eram especialistas da discrição, sabiam tornar-se invisíveis e prender a respiração, se necessário.

De repente, ouviu-se um ligeiro estalido na neve do outro lado da abertura.

– As crianças do Korczak – repetiu Dobraczynski baixinho.

– As portas estão abertas – chegou o código de resposta.

Dobraczynski ficou surpreendido: não era Korczak que tinha vindo buscar as novas chegadas, mas sim um rapazito um pouco mais velho que os outros. Mais uma vez, Dobraczynski sentiu-se envergonhado.

«Estas crianças são muito mais corajosas do que eu», pensou, consternado. Fez sinal às crianças atrás de si levando mais uma vez o dedo aos lábios. A primeira menina, com cerca de oito anos, baixou-se.

– Adeus, senhor Dobraczynski – disse ela em voz baixa, e rastejou pela abertura.

Seguiu-se um menino com calças que só lhe chegavam aos tornozelos. Não vestia meias e tinha as pernas avermelhadas do frio.

– Adeus, senhor Dobraczynski.

O homem sorriu, cansado.

Uma menina mais velha mandou o irmão à sua frente.

– Vai, estou atrás de ti – encorajou-o, uma vez que ele olhava para ela cheio de medo e sem querer largar-lhe a mão. Depois, deu-lhe uma leve palmada e o

menino desapareceu. Ela seguiu-o.

Por fim, só sobrava a menina com os ganchos vermelhos. Dobraczynski por pouco não perdeu o equilíbrio quando a menina, de repente, se abraçou ao pescoço dele e o puxou para si. Os seus óculos escorregaram e teve de se apoiar no chão.

– Boa noite, senhor Dobraczynski – disse ela, e rompeu o abraço.

– Como te chamas? – Perguntou ele.

– Halina. Mas a minha mãe sempre me chamou Linabina.

Sorriu. Depois, baixando-se, desapareceu na escuridão do outro lado do muro.

Capítulo Vinte e Um

Senhor Stuckart, sabe a razão exata pela qual estamos aqui? – Friedrich Wilhelm Kritzinger, o subsecretário do Estado na Chancelaria do *Reich*, inclinou-se na direção do homem que estava ao seu lado. Eram das poucas pessoas que não estavam de uniforme naquela sala bem mobilada.

– Não, de todo – respondeu Stuckart. – Sei apenas que se trata da questão judaica, mas…

– Exatamente, a questão judaica – sussurrou, nervoso, Kritzinger. – Mas a questão judaica é da competência da Chancelaria do *Reich*. Pergunto-me porque terão convocado esta conferência sem que a minha autoridade soubesse de que assunto se trata.

Stuckart anuiu.

– Eu pergunto-me antes porque não foi possível encontrarmo-nos todos em Berlim. Porquê aqui em Wannsee? Esta cidade é encantadora, com o jardim e o lago… No verão. Mas foi muito difícil chegar aqui hoje devido à neve e ao nevoeiro.

– Sim, é verdade. Provavelmente é esse o motivo pelo qual o tenente-general Heydrich ainda não chegou – Kritzinger olhou para o relógio.

Naquele momento, ouviu o som de botas a bater no chão da entrada. O tenente-general Heydrich entrou na sala.

– *Heil* Hitler!

– *Heil* Hitler! – Todos os rostos se voltaram para ele.

– Peço-vos que desculpem o meu atraso. Quero começar imediatamente. Temos muito trabalho pela frente, mas não se preocupem, vão servir refrescos. Foi-me dito que prepararam um *buffet* – olhou para Adolf Eichmann. Este assentiu.

– Está na sala ao lado.

– Muito bem – Heydrich bebeu um copo de água de um trago e apontou para a mesa. – Meus senhores, fiquem à vontade, sentem-se onde preferirem.

Os homens começaram a sentar-se.

O tenente-general Heydrich colocou uma pasta à sua frente sobre o tampo

brilhante da mesa.

– Para que conste da ata: hoje é o dia 20 de janeiro de 1942. Estão presentes o tenente-general da SS Reinhard Heydrich; o diretor distrital Alfred Meyer, secretário de Estado do Ministério do *Reich* dos Territórios Ocupados; o major Adolf Eichmann do Gabinete Central para a Segurança do *Reich*; Josef Bühler, secretário de Estado sob o comando do governador geral de Cracóvia; o major Rudolf Lange, comandante da Sipo e da SD na Letónia; o subsecretário de Estado Friedrich Wilhelm Kritzinger da Chancelaria do *Reich*; o secretário de Estado Wilhelm Stuckart do Ministério da Administração Interna do *Reich*; o secretário de Estado Roland Freisler do Ministério da Justiça do *Reich*…

Continuou a elencar os presentes. Quando terminou, fez uma pausa e olhou para os participantes um a um.

– Meus senhores, – começou, finalmente – estamos aqui reunidos hoje porque temos de tomar decisões fundamentais. Recordo-vos de que tudo o que for dito nesta sala está sujeito ao maior sigilo. Os documentos nas pastas à vossa frente são apenas para o vosso uso pessoal. Se tirarem apontamentos durante a sessão, terão de os entregar ao major Eichmann ao fim do dia. A ata desta reunião ser-vos-á enviada nos próximos dias. Não irão mostrar este documento a ninguém, exceto ao vosso superior direto, e depois vão destruí-lo. Percebido?

Os homens assentiram com um murmúrio e trocaram alguns olhares. Kritzinger aproveitou a ocasião da pausa para pôr uma questão que o estava a incomodar.

– Tenente-general Heydrich, permita-me perguntar porque é que a Chancelaria do *Reich* não foi incluída no planeamento desta conferência. Nós…

Heydrich calou-o com um gesto.

– Fui pessoalmente nomeado pelo Marechal do Reich, Göring, para preparar a tal Solução Final da questão judaica em termos organizacionais, operacionais e materiais.

– Mas a questão judaica é da competência da Chancelaria do *Reich* – insistiu Kritzinger, surpreendido.

– Já não é – a voz de Heydrich mostrava indignação. – A SS terá o poder de decisão exclusivo sobre todas estas questões a resolver a partir de hoje. Se pudermos avançar…

Kritzinger manteve-se em silêncio, aborrecido, e Heydrich continuou.

– Como todos sabem, a nossa política judaica até agora baseou-se nas leis de Nuremberga. Não podemos negar que estas leis levaram a um melhoramento

nos últimos anos relativamente à conservação da pureza da nossa raça. Contribuíram em grande medida para a expulsão dos judeus da sociedade e da economia alemãs. Os nossos esforços limitaram-se, principalmente, à emigração da população judaica para fora do espaço vital alemão ou à sua concentração nos guetos. Contudo, ainda não alcançámos a remoção total dos judeus dos espaços vitais alemães. Façam o favor de abrir as vossas pastas. Irão encontrar uma lista com estatísticas da população judaica na Europa e na Rússia.

Ouviu-se um ruído. O secretário de Estado Meyer deixou passar um ligeiro assobio por entre dentes.

– Eichmann? Podia fazer um resumo dos números mais importantes?

Este anuiu, ajustando os óculos.

– Judeus restantes no Antigo *Reich*: 131,800. Nos territórios orientais: 420,000. No Governo Geral: 2,284,000 – Meyer voltou a soltar um ligeiro assobio. Eichmann continuou, inalterado. – Em França: 865,000 no total. Na União Soviética: cinco milhões – leu o resto da lista e, no fim, colocou-a à sua frente. Heydrich levantou os braços num gesto teatral.

– Cinco milhões apenas na Rússia! Meus senhores, creio que estão de acordo comigo. Estamos a falar de uma invasão por parte dos judeus! – Ouviram-se murmúrios de aprovação e risos abafados. – É por isto mesmo que estamos aqui – Heydrich sorriu. – Precisamos de uma solução prática e económica que elimine o problema de uma vez por todas. O nosso *Führer* é a favor de uma evacuação definitiva dos judeus.

– Uma evacuação? – Perguntou Bühler, vice de Hans Frank no Governo Geral. – Espero bem que não queiram enviar todos estes judeus para os nossos territórios orientais. Os nossos guetos já estão sobrelotados. Não temos dinheiro nem fazemos tenções de manter todas estas pessoas vivas, o fedor das doenças e da podridão deles já está a contaminar o ar polaco.

Alguns homens riram-se. Heydrich levantou a mão e continuou.

– O objetivo é, de facto, a evacuação final dos judeus. A sua remoção física do espaço vital europeu e russo.

Reinou o silêncio enquanto os presentes ponderavam as suas palavras.

– Evacuação? – Perguntou Lange, tomando a palavra. – Qual é a diferença entre isso e as deportações que já estão a acontecer?

Heydrich olhou para ele tranquilamente. Finalmente, surgiu um sorriso no rosto de Lange.

– Oh – disse ele. – Trata-se de uma evacuação total dos judeus – fez um gesto

no ar. Heydrich assentiu.

– É esse o plano.

– Um momento – Stuckart não conseguiu controlar a sua voz. – Percebi bem? Mas tais ações não estão contempladas na legislação atual.

– O senhor, por acaso, sente benevolência para com os judeus? – Perguntou, divertido, o secretário de Estado Meyer.

– Nada disso – a voz de Stuckart deixou transparecer a sua irritação. – Releia as leis de Nuremberga e vai perceber o que estou a dizer. Mas, em última análise, temos de clarificar também os aspetos jurídicos. Por exemplo, o que faremos com os judeus-arianos de primeiro e segundo grau? Esses também serão evacuados ou serão isentos? Como veem, a questão é mais complicada do que parece e…

– Doutor Stuckart, – interrompeu-o Heydrich bruscamente – permita-me recordá-lo de que o nosso dever é atingir os objetivos do *Führer.* Todos vocês estão aqui para alinhar as vossas solicitações na ótica de uma linha comum. Cada autoridade irá dar o seu contributo. É indispensável.

Stuckart calou-se.

– Eu vejo a questão de forma pragmática – disse o major Lange, rompendo o silêncio. – E, por isso, surgiu-me espontaneamente a seguinte questão: a nossa lista menciona onze milhões de judeus na Europa e na União Soviética. Como muitos de vós sabem, o segundo grupo da Polícia Militar, que chefiei durante algum tempo, até ao passado dezembro fuzilou cerca de sessenta mil judeus na Letónia. É um belo número, mas é uma operação que requer muito tempo, pessoal e dinheiro. Mas onze milhões? Não creio que seja possível. Além disso, os nossos soldados dizem ter problemas morais com este tipo de ações – fez um gesto de desprezo. – Sabem disto, certo? Por causa das mulheres e das crianças.

Heydrich sorriu.

– Escusado será dizer que os fuzilamentos não serão viáveis. Eichmann, gostaria de tomar a palavra?

Adolf Eichmann assentiu.

– De um ponto de vista puramente técnico, o gás é a melhor opção. Monóxido de carbono puro. Como todos sabem, esta modalidade já foi testada nos nossos programas de eutanásia. Só no âmbito da eutanásia de adultos, poderíamos eliminar desta forma dezenas de milhares de doentes ou inválidos. Desde o ano passado que utilizamos camiões especiais para a gaseificação. Todavia, dadas as capacidades limitadas destes camiões, esta é apenas uma solução provisória. O

nosso objetivo é construir câmaras de gás com uma capacidade mais elevada em campos adequados do ponto de vista estratégico.

– Campos? – Perguntou Meyer. Eichmann anuiu.

– A vila de Belzec, que se situa na zona oriental, já foi selecionada. Seguir-se-ão mais dois campos. Um destes ficará próximo de Sobibór, o terceiro ainda está em fase de projeção, mas ficará próximo de Varsóvia. Auschwitz também é um dos campos de extermínio – tirou os óculos.

Heydrich olhou à sua volta com satisfação.

– Bem, meus senhores, que vos parece? E, se tivermos sorte, os nossos cientistas irão fornecer-nos gás mais barato em breve. Estão a avaliar alternativas, como a eletricidade. Seria mais rápido.

– Falando em rapidez, – interveio Bühler – seria possível dar prioridade de evacuação ao Governo Geral? Como já disse, estamos a rebentar pelas costuras.

– Infelizmente não, se tudo correr como penso – respondeu Heydrich. – Mas não se preocupe. As primeiras deportações das áreas prioritárias estão previstas para daqui a poucos dias. Portanto, não passará muito tempo até que chegue a vez do vosso Governo Geral. Estudem os horários dos comboios, para já – troçou.

Bühler anuiu sem rebater. O governador geral iria ficar irritado, mas não havia muito a fazer.

– Bem, meus senhores, – disse Heydrich de repente – diria que já terminámos. O *buffet* está à nossa espera e deduzo que o meu estômago não seja o único a roncar.

Capítulo Vinte e Dois

Em Varsóvia, a última neve caíra e tinha deixado lugar para a chuva fria. Com o aumento da temperatura, as montanhas de resíduos acumulados no gueto durante os meses de inverno começavam a emanar um odor nauseabundo. Havia riachos de água suja nas ruas. Irka Schultz levava o guarda-chuva à sua frente para se proteger dos pingos que lhe batiam no rosto devido ao vento. Tinha os sapatos encharcados, as meias e os pés molhados. Finalmente, o soldado alemão à porta do gueto fez-lhe sinal para que passasse. Tinha feito uma visita a Ala na clínica e queria regressar ao escritório.

Parou de repente numa pequena rua lateral. Seria uma voz? Pôs-se à escuta. Silêncio. Mas, quando estava para se ir embora, voltou a ouvir o som. Um soluço abafado, quase um gemido. Seria um gato? Ou uma pessoa? Olhou em volta, virou para a ruela mais próxima, foi ver atrás de dois caixotes do lixo enormes. Nada. Abanou a cabeça e estava para desistir quando ouviu o som de novo, desta vez muito perto. E vinha de baixo. O seu olhar caiu sobre uma tampa de esgoto. Seria mesmo verdade? Certificou-se de que não tinha ninguém por perto, depois baixou-se e olhou para o escuro debaixo do solo.

Uma menina com o rosto sujo olhava para ela com os olhos arregalados, cheios de terror.

– Quem és? – Sussurrou Irka. – E como foste aí parar?

A pequena levantou o rosto, mas não disse nada.

– Falas polaco? – Perguntou Irka.

Não obteve resposta.

Pôs-se a pensar fervorosamente. Se deixasse ali a menina para ir procurar ajuda, correria o risco de alguém a encontrar e talvez a entregassem à polícia polaca ou, pior ainda, aos alemães. Os cabelos loiros e os olhos azuis da menina não podiam esconder a sua identidade: uma menina judia que tinha saído do gueto pelos esgotos e que esperava que alguém a ajudasse a sair dali.

«Esse alguém sou eu», pensou Irka. «Fui eu que a encontrei e é essa a sorte dela». Olhou outra vez à volta, a rua continuava deserta. Irka pousou o guarda-chuva ao seu lado para agarrar a tampa de esgoto com as duas mãos, mas esta

mal se mexia, e a chuva continuava a cair-lhe sobre as costas e a ensopar-lhe o casaco.

– Abre, vá lá! – Murmurou baixinho ao puxar pela tampa com todas as suas forças. Quando a conseguiu levantar com bastante ruído, quase perdeu o equilíbrio.

– Anda, depressa, sobe os degraus – Irka segurou-lhe a mão.

Sem hesitar, a menina seguiu as instruções. Irka puxou-a para fora do esgoto e pegou no guarda-chuva para a proteger de olhares indiscretos. Cheia de pressa, colocou a tampa no devido lugar, agarrou na menina pela mão e levou-a consigo. Estava em péssimas condições: magra, com os sapatos e as pernas enlameadas, água suja a escorrer pelo rosto e a pingar das madeixas loiras.

Na rua seguinte, Irka arrastou-a para um beco. Sem dizer nada, tirou um lenço do bolso e limpou-a o melhor que pôde. Ainda que as roupas da menina estivessem ensopadas e sujas, Irka percebeu que deveriam ser as suas melhores roupas. Uma mãe, que a amava, tinha-a vestido com cuidado e tinha-lhe prendido os ganchos nos cabelos antes de a mandar embora. Irka sentiu o coração a partir-se. Depois, levantou-se e apressou-se com a menina. Só quando fechou a porta de casa atrás das costas é que recuperou o fôlego.

– Espera um pouco – deixou a menina a pingar na cozinha e ligou para o gabinete de Irena.

– Tenho um problema. Rebentou um cano aqui em casa. Podes vir ajudar-me agora? – Há meses que as amigas tinham o hábito de não falar de temas delicados ao telefone. Irena percebeu imediatamente. Quando chegou a casa de Irka, meia hora depois, a menina já tinha tomado banho e usava roupas limpas, ainda que lhe ficassem um pouco grandes. Em silêncio e com uma expressão de reverência no rosto, a menina estava sentada à mesa e observava todos os movimentos de Irka enquanto esta preparava um pão com marmelada.

– Como se chama? – Perguntou Irena quando Irka terminou de lhe contar a história.

– Não sei. Não fala. Mas tinha este bilhete preso ao vestido com um alfinete de dama – deu-o a Irena.

– Nove? – Irena olhou para Irka. Esta anuiu.

– Tem nove anos. Uma mensagem da mãe para quem quer que encontrasse a filha.

– Na esperança de que fosse alguém com compaixão – Irena suspirou. – Quem manda a própria filha sozinha para o esgoto tem de estar desesperado.

Tão desesperado que não vê outra hipótese para a pequenina – refletiu. – Provavelmente terá um nome judaico, deve ser por isso que só escreveram a sua idade. E também lhe devem ter dito para não falar ao início, para não revelar a sua identidade com as expressões em iídiche.

– Está muito fraca – disse Irka. – Precisa de cuidados. Por sorte, corresponde ao estereótipo da menina loira ariana. Que achas, podemos aventurar-nos e levá-la ao orfanato do padre Boduen?

– A Gestapo supervisiona o edifício e, neste momento, não temos documentos para a menina. Primeiro, precisamos que o marido da colega da Ala nos envie mais – explicou Irena.

– Ainda assim, não acredito que a Wladka a recusasse – sugeriu Irka.

– Tens razão. Podemos tentar. Com este aspeto, ninguém vai suspeitar de imediato. E podemos entregar os documentos noutra altura – Irena franziu o sobrolho. – Esperemos que fale polaco.

Irka ligou à amiga, Wladka Marynowska, para dizer que, em breve, lhe iria devolver o cachecol que esta lhe tinha emprestado. A única palavra que interessava era «cachecol». Depois, pôs-se a caminho da Rua Nowogrodzka com a menina. O orfanato ficava num imponente edifício de tijolos com uma entrada em estilo gótico e janelas altas. Wladka já estava à espera à entrada.

– Muito bem. Quem temos aqui? – Esboçou um sorriso caloroso, mas a menina fitava-a com um olhar sério.

– Vem comigo – disse Wladka com doçura. – Vamos tratar de tudo.

Irka agarrou Wladka pelo braço.

– Só mais uma coisa – hesitou por um instante. Era a primeira vez que pedia à sua amiga para correr um risco deste tipo, mas não tinha alternativa. – A menina ainda não tem documentos – sussurrou. – E nem sequer sabemos se fala polaco.

Wladka olhou para ela muito séria.

– Mas, Irka, sabes que a Gestapo tem olhos em todo o lado. Não podemos confiar em qualquer um nesta casa – suspirou e dirigiu-se à a menina. – Não faz mal. Mas se quiseres falar, só podes falar comigo para já, está bem?

A menina assentiu.

– Percebe polaco – Wladka e Irka sorriram, aliviadas. Naquele momento, ouviram-se passos no corredor. Uma mulher corria na direção delas com o rabo de cavalo castanho a balançar. Premia o estetoscópio contra o peito com uma mão. Era uma jovem médica contratada há poucos meses.

– Senhora Marynowska, – murmurou, ofegante – os irmãos Lewandowski estão outra vez à bulha. Ninguém os consegue parar. Só a ouvem a si, por favor, venha depressa!

Wladka hesitou; olhou para Irka e depois para a doutora.

– Pode ficar com a menina, por favor? – Perguntou. – É uma pequena refugiada polaca – lançou um olhar rápido a Irka antes de desaparecer no corredor.

– Uma pobrezinha? – A doutora ajoelhou-se em frente à menina e examinou-a. – Estás muito limpa.

– Eu dei-lhe banho – explicou Irka.

A doutora voltou a levantar-se e fixou Irka com os seus olhos cinzentos esverdeados. Irka sentiu-se desconfortável.

– Vou andando – acariciou o rosto da menina e voltou-se.

– Não, espere um pouco! – Disse a doutora. A sua voz foi tão incisiva que Irka não teve escolha. Não podia levantar suspeitas ao sair do edifício à pressa.

– Siga-me, por favor – continuou a doutora.

Em silêncio, Irka seguiu-a e à menina até uma ambulância.

– Fique à vontade! – A doutora apontou para uma cadeira encostada à parede. Depois, tirou a camisola e a camisa à menina e examinou-a enquanto, lá fora, os pingos de chuva continuavam a cair contra a janela. A luz baça do dia começava a transformar-se num crepúsculo precoce e a iluminação fria no teto da ambulância não transmitia conforto algum. Irka sentia-se cada vez mais desconfortável. O que quereria a senhora com ela? Teria de preencher algum formulário?

Entretanto, a consulta terminara. A doutora sentou-se atrás da secretária, pegou num par de óculos de leitura e anotou qualquer coisa num bloco. Depois, levantou o olhar.

– Desnutrida, mas à primeira vista saudável.

Irka esboçou um sorriso hesitante.

– Fico contente.

Mais uma vez, deparou-se com o olhar inquisitivo. De repente, a doutora ordenou-lhe num tom mordaz:

– Agora, diga-me a verdade!

– Verdade? Qual verdade? – Irka sentiu-se ruborizar. A menina com aparência ariana não tinha aberto a boca, era impossível que a mulher tivesse descoberto a verdade. Mas então, que quereria dela? Com um tom controlado, repetiu a

história que tinha inventado juntamente com Irena. Mas a expressão da mulher tornou-se cada vez mais intensa.

– Pare de me fazer perder tempo! – Ordenou-lhe. – Olhe para esta menina, o cabelo, os olhos azuis. São a cara chapada uma da outra. A senhora é a mãe; deixe-me adivinhar, não é casada, pois não? E lá se conseguiu orientar com a menina até agora, a bem ou a mal. Mas já está a tornar-se um peso e quer livrar-se dela. Não imagina quantas vezes isto já me aconteceu.

Irka protestou com veemência. A menina, ainda sentada na maca, começou a choramingar.

– Não vê o que está a fazer à sua filha? – Sibilou a médica levantando o auscultador do telefone. Irka ouviu a chamada, incrédula.

– Estou. É da polícia? Sim, estou a ligar do orfanato do padre Boduen. Tenho aqui uma mulher que se quer livrar da filha.

Irena soube do desastre quando voltou para o escritório, depois de ter estado no gueto nessa tarde. Tinha falado com a colega de Ala, Helena Szeszko, sobre a aquisição de novos documentos falsos que o marido Leon tinha preparado. Já ia no corredor quando ouviu o telefone a tocar. Entrou a correr e atendeu. Era Wladka.

– A polícia levou a Irka e a menina – contou-lhe, desesperada. – Estou na estação central. Irena, temos de fazer alguma coisa. A Irka pode ir presa só pelas acusações que a polícia está a fazer. Mas, se a certo ponto a menina falar e revelar a sua identidade, estaremos em sarilhos. Vão virar o orfanato de pernas para o ar até descobrirem tudo. Temos de fazer com que a Irka e a menina saiam dali. Irena, por favor, tens de ter alguma ideia.

Depois da chamada com Wladka, Irena deixou-se cair na cadeira e fixou o teto.

– Que absurdo – sussurrou. – Temos tantas vezes problemas com crianças que se parecem demasiado com o estereótipo judeu e agora isto!

Pôs-se a pensar freneticamente. Claro que podiam procurar alegadas testemunhas, pessoas que não conhecessem Irka e que declarassem que estiveram presentes quando encontrou a menina. Até os vizinhos de Irka seriam interpelados e, a certo ponto, iriam descobrir que Irka não era a mãe. Mas tudo isto requeria tempo. Tempo que não tinham. Bastava que escapasse uma única palavra em iídiche à menina e seria o fim para todas. Irena pegou numa caneta e bateu nervosamente na secretária. «Claque, claque, claque, claque»… Depois, levantou-se. Era uma loucura, mas era a única possibilidade: tinham de contar

tudo à médica e esperar que não as entregasse.

Era um grande risco, uma vez que não sabiam nada, absolutamente nada sobre aquela mulher e as suas ideias. Era perigoso. Mas a polícia só libertaria Irka no próprio dia se a médica retirasse a sua acusação e desse uma desculpa qualquer.

Irena pegou no casaco e correu lá para fora. O orfanato não ficava longe do escritório. Procurou Wladka e, depois, bateram as duas à porta do consultório médico. Irena tomou a palavra primeiro, evitando dizer mais mentiras. Tinham uma hipótese e era necessário organizar tudo muito bem, o único caminho era dizer a verdade. Falou rapidamente, mas contou tudo até ao mais ínfimo detalhe. A médica não a interrompeu e, quando Irena terminou, o seu rosto revelou o desespero que sentia e deixou-se cair contra as costas da cadeira. Irena e Wladka sustiveram a respiração.

– Que é que fui fazer? – Disse, por fim, a jovem mulher.

– A culpa não é sua – assegurou-a Irena com uma voz calma. – A senhora fez apenas aquilo que lhe competia e queria o melhor para a menina. Mas, como pode ver, a única hipótese dela é ficar neste orfanato.

A médica deixou cair as mãos no colo e assentiu em silêncio. Depois, levantou-se, decidida.

– Vou resolver tudo, confiem em mim.

Irena e Wladka deram as mãos e apertaram-nas com força. Passou uma hora, durante a qual não ousaram abrir a boca. Quem sabe se a médica teria conseguido retirar a acusação de forma credível.

Mas conseguiu. A porta abriu de rompante sem que ninguém batesse. Irka e a menina entraram, seguidas pela médica, cujo rosto demonstrava um alívio enorme.

– Obrigada! – Disse Irena agarrando a mão da mulher.

– Desculpem – respondeu ela. – Eu fiz um juramento para ajudar as pessoas e não para lhes fazer mal, mas às vezes a linha é muito ténue.

Antes de se separarem, Irena baixou-se junto da menina e afastou-lhe uma madeixa de cabelo da testa.

– Aqui estarás segura. Porta-te bem, sim?

A menina murmurou qualquer coisa em iídiche e estremeceu.

– Sim – corrigiu-se imediatamente, respondendo em polaco. A médica pôs-lhe uma mão nas costas e sorriu.

– Vais ver que vamos conseguir – tranquilizou-a.

Capítulo Vinte e Três

Eu repito – disse Ludwig Fischer energicamente. – A eficiência é a maior prioridade. A nível organizacional, deveria ser possível transportar e liquidar seis mil judeus por dia, contando que o campo de extermínio não fique muito longe de Varsóvia. Se tudo correr como planeado, a primeira fase da Operação Reinhardt deverá durar cerca de dois ou três meses. Tudo dependerá da eficiência do campo. Trouxe os mapas?

O capitão da SS Richard Thomalla assentiu e desenrolou um deles. Apontou com o indicador gordo para alguns retângulos rodeados por vários círculos pequenos. Começava a sentir-se cansado. Embora tivesse sido guiado nos projetos anteriores para o novo campo de trabalho já concluído em Belzec e Sobibór, as particularidades geográficas requeriam sempre soluções específicas e tinha refletido sobre este novo projeto durante muitas semanas.

– Esta é a minha proposta, governador. Avaliei várias hipóteses e cheguei à conclusão de que Treblinka é o melhor local para o novo campo.

– Treblinka? Já existe um campo de trabalho aí.

– Exatamente. Perdido no coração da floresta, no meio do nada. Ao construir do outro lado, o campo ficaria apenas a oitenta quilómetros de Varsóvia e já existe uma estrada e uma linha ferroviária que vão até ao campo atual. Assim, não teríamos de nos preocupar com infraestruturas.

– Interessante – Fischer aproximou-se mais do mapa. – Ali fica a pedreira e estas estruturas mesmo ao lado são o atual campo de trabalho?

– Exato. A partir de agora, será o Treblinka I. E aqui construiremos o campo de extermínio, o Treblinka II.

– No local ideal – comentou Fischer em jeito de aprovação. – Isolado e, ao mesmo tempo, próximo de Varsóvia. E os trabalhadores forçados do Treblinka I também podem ser utilizados para a construção do novo campo.

Os cantos da boca de Thomalla curvaram-se ligeiramente. Tinha o rosto coberto por um véu de suor.

– Com todo o respeito, preferia trabalhar com judeus alemães por causa da língua. Assim, é tudo mais fácil. Tanto quanto sei, foi recentemente deportado

para o gueto de Varsóvia um carregamento inteiro de judeus de Berlim e Hanôver. Se me permite, gostaria de escolher as pessoas adequadas.

– Claro, o senhor é que é o diretor dos trabalhos, está à vontade. Que mais é que me trouxe?

Fischer apontou para um modelo de cartão. Thomalla sorriu com orgulho.

– Tomei a liberdade de criar uma pequena maquete.

Fischer aproximou-se.

– Muito bonito. De facto, está muito bonito.

Thomalla limpou a garganta. Tirou um ponteiro extensível do bolso do casaco.

– Como pode ver, o campo está dividido em três zonas distintas. Aqui, na zona 1, ficarão os edifícios administrativos, os aposentos dos guardas e as barracas dos prisioneiros. Para remover os corpos, será necessário ter alguns prisioneiros vivos – lançou uma olhadela rápida a Fischer. Este anuiu e Thomalla continuou. – Esta rampa é a plataforma onde serão descarregados. A partir dali, é possível chegar diretamente ao centro de recolha. Este é o ponto onde os judeus irão entregar os seus objetos de valor, apenas para os guardar enquanto tomam duche – Thomalla esboçou um sorriso satisfeito para Fischer. – Ao lado, são as barracas, onde os homens e as mulheres se irão despir em espaços separados. É aqui que lhes iremos rapar o cabelo.

– E aquilo? – Perguntou Fischer.

– É o depósito de bagagem. Grande o suficiente para comportar tudo no mesmo sítio. Disse que conseguiam suportar quinze quilos cada?

– Precisamente.

– Muito bem. Então é ali que estarão as melhores e mais preciosas coisas. Muitas delas ainda poderão ser utilizadas.

– E, depois, o peso pesado – Fischer sorriu.

– O peso pesado. Está realçado, aqui em cima. Esta zona estará completamente isolada das outras para evitar a desordem. Um bosque, um aterro suplementar e atrás as câmaras de gás, com espaço suficiente para as valas comuns.

Thomalla apontou para outros edifícios. Oficinas, cantinas para os funcionários, instalações sanitárias. Quando terminou, Fischer deixou escapar um ligeiro assobio.

– É extraordinário, Thomalla. Verdadeiramente extraordinário. Queria fazer apenas umas pequenas observações.

Thomalla endireitou as costas.

– Faça favor, governador.

– Aqui, onde fica a rampa de carregamento, faça uma plataforma dupla. Uma para as chegadas e outra para as partidas.

– Partidas? – Thomalla olhou para o seu superior, surpreendido. – Não estou a perceber. Pensei que as pessoas iriam chegar e depois…

– Claro – Fischer riu-se. – Treblinka é a estação terminal. Mas não é preciso que saibam disso. No fim das contas, estamos a propor-lhes uma breve viagem para os realojar. Por isso, podem levar consigo uma mala de viagem. Faça com que acreditem mesmo nisso. Uma verdadeira estaçãozinha com relógio e horários de chegada e de partida, um cenário magnífico. E coloque um cartaz com um nome a fingir. Todos conhecem Treblinka devido ao campo de trabalho, não é um nome bonito, irão ficar agitados assim que chegarem. Veja se se lembra de qualquer coisa. Um nome qualquer mais gracioso.

– Claro – respondeu Thomalla prontamente. – Não há problema. Nessa perspetiva, também seria útil disfarçar a passagem pelo primeiro anel de arame farpado. Podíamos esconder o portão com algumas árvores.

– Ótimo, Thomalla. Vejo que já percebeu onde quero chegar. E só mais uma coisa: um altifalante na plataforma. Estava a pensar em tocar um pouco de música durante a operação de descarregamento. Afinal, os judeus pensam que estão a viajar. A música vai fazê-los sentirem-se bem-vindos. Mas ainda não sei bem qual será.

– Posso pensar nisso.

Fischer tornou a observar a maquete.

– Quando é que estará pronto?

– Dentro de três ou quatro meses.

– Ótimo. Vou acreditar na sua palavra.

Capítulo Vinte e Quatro

Mara dormia enroscada junto de uma das janelas da cave, na qual mal conseguiu entrar, com as pernas coladas ao corpo. Tinha catorze anos e era apenas uma entre os milhares de pessoas que mendigavam nas ruas do gueto, um número em constante crescimento, dado que quase todos os dias chegavam centenas de pessoas nos camiões. Eram judeus originários de outras partes da Polónia e da Alemanha, que os alemães «amontoavam» no gueto de Varsóvia. Viviam na rua ou aos montes em grandes barracões sem instalações sanitárias, onde permaneciam à espera de morrer à fome.

Mara, que já não tinha pais, era uma dessas pessoas. Irena tinha assistido ao lento desvanecimento de todas as esperanças da menina. Ao início, os olhos de Mara iluminavam-se sempre que viam Irena chegar e, como todas as jovens, falava muito de si e fazia-o com alegria. Contudo, já não falava, a luz dos seus olhos tinha apagado e quando, naquela manhã, Irena se inclinou para o fundo da cave para falar com ela, Mara limitou-se a voltar-se bruscamente para o outro lado. Irena pôs-lhe algumas fatias de pão no bolso da saia e prometeu voltar.

– Infelizmente, não corresponde ao ideal alemão da rapariga ariana – disse a Adam, pouco tempo depois, quando se sentaram um em frente ao outro na cozinha. – Para não falar da idade dela. Fazer com que os recém-nascidos e as crianças pequenas saiam já é bastante difícil, mas uma adolescente? Restam apenas as frestas nos muros que são utilizadas pelos contrabandistas. Mas os alemães estão constantemente a verificar tudo como loucos e voltam a fechá-las assim que podem. Depois, os contrabandistas abrem-nas outra vez, mas as informações chegam-me sempre com algum atraso. Consegues imaginar chegar ao muro com uma criança e encontrar um soldado em vez de um buraco? Não quero perder nenhum menino desta forma.

– Hmm – fez Adam.

– E mesmo que conseguisse que a Mara atravessasse uma dessas frestas… O aspeto dela iria levantar suspeitas entre os alemães, nem os documentos falsos serviriam de muito. As instituições oficiais estão fora de questão. Precisamos de uma família de acolhimento permanente disposta a esconder uma menina mais

velha e em risco. Mas é difícil. Se ao menos o Jan Dobraczynski não fosse tão teimoso… Precisamos mesmo da rede de contactos dele, poderia abrir-nos todas as portas para que crianças de todas as idades fossem acolhidas. Pergunto-me se não seria boa ideia tentar falar com ele outra vez, tenho a impressão de que deve ter mudado de opinião nos últimos tempos. Talvez a história das crianças de rua o tenha feito pensar, no final de contas. Que achas? Arriscamos?

Irena olhou para Adam. Este brincava com um pano da louça e parecia nem sequer ter-se apercebido de que ela tinha terminado de falar.

– Adam? Estás a ouvir-me?

Adam estremeceu.

– Mas é claro.

– E o que achas?

– Ontem, conheci uma pessoa que entra e sai do tribunal. Sabes, o tribunal tem duas saídas, uma na parte ariana e uma na parte judaica. E este homem conhece o porteiro, que lhe abre as portas por uma pequena quantia. Talvez pudesse falar com ele.

– O quê? A sério? – Irena debruçou-se sobre a mesa e beijou Adam. – Seria maravilhoso! Fui ao tribunal há pouco tempo, é um sítio muito movimentado. Se tivéssemos um contacto que abre as portas certas, ninguém se iria aperceber no meio do alvoroço – direcionou um olhar esperançoso a Adam, mas já tinha voltado a fixar o pano. Irena suspirou.

– Porque não me dizes o que se passa?

Silêncio.

– Adam? – Acariciou-lhe o rosto delicadamente.

– Agora, já temos a certeza – fixou Irena com os seus olhos escuros. – Ontem, fui a casa do meu amigo Domek. Ele recebeu informações de um amigo que vive perto de Chelmno. Parece que andou a explorar os arredores do campo.

– Referes-te ao campo de trabalho? – Perguntou Irena.

– Precisamente. Mas ele diz que se passa alguma coisa de estranho. Nos últimos tempos, têm chegado novos camiões com pessoas diariamente. O campo já deve estar a transbordar há algum tempo. O amigo do Domek também diz que nenhuma das equipas de trabalho volta a sair do campo. Em contrapartida, sente-se um odor estranho naquela zona.

– Estás a pensar naquilo que têm dito ultimamente – disse Irena. Adam assentiu.

– E se estiverem a matar pessoas ali dentro?

– Essa pessoa ouviu tiros?

Adam abanou a cabeça.

– Isso é bom sinal, ao menos – sugeriu Irena. Adam anuiu, pensativo.

– Pergunto-me apenas quem serão as pessoas que vão ali parar e de onde vêm.

– Achas que há um fundo de verdade no que dizem sobre os alemães terem intenções de realojar as pessoas dos guetos?

Adam anuiu novamente.

– Exato. Oficialmente, este realojamento deveria servir para melhorar as condições de vida. Tanto para quem é realojado como para quem fica. Tendo em conta que já estamos todos amontoados aqui, um realojamento faria sentido nestes termos. Mas é isso mesmo que me assusta – fixou Irena intensamente. – De tudo aquilo que os alemães nos fizeram até agora, houve alguma coisa que fizesse sentido?

As palavras de Adam continuavam a ecoar na cabeça de Irena quando, pouco tempo depois, se encaminhava para o escritório dos serviços sociais. Sentia um formigueiro no corpo, como se alguém lhe tivesse dado um choque. Até àquele momento, o possível realojamento dos residentes do gueto para leste era apenas um dos muitos boatos disparatados que circulavam pelas ruas naqueles meses. Mas e se fosse verdade? E se não se tratasse de facto de um realojamento da população, mas sim de…

Irena afastou aquele pensamento. Era uma ideia tão absurda que a paralisava. E não se podia permitir tal coisa. Pelo contrário: se os alemães estavam realmente a planear qualquer coisa nova, não havia tempo a perder, e isto incluía as suas dúvidas em relação a Dobraczynski.

Quando chegou ao escritório, entrou no gabinete de Irka sem bater à porta. Pouco tempo depois, também Jaga e Janka se juntaram a elas. Irena contou a história do homem de Chelmno e depois fixou Jaga.

– O Dobraczynski deixou-nos em sarilhos com as crianças de rua e pôs até as suas vidas em perigo. Mas, neste momento, não vejo outra saída sem ser voltar a falar com ele – levantou-se. – Vou ao gabinete dele.

– Vou contigo – disse Jaga.

– Eu também – disseram Irka e Janka em simultâneo.

Dobraczynski levantou o sobrolho, alarmado, quando as quatro mulheres se alinharam em frente à sua secretária.

– Está na hora de pôr as cartas na mesa – começou Irena, saltando as formalidades e colocando as mãos nas ancas enquanto Dobraczynski se apoiava

nas costas da cadeira, como se procurasse ganhar mais alguns centímetros de espaço. – Há já algum tempo que tem conhecimento de que falsificamos documentos e enviamos as crianças judaicas para o orfanato do padre Boduen, não tem?

Dobraczynski ruborizou.

– Sim, sei das vossas… atividades. De parvo não tenho nada, nem de cego. De qualquer modo, não sou, de todo, o cobarde que pensam que sou.

As mulheres arquearam as sobrancelhas com surpresa.

– Bem, se é para falar assim tão abertamente, penso que também vos posso dizer a verdade – baixou a voz. – Também faço parte da resistência. A decisão que tomei em relação às crianças de rua… Bom, não foi das melhores, admito – fixou as próprias mãos em silêncio, por um momento. – Muito bem, de que precisam?

– De uns telefonemas e da sua assinatura – respondeu Jaga. – O senhor fala com os seus contactos nos conventos católicos, nas instituições e nas famílias de acolhimento de Varsóvia e arredores sempre que precisarmos de um lugar. Conhece as instituições e as pessoas, sabe quem está disposto a fazer o quê. Depois, assina os documentos. É tudo.

– Só telefonemas e assinaturas? – Perguntou Dobraczynski. – E o resto? Quem escolhe as crianças? Quem faz com que saiam às escondidas do gueto? Quem irá cuidar delas? E onde vão arranjar os documentos? Sem documentos, nem eu posso fazer nada, sabem disso, certo?

– Nós tratamos disso – assegurou Irena.

Dobraczynski olhou para ela, surpreendido.

– De tudo?

Irena assentiu.

– De tudo. Então, estamos todos no mesmo barco? – Passaram alguns segundos, depois o homem encolheu os ombros. – Esperemos que a maré nos poupe.

– O Dobraczynski na resistência, a sério? – Ala estava sentada à mesa da cozinha e ajudava a filha Rami a espalhar a marmelada de beterraba no pão. A menina estava muito concentrada: sabia que não podia desperdiçar um bocadinho que fosse.

Irena sorriu.

– Não se deve confiar em águas paradas – olhou para o relógio por cima do aparador. – Quando é que tens de voltar para a clínica?

– A minha pausa para almoço acaba daqui a uma hora – Ala limpou algumas migalhas de pão da mesa, mas não se levantou.

Irena estava preocupada com a amiga. Os esforços no hospital e a dor de não conseguir fazer o suficiente estavam a desgastá-la. Ala tinha o rosto encovado, os seus cabelos negros perderam o brilho e tinha dois círculos escuros à volta dos olhos.

– Mas, antes disso, queria fazer uma visita domiciliar a uma jovem. Deu à luz há dois meses e, na semana passada, devia ter vindo fazer uma consulta de rotina, mas não apareceu. Estou preocupada. O marido está num campo de trabalho, há meses que não tem notícias dele – depois, virou-se para a filha. – Come, Rami, depois a avó vai ler-te uma história e fazes uma sesta.

Rami dirigiu-lhe um olhar de reprovação.

– Já tens de te ir embora outra vez?

Ala acariciou-lhe a cabeça com ternura.

– Mas volto depressa.

– Dizes sempre isso, mas nunca é verdade – disse a menina com um ar astuto, enquanto enfiava o último pedaço de pão na boca. Ala suspirou devagar, depois limpou o prato.

– Queres vir comigo, Irena? É mesmo ao virar da esquina.

– Claro. Talvez possa ajudar – Irena olhou para o relógio. Ainda tinha algum tempo.

A jovem mãe viva a três ruas de distância.

– Senhora Zielinska? – Já que a campainha não emitiu qualquer som, Ala bateu à porta, mas não obteve resposta. Olhou para Irena – Se calhar foi tratar de algum recado.

– Sim, pode ser que sim.

Ala rodou a maçaneta e a porta abriu-se.

– Senhora Zielinska? – Entrou. – Sou a Ala Golab-Grynberg, a enfermeira da clínica. Se está aqui, não tenha medo. Vou entrar.

Irena seguiu-a. O apartamento estava sujo, o ar estava quente e cheirava a bolor, sentia-se um odor a excrementos. Alarmada, Ala atravessou a cozinha e foi até à sala de estar.

– Oh, não!

Apressou-se em direção ao colchão que estava no chão. A jovem jazia num lençol sujo, com os olhos fechados e o rosto a arder. Deveria ter estado com a menina nos braços, mas, durante o sono, o seu braço afastou-se e a frágil recém-

nascida rebolou para fora do colchão. Ala sentiu o pulso da mãe enquanto Irena pegava na menina ao colo.

– Maldição – murmurou Ala. – Mal lhe sinto o pulso. Irena, vai a correr até à loja e liga para o hospital. Precisamos de uma ambulância.

Irena colocou a menina, que emitia ligeiros lamentos, nos braços da amiga e desatou a correr.

Ala acariciou as faces encovadas da bebé. Tinha os olhos fechados e os pequenos braços magros pendiam inertes.

– Acorda, pequenina. A mãe também vai ficar boa depressa. Chamas-te Hedi, não é? Foi assim que a mãe te chamou.

Ala precipitou-se em direção à cozinha e, com uma mão, colocou uma chávena debaixo da torneira, mas não saiu nada. A menina devia estar completamente desidratada. Ala abriu todas as janelas e olhou lá para fora. Onde estaria Irena?

Foi a correr para o patamar e bateu em várias portas, mas nenhuma abriu.

– Agora que precisava tanto de ajuda – sibilou. Mas sabia que estava a ser injusta. Na verdade, só estava irritada consigo mesma por não ter vindo antes. Sabia bem que a jovem estava malnutrida e que vivia sozinha. Em casos semelhantes, uma constipação ou uma tosse febril podiam ser fatais…

«Se ao menos não houvesse tanto a fazer no hospital», pensou Ala. «É simplesmente insustentável. Ainda assim, devia ter vindo». Com a menina nos braços, sentou-se outra vez ao pé da mãe e sentiu-lhe o pulso. Os seus olhos ficaram rasos de água. Tarde de mais. Tinha chegado tarde de mais.

Irena encontrou-a naquele estado quando, pouco tempo depois, entrou de rompante no quarto, sem fôlego.

– O telefone na loja estava estragado e o teto da loja ao lado tinha desabado, então fui a correr para o hospital. Mas, neste momento, a ambulância está ocupada com outro caso, pode demorar algum tempo a chegar.

Respirou fundo. Tinha o rosto vermelho.

– Ala? – Aproximou-se da amiga, que tinha o rosto regado de lágrimas. – Ala, que aconteceu?

– A mãe da Hedi morreu – respondeu a amiga com um sussurro. Irena sentiu todo o ar a ser sugado dos seus pulmões. Deixou-se cair no chão.

– Porque é que não vim cá mais cedo? – Lamentou Ala.

Irena sentiu a raiva reprimida na voz da amiga.

– Não devias sequer pensar nisso.

Mas Ala não a escutou. Irena agarrou na menina e tocou no braço da amiga.

– A pequena está viva. Devíamos tomar conta dela. Anda! – Disse com firmeza ao levantar-se. Ala esforçou-se para se levantar e seguiu-a.

Pouco tempo depois, entraram na clínica.

– Chama a tua colega Helena – sussurrou Ala. – Entretanto, vou declarar a morte da mãe.

Passado pouco tempo, as três mulheres estavam de pé numa pequena sala de visitas.

– Pelo menos, a nossa pequena Hedi não tem hipotermia – observou Helena enquanto preparava o leite. Deu uma olhadela a Ala, que estava de pé ao lado delas com um ar distraído, e depois virou-se para Irena. – E tu, que fazes aqui? Precisas de mais documentos do Leon?

Irena abanou a cabeça. Desta vez, não precisava de documentos falsos, mas sim do Leon como condutor de elétricos.

– Para dizer a verdade, tinha outra coisa em mente – Irena aproximou-se um pouco mais de Helena. – O teu marido às vezes faz contrabando de coisas para fora do gueto, não faz?

Helena anuiu.

– De manhã cedo, durante a primeira viagem, costuma transportar embalagens que esconde debaixo do último banco do elétrico. Normalmente, são pequenos objetos de valor que vende por conta dos habitantes do gueto no lado ariano. Em tempos, o contrabando funcionava nos dois sentidos, mas agora os alemães revistam os elétricos que entram no gueto de forma tão minuciosa que já não é possível fazer entrar nada às escondidas. Porque é que perguntas? Alguém quer vender qualquer coisa lá?

– Não, não é isso. É por causa da menina.

– Da menina? Qual menina? – Helena estava tão concentrada na pequena Hedi que só percebeu quando não lhe chegou qualquer resposta. – O quê? Estás a falar desta menina? Estás a brincar, certo?

– Não – a voz de Irena estava calma, mas demonstrava determinação. – A Hedi já não tem ninguém. Os orfanatos do gueto estão cheios. Quando já tiver mais forças, podemos dar-lhe uma pequena dose de sedativo para o Leon a levar consigo no primeiro elétrico da manhã. Na primeira paragem lá de fora, eu entro e penso no resto.

Lançou a Helena um olhar aflito, mas o rosto da mulher não tinha expressão: apenas o rubor das faces deixava transparecer o que sentia.

– Está a mamar! – Exclamou Helena quando Irena começava a ficar

impaciente. – Olha, está a beber… calma, não bebas tão depressa.

Irena compreendeu que deveria dar tempo a Helena e avaliou outras opções. O clima já estava demasiado ameno para passar por uma revista com um casaco largo, além de que o jovem alemão que costumava dar apenas uma olhadela distraída já não estava de serviço ali há muito tempo.

– Vou falar com o Leon – disse Helena, interrompendo repentinamente os pensamentos de Irena.

– És incrível! – Exclamou Irena, abraçando-a por instinto. – Nesse caso, vou organizar o plano do outro lado.

O momento chegou poucos dias depois. Ala, que era chefe das enfermeiras, estava autorizada a circular na rua além do recolher obrigatório e tinha passado a noite no hospital com a bebé Hedi, administrando-lhe uma pequena dose de sedativo. Tinha marcado encontrar-se com Leon às ٤h30 na estação dos elétricos, na extremidade norte do gueto. Embora ainda estivesse escuro, não vestia um casaco. O seu uniforme de enfermeira tinha de estar claramente visível a todos de longe. A menina estava numa grande mala preta de médico.

«Sou apenas uma enfermeira normalíssima que foi chamada para uma emergência logo de manhã», pensou Ala com amargura. A morte da mãe de Hedi tinha-a abalado. Levar a menina até à estação era o mínimo que podia fazer. O marido de Helena tinha dito que os guardas em frente à estação iam sempre para casa assim que Leon chegava, às ٤h٣٠, mesmo que o seu turno não começasse antes das 5h. Depois, tinha de ser rápida para poder entregar a menina enquanto estava escuro.

Apenas a esquina de um prédio separava Ala da rua ampla em frente à estação. Quando espreitou para o outro lado, viu que os guardas ainda estavam de pé em frente ao portão fechado. Não havia rasto de Leon. Olhou para o relógio. Raios! Era muito cedo. Como é que teria acontecido tal coisa? Devia ter caminhado com mais pressa do que o previsto. Ainda vigorava o recolher obrigatório. Ala entrou num pátio e procurou um ângulo morto.

Passaram dois minutos, depois três. Lá fora, ressoaram passos solitários. Seriam de Leon? Dentro em pouco, ouviu a voz de dois homens. Não conseguiu perceber o que diziam, mas pareceu-lhe que se tivessem saudado. Silêncio. Ouviu passos em frente à entrada do prédio. Deviam ser dos guardas.

Ala contou até sessenta, saiu lentamente do seu esconderijo e dirigiu-se à esquina do prédio. Agora sim, o portão de ferro estava aberto. Ala avançou ao longo dos edifícios durante o máximo de tempo possível. Só se afastou das

paredes no último segundo, atravessou a rua ampla e entrou pelo portão. Leon disse-lhe que seguisse pela esquerda até chegar a um barracão. Lá estava ele.

Deu a volta ao pequeno barracão e encontrou a porta. Um lenço branco brilhava à luz fraca de uma lanterna. Parecia que alguém a tinha deixado cair por engano, mas era o sinal combinado. Ala pousou a mala. De repente, sentiu um peso no coração e passou a mão pelo couro gasto.

– Adeus, Hedi. Boa sorte! – Sussurrou. Depois, afastou-se. Quando se virou novamente, viu a silhueta negra de Leon atrás das janelas cinzentas do elétrico escuro. Com cautela, dirigia-se à extremidade da carruagem. Ala continuou a caminhar.

Poucos minutos depois, ouviu atrás de si o estrondo do ferro nos carris. Abrandou o passo. Enquanto o elétrico avançava ao seu lado, arriscou-se a dar uma olhadela. Leon levou a mão ao chapéu. Ala respondeu-lhe com um aceno de cabeça. Em breve, os primeiros trabalhadores provenientes do gueto iriam entrar no elétrico. Só lhe restava esperar que ninguém reparasse na mala debaixo do banco.

Na primeira paragem do outro lado do muro, Irena esperava ansiosa pelo elétrico. Cá estava ele! Com algum ruído, virou a esquina. Algumas pessoas saíram. Nenhuma delas levava consigo uma mala de médico. Ótimo! Entrou e sentou-se no lugar vazio ao fundo. Mais algumas pessoas entraram na carruagem. Sem olhar para baixo, apalpou cuidadosamente a parte inferior do assento com o calcanhar e sentiu resistência. Suspirou de alívio. Com uma expressão que esperava que transparecesse cansaço e aborrecimento como era próprio daquela hora, olhou à sua volta e observou as pessoas que entraram consigo na paragem. Depois, o seu olhar atravessou a janela suja em direção à primeira luz do novo dia. Tinha de esperar vinte minutos até que todos os passageiros das paragens anteriores tivessem saído. Quando a paragem seguinte se aproximava, pegou na mala com naturalidade. Enquanto se dirigia à porta, os seus olhos encontraram os de Leon no espelho retrovisor e reparou que o maquinista sorria.

As portas abriram. Dez passos. Vinte. Passou a esquina do primeiro prédio, depois do segundo. Conseguiu. A luz da manhã estendia um véu de seda dourada sobre as pedras da calçada. Era o dia 1 de junho de 1942. A menina, que agora se chamava Helena, estava na mala e, naquele dia, começava a sua nova vida.

Capítulo Vinte e Cinco

– Tens a certeza de que este é o sítio certo? – Sussurrou Irena.

– À meia noite ao pé do portão que leva ao adro da Igreja de Todos os Santos – bisbilhou Adam. – Foi o que me disseram.

Irena pôs-se à escuta. No gueto, os candeeiros de rua não ficavam ligados durante a noite. Levou o pulso com o relógio à altura dos olhos, mas a escuridão era tal que não conseguia ver nada. Uma brisa morna agitava as folhas do carvalho no adro da igreja. Estava a começar a ficar nervosa. Devia ter passado meia hora desde que ali chegaram e os contrabandistas que iriam encontrar ainda não tinham dado sinais de vida.

– Talvez tenha acontecido alguma coisa – murmurou Adam, preocupado. – Podem ter sido apanhados. De qualquer forma, ficar aqui por muito mais tempo é arriscado. É melhor irmos andando – com uma mão, foi aos apalpões à procura do muro do adro, com a outra mão procurou a de Irena, mas esta só a apertou por um breve instante.

– Só mais um minuto – e parou. Teria ouvido o ligeiro chamamento de uma coruja? Seria o sinal acordado? Em resposta, Irena lançou para o outro lado do muro a pedra que já tinha preparada. Durante alguns segundos não aconteceu nada, depois o portão do adro abriu. Irena olhou para Adam, cujos olhos cintilavam com nervosismo. Fez um gesto com a mão: anda!

Ele seguiu-a até ao adro da igreja. O interior estava tão escuro como lá fora. Avançaram alguns metros e pararam. Lentamente, três figuras materializaram-se vindas da sombra. Irena sentiu um nó na garganta.

Eram crianças: a mais velha era uma rapariga de cerca de quinze anos e os dois rapazes deveriam ter oito e onze anos. Tinham coberto o rosto com fuligem para esconderem a sua identidade. Irena ouvira dizer várias vezes que muitos dos contrabandistas eram crianças e adolescentes. Inicialmente, eram introduzidos na parte ariana para pedir esmola ou comida para as suas famílias do outro lado dos muros do gueto, mas as coisas evoluíram. Muitos destes miúdos eram profissionais e ganhavam bem, mas o preço a pagar era alto. Quem fosse apanhado pagava com a própria vida. Não era de admirar que a comida fosse tão

cara no mercado negro. O preço compreendia o risco que os contrabandistas corriam noite após noite.

– Jolanta? – Sussurrou a mais velha do grupo em voz baixa. Apesar do calor, usava um gorro que lhe escondia os cabelos. Não era magra como a maior parte das crianças do gueto, mas havia uma certa hesitação no seu olhar, uma atitude alerta que nada tinha de infantil.

– Jolanta – confirmou Irena baixinho.

– O nosso contacto disse-nos que querem tirar crianças do gueto às escondidas e querem usar os nossos acessos.

– Sim, queremos – respondeu Irena.

Os três miúdos trocaram um olhar. Irena apercebeu-se de que comunicavam com os olhos.

– Em princípio, não temos nada contra, – disse a rapariga, por fim – mas temos de nos coordenar. Não podemos arriscar que cheguem demasiadas crianças a um ponto de uma só vez. Isso poderia chamar à atenção. Uma das nossas passagens é esta igreja, tem uma saída que vai dar ao outro lado. O padre colabora connosco.

Também queremos explorar os esgotos, pode ser outra possibilidade. Os buracos no muro e o cemitério já não são seguros – fez uma breve pausa, olhando mais uma vez para Irena de alto a baixo. Depois, acrescentou: – Nós trabalhamos de noite. Vocês podem mover-se durante o dia, assim não nos atrapalhamos uns aos outros.

Para Irena, estava tudo bem. Trocaram mais algumas informações.

Menos de uma hora depois, Adam abriu devagar a porta do seu apartamento; não queria que a mãe descobrisse que tinha saído durante o recolher obrigatório.

O seu quarto estava abafado, uma vez que era perigoso deixar as janelas abertas à noite. Irena e Adam despiram-se e deitaram-se na cama sem cobertores. Irena encostou todo o seu corpo ao dele e enrolou as pernas à sua volta. Ficaram assim durante algum tempo, sem falar. Irena percorreu delicadamente as costas e as ancas de Adam com a mão. Sentia os seus ossos e os músculos debaixo da pele quente. Adam tinha o rosto enterrado entre os cabelos de Irena, roçando a orelha dela com os lábios, a sua respiração estava quente.

– Em que estás a pensar? – Perguntou Irena.

– Nestas crianças que arriscam a vida para trazer comida para o gueto – respondeu. – E em ti, já que também arriscas a vida.

– E tu? Não estás também a arriscar a vida ao permanecer no gueto em vez de te esconderes no lado ariano?

Irena ficou com medo. Já tinham falado várias vezes da possibilidade de fugir e sabia que aquele assunto o fazia ficar furioso. Porque é que tinha falado nisso? Escapou-lhe porque algo nas palavras de Adam a tinha irritado, quase parecia uma acusação. Será que pensava que tinha sido ela a colocar-se nesta situação? Será que pensava que ela ou que aquelas crianças gostavam de arriscar a vida?

– O meu pai sempre disse que quando vês uma pessoa a afogar-se, entras na água e ajuda-la. Não há que pensar ou analisar. Fá-lo e pronto – continuou Irena. – Fazemos o que fazemos porque não temos escolha.

– Claro que não, agora sou eu o cobarde que não faz aquilo que deveria fazer – exclamou Adam, que tinha ficado em silêncio ao início. – Na realidade, as coisas não são assim tão simples. Tenho uma mãe e uma tia, não posso pensar só em mim.

– Eu também tenho uma mãe que está doente, mas não a uso como desculpa – Irena libertou-se do abraço.

– Como desculpa? Como desculpa para quê?

– Para não fazer nada. Tens uma escolha, Adam, mas não a queres fazer.

– Isso também não é uma escolha? – Sorriu cinicamente.

– Talvez fosse, há uns tempos. Mas se tudo aquilo que dizem é verdade, que os alemães querem deportar as pessoas… então tens de te ir embora. E a tua mãe também. E a tua tia Dora com o marido. Esconderem-se fora do gueto é perigoso, mas pode ser a vossa única possibilidade. A Igreja de Todos os Santos, de que nos falaram hoje os contrabandistas, podia ser uma possibilidade. E tu és aquele que tem o dever de tomar essa decisão pela família, por todos vocês. Não és responsável apenas por ti, mas também por eles.

– Então, agora também sou um irresponsável! – Adam fixou-a, furibundo. – Estás a exagerar com esta história – voltou-se para o outro lado e tapou-se com o lençol.

Irena deitou-se de costas e virou-se para o teto. Os seus olhos encheram-se de lágrimas: eram lágrimas de raiva, mas também de medo. As autoridades alemãs tinham declarado explicitamente que não estava previsto nenhum realojamento da população do gueto de Varsóvia. O Conselho de Judeus também o garantiu várias vezes. Ainda assim, Irena sentia tensão no ar quente de junho. Havia tensão nas ruas poeirentas, nos rostos das pessoas, na espera indefinida e na perseverança. «Passa-se alguma coisa», pensou. «Independentemente do que

dizem as comunicações oficiais».

Recordou-se da frase da amiga Maria Palester: o gueto é uma armadilha.

Irena fechou os punhos e segurou as lágrimas. Tinha de dormir, pois no dia seguinte tinha muito trabalho pela frente.

Capítulo Vinte e Seis

Uma teia de luzes em filigrana estendia-se no solo da floresta em ambos os lados da estrada. Já há muito que tinham passado pela última aldeia e penetrado na vegetação densa. O aroma das agulhas de pinheiro secas espalhava-se através da janela aberta do carro. Ludwig Fischer pensava na sua família na Alemanha, nas excursões à floresta do Palatinado.

Se não soubesse que era mentira, poderia jurar que estava lá naquele momento. A floresta sempre teve um efeito relaxante sobre ele. Encostou-se ao banco traseiro e inspirou o ar perfumado.

– Quanto é que falta? – Perguntou ao jovem soldado que ia a guiar.

– Um quarto de hora no máximo, governador.

Ludwig Fischer olhou para fora da janela traseira. Atrás deles seguia outro carro em que se sentavam, lado a lado, Thomalla, o engenheiro e diretor de trabalhos do novo campo de Treblinka, e Heinz Auerswald, o comissário do gueto de Varsóvia.

A estrada descreveu uma curva e à direita Fischer viu os carris do comboio, que agora corria paralelo à estrada. Chegaram a uma bifurcação que conduzia a cercas de arame farpado e barracões: Treblinka I, o campo de trabalhos. Deviam estar quase a chegar.

Fischer inclinou-se para a frente entre os bancos. Cerca de cinquenta metros mais à frente, havia um espaço aberto com uma plataforma. As cercas de arame farpado, com uma altura de dois metros e meio, estavam tão bem disfarçadas que era necessário procurá-las com o olhar para as conseguir ver. Uma música de instrumentos de sopro chegou-lhe aos ouvidos. Fischer colocou o chapéu e endireitou-o.

Dois vagões pararam na plataforma. Junto ao altifalante de onde vinha a banda sonora, Fischer reconheceu o cabo Kurt Seidel, um dos diretores de trabalhos. Atrás dele estavam mais dois homens. Fischer, Thomalla e Auerswald subiram os degraus da plataforma.

– *Heil* Hitler!

– *Heil* Hitler!

– Permita-me que vos apresente – disse Seidel. – Este é o sargento Josef Hirtreiter. Irá acolher os judeus na plataforma de carregamento e também será responsável pela vigilância no centro de recolha. E este é o cabo August Miete. Será o responsável pela vigilância da enfermaria e da zona de separação – os homens saudaram-se. Fischer olhou à sua volta: pousou o olhar sobre a plataforma e viu um altifalante fixado a um pilar.

– É para a música que vai dar durante as chegadas – comentou Thomalla, que tinha seguido o olhar do governador.

Fischer aproximou-se dos cartazes em que estavam afixados os horários das chegadas e das partidas.

– Se me permite, os horários das chegadas que estão aqui indicados correspondem aproximadamente às horas de chegada previstas dos comboios – ouviu a voz de Hirtreiter. – Isto torna os horários de partida fictícios mais credíveis. Se é que alguém terá realmente tempo para os ler.

Fischer virou-se.

– Os meus parabéns, Thomalla. Tem o ambiente perfeito.

– Quer que lhe mostre o campo?

Fischer e Thomalla foram à frente com Seidel, seguidos pelos outros dois. Após uma centena de metros, alcançaram dois grandes barracões em frente aos quais se encontrava um edifício mais pequeno. Os telhados brilhavam com o sol, quase no pico do meio-dia. Fischer transpirava dentro do uniforme e foi um alívio para ele quando entraram numa grande sala vazia à sombra.

– Aqui é onde se vão despir – disse Thomalla. – Como podem ver, não perdemos tempo – indicou uma bancada na outra extremidade do barracão. – Ali à frente, vão entregar os objetos de valor, que teoricamente irão reaver depois do duche. Ali, vão entregar as malas e as roupas. Mas não ficam neste edifício. Atrás do barracão há um posto de separação – saíram do edifício através de outra porta. De repente, viram-se invadidos novamente pelo calor do meio-dia.

– Este é o posto em que serão separadas as roupas e outros bens pessoais. Tudo o que for útil será enviado para outro sítio. O resto será queimado ali, atrás da enfermaria – August Miete indicou um pequeno edifício com uma cruz vermelha pintada.

– Enfermaria? – Perguntou Fischer ao olhar para Thomalla. – Não me recordo de termos falado de uma enfermaria.

– Mas não é uma enfermaria. Pelo menos, não para os nossos hóspedes de

passagem – Thomalla sorriu. – Por favor, entrem.

Aquele pequeno lugar comportava uma enfermaria totalmente equipada.

– É apenas para os guardas e para o resto do pessoal – explicou Thomalla. – Contudo, o termo é apropriado também para os judeus. No barracão de chegada, onde se despem, iremos separar logo os doentes, feridos e enfermos, que serão direcionados para outro lugar – Thomalla conduziu-os através de um amplo corredor para fora da enfermaria, pelas traseiras do edifício. Ali também havia um grande largo e, ao fundo, um buraco com grande profundidade.

– Trataremos rapidamente dos doentes de modo a não atrapalharem a atividade normal dos outros. Colocamo-los em frente à fossa e… – Tirou a pistola do coldre e fingiu fazer pontaria.

– Bastante sensato – comentou Fischer.

Encaminharam-se todos juntos pela estrada principal alcatroada do campo em direção a um pequeno bosque, passando por outros edifícios.

– Os aposentos dos guardas e do resto do pessoal – explicou Seidel. – Forno, cozinha, salas de refeições. Tudo esplendidamente decorado com mobília retirada aos judeus de Varsóvia, mas vamos lá mais tarde. Também temos um pequeno refresco preparado. Estou certo de que vai querer ver o nosso ponto forte primeiro.

– Mal posso esperar.

– É ali ao fundo – no fim do campo, Thomalla e Seidel entraram na floresta. Um caminho delimitado em ambos os lados por arame farpado conduzia-os através do verde silencioso. Não se conseguia ver onde ia dar.

– Separámos as câmaras de gás da primeira parte do campo para evitar o pânico. Por falar nisso, chamámos a este caminho pela floresta «a avenida do Paraíso». Quem terá inventado este nome? – Thomalla olhou para Seidel, mas este abanou a cabeça. – Também não me recordo. A certo ponto, começámos a chamá-lo assim e pronto.

Chegaram ao fim do percurso. À sua frente estavam diversos edifícios planos e discretos. Seidel abriu uma porta lateral. Entraram numa sala de máquinas.

– Este é o nosso motor de combustão interna – explicou Thomalla. – Os gases de escape são diretamente conduzidos à sala de duche.

– O mais tardar, por esta altura, já terão percebido o que os espera – observou Fischer enquanto entravam na câmara de gás com azulejos brancos nas paredes. – Não será possível evitar os gritos.

– Infelizmente, não – suspirou Seidel. – É por isso que esperamos que os

técnicos encontrem uma solução elétrica em breve. Com a eletricidade, seria tudo mais rápido e teria consequências menos ruidosas.

– Também quer ver as fossas atrás dos barracões? – Fischer não estava nada contente por voltar para debaixo do sol, mas disse que sim.

– Para começar, utilizamos um sistema testado e comprovado – explicou Thomalla. – Para levar os cadáveres para as fossas, usamos os próprios prisioneiros. Não se pode esperar que sejam os guardas a realizar este trabalho.

– As fossas serão suficientes a longo prazo? – Fischer franziu a testa com incerteza. – Afinal, estamos a prever cerca de seis mil mortos por dia.

– Está a ver ali atrás? Já estamos a trabalhar numa solução com recurso à incineração – referiu Thomalla. – Uma espécie de pira funerária, se quiser.

– Muito bem… – Fischer sentiu-se aliviado. – E em termos de tempo?

– Estimamos que entre o carregamento e a liquidação não passe muito mais que meia hora. Bem, talvez mais um pouco – abanou um pouco a cabeça.

– Hum, muito bem – Fischer despiu o colete do uniforme. – Que calor atroz… quase que se poderia pensar que o forno já está aceso.

– Então, voltemos para trás – sugeriu Seidel. – O refresco já está pronto.

– Espero que haja cerveja fresca – disse Fischer, gargalhando.

– Cerveja fresca, assado frio e pão acabado de cozer. Aliás, trata-se do primeiro pão preparado no nosso forno. Pedi que viessem as futuras cozinheiras do recinto de propósito para esta ocasião.

– Seidel, o senhor estraga-nos. Ótimo trabalho, Thomalla. Treblinka não tem qualquer motivo para invejar Belzec ou Sobibór. Superou-se, mais uma vez.

Thomalla sorriu, lisonjeado.

– Obrigado, governador!

Fischer deu-lhe uma palmada nas costas.

– E agora passemos aos pratos frios, antes que morramos de calor aqui.

Capítulo Vinte e Sete

Tinham demorado meses a juntar madeira suficiente para montar um pequeno palco. Os jovens que viviam no orfanato do doutor Korczak tinham-no construído sozinhos com a orientação de um amigo carpinteiro. Chegara o dia do espetáculo. Na grande sala, que habitualmente era utilizada como cantina, as cadeiras estavam dispostas em longas filas, mas não eram suficientes para tantos espectadores. Irena e Adam, que tinham chegado pouco antes do início do espetáculo, sentaram-se no chão encostados à parede. Apesar do calor de julho, as janelas estavam fechadas e o público falava baixinho. Era impreterível que não chamassem a atenção dos alemães para o evento.

Janusz Korczak subiu ao palco. Estava mais pálido do que da última vez que Irena o tinha visto. Por detrás dos óculos pequenos, os olhos escuros estavam rodeados de covas profundas e pérolas de suor brilhantes escorriam pela sua grande testa abaixo. Caiu o silêncio na sala. Depois de observar o público durante alguns instantes, o homem começou a falar com a voz carregada de autoironia.

– «Que direi ao público?», perguntei-me a mim mesmo, ontem. Agradeço-lhes por terem vindo, apesar de o próprio ato de vir até aqui constituir um perigo? Ou, então, começo por tecer elogios à ópera «Os Correios» de Tagore? Há qualquer coisa de bonito ou bom que eu possa contar acerca destes tempos? Em suma, vocês lembram-se de alguma coisa, assim de repente? – Alguns dos espectadores riram discretamente. – Ainda assim, tenho algumas coisas na minha lista – tirou do bolso das calças uma folha de papel amarrotada e ajustou os óculos. – Escrevi-as ontem à noite, depois de ter ficado no nosso pátio após o anoitecer, quebrando as regras, coisa que nestes tempos é praticamente suicídio – mais uma vez, ressoaram gargalhadas discretas pela sala. – Seja como for, de repente, levantou-se uma ligeira brisa de fim de tarde. Foi maravilhoso. E as flores que plantámos a um canto, que de dia se fecham com o calor, emanavam um perfume delicado. Aproximei-me delas e inspirei o mais profundamente possível. E, do nada, já não estava sozinho.

Fez uma pausa para o efeito dramático. A sala inteira susteve a respiração, mas

Irena reconheceu no brilho malicioso daquele olhar que quem falava era o velho doutor dos antigos programas radiofónicos.

– Já não estava sozinho – repetiu. – Um ponto luminoso mexia-se em frente a mim no escuro. Era um pirilampo! – Voltaram a ouvir-se gargalhadas, desta vez um pouco mais altas.

– Será que Deus existe? – Perguntou Korczak. – Sim, talvez. E, se existe mesmo, devíamos agradecer-lhe. Porque deu às flores o seu perfume e ao pirilampo a sua luz. Porque o ar pode transformar-se numa brisa e porque o homem nasce criança. As crianças… – colocou a lista no bolso – são como o perfume das flores para os adultos, são a luz do pirilampo, e agradeço todos os dias o destino que me leva a continuar em frente, como as ondas que rebentam nas conchas.

Fixou os espectadores como se estivesse a falar para cada um deles. Depois perguntou:

– Já alguma vez estiveram num dormitório no momento em que todas as crianças acordam?

Alguns espectadores abanaram a cabeça involuntariamente.

– Os olhos que se abrem e voltam a fechar devagarinho. Um menino que esfrega os olhos. Um outro que estica uma perna para fora do cobertor. Há sempre alguém que sai da cama com um salto, outros que olham para o vazio atordoados com uma boneca nos braços sem perceber nada. Talvez um menino coce o nariz, uma menina passe os dedos pelo cabelo. E eu, deitado na minha cama no centro do quarto, posso assistir a tudo isto assim que acordo. Todos os dias – sorriu de novo. – Se há algo de bonito para contar, é isto. E muitas destas crianças não pregaram olho na noite passada por estarem entusiasmadas. Ensaiaram uma ópera teatral para vos mostrar e esperemos todos que gostem.

O público aplaudiu. Durante uns segundos, ninguém pensou no mundo lá fora. Korczak abandonou o palco e os primeiros pequenos atores saíram detrás de uma parede de cartão. A ópera começou. Irena já a conhecia: antes da guerra, foi representada num teatro no centro e não era difícil perceber o porquê de Korczak a ter escolhido, mesmo que os pequenos atores não conseguissem compreender o significado mais profundo daquela peça.

A ópera teatral do autor bengali Rabindranath Tagore contava a história de um rapaz que sofria de uma doença incompreensível e fatal e, por isso, não lhe era permitido que saísse do seu quarto. Participava na vida fora de casa apenas através das palavras que trocava com algumas pessoas durante o dia de trabalho

delas, que paravam para conversar com o menino. O seu maior sonho era ser o carteiro real. E ainda que nunca se falasse explicitamente da sua morte iminente, não se podia evitar reconhecer a triste realidade: apenas a morte libertaria o menino da sua prisão.

– É um tema forte para um espetáculo feito por crianças – sussurrou Adam uma hora depois, enquanto aplaudiam com os outros. As crianças estavam alinhadas no palco: olhos brilhantes, rostos ruborizados, madeixas de cabelo humedecidas pelo suor na testa. Estavam de mãos dadas e sempre que a criança mais à direita iniciava uma vénia, também os outros se inclinavam. Alguns, por entusiasmo, quase tocavam com o nariz nos joelhos, outros faziam-no quase de forma rígida e relutante.

Adam e Irena levantaram-se e misturaram-se com os outros espectadores. Havia jarros de água e copos dispostos numa mesa encostada à parede. Dirigiram-se para aí, beberam e falaram com os visitantes que conheciam.

– Doutor Korczak! – Irena foi ao encontro do diretor do orfanato quando este se estava a despedir de uma senhora.

– Os meus parabéns – disse Adam. – Os miúdos recitaram tudo muito bem.

Korczak anuiu sorrindo, mas, ao contrário do seu discurso enérgico ao início da tarde, de repente parecia exausto, como se o otimismo e a alegria pelo sucesso da ópera tivessem consumido as suas forças em vez de as revigorar. Subitamente, vacilou e apoiou-se na parede.

– Sente-se bem? – Perguntou Irena, ansiosa.

– Não é nada – foi a resposta quase brusca. – Só estou um pouco cansado. Tenho dormido mal.

– Não deve ser fácil gerir este orfanato enorme – observou Adam. – Ainda que as crianças iluminem a sua vida como os pirilampos, elas dão muito que fazer.

Era para ser uma piada, mas Korczak levou Adam a sério.

– As crianças em si não dão que fazer – respondeu. – O único trabalho a fazer nesta altura é mantê-los vivos, encontrar os fundos necessários. Todas as manhãs, dou uma volta à procura de alguém que ainda tenha alguma coisa para dar. Subo e desço lanços de escadas, peço e imploro por uma doação, um saco de batatas.

A minha língua fica dorida de tanto falar. E sabem o que consegui na semana passada? Cinquenta zlotys e a promessa de receber outros cinquenta todos os meses – suspirou devagar. – Como é que posso matar a fome de duzentas

crianças com isto?
Às vezes, mal consigo levantar-me da cama de manhã, de tão cansado que estou. Além disso, estou preocupado com os boatos sobre o realojamento.

– O presidente do Conselho de Judeus nega que existam mesmo planos nesse sentido – objetou Irena com timidez.

– O Czerniaków? Sim, disse-me a mesma coisa no outro dia. Os alemães deram-lhe a sua palavra, mas eu não acredito.

– Não se pode confiar nos alemães – exclamou Adam com amargura.

– Tem razão, meu rapaz – Korczak deu uma ligeira palmada nas costas de Adam. – Mas não pense que o resto da humanidade seja inocente. Afinal, o homem é só um animal com uma profissão.

Irena deu uma pequena gargalhada. Típico do Korczak!

– Já pensou em sair do gueto e salvaguardar-se? – Perguntou, notando que Adam a observava pelo canto do olho.

Korczak riu-se.

– Também faz tenções de sair, com esta história? O meu ex-secretário esteve aqui recentemente e queria ajudar-me a esconder-me do outro lado. Mas sem os meus meninos? Além disso, estou a tentar perceber o que podemos construir aqui no instituto para os alemães. Uma espécie de fábrica infantil, por assim dizer. Se houver alguma ponta de verdade nestes planos de realojamento, talvez poupem quem se tornar útil para eles. Infelizmente, não fiz muitos progressos neste projeto, mas, como pode perceber, não tenho tempo para fugir.

Irena limitou-se a assentir. Não esperava outra resposta.

Capítulo Vinte e Oito

Minha senhora? – Janusz Korczak enfiou a cabeça pela fresta da porta.

A secretária de Adam Czerniaków levantou o olhar, sobressaltada.

– É o doutor? Oh, céus, pregou-me um valente susto – levantou-se e esboçou um sorriso. – Na verdade, devia dizer-lhe que o doutor Czerniaków não tem tempo, mas o senhor é sempre bem-vindo.

Korczak curvou-se ligeiramente.

– Senhora Tyszka, merecia um ramo de flores, se as pudesse comprar no gueto.

– O senhor não passa de um velho rouba corações!

A secretária bateu à porta do gabinete de Czerniaków e deixou Korczak entrar.

– Janusz! – Czerniaków apertou a mão do seu conhecido e convidou-o a sentar-se. – Uma visita oficial ao meu gabinete não promete nada de bom. Que posso fazer por ti? Há problemas com o racionamento?

Korczak fez uma careta.

– E quando é que não há? Mas não é por isso que estou aqui. Estava a pensar em criar uma espécie de linha de produção no orfanato. Como se chamam os estabelecimentos que produzem para os alemães, aqui no gueto?

– Uma oficina.

– Isso mesmo, uma oficina. Tenho duzentas crianças no instituto. Muitas delas já são adolescentes. Podemos fabricar qualquer coisa ou dar os últimos retoques a coisas provenientes de outras oficinas ou…

Czerniaków levantou uma mão.

– Janusz, espera um pouco. Porque queres fazer uma coisa dessas?

– Porquê? Estás mesmo a perguntar-me isso? É possível que a população do gueto seja realojada e aqueles que produzirem alguma coisa para os alemães sejam excluídos dessas iniciativas. Como o pessoal do Serviço Policial judaico ou do Conselho de Judeus.

Czerniaków ruborizou, mas engoliu a sua indignação.

– Janusz, perguntei vezes e vezes sem conta às autoridades alemãs e foi-me garantido que não está previsto qualquer realojamento. Ninguém sabe nada

acerca de um alegado…

– Não me digas! Então, mas não ouviste as últimas novidades? Parece que já estão quarenta carruagens prontas para a evacuação. Dizem que amanhã começam com o realojamento de três mil pessoas. Desde esta manhã que o Kohn e o Heller o dizem a quem quiser ouvir, e devem estar certos. Afinal, eles próprios têm uma empresa de transportes. Santo Deus, deixas-te estar aqui na tua torre de marfim e nem sequer te apercebes de que lá fora estão todos em pânico.

O rosto de Czerniaków endureceu.

– Só te posso transmitir aquilo que me foi garantido.

– Sim, sim. Mas não é esse o motivo da minha vinda. Por favor, fala com as pessoas do gabinete de realojamento, deixa-nos abrir uma dessas oficinas no orfanato… por favor.

– Vou ver o que posso fazer.

– Muito bem.

Despediram-se com um aperto de mão e Korczak saiu da sala.

Czerniaków aproximou-se da janela do gabinete. Seria mesmo possível que os alemães quisessem retirar centenas de milhares de pessoas de Varsóvia? Que tivessem organizado algo do género sem divulgar nada? Porque estes boatos acerca de um suposto realojamento eram completamente infundados.

Virou-se e agarrou no chapéu.

– Tenho de ir ver uma coisa – informou a sua secretária na antecâmara, depois saiu para enfrentar o calor de julho. Já fora da porta, o motorista estava a dormir uma sesta dentro do carro.

– É para o gabinete de transferências – irritado, deu uma palmada nas costas do jovem, que arregalou os olhos.

– Peço desculpa – disse o motorista, e partiu. Nas ruas do gueto, sempre apinhadas, ainda havia mais pessoas do que o costume. Alguns jovens reconheceram o motorista de Czerniaków e impediram-no de prosseguir. Foi rapidamente cercado por uma multidão de pessoas, que cresceu exponencialmente.

– O Czerniaków é um traidor! – Gritou uma delas.

– Quando é que nos ias dizer que amanhã nos vêm buscar? – Ouviam-se nas janelas uma série de golpes. Algumas pessoas cuspiram no carro. O motorista começou a buzinar.

– O carrasco dos alemães! – Gritou outra.

– Quanto é que te pagam para nos venderes?

Czerniaków olhava diretamente em frente, tinha gotas de suor a colar-se à gola da camisa e respirava com dificuldade. Por fim, o motorista fez o motor rugir. Algumas pessoas afastaram-se. Pregou a fundo no acelerador, avançou um pouco e depois mais um pouco. Finalmente, a multidão dispersou. Mas, quando o carro parou em frente ao gabinete de transferências, Czerniaków permaneceu imóvel. Viu que o motorista o observava pelo espelho retrovisor. Quando os seus olhos se encontraram, o jovem baixou o rosto.

– Mudei de ideias – disse Czerniaków. – Leve-me até ao Comissariado alemão do gueto.

Desta vez, chegaram ao destino sem problemas. Depois, começou a espera. Passaram horas até que Czerniaków pudesse entrar no gabinete de Heinz Auerswald. O comissário do gueto estava sentado atrás de uma secretária com um aspeto quase desarrumado. Como sempre, tinha o rosto barbeado, o sobrolho levantado e os cantos da boca virados para baixo, dava a impressão de que havia algo de errado ou fora do sítio no seu rosto. Auerswald juntou as pontas dos dedos e esperou que Czerniaków ficasse à vontade.

– Veio sem pré-aviso – disse. – A que se deve a sua visita? Trata-se de um novo quartel de bombeiros para o gueto, de um novo orfanato ou quer criar um novo parque para as crianças? – O comissário esboçou um sorriso, mas Czerniaków não o devolveu.

– Quero obter informações de uma vez por todas. Informações claras e precisas – explicou. – Os boatos acerca do realojamento da população continuam a circular e estão a tornar-se cada vez mais reais. Dizem que estão quarenta carruagens prontas para o realojamento, que deverá começar amanhã.

– Quarenta? – O sorriso de Auerswald alargou. – Trata-se de um exagero, é um absurdo. São apenas vinte, Czerniaków, e não serão utilizadas para o realojamento. Amanhã, serão transferidos mais setecentos e vinte homens para os campos. É tudo.

– Então, não haverá nenhum realojamento?

Auerswald levantou ambas as palmas das mãos.

– Que eu saiba, não. E, teoricamente, deveria ser o primeiro a saber.

– Então posso garantir isso às pessoas de forma credível? – Continuou Czerniaków com um tom brusco.

– Claro que sim – declarou Auerswald com vigor. – São só disparates, pode ficar tranquilo. Eu é que tenho de me preocupar, quem é que lançou esses

boatos? Vou iniciar uma investigação acerca deste assunto imediatamente.

Czerniaków queria levantar-se, não tinha nada a acrescentar. Todavia, algo o prendia à cadeira. Sentiu o impulso de repetir a pergunta uma segunda vez, uma terceira e por aí em diante. Haverá um realojamento? Amanhã? Passou-lhe uma imagem pela cabeça: Czerniaków agarrava Auerswald pelo colarinho e gritava-lhe a pergunta na cara até os seus óculos começarem a estremecer. De repente, levantou-se, fez um aceno de despedida e saiu da sala.

Só quando se sentou no carro é que respirou fundo. Mas o que queria ele? Tinha feito uma simples pergunta, vezes e vezes sem conta. E tinha recebido uma resposta bastante clara. Agora, não havia mais nada a fazer a não ser cancelar as restantes reuniões do dia e procurar tranquilizar os habitantes do gueto em pessoa.

Os dedos ossudos da pedinte chamada Mara agarravam a mão de Irena com tanta força que quase a magoavam. A multidão nas ruas parecia assustá-la e Irena não a podia censurar. Que se estava a passar? Em algumas vias do gueto era normal que as pessoas caminhassem ombro a ombro, mas hoje havia uma tensão no ar que não era habitual. Num cruzamento, viu-se uma multidão juntar-se à volta de um carro preto. Ouviam-se gritos, golpes e socos. Irena não conseguia ver quem estava no carro, mas pensou que se tratasse de um membro do Conselho de Judeus. Ninguém se atreveria a fazer algo assim aos alemães e, além disso, mais ninguém no gueto tinha permissão para guiar um carro.

Irena puxou Mara para trás de si. Àquela hora, o passeio poeirento brilhava e o sol de julho era tão ofuscante que Irena tinha de semicerrar os olhos. Na Rua Leszno, que era mais ampla, podia-se andar mais rapidamente. Por fim, conseguiram avistar o tribunal. Já havia pessoas sentadas e de pé nos degraus da entrada. Irena fez-se à estrada com Mara. Podia-se cortar o ar no átrio amplo com uma faca, estavam ali imensas pessoas aglomeradas. Instintivamente, Irena endireitou as costas; agora, era importante ter cautela sem mostrar qualquer incerteza. Alguns dias antes, combinou com o porteiro o ponto de encontro e foi-lhe dito com quem deveria ter cuidado. O porteiro tinha-lhe mostrado os funcionários que não podiam estar presentes no átrio quando descessem as escadas que levavam à cave. Felizmente, iam avançado lentamente entre a multidão. Sem dar nas vistas, Irena deixou os seus olhos vaguearem na direção dos rostos das pessoas, que falavam alto e gesticulavam.

«Como é que vou conseguir perceber quem está aqui com esta confusão toda?», pensou, e mudou de estratégia. Dando a mão a Mara, deu a volta

fingindo estar à procura de alguém. Nenhum dos funcionários em questão estava à vista. Assim sendo, avançou em direção ao balaústre: ela e Mara estariam visíveis por trinta segundos, no máximo, ao descer para a cave. Agora, era Irena que apertava a mão de Mara. Uma vez nas escadas, teve cuidado para não descer dois degraus de cada vez, sempre com calma e com um sorriso nos lábios.

Já estava. No andar de baixo estava mais escuro. Viraram para um corredor à direita. O senhor Duda, o porteiro, já estava à espera delas e, quando as viu, virou-se sem proferir uma palavra e abriu uma porta. Apressaram-se a segui-lo e a chave rodou atrás delas. A partir daí, atravessaram diversos corredores, à direita, à esquerda, outra vez em frente. O ar estava húmido e abafado. O porteiro não tinha acendido nenhuma luz e elas limitavam-se a tentar perceber o movimento das suas costas maciças em vez de olharem para ele. O homem conhecia o caminho de cor.

De repente, parou e virou-se para elas, levou um dedo à boca e fez sinal para que permanecessem onde estavam.

Irena ouviu a chave entrar na fechadura. Devia ser a saída da Rua Ogrodowa. Quando a porta se entreabriu, foram atingidos por uma luz ofuscante. O calor penetrou no corredor. Com cautela, o porteiro enfiou a cabeça na fresta, mas retraiu-a logo de seguida. Ouviu-se o barulho de um camião.

– Carrinhas cheias de soldados da SS – bisbilhou freneticamente e encostou a porta, deixando apenas uma abertura minúscula. Passou outro camião com um estrondo.

– Maldição, que se passa hoje? É só soldados da SS por todo o lado. Mas onde raio é que eles vão? – Praguejou em voz baixa.

Irena e Mara continuaram caladas e imóveis. Finalmente, voltou tudo ao normal.

– Quando estiverem lá fora, vou fechar logo a porta. O meu papel termina aqui – disse imperiosamente.

Irena assentiu. Duda abriu a porta com cautela, deu outra olhadela rápida e acenou com a cabeça em direção ao exterior. Irena saiu com Mara. Tinha o coração na garganta e a sensação de que tudo à sua volta se passava em câmara lenta. Uma senhora que caminhava na direção oposta, ao fundo da rua, um ciclista que levantava um cabaz do cesto da bicicleta e se inclinava para recolher as batatas que tinham caído. Ninguém olhava para elas. Quando surgiu outra carrinha a descer a rua, já se tinham afastado um pouco da porta da cave.

Irena não olhou para trás. Só quando a carrinha de caixa aberta passou à sua frente é que reconheceu os jovens rapazes com uniformes da SS. «É mesmo estranho», pensou, e disse em voz alta:

– O porteiro tem razão. Que se está a passar? – Mara virou-se para ela com os olhos arregalados de medo. – Não te preocupes – sussurrou Irena. – Não te vieram buscar.

Mas não conseguia tirar da cabeça o seguinte pensamento: porque é que, subitamente, havia tantos soldados da SS na rua? Que se passava?

Capítulo Vinte e Nove

Na manhã seguinte, Adam Czerniaków já estava no seu gabinete às 7h30 para se preparar para a reunião do Conselho da comunidade judaica. Tinha aberto a janela porque àquela hora a temperatura ainda estava agradável. Sentia-se um leve toque de frescura. Recordou com nostalgia as manhãs no seu antigo apartamento na rua ladeada por tílias, que na primavera soltavam um perfume arrebatador, e no verão a sua esposa plantava flores na varanda. Odores e cores do período anterior à guerra dos quais sentia saudades. Virou-se e voltou para a secretária.

Quando, algumas horas depois, ia a fechar a janela, a porta abriu-se nas suas costas. A sua secretária precipitou-se para dentro do gabinete. Algumas madeixas de cabelo tinham-lhe escapado do penteado, que, de resto, estava impecável.

– Doutor Czerniaków, – disse sem fôlego – já tratei do recado…

– Obrigado, senhora Tyszka, mas não era necessário ter tanta pressa.

– Não, – tagarelou – não é por isso. É por causa das tropas. Devem ser unidades especiais da SS e da Gestapo. Cercaram parte do gueto – a falta de reação por parte de Czerniaków assustou a secretária. – Doutor Czerniaków, o que se está a passar? Sabe de alguma coisa? – Perguntou, agitada.

– Obrigado, senhora Tyszka – respondeu-lhe bruscamente. – Pode voltar ao trabalho, eu trato disto.

Boquiaberta, olhou para o chefe por um instante e fechou a porta. Czerniaków esticou o braço para pegar no chapéu, mas mudou de ideias. Levantou o auscultador do telefone e marcou um número. Ocupado. Outro número. Também ocupado. Num ímpeto de raiva desesperada, que até assustou o próprio, bateu com o auscultador no telefone.

Ouviram-se golpes vigorosos na porta, que se abriu imediatamente. Entrou no gabinete o major Höfle. Czerniaków sentiu um aperto no coração. Até àquele momento, não tinha tido muito que ver com ele, mas sabia que o major se tinha tornado famoso devido aos campos de Lublin e Belzec. Estava em Varsóvia há algum tempo… E, agora, estava no seu gabinete.

Durante uns segundos, ninguém disse nada e, no meio daquele silêncio cheio de tensão, as gargalhadas e as brincadeiras das crianças, para as quais Czerniaków tinha recentemente criado um jardinzinho do lado oposto da rua, ecoaram num volume anormalmente alto. Até Höfle parecia ter reparado.

– Feche a janela e diga às crianças para se afastarem daqui – ordenou-lhe com um tom brusco. Czerniaków só teve de fazer sinal à sua secretária, que estava parada à porta. A senhora desapareceu.

– Höfle, major da SS, responsável pelo realojamento. Estou aqui para o informar de que esta manhã às 10h em ponto iremos dar início à Operação Reinhardt – olhou para o relógio de pulso. – Precisamente dentro de cinco minutos.

Czerniaków abriu a boca, mas não conseguiu dizer nada. Höfle prosseguiu:

– Com poucas exceções, todos os judeus, de qualquer género e idade, serão realojados a leste. Cada um pode levar consigo uma mala com o peso máximo de quinze quilos. Até às 16h, os primeiros seis mil terão de partir do ponto de recolha do gueto. Terão carruagens à sua espera. O mesmo número de pessoas será levado de dois em dois dias.

Czerniaków recuperou a voz.

– Realojados? Onde, mais precisamente? E por que razão? É para os campos de trabalho? Para outros guetos?

– Esses pormenores não lhe dizem respeito.

– Mas…

– O senhor e o Serviço Policial judaico responderão perante mim no que toca ao número de pessoas levadas. Devo recordá-lo de que a sua esposa ainda está em liberdade, neste momento. Se houver resistência, seremos obrigados a fuzilá-la na condição de refém.

– Falou em exceções – Czerniaków nunca se tinha sentido assim tão impotente. Chegaram-lhes aos ouvidos os primeiros gritos vindos lá de fora, a uma certa distância. Gritos estridentes e agudos de mulheres, de homens furibundos e desesperados e de crianças a chorar.

– Estão excluídos os funcionários do Conselho de Judeus, assim como as suas famílias, os funcionários do Serviço Policial judaico e também as suas famílias, varredores de rua, pessoal hospitalar e titulares de licenças de trabalho. Em suma, todos os que trabalham por conta de empresas alemãs dentro do gueto.

– E as crianças? Os orfanatos? – Perguntou Czerniaków.

– Não são exceções. Nos próximos dias, será assegurado um transporte

especial para as crianças.

– Não podem fazer isso! – Gritou Czerniaków fora de si. – Eu…

– O senhor não vai fazer nada. Estou aqui apenas para o informar. Bom dia e *Heil* Hitler! – Virou-se e saiu do gabinete. Czerniaków olhou para a sua secretária, que o fixava lá de fora. Incapaz de manter o contacto visual, fechou a porta com violência.

O seu primeiro impulso foi o de voltar à janela, como fazia com frequência quando precisava de refletir, mas os gritos cada vez mais altos das pessoas que eram levadas fizeram-no desistir. Permaneceu de pé no centro do seu gabinete, como que petrificado. Tinha criado jardins para as crianças, estava a trabalhar em resolver os problemas de abastecimento alimentar e de recolha dos resíduos. Tinha acabado de inaugurar um novo orfanato para crianças pedintes e tinha-se empenhado em resolver as dificuldades práticas da vida quotidiana no gueto. Só não tinha conseguido proteger as pessoas, porque era claro que isto não se tratava apenas de um realojamento. Os alemães não iam levar seis mil pessoas por dia para as realojar noutro lugar fora de Varsóvia. Não sabia o que as esperava, mas sabia que seriam mortas. A batalha estava perdida e já não era uma luta pela dignidade; era uma luta pela mera sobrevivência.

Pensou em Janusz Korczak, que tinha ali estado poucos dias antes, e pressionou as têmporas com as pontas dos dedos. Agora, iria contribuir em primeira pessoa com o envio de crianças indefesas para a sua morte.

Czerniaków sentou-se à secretária e abriu uma gaveta. Com a mão, procurou a pequena caixa de metal ao fundo. Pousou-a à sua frente na mesa e olhou para ela.

«Não consigo mais», pensou. «Já não consigo suportar a minha impotência. A dor, a raiva. Vão pensar que sou um cobarde, mas não é verdade. Nunca o fui. Eu lutei, à minha maneira, desde manhã até à noite. Por um pouco de dignidade, por qualquer pequena melhoria. Mas não fui capaz. Com sorte, o meu gesto vai abalar as pessoas e fazê-las perceber que é preciso encontrar uma alternativa». Abriu a caixa, pegou na cápsula de cianeto e meteu-a na boca.

Por uns instantes, sentiu na boca a superfície suave e redonda, e depois morreu.

Capítulo Trinta

A mesma história de ontem», pensou Irena, irritada, quando o centésimo militar passava por ela.

O aumento da presença de soldados na cidade fazia-a arrepiar-se. Havia algo de errado e tinha um mau pressentimento. No cruzamento sucessivo, virou em direção ao gueto. A sua visita à cantina dos pobres podia esperar. Pedalou mais rapidamente e, antes de chegar ao posto de controlo, viu algo terrível: um círculo de veículos militares ao redor dos muros do gueto. Nas superfícies de carregamento vazias e entre os veículos estavam soldados da SS em fila com as metralhadoras em punho. Tinham cercado o gueto.

«O realojamento», passou pela cabeça de Irena. «Deve tratar-se disso. Afinal, era tudo verdade!»

Depois de parar a bicicleta, aproximou-se do posto de controlo. Sentiu que havia muitos olhos fixos em si, mas manteve o olhar em frente. Lá dentro, a passagem tinha mais guardas do que o costume. Tirou o passe do bolso.

– Sou da proteção contra as epidemias.

– Nós também – observou o guarda com o rosto totalmente inexpressivo. – E é por isso que, em breve, não precisaremos de pessoas como a senhora. Tem a certeza de que quer entrar? Pode haver distúrbios.

– Sim, tenho de entrar.

– Sim, claro. Tem de entrar – o homem esboçava um sorriso irónico. Depois, fez sinal ao guarda mais à frente para deixar Irena passar.

Lá dentro, as ruas estavam vazias. Ouviam-se gritos isolados provenientes do chamado pequeno gueto, que estava ligado ao grande gueto através de uma ponte de madeira que passava por cima de uma rua que não pertencia a nenhum dos dois. Irena apressou-se até ao apartamento de Adam. Sem fôlego, carregou no botão da campainha e bateu à porta ao mesmo tempo.

– Adam? Senhora Clenikier? Sou eu, a Irena!

A porta abriu-se. Adam estava pálido como um fantasma. Irena entrou rapidamente. Ouviu soluços abafados atrás da porta fechada da cozinha e, sem dizer uma palavra, seguiu Adam até ao seu quarto.

– Sabes alguma coisa? – Perguntou.

– Ia perguntar-te o mesmo.

Resignado, Adam deixou-se cair na borda da cama.

– Só os boatos que andam por aí e aquilo que se ouve e que se vê. O pequeno gueto foi cercado. Dizem que querem levar milhares de pessoas para o ponto de recolha para as realojar. Irena, milhares todos os dias. Vão começar no pequeno gueto. Ouviste os gritos?

Irena anuiu.

– Precisamos de documentos – continuou Adam. – Licenças de trabalho que certifiquem que trabalhamos para uma empresa alemã. Quem tiver esses documentos estará a salvo. Custam cinco mil zlotys cada um.

– Adam, – interrompeu-o Irena – nem a tua mãe, nem a tua tia e o marido serão admitidos numa empresa alemã. E digamos que tu até consegues arranjar um documento desse género para ti, queres ficar a olhar enquanto levam a tua família? Além disso, esses documentos não te vão salvar para sempre. Se é verdade o que dizem sobre os alemães quererem limpar o gueto, talvez as pessoas com documentos fiquem para último, mas mais tarde ou mais cedo vai chegar a vez delas – Irena não sabia dizer onde tinha encontrado forças para fazer aquela análise a sangue frio. Adam olhou para ela.

– «Limpar o gueto». Não te ouves?

Irena sentiu uma faca no peito. Era brutal, tão brutal como a realidade. Mas era exatamente por isso que estava farta de rodeios.

– Limpar, exatamente – continuou de forma anormalmente dura. – Ambos sabemos bem que as pessoas não serão apenas realojadas, não é? – Adam evitou o olhar da companheira, mas voltou a fixá-la. Mordeu o lábio e assentiu lentamente.

Irena agachou-se à frente dele e pegou nas suas mãos.

– Então, sabes o que fazer. Vou organizar refúgios temporários para vocês. E, assim que for possível, vamos tentar passar-vos para o outro lado.

Adam não olhou para ela. Tirou uma das mãos de entre as dela, baixou a cabeça e esfregou a testa. Depois, assentiu.

– Está bem. Vou pensar no assunto, prometo-te.

Pouco tempo depois, Irena apressava-se em direção ao hospital através de caminhos sombrios. Tinha de encontrar Ala.

Arriscou quase desencontrar-se com a sua amiga Ewa, que foi ter com ela à esquina de um prédio.

– Irena, viste a minha mãe? – Ewa tinha o rosto coberto de suor e os olhos esbugalhados.

– Não, eu…

– Saiu de casa esta manhã para ir às compras e ainda não voltou. Estou à procura dela na rua e vou tocando às campainhas das pessoas que conhecemos. Sabes o que se está a passar?

Irena assentiu.

– Ela queria ir ao pequeno gueto?

– Na verdade, não, graças a Deus! Um conhecido da Rachela, que está no Serviço Policial, disse que estão a fazer tudo de forma sistemática, todos os dias vão a uma determinada zona. Mas têm quotas a cumprir e, se não as alcançarem, quem sabe o que…

– A Rachela pode perguntar onde estarão amanhã? E nos dias seguintes?

– Não sei se o conhecido dela sabe. Mesmo que provavelmente saiba, já que obrigam o Serviço Policial judaico a colaborar. Estás a perceber? Neste momento, os judeus estão a arrastar o próprio povo para fora das suas casas para o levar ao ponto de recolha.

– Era importante saber qual será a próxima zona. Depois, podíamos falar com as pessoas que lá vivem. Talvez agora haja mais famílias dispostas a confiar-nos os seus filhos para os fazer chegar ao outro lado. Tens de falar com a Rachela.

Ewa agarrou no braço de Irena com força.

– Depois digo-te alguma coisa, prometo. Mas agora tenho de ir.

Também Irena desatou a correr. Quando chegou ao local de trabalho de Ala, pouco tempo depois, perguntou a uma jovem enfermeira pela sua amiga.

– A Ala? Foi para o ponto de recolha com o Nachum.

– O quê? A Ala está no ponto de recolha?

– Sim, queriam…

Mas Irena já se tinha afastado rapidamente. Se Ala estivesse mesmo no ponto de recolha, fosse por que motivo fosse, tinha de a encontrar.

Quando virou a esquina de um edifício, um pouco antes da praça de carregamento de bagagem, deu de caras com um longo cortejo de pessoas aglomeradas. Cada fila era formada por várias pessoas que levavam consigo malas e farnéis preparados à pressa e furiosamente, contendo os seus bens pessoais. Uma senhora levava uma gaiola com um canário. Na maior parte dos rostos era possível ver-se o pânico. A SS, os soldados ucranianos e os homens do Serviço Policial judaico empurravam as pessoas para a frente com espingardas,

chicotes e bastões. Um homem tropeçou numa criança que tinha caído à sua frente. Enquanto este tentava ajudar o pequeno a levantar-se, levou um golpe de bastão na nuca, que o fez cambalear outra vez.

– Em frente! Mantenham a ordem! – Gritou um soldado da SS na linha da frente.

Irena retirou-se e seguiu por uma rua lateral para chegar ao ponto de recolha. Aquilo que viu cortou-lhe a respiração: a grande praça em frente às rampas de carregamento das carruagens de gado já estava cheia de gente. Deviam ser bem mais de duas mil pessoas. Estavam todas amontoadas no calor abrasador do meio-dia, a tremer e com as faces ruborizadas. Não havia sombra, nem água, nem casas de banho, não havia espaço para se sentarem ou deitarem. Como iria encontrar Ala ali no meio?

Irena aproximou-se das pessoas. O suor já se colava às suas costas e o fedor de excrementos dava-lhe náuseas. Um menino choramingava, outro caía por terra. O resto das pessoas mantinha-se num silêncio assombroso. De repente, reparou numa tenda à margem da praça com uma cruz vermelha pintada.

Foi naquela direção. Ao lado da tenda, estava um homem da SS com a espingarda em riste que, ao ver Irena, se aproximou.

– Para trás!

Irena recuou, mas, ao mesmo tempo, sentiu uma mão a pousar-lhe no ombro. Virou-se.

– Irena Sendler, proteção contra epidemias – disse o jovem atrás dela com uma voz firme. Irena reconheceu-o: Nachum Remba era um funcionário do Conselho de Judeus. Irena, por sua vez, tirou o passe do seu bolso. O soldado da SS deu um passo para o lado e Nachum guiou-a para dentro da tenda, juntamente com uma senhora ao seu lado com um aspeto febril.

– Ala! – Exclamou Irena.

A amiga virou-se. À sua frente, estava uma mulher idosa deitada numa maca improvisada.

– Irena, que estás aqui a fazer?

– Vim à tua procura. E tu, que fazes aqui? Quando me disseram que estavas aqui, pensei que…

– O Nachum e eu montámos esta pequena tenda de primeiros-socorros. Retiramos da multidão aqueles que não estão em condições de viajar e mandamo-los para o hospital.

– A sério? Não consigo acreditar que vos deixam fazer isso.

– Mas eu sim – Ala esboçou um sorriso amargo e baixou a voz. – Estamos a vencê-los no seu próprio jogo: querem que acreditemos que as pessoas que aqui estão serão transferidas e nós fingimos que acreditamos. Mas se se trata apenas de um realojamento, ninguém devia ter problemas durante a viagem, não é? Por isso, continuam a jogar e deixam-nos levar as pessoas que não estão em condições. Claro que não são muitas, mas se conseguirmos salvar nem que seja uma pessoa da evacuação…

– Sabes para onde os estão a levar? – Perguntou Irena.

– Não. Só sei que o realojamento é uma mentira – Ala baixou ainda mais a voz. – Anotei o número de um vagão que partiu esta manhã. Nem sequer duas horas depois, já estava outra vez aqui. Para onde quer que levem as pessoas, não deve ser para longe de Varsóvia.

Irena sentiu um murro no estômago. Obviamente que nunca acreditou por um instante na mentira do realojamento, mas agora tinham provas. Começou a pensar freneticamente. Será que existia um campo de trabalho grande o suficiente para acolher e hospedar milhares de pessoas por dia nos arredores de Varsóvia? A resposta era não e só podia significar uma coisa: existia um campo de extermínio algures lá fora. Todas aquelas pessoas amontoadas na praça estavam a ir ao encontro da morte certa.

– Temos de ajudar as crianças – dizia Irena na mesma tarde a Irka, Janka e Jaga. – Temos de as tirar dali.

– Mas já estamos a fazer isso – Irka olhou para ela, sentindo-se impotente.

– Sim, claro. Mas dez crianças por semana? Não é suficiente.

– E o que achas que devemos fazer? – Perguntou Jaga. – Aceleramos as coisas? E onde vamos encontrar o dinheiro? A maior parte das famílias de acolhimento depende do nosso apoio financeiro e os fundos dos serviços sociais são controlados cada vez mais rigorosamente pelos alemães. Mais tarde ou mais cedo, irão saber para que é que os usamos – Jaga abanou a cabeça. Depois, acrescentou com amargura: – E mesmo que conseguíssemos arranjar o dinheiro e fazer com que quinze ou vinte crianças saíssem do gueto às escondidas todas as semanas, o que seria isso comparado com seis mil pessoas deportadas por dia? – Corriam por aí boatos acerca da quota prevista. Jaga estava fora de si.

– Eu sei, – disse Irena num fio de voz – mas temos de tentar. Cada criança conta, e agora os pais estão mais dispostos a separar-se delas. Hoje, a Ewa contou-me que uma família queria falar comigo. A Hanja Kosler teve uma filha há seis meses, a pequena Beata. Os Kosler conseguiram uma licença de trabalho

para a Hanja na fábrica Többens, mas ela não pode levar a Beata consigo para o trabalho. E se a família da Hanja for deportada enquanto estiver a trabalhar? Estou muito preocupada com a pequena.

– Quando é que vais a casa deles? – Limitou-se Janka a perguntar.

– Amanhã.

Janka anuiu.

– Eu trato do alojamento.

No dia seguinte, Irena bateu à porta dos Kosler devagarinho. Lá dentro, ninguém se mexia. Contudo, era improvável que não estivesse ninguém. Voltou a bater à porta devagar.

O homem que lhe respondeu já devia estar atrás da porta de pé, porque, desta vez, a voz fez-se ouvir quase imediatamente.

– Quem é?

– Jolanta – respondeu Irena bastante alto para que o homem a pudesse ouvir do outro lado. A porta continuou fechada. Irena pôs-se à escuta, mas não ouviu passos. – Vim através da Ewa Rechtman – acrescentou mais baixo.

Nesse momento, a porta abriu-se. Irena entrou e a porta foi imediatamente fechada atrás de si. Um homem alto com cabelo ralo fez-lhe um aceno com a cabeça e indicou com a mão uma divisão adjacente.

Durante o trajeto, passaram em frente a outras divisões. As portas estavam abertas e em cada quarto estavam várias pessoas sentadas ou de pé, que olhavam para ela com uma certa curiosidade, mas mudas.

– Somos muitas famílias para poucos quartos – explicou o homem sem que ela perguntasse o que quer que fosse. – Mais de vinte pessoas no total. Sou o Jerzy Kosler, o pai da menina.

O quarto para onde foi conduzida estava um sufoco. Mal entrava um fio de ar pela pequena janela virada para o pátio. Quando Irena entrou no quarto, levantaram-se todos. Uma jovem mulher loira foi ao seu encontro.

– Sou a Hanja Kosler – apresentou-se. Tinha o rosto pálido, mas os olhos verdes brilharam quando acrescentou: – E esta é a Beata, a minha pequena Beata – Irena olhou para o rosto sorridente da menina. A pequena, nos braços de Hanja, emitia pequenos ruídos e tentava morder o dedo da mãe, que continuava a tirar-lho da frente jocosamente.

– É lindíssima – murmurou Irena, sentindo o nó na garganta do costume. Estava ali para separar esta mãe da sua filha.

– Nasceu durante um nevão – Hanja Kosler só tinha olhos para a pequena. –

A minha parteira, a Stanislawa, teve de passar aqui a noite. A Ewa disse que a conhecia.

– Sim, exatamente. O apartamento dela é um dos nossos refúgios de emergência. E é para casa dela que vai a Beata.

– Oh – surgiu um sorriso ligeiro no rosto de Hanja Kosler. Era uma consolação, pelo menos naquele momento.

Irena fixou os olhos luminosos de Beata. Uma criança pequena, com um futuro cheio pela frente. Beata era um raio de esperança no meio daquele inferno não só para os seus pais, mas também para os outros, alguns dos quais estavam agora junto à porta. Um idoso corcunda aproximou-se de Jerzy Kosler. Apresentou-se como o avô de Beata.

– A fuga é muito perigosa? Vai correr tudo bem? E o que acontecerá depois? Será batizada? Ouvimos falar nestas coisas – a sua voz parecia severa, mas Irena sabia que era apenas o medo a falar.

Hesitou e depois respondeu:

– Levar a Beata às escondidas para fora do gueto é perigoso, não posso negar. Mas é a única hipótese que ela tem. Pela segurança da Beata, não posso dizer-vos qual será a sua família de acolhimento no futuro. Mas tenho tudo registado. O verdadeiro nome da Beata não será esquecido. Reencontrarão a vossa menina. Mas se será ou não batizada… não posso dizer. Eu vou opor-me, mas não posso prometer-vos nada.

A família de Beata parecia perturbada.

Entretanto, a menina emitiu sons roucos e começou a dar vigorosamente às perninhas. Talvez se tivesse apercebido de que a atenção da mãe passou para outra pessoa, talvez se tivesse apercebido da tensão. Hanja aproximou o rosto do da filhota. Começou a cantar muito baixo:

– Shh, shh, meu raio de sol, brilha sobre a minha pequena Beata…

Com ternura, embalou a menina, que já tinha ouvido aquela melodia tantas vezes. A bebé esboçou um sorriso e começou a balbuciar, contente.

Hanja Kosler parou de cantar e virou-se para Irena. A sua voz soou surpreendentemente firme.

– Confiamos-lhe a Beata. Dê-nos uma semana antes de… – a sua voz desvaneceu quando se apercebeu do que ia dizer.

Uma semana? Era demasiado. Beata e a sua família já poderiam ter sido levados para o ponto de recolha há que tempos. Irena abanou a cabeça. Hanja Kosler olhou para ela com firmeza. Era como se estivessem a negociar em

silêncio e apenas com o olhar. Quatro dias? Três? Dois?

– Pelo menos uma noite – a voz de Jerry Kosler interrompeu o duelo silencioso.

– Uma noite – Irena assentiu. – Estarei aqui amanhã de manhã, às 11h.

Como sempre, tal como nas noites anteriores a uma fuga planificada, Irena teve um sono agitado. Tinha passado a tarde anterior a tratar de todos os preparativos necessários. O enteado da parteira, que já tinha ajudado Irena muitas vezes no passado, ia buscá-la de manhã para levá-la a casa dos Kosler. Como operário na construção civil, também tinha um passe e a sua caixa de ferramentas foi adaptada de modo que um recém-nascido pudesse estar lá dentro e conseguisse respirar. Também tinham documentos novos para a menina. Contudo, Irena continuava a acordar. Por muito que este tipo de coisa fosse bem preparado, havia sempre milhares de variáveis que não se podiam prever.

Pelas 5h da manhã não resistiu mais. Levantou-se e sentou-se à mesa da cozinha. Enquanto lá fora nascia o sol, tirou de uma caixa uma folha de papel finíssima, pegou numa caneta e escreveu: «Beata Kosler. Data de nascimento: 3 de janeiro de 1942. Novo nome: Alicja Adamski.» Pegou no papel e colocou-o num frasco com os outros. As suas amigas desaprovavam este hábito de escrever os nomes e as datas de nascimento das crianças ainda antes de tudo terminar de forma segura. Para elas, dava má sorte cantar vitória antes do tempo, mas Irena via as coisas de outra forma. Ao colocar o papel da nova criança junto dos outros antecipadamente, criava um facto consumado. Era uma espécie de feitiço. Agora que o papel estava no seu sítio, iria correr tudo bem.

Pelas 10h, Michal apresentou-se à sua porta. Dirigiram-se os dois ao ponto de controlo na carrinha dele. Os guardas não estavam lá muito interessados neles. Irena soltou um suspiro de alívio. Se acontecesse o mesmo também na viagem de regresso, seria uma brincadeira de crianças, muito diferente daquilo que a esperava agora: a separação de uma mãe da sua filha de seis meses.

Já no corredor em frente à porta do apartamento, Irena ouvia o choro abafado de Hanja Kosler. A sua mão hesitou por um momento, mas bateu à porta. Naquele dia, a porta abriu imediatamente e Irena entrou. Tal como da primeira vez, Jerzy Kosler guiou-a. Todos os ocupantes do apartamento estavam reunidos para o último adeus junto de Hanja e Jerzy. Apesar disso, o silêncio era tal que se poderia ouvir um alfinete a cair no chão. Hanja Kosler parou de chorar. Tinha os olhos vermelhos, o rosto contraído e pálido. Tal como o marido, tinha

olheiras profundas. Falou docemente com a sua filha, depois premiu os lábios contra a testa de Beata. A menina, que não fazia a menor ideia da dor que sentiam os pais, gargalhava e pulava nos braços da mãe. Jerzy Kosler aproximou-se da filha pequena e colocou um braço em volta da mulher. O pai dele estava atrás com um ar impotente.

– Vá, Hanja – Jerzy Kosler afastou-se da mulher e estendeu os braços à filha, mas Hanja abanou a cabeça, decidida.

– Tenho de ser eu. É a última coisa que posso fazer pela Beata – lentamente, aproximou-se da caixa de ferramentas e acomodou Beata no cobertor que estava lá dentro. A menina agarrou no dedo mindinho da mãe. Irena agachou-se e deu o sedativo doce a Beata. Por uns momentos, Beata contorceu o rosto e fez uma careta, mas depois riu alegremente. Passaram alguns minutos, durante os quais Hanja Kosler fixou o seu olhar no da filha. Depois, Beata parou de dar pontapés e as suas pálpebras fecharam-se delicadamente. Quando os dedos da sua mão minúscula se abriram e se afastaram do dedo da mãe, Hanja Kosler começou a soluçar e virou costas. Irena tapou a menina com o cobertor.

– Não! – Hanja Kosler agarrou na mão de Irena. – Só mais uma vez.

De coração pesado, Irena levantou o cobertor. Hanja tirou algo da mala. Era uma colher de prata com uma inscrição graciosa: «Beata – 3/1/1942».

Colocou a colher ao pé da menina.

– Por favor, diga à família de acolhimento que não pode perder a colher – mordeu o lábio e limpou as lágrimas com a manga da camisola. – Será uma recordação nossa.

Irena assentiu e fechou a caixa de ferramentas com cuidado. Olharam uma para a outra por um instante. Não havia nada que pudesse dizer, nenhuma palavra de conforto.

– Vou fazer-vos chegar notícias – tentou dar a impressão de estar segura do que dizia. Depois, virou-se para se ir embora. Jerzy e Hanja acompanharam-na à porta. Irena entrou no corredor sem dizer uma palavra. Nas escadas, tentou esquecer toda aquela experiência. O nó na garganta e as lágrimas nos olhos não a iriam ajudar com o que a esperava. Era essencial que agisse com firmeza e lucidez.

No pátio, Michal pegou na caixa de ferramentas. Enquanto subia para o banco do pendura, Irena ouviu-o a colocar a caixa na carrinha entre os tijolos e as telhas. Por fim, entrou na carrinha e ligou o motor. Trocaram um olhar rápido e partiram.

Já se encontravam diversos meios no ponto de controlo. Raios, como era possível que, de repente, aparecesse ali uma multidão? Os homens da SS estavam à volta do primeiro veículo em frente à cancela.

– Maldição – lamentou Michal. – Achas que é melhor escolher outro ponto de controlo?

Irena refletiu. Havia um guarda a patrulhar a fila de veículos. Olhou na direção do homem, depois abanou a cabeça.

– Não, se fizéssemos marcha atrás agora, iríamos dar nas vistas.

Michal, nervoso, mexia-se para a frente e para trás no banco. Tirou do bolso do casaco um maço de tabaco amarrotado e acendeu um cigarro. Quando lhe ofereceu o maço, Irena acenou que não com a cabeça.

– Mantém a calma – disse ela, mas, lá no fundo, também estava agitada. Se estivessem muito tempo à espera, arriscavam-se a que o efeito do sedativo passasse e Beata poderia começar a chorar dentro da caixa de ferramentas. Ouviram-se vários tiros sucessivos a uma certa distância. «Não tem nada a ver connosco», pensava Irena para se acalmar. Premiu com força as unhas da mão direita nos nós dos dedos da mão esquerda. A fila avançava lentamente. Por fim, aproximaram-se dois homens da SS.

– Saiam, documentos! – Gritou um dos dois. Saíram lentamente e com cautela. Nada de movimentos bruscos. Conheciam o procedimento. Michal entregou os documentos ao homem, cujo rosto não demonstrava qualquer expressão.

– Carga?

– Tijolos e ferramentas.

O homem com os documentos na mão acenou com a cabeça ao colega, que se pôs em marcha subitamente. Irena ficou tensa. Apesar de tudo, tentou relaxar os músculos do rosto. Os guardas tinham um sexto sentido para o medo e, se se apercebessem da tensão dela, teriam revirado cada um dos tijolos. Os passos do homem ressoaram na caixa da carrinha. As ferramentas foram levantadas e deixadas cair com ruído, os tijolos foram desarrumados. Passaram alguns segundos que pareceram uma eternidade para Irena. E se a menina acordasse e começasse a chorar? E se o homem abrisse o cobertor dentro da caixa de ferramentas? Depois, ouviu-o descer. Deu a volta ao veículo e fez um gesto indiferente com a mão.

O guarda em frente a eles devolveu os documentos a Michal.

– Podem prosseguir!

Sem olharem um para o outro, entraram no habitáculo. Michal rodou a chave e o motor ligou-se enquanto a cancela se levantava diante deles. Já do outro lado, acelerou.

– Foi por pouco – murmurou.

Irena agarrou-lhe o braço por breves momentos e, chegados a casa da madrasta dele, pararam.

– Obrigada – limitou-se a dizer enquanto Michal lhe passava a caixa de ferramentas de dentro da carrinha.

Capítulo Trinta e Um

Alguns dias depois, Irena estava sentada com a amiga Ewa na cozinha de Rachela Rosenthal. Irena nunca esquecera o que Rachela tinha feito por Adam na noite em que os homens do Serviço Policial judaico o tinham arrastado para o levar para um campo de trabalho. Sem a ajuda de Rachela, talvez nunca mais o tivesse visto. Desde então, tinham decidido que eram um casal. Contudo, desde o início da «Operação» que o risco de serem levados nunca fora maior. E era por isso mesmo que Irena se encontrava ali: Ewa, Rachela e as suas famílias não podiam continuar no gueto, e o mesmo se aplicava a Adam e Ala. Do quarto ao lado, Irena ouviu a voz alegre de Ava, a filha de cinco anos de Rachela, que estava a fazer um desenho com o pai.

– Fá-lo pela tua família – implorou-lhe Irena. – A cada dia que aqui passam, o risco aumenta – depois, virou-se para Ewa. – E o mesmo vale para ti e para os teus pais.

Rachela abanou a cabeça.

– Tanto eu como o meu marido temos uma licença de trabalho. Estamos excluídos das deportações, pelo menos por agora. Talvez, mais tarde ou mais cedo, dêmos o grande salto, mas só quando já não houver mais nenhuma alternativa. O risco de acontecer alguma coisa a um de nós durante a fuga é demasiado alto. E mesmo que conseguíssemos, não poderíamos estar juntos lá fora. Seríamos separados, cada um iria esconder-se no seu canto com um futuro incerto.

Irena abanou a cabeça olhando em frente. Virou-se para Ewa.

– E tu? Já refletiste sobre o assunto?

– Não sou obrigada a ir-me embora. Não mudei de ideias. Não abandono as minhas crianças do círculo jovem. Elas precisam de mim. Aqui no gueto, posso fazer alguma coisa por elas e pelas suas famílias. Qual é o valor da minha vida se, para a proteger, tenho de deixar para trás aqueles que dependem de mim todos os dias? Sabes o que costumo dizer: as crianças do gueto precisam mais de alguém que fique ao seu lado do que de pão – quando reparou na expressão petrificada de Irena, devolveu-lhe um sorriso encorajador. – Vá, vai ficar tudo

bem. Cada um de nós tem de tomar as suas decisões. Vai acontecer aquilo que tiver de acontecer.

– Não, Ewa! Não posso aceitar isto! Acredita, eu percebo-te, assim como percebo a Ala, que ontem me disse a mesma coisa. Mas as vossas filhas também precisam de vocês. E precisam que estejam vivas. Eu…

Naquele momento, o marido de Rachela, Aaron, entrou na cozinha com a pequena Ava. Rachela levou o indicador aos lábios rapidamente e Irena calou-se.

– Mãe, olha o que desenhei! – Rachela baixou-se para ver o desenho. Havia uma figura masculina alta que estava a dar as mãos a uma senhora e a uma menina. Ao lado deles, havia mais duas figuras com saias vestidas.

– Sou eu, tu, o pai e estas são a Irena e a Ewa.

Irena riu. Mesmo sem explicações, tinha percebido que deveria ser a pequena figura feminina com o cabelo mais curto, enquanto Ewa era facilmente reconhecível devido às suas pernas longas, à juba loira farta e aos óculos de sol.

O momento de serenidade passou tão rapidamente como chegou e, para Irena, já eram horas de se ir embora. O passeio sujo ardia com o calor quando saiu da entrada de Rachela e se encaminhou em direção ao apartamento de Adam. Já à porta, Rachela perguntou o que pensava que Adam deveria fazer, mas Irena limitou-se a abanar a cabeça. Adam prometeu considerar a ideia da fuga, mas a cada passo que a aproximava do seu apartamento, os medos de Irena aumentavam. E se Adam continuasse a recusar-se a fugir? Os argumentos dele eram os mesmos de Ala, Ewa e Rachela e sentia-se relutante em parecer egoísta ao tentar convencer Adam a fugir, apesar de precisarem dele no gueto e apesar de temer pela segurança da sua família. Mas a mais pura das verdades era que não podia, nem queria, perdê-lo. Tal como lhe acontecia muitas vezes, pensou em Mietek. Também ele estava há muito tempo num campo alemão, mas, pelo menos, as condições eram aceitáveis e, felizmente, os prisioneiros de guerra polacos não arriscavam ser mortos. Porque é que os seus amigos não queriam perceber esta diferença?

Irena subiu o último lanço de escadas que levava ao apartamento de Adam de dois em dois degraus. Iria resolver a questão de uma vez por todas. Tinha de convencer Adam a fugir; não podia permanecer ali e não podia permitir-se andar com rodeios. A tensão trouxe-lhe lágrimas aos olhos. Irritada, limpou as lágrimas e respirou fundo, até que ouviu alguém soluçar do outro lado da porta. Parecia a mãe de Adam. Será que lhe tinha acontecido alguma coisa? Será que…?

Antes que conseguisse terminar o raciocínio, bateu à porta com mais força do que queria. Os soluços cessaram. Não ouviu nenhum passo, apenas silêncio. Talvez tivesse batido à porta com tanta força que pareceu uma ameaça. Bateu de novo, desta vez com mais calma.

– Sou eu, a Irena – a porta abriu-se.

– Adam!

Agarrou-se ao pescoço dele com o alívio. Adam apertou-a contra si, mas parecia tenso. Mais uma vez, ouviu-se um choro incessante vindo da cozinha. Irena separou-se dele.

– Que aconteceu?

– Anda – conduziu-a até ao seu quarto. – É a Irena! – Gritou em direção à cozinha.

– Não devíamos ver da tua mãe? – Perguntou, ansiosa. – Aconteceu-lhe alguma coisa?

Adam abanou lentamente a cabeça.

– O meu tio Jakub está com ela. Não aconteceu nada à minha mãe… – olhava para o chão. – Mas à minha tia Dora, sim. Mataram-na à porta de casa.

– O quê? – Gritou Irena, perturbada.

Adam continuava a evitar o olhar dela.

– Esta manhã, tocou à campainha, mas não estava ninguém porque saí com a minha mãe. Então, voltou para casa. Não sabemos como ou porque é que aconteceu, talvez quisessem levá-la para o ponto de recolha e tenha oferecido resistência. Ou então deram-lhe um tiro e pronto por causa de um disparate qualquer, como já aconteceu a tantos. O tio Jakub até ouviu o tiro, – continuou Adam com a voz quebrada – mas teve medo de ir à janela. E pensava que a Dora estava em nossa casa. Só passado dez minutos é que olhou lá para fora e lá estava ela, a trinta metros da entrada, estendida no passeio – premiu as mãos contra o rosto. Irena ouviu um soluço abafado. – A minha mãe continua a culpar-se por não termos estado em casa – balbuciou. – E eu também, mesmo sabendo que a culpa não é nossa. Em teoria, sei disso…

Irena achou que era muito arriscado confrontá-lo naquele momento com a conversa da fuga, mas não podia adiá-la. Não havia tempo.

– Adam – sacudiu-o suavemente. – Vocês têm de sair daqui, percebeste? Têm de se ir embora.

Adam limpou as lágrimas dos olhos com o polegar e o indicador e assentiu. Irena sentiu um alívio enorme, mas ele acrescentou:

– Eu sei, mas ontem voltei a falar com a minha mãe sobre isso e ela simplesmente não tem coragem de se esconder na parte ariana. Sabes como ela é, e sem ela não vou a lado nenhum.

Adam devolveu-lhe um olhar suplicante. Ao ouvir aquelas palavras, Irena sentiu um frio glaciar a correr-lhe pelas veias e sentiu o tapete a ser puxado debaixo dos seus pés. Nesse mesmo instante, levantou-se uma voz por detrás da porta do quarto. Era a mãe de Adam. Irena não sabia há quanto tempo estaria ali, mas parecia ter ouvido a conversa.

– Não, Adam – disse ela com uma voz firme que contrastava com os olhos rasos de água. – A Irena tem razão. Temos de ir, e depressa.

Irena tinha razão. Movidos pelo desespero, cada vez mais pais iam ter com ela e com as suas amigas e não passavam um dia sem levar algumas crianças para a parte ariana. No dia a seguir ao salvamento da pequena Beata, foi a vez de Irka fazer chegar ao outro lado Sergiusz, um menino de seis anos.

Por cada passo de Irka, o pequeno Sergiusz tinha de dar dois quando, por volta das 10h, iam a caminho do tribunal.

– Não digas nada – pediu-lhe Irka, ainda que o menino dos cabelos negros com o chapéu grande e as roupas de domingo um pouco apertadas não tivesse emitido qualquer som.

Como previsto, o átrio do tribunal estava cheio de gente. Perfeito! Irka abriu caminho por entre a multidão. Um homem discutia, angustiado, com uma funcionária que o tentava tranquilizar. Como sempre, Irka olhou à sua volta com cautela, depois desceu as escadas a correr com Sergiusz e foi dar ao corredor escuro. Feito! Mas onde estava o porteiro? Sentiu um formigueiro na pele.

«Calma», pensou. «Mantém-te calma». Podiam existir milhares de motivos para o atraso do senhor Duda. Passou um minuto, depois outro.

– Quando…? – Começou a dizer Sergiusz.

– Shh! – Irka levou um dedo aos lábios. – Nem uma palavra – sussurrou.

O pequeno anuiu, assustado. Irka estava cada vez mais inquieta. Quanto mais tempo passavam sozinhos naquele corredor da cave, mais a situação se tornava perigosa. Podia chegar alguém de um momento para o outro, e depois? «Temos de sair daqui», pensou, e arrastou Sergiusz pelas escadas acima.

Não havia rasto do porteiro. Durante alguns minutos, Irka escondeu-se com o menino no meio da multidão, mas até isto poderia chamar a atenção. Os espiões da Gestapo andavam por todo o lado e, mais cedo ou mais tarde, iriam aperceber-se de que Irka não tinha nada para resolver no tribunal. Sentiu o suor

a escorrer por debaixo da sua camisa florida.

– Vem comigo – murmurou.

De mão dada a Sergiusz, virou para um corredor adjacente e fingiu ler as placas na porta. Depois, regressou ao átrio. Ainda nada. Não podia preocupar o menino, mas estava a esforçar-se por manter os nervos sob controlo. Seria melhor desistir e irem-se embora?

Irka arrastou Sergiusz pelas escadas acima até ao patamar gradeado no primeiro piso. Deste modo, podia continuar a fazer o papel de visitante e tinha visão do átrio a partir de cima.

No patamar não havia tanta gente. O olhar de Irka vagueou brevemente até aos cartazes junto às portas, depois aproximou-se do gradeamento e olhou para baixo.

– Posso ajudá-la?

Irka virou-se, assustada. O homem atrás de si estava vestido à civil. Teria cerca de quarenta anos, tinha olhos claros e cabelo curto. O sorriso dele não era hostil e falava polaco. Irka abriu a boca para perguntar pelo porteiro, mas alguma coisa a dissuadiu no último segundo. O que seria? Algo de sinistro no olhar do homem? Teria reparado num ligeiro sotaque estrangeiro? Era bem provável que nenhuma destas coisas fosse verdade. Talvez o homem estivesse mesmo a tentar ser simpático, mas um dos princípios de Irka era não envolver estranhos nas suas atividades, além do facto de que seria imprudente perguntar pela pessoa que procurava.

– Não, obrigada – Irka procurou sorrir da forma mais natural possível. – Só preciso de uma informação, – indicou vagamente a porta mais próxima – mas o responsável não está.

Irka sentiu-se gelar. O que tinha acabado de fazer? «Não falar demasiado, não partilhar informações e não mentir». Tinham repetido estas máximas tantas vezes! Cada detalhe supérfluo poderia ser o prego no caixão, tal como neste momento. Tinha indicado a direção aproximada de uma sala sem saber se lá dentro estaria uma mulher ou um homem. Paralisada, viu o homem dirigir-se à porta.

– Senhor Wójcik – leu.

E se tivesse rodado a maçaneta e encontrasse o senhor Wójcik no seu gabinete? Estava prestes a escapar dali para fora com Sergiusz quando o homem voltou para trás.

– Adeus – disse-lhe Irka muito brevemente, levando Sergiusz atrás de si pelas

escadas abaixo. Chegada ao átrio, abriu caminho por entre as pessoas à espera com mais intensidade do que era preciso.

Nesse momento, viu-o. Uma porta abriu e um homem da Gestapo saiu do gabinete. O porteiro estava de pé na sala e tinha algo brilhante à volta dos pulsos. Como se estivesse à espera de Irka, o senhor Duda levantou o rosto e os seus olhos encontraram-se. Antes de a porta se voltar a fechar, Irka apercebeu-se de que o porteiro acenou com a cabeça em direção à rua. Fora de si, apressou-se para sair do edifício.

A saída do tribunal tinha sido descoberta.

A tia de Sergiusz desatou a chorar quando o menino lhe foi devolvido. A alegria de reavê-lo misturava-se com a preocupação de saber que este ainda estava no gueto. Haveria outra tentativa? E quando? Irka não se pronunciou e prometeu à senhora que a voltaria a contactar.

Depois, deixou o gueto e foi a correr até ao escritório para contar às amigas o que tinha acontecido. Irena encontrou-a ao virar da esquina.

– Não vais acreditar no que aconteceu – sussurrou Irka com veemência.

– Shh! – Irena agarrou-lhe o braço, fê-la virar-se e puxou-a ao longo da rua.

– Que foi? – Perguntou Irka, alarmada.

Mas Irena só a largou depois de terem ido para trás do muro de um edifício bombardeado.

– A Gestapo está nos serviços sociais. Detetaram irregularidades na documentação, mas acho que não tem que ver com os nossos dossiês – levantou uma mala em que Irka nem sequer tinha reparado. – Mas parece que não somos os únicos a fazer *bluff*. Felizmente, não podem comprovar nada em concreto, mas estão furiosos porque suspeitam que os estamos a enganar. Levaram um dos diretores e estão a ameaçar mandá-lo para um campo.

Irka tapou a boca com a mão devido ao susto.

– E tu? – Perguntou Irena. – Que querias dizer-me? Correu tudo bem com o Sergiusz, certo?

Irka deixou cair a mãos. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

– Oh, Irena…

Capítulo Trinta e Dois

Viram o porteiro com o Janek, um dos nossos contrabandistas. Mataram o Janek e o porteiro está na prisão de Pawiak – a jovem de apenas quinze anos falava com Irena sem demonstrar qualquer emoção. Janek tinha apenas doze anos, mas não fez caso disso. Era um risco que todos corriam. Dois dias antes tinha acontecido a Janek, a seguir poderia acontecer-lhe a ela ou a Irena. – Lamento – acrescentou a rapariga. Referia-se ao facto de o tribunal se ter tornado inútil para eles. Para Irena, foi um golpe duro porque era uma das poucas formas para tirar até os adultos do gueto às escondidas. Agora, a única forma era a Igreja de Todos os Santos. Naquele preciso momento, encontravam-se no adro da igreja envoltos na escuridão, tal como da primeira vez.

– Mas trouxe-te isto – continuou a rapariga. Irena deu por um movimento no escuro e estendeu a mão. Com os dedos, tocou em alguma coisa e agarrou-a. Era uma folha dobrada.

– Um mapa com os percursos dos contrabandistas em toda a rede de esgotos? – Perguntou Irena num sussurro.

– Sim. Nós de noite e vocês de dia. Pode ser?

Irena tentou protestar baixinho.

– Mas é perigoso descer durante o dia. É preciso levantar a tampa, fazer com que as crianças desçam, ir depois delas e voltar a colocar a tampa no sítio. Isso leva tempo. Alguém pode aperceber-se de tudo. Nós…

A rapariga abanou a cabeça.

– Ou aceitam as nossas condições, ou nada feito. Esta é a nossa proposta. Fazer com que a mercadoria desça e suba demora mais tempo do que com pessoas. Além disso, a comida tem prioridade. Vocês estão apenas a levar algumas pessoas para fora. Já nós fornecemos comida a todos aqui dentro.

Irena teve de ceder. Queria abraçar a rapariga, que estava habituada a tomar decisões bem calculadas acerca da vida e da morte com uma certa frieza, ainda que fosse apenas uma miúda. Contudo, não o fez porque a pessoa que tinha à sua frente não era uma menina: estava a olhar para uma lutadora que não precisava de um abraço, mas sim que Irena seguisse as regras, estivesse atenta e,

se fosse descoberta, não revelasse nenhum nome, nem mesmo estando à mercê de socos e pontapés na prisão de Pawiak.

Nas semanas seguintes ao início da «Operação», Irena tinha dormido pouquíssimo. Todos os dias lutava para salvar uma única vida, enquanto milhares de residentes do gueto eram mobilizados e deportados nas carruagens de animais. Agora, já sabiam para onde: o campo chamava-se Treblinka. Os alemães tinham construído um campo de extermínio mesmo junto ao campo de trabalho. Irena e a sua rede trabalhavam incansavelmente para encontrar novos alojamentos e arranjar documentos falsos. Só estava em casa à noite e a sua vida antes da guerra não passava de uma memória confusa.

Todavia, alguns dias depois do encontro com a jovem contrabandista, acordou ainda mais cedo do que o costume. Nessa tarde, iria tirar Adam do gueto. A mãe dele já tinha conseguido. Adam insistiu para ir apenas depois dela. Iriam tentar que ele saísse às escondidas através da Igreja de Todos os Santos, que tinha entradas em ambos os lados.

Irena passou a manhã no escritório. Tinha várias tarefas a tratar no gueto antes de tentar a proeza ao fim da tarde.

Quando passou pelo ponto de controlo do costume ao meio-dia, viu algumas pessoas de pé ao longo da rua um pouco mais à frente. Pareciam estar à espera de qualquer coisa. Era estranho.

Nas últimas semanas, as ruas tinham estado desertas. Se os alemães não atingissem as quotas na área selecionada para o devido dia, levavam até ao ponto de recolha quem quer que se atravessasse no caminho deles. Pessoas com sacos das compras, crianças que regressavam a casa depois de estar em casa de um amigo; qualquer tarefa, qualquer visita podia custar-lhes a vida. Por que raio estariam tantas pessoas na rua naquele dia? Irena tinha curiosidade em descobrir porquê, mas estava com pressa e continuou. Depois, virou para a Rua Zelazna. Era uma das ruas principais do gueto e também nesta existia uma longa fila de pessoas em silêncio nas extremidades da rua até perder de vista. Parou em frente a um homem idoso que vestia roupas usadas, mas limpas.

– Desculpe, está à espera de alguma coisa? Que se passa?

– É o orfanato do doutor Korczak – respondeu o homem com calma. – Foi evacuado. Em breve, passarão por aqui para irem para o ponto de recolha.

A boca de Irena abriu, mas não emitiu qualquer som. Sabia que os alemães não iam poupar as crianças. Já tinham levado algumas centenas até ao ponto de recolha com os seus pais. Contudo, Irena pensava, contra toda a lógica, que

teriam aberto uma exceção para o orfanato.

– Estamos aqui para servir de testemunhas – continuou o idoso. – Hoje, ninguém se esconderá no seu apartamento. Não vão levar estas crianças às escondidas, em silêncio, pelas ruas vazias, mas sim à nossa frente. Se nos quiserem levar também, que seja.

Irena parecia ter ficado sem palavras, sentia-se paralisada. Sem pensar, pôs-se ao lado do idoso e esperou. «Não faças isso», dizia-lhe uma voz dentro de si. «Não tens forças para ver isto. Não precisas de o ver. Faz o que puderes. É a única coisa que importa». Mas continuou ali parada.

Meia hora depois, ouviu-se o ressoar de passos. Depois, surgiu o cortejo daqueles que eram conduzidos ao ponto de recolha. À frente, mesmo a seguir aos primeiros homens da SS, reconheceu Janusz Korczak. Levava pelas mãos duas crianças pequenas. Tinha as costas direitas e, por detrás dos óculos redondos, o seu olhar apontava diretamente para a frente. Atrás dele vinham os seus meninos, em filas ordenadas de quatro. Levavam vestidas as melhores roupas e muitos davam as mãos. Caminhavam de rostos sérios, alguns esboçavam sorrisos incertos. Enquanto o cortejo desfilava à sua frente, Irena ouviu-os cantar. A canção era do espetáculo que as crianças tinham apresentado poucas semanas antes. Irena quis gritar quando se apercebeu de que a maior parte deles levava consigo as bonecas que o professor Witwicki lhes tinha feito, mas o desalento apertava-lhe a garganta.

As outras pessoas deveriam sentir o mesmo. Ninguém chorava, ninguém gritava. O cortejo passou em silêncio e a atmosfera quase solene parecia ter sido transmitida aos guardas que o acompanhavam, por mais absurdo que fosse.

As pessoas que ladeavam o cortejo começaram a andar e Irena seguiu-as. Quando chegaram ao ponto de recolha, a multidão que já estava à espera abriu um círculo no meio para dar espaço às crianças. Ninguém falava. Irena reconheceu Ala e o colega Nachum em frente à tenda da Cruz Vermelha e foi ter com eles. As lágrimas regavam o rosto de Ala quando se abraçaram.

– Não consigo aceitar isto – lamentou Nachum. Antes que Irena e Ala tivessem tempo de reagir, este já tinha aberto caminho entre a multidão. Quando chegou ao pé de Korczak, falou com ele com intensidade, mas o médico permaneceu calmo e limitou-se a abanar a cabeça de vez em quando. No fim, respondeu com brevidade, deu uma palmada paternal nas costas de Nachum e disse-lhe para voltar para trás.

– Ofereci-me para o declarar inapto para transporte, mas não pode e não quer

deixar as suas crianças sozinhas – explicou Nachum com a voz quebrada quando voltou para junto de Irena e Ala. – Disse-lhes que iam passear a um sítio lindíssimo – a expressão no seu rosto mudou e levou as mãos aos olhos. Desapareceu dentro da tenda durante alguns minutos, depois voltou para ao pé das amigas. Passou-se uma hora debaixo do sol abrasador. Cada vez mais pessoas chegavam ao ponto de recolha, mas continuava a reinar um silêncio inquietante.

Por fim, ouviram um apito. Vários homens da SS aproximaram-se rapidamente das portas das carruagens e abriram-nas. As lágrimas e o suor misturavam-se nos olhos de Irena. Foi invadida por uma sensação de enjoo quando viu Korczak a ajudar as crianças a entrar nas carruagens, uma a uma. Também o médico acabou por desaparecer.

Quando as portas se fecharam e foram trancadas com arame farpado, Irena procurou instintivamente a mão de Ala e agarrou-a com força. Sentiu um desejo incontrolável de escapar, de esquecer o que estava a acontecer. Mas as palavras do idoso ainda ecoavam na sua cabeça: «Estamos aqui para servir de testemunhas».

«Estamos aqui para servir de testemunhas. Estamos aqui para servir de testemunhas», sussurrou Irena tão baixo que nem Ala conseguia ouvir. Estava tão concentrada naquelas palavras que os soluços de Nachum pareciam longínquos, mesmo estando ao lado dele.

Ouviu-se um apito prolongado, a locomotiva libertou vapor e o comboio partiu.

Quando Irena entrou no quarto de Adam nessa tarde, ainda estava em choque. Adam não se sentia melhor que ela. Tinha assistido ao cortejo das crianças noutra rua, mas não as tinha seguido até ao ponto de recolha.

Irena deixou-se cair numa cadeira. Por um momento, olharam um para o outro, depois Adam virou-se e pôs-se à janela de costas para ela. Irena percebeu que ele queria dizer alguma coisa.

Também ela queria falar das crianças, mas não sabia como. Faltavam-
-lhe as palavras para discutir aquilo que tinha visto de manhã. Quando Adam falou, não percebeu logo o que estava a tentar dizer.

– Não posso ir.

– Não podes ir? Onde?

– Para a parte ariana.

Irena levantou-se, aproximou-se dele e fê-lo virar-se.

– Adam, que estás a dizer? Porque não podes ir?

Tinha os olhos a arder.

– As crianças, Irena! Que cobarde consegue pôr-se a salvo depois daquilo que aconteceu hoje?

– Estar a salvo não é coisa de cobarde! – Explodiu Irena. – Querer viver e poder viver não é algo que um cobarde faria. É um direito que todos temos à nascença. A única cobardia é não reivindicar ou defender este direito.

– Irena…

– Não, agora vais ouvir-me. Sentes-te culpado porque tens uma hipótese que as crianças não tiveram, e eu percebo. Mas não aproveitar esta oportunidade seria uma cobardia, esperar que a SS te arraste até ao ponto de recolha seria uma cobardia. Esta manhã, um idoso falou sobre a necessidade de testemunhar o que aconteceu. Ele tinha razão, mas só o podemos fazer se continuarmos vivos. Assim que saíres daqui, também poderás ajudar os outros a fugir. Além disso, a tua mãe precisa de ti. Já pensaste nela? Se quiseres saber a minha opinião, Adam, tens o dever de permanecer vivo, caramba.

Quando Irena terminou as últimas frases, o rosto de Adam descontraiu. Olhou para ela.

– Pergunto-me onde encontras essa força. Sempre quis ser forte, mas ao teu lado sou um zero à esquerda. Como consegues? Sempre a combater e a lutar. Nunca te rendes.

– Não sou mais forte do que os outros, só não me posso permitir ser fraca. E tu também não – olhou para o relógio. – Adam, temos de ir!

Durante um instante, Adam pareceu querer protestar outra vez, mas assentiu, foi em direção ao armário e vestiu-se.

Em frente à entrada da Igreja de Todos os Santos, do lado ariano, um guarda alemão pedia para ver os cartões de identificação de todos os que entravam e saíam. Os nomes de quem entrava eram anotados numa lista e só quem tinha entrado na igreja pelo lado ariano podia sair por ali. Foi por este motivo que Irena procurou durante semanas por um membro de confiança na sua rede que se parecesse com Adam, e tinha-o encontrado.

Uma hora depois, ela e Tomasz tinham entrado na igreja pelo lado ariano, tal como um qualquer casal que queria ir acender uma vela. Irena levava o seu cartão e Tomasz levava um cartão falsificado com os dados de Adam. Por sua vez, Adam tinha de esperar pelo momento certo para entrar na igreja pelo lado do gueto sem levantar suspeitas, algo que se tinha tornado mais fácil desde o início do tal realojamento, dado que o Serviço Policial judaico tinha muito que

fazer e já não prestava tanta atenção à igreja. Lá dentro, Tomasz e Adam iriam trocar de roupa. Tomasz teria de sair da igreja pelo lado do gueto e voltar à parte ariana através de um ponto de controlo com o próprio passe, enquanto Irena e Adam iriam sair da igreja juntos.

– Estou bem assim? – Perguntou Adam.

Irena examinou-o atentamente. Camisa branca, calças pretas, suspensórios, chapéu. Tinha o cabelo penteado para trás. Era o que tinham combinado com Tomasz. Irena anuiu e abraçou-o com força. Permaneceram assim por um pouco. Adam agarrou-lhe no rosto com as duas mãos e beijou-a docemente.

– Vemo-nos na igreja – sussurrou Irena quando se separaram.

– Está bem – beijou-a mais uma vez e saíram.

Tomasz já estava à espera de Irena no ponto de encontro. De mãos dadas, caminharam em direção ao adro da Igreja de Todos os Santos. Não havia árvores e, por isso, os guardas alemães estavam reunidos na sombra estreita do muro do edifício. Contudo, devido aos uniformes pesados, pareciam estar a sofrer bastante com o calor.

– Cartões de identificação – disse um deles quando Irena e Tomasz se aproximaram da porta. O homem examinou os documentos: este era o primeiro momento de tensão. Se tivesse a mínima suspeita de que o cartão com o novo nome de Adam, Stefan Zgrembski, fosse falsificado, poderia acontecer qualquer coisa. Na pior das hipóteses, iria sacar da pistola e matar Tomasz e Irena no momento. Mas não aconteceu nada. O homem escreveu os seus nomes numa lista e voltou para a sombra.

Dentro da igreja estava escuro e fresco. Para grande alívio de Irena, não havia ninguém. Ela e Tomasz desapareceram rapidamente na sacristia, cuja porta tinha sido deixada entreaberta pelo sacerdote, e fecharam-na. Pouco tempo depois, Irena reparou num movimento pelo canto do olho. Adam saiu de trás de um bengaleiro com paramentos litúrgicos. Sentiu-se aliviada: tinham completado a primeira fase. Estavam os três ali. Os dois homens sorriram, eram realmente muito parecidos.

– Rápido – advertiu Irena. Adam e Tomasz despiram-se e trocaram as camisas e as calças semelhantes, mas não idênticas.

– Vês pior do que eu – comentou Adam secamente enquanto punha os óculos de Tomasz na cara. – Espero que não te parem no ponto de controlo. Quero os meus óculos de volta o mais depressa possível.

– Digo-te o mesmo – Tomasz sorriu. Quando acabaram de se vestir, Irena

apressou-os.

– Tomasz, vamos dar-te um quarto de hora, depois esperemos que já estejas fora do gueto quando sairmos da igreja – sussurrou. – Despacha-te, porque se os guardas à entrada suspeitarem de algo vêm procurar-te cá dentro.

Tomasz assentiu antes de desaparecer no corredor que ligava a sacristia à saída pelo gueto. Pouco depois, ouviram a porta a fechar-se devagar.

Irena espreitou para dentro da igreja pela porta da sacristia. Raios, estava uma idosa com um lenço na cabeça na primeira fila. Parecia inofensiva, mas nunca se sabe em quem se pode confiar. Dois jovens a sair da sacristia e a ir para a saída podiam chamar a atenção. Era melhor esperar. O olhar de Irena fixou-se nos ponteiros do relógio. Quanto tempo seria normal estar numa igreja a meio do dia sem missa para rezar ou a acender uma vela? Dez minutos? Vinte? Não restava muito tempo, tinham de arriscar, com ou sem testemunhas. Mas tiveram sorte. A senhora fez o sinal da cruz murmurando qualquer coisa, levantou-se com dificuldade e dirigiu-se à saída em passo incerto. Assim que a senhora saiu, Irena e Adam deixaram a sacristia e foram até à porta. Com cuidado, Irena olhou pela janela. A idosa afastou-se a coxear, sem sequer olhar para os guardas. Viu o homem riscar um nome.

– Tenho medo – ouviu Adam sussurrar atrás de si. – Aquele homem não é parvo. É claro que vai perceber que não sou o mesmo de há pouco.

Irena levou um dedo aos lábios com um ar sério.

– Não comeces. Tens de acreditar. Mostra-lhe logo o cartão. Agora, vamos – Irena agarrou-lhe na mão e abriu a porta. A melhor forma de enfrentar o medo era atirar-se aos leões em vez de paralisar.

– Adeus – disse ela aos guardas, enquanto ambos mostravam os cartões de identificação. Resultou. Em vez de olhar para eles, o homem olhou para os cartões e reconheceu-os. Com um aceno de cabeça, deixou-os ir.

– Que queres jantar hoje? – Perguntou Irena enquanto ainda os podiam ouvir. Eram um casal qualquer que não tinha nada que fazer o resto do dia, além de ir às compras para o jantar. Ou, pelo menos, era o que queriam fazer parecer.

Meia hora depois, encontravam-se em frente ao apartamento onde Adam se iria esconder. Também lá vivia Maria Kukulska com a filha adolescente. Por motivos de segurança, a mãe de Adam refugiou-se noutra casa.

Maria era uma amiga querida e há algum tempo que a sua casa era utilizada como refúgio temporário para as crianças que saíam do gueto às escondidas. Contudo, Irena tinha hesitado antes de pedir a Maria que acolhesse Adam. Uma

coisa era hospedar uma criança durante alguns dias e explicar aos vizinhos, se necessário, que era filho de conhecidos e estava apenas de visita, outra coisa era esconder um homem adulto permanentemente. Adam não podia aproximar-se das janelas e tinha de mover-se em silêncio. Quando Maria não estivesse em casa, não podia fazer o mínimo barulho porque havia chibos em todo o lado. Podiam ter o rosto de um vizinho ou de um velho carteiro, podiam ser o merceeiro do outro lado da rua. Os alemães pagavam bem por todas as informações e nem todos conseguiam resistir à tentação. Além disso, Adam era homem. Com um pouco de talento de representação, uma mulher judaica clandestina com cabelo loiro podia andar pela rua livremente fingindo ser uma polaca católica. Contudo, um homem podia ser reconhecido em qualquer momento como judeu devido à circuncisão. E se, além do mais, os seus traços coincidissem com a imagem que os nazis tinham do típico judeu, a única opção era desaparecer por completo: nem o novo cartão de identificação era suficiente.

– Cheguei são e salvo à minha adorada prisão – observou Adam com um sorriso irónico, enquanto Maria o abraçava com alívio.

– Anda, vou mostrar-te o teu quarto. É todo teu – seguiram Maria, que abriu uma porta. – Descansem um pouco – disse ela – e depois contem-me tudo. Há limonada.

Quando Maria os deixou a sós, o casal olhou um para o outro. Irena mal podia acreditar: Adam estava a salvo, ainda que esta segurança fosse frágil. Pelo menos, estava melhor ali do que no gueto e já não estava exposto ao perigo imediato do ponto de recolha.

– Mais tarde ou mais cedo voltará tudo ao normal – sussurrou Irena ao sentir lágrimas a caírem-lhe dos olhos.

– Que queres dizer?

– Eu e tu. Numa sala normal, numa cidade normal. Livres e seguros.

O rosto de Adam escureceu.

– Quem sabe quando o poderemos fazer.

– Mas vai acontecer – disse Irena com teimosia. – Até lá, promete-me que vais seguir as instruções da Maria e continuar vivo.

Adam pôs-se em sentido.

– Às suas ordens.

Abraçaram-se com força.

Capítulo Trinta e Três

Apesar de ter a janela aberta, o gabinete de Irena estava insuportavelmente abafado. Nas últimas semanas, tinha posto de lado o trabalho habitual nos serviços sociais. A coordenação das operações de socorro ocupava todo o seu tempo e esgotava todas as suas energias. Jan Dobraczynski deixava que Irena o fizesse, pois eram aliados numa batalha que todos os dias se tornava mais difícil. Exausta e estupefacta, Irena tomou nota dos valores apresentados pelo jornal publicado pelos alemães: até metade de agosto tinham sido deportadas quase duzentas mil pessoas do gueto. O estado de espírito de quem ainda estava preso no gueto oscilava entre o desespero e a indiferença resignada.

Irena pegou numa pasta, abriu-a e tentou recordar-se do que era preciso tratar: subsídios, cantinas dos pobres. Comparados com a caça às bruxas que se realizava todos os dias no gueto, os problemas das pessoas necessitadas fora dos muros pareciam-lhe insignificantes. De repente, a porta abriu: era Irka.

– Que se passa? – Perguntou Irena enquanto Irka a fixava em silêncio.

– Não sei se é verdade, – começou com uma voz miudinha – mas o Dobraczynski acabou de saber que os alemães querem acabar com o pequeno gueto.

– O quê? – Irena estremeceu. Considerou as consequências, quase em pânico. Sabia que grande parte dos habitantes do pequeno gueto tinha sido deportada. Agora, os alemães pareciam fazer tenções de acabar com ele de vez. E Irena tinha uma certeza: acabar com o pequeno gueto era apenas o primeiro passo em direção ao extermínio total do gueto. Procurou pensar com clareza, mas não conseguiu.

Irka já tinha tecido as suas considerações.

– O círculo jovem da Ewa está no pequeno gueto – disse ela, inserindo-se no caos dos pensamentos frenéticos na cabeça de Irena.

– A Ewa? Não! – Lamentou Irena. Lançou-se para fora do gabinete. – Vem comigo!

Foram contra dezenas de pessoas com trouxas e malas nas ruas do grande gueto. Evidentemente, aquelas pessoas tinham conseguido sair do pequeno

antes que fechasse. Mas agora não sabiam para onde ir. Um casal com uma criança parou à entrada de um prédio e tocava às campainhas ao acaso na esperança de encontrar refúgio nalgum apartamento. A maioria das pessoas corria desenfreadamente à volta de Irena e Irka.

– Espera, mas tu… – Irena agarrou no braço de uma rapariga de cerca de quinze anos.

– Deixa-me ir! – Gritou a rapariga, histérica.

Irena não perdeu tempo.

– Fazes parte do círculo jovem da Ewa Rechtman, não é? Sou amiga da Ewa.

Surpreendida, a rapariga olhou para ela. Depois, anuiu.

– Sim, porquê?

– Viste a Ewa hoje?

– O círculo reuniu-se hoje de manhã – disse a rapariga sem fôlego. – Mas quando soubemos da notícia, a Ewa mandou todos os que tinham adultos na família para casa. Ela ficou com os que estão sozinhos.

Irena soltou o braço da rapariga.

– Quando é que isso aconteceu?

– Há duas ou três horas – ouviu-a responder, mas a rapariga já se tinha virado para ir a correr à procura de uma esquina ou de um esconderijo qualquer onde se pudesse refugiar.

Irena e Irka falaram sobre o assunto. A melhor hipótese era envolver Ala e Nachum no ponto de recolha. Enquanto Irka ficou lá com Nachum à procura de Ewa, Irena e Ala partiram numa ambulância que a amiga costumava utilizar para levar para o hospital pessoas que supostamente não estariam aptas para o transporte.

– Se ao menos soubéssemos se a Ewa ainda está no pequeno gueto ou se já está no ponto de recolha… Talvez esteja escondida em qualquer lado – disse Ala.

Irena zombou.

– Escondida? Com tantas crianças grandes e pequenas? A SS expulsa as pessoas, uma a uma, de cada quarto, cada roupeiro, cada sótão…

– Mas temos de ter esperança – Ala fez uma curva apertada e Irena agarrou-se à pega da porta.

– Cuidado! – Gritou. Ala pisou o travão a fundo e a ambulância derrapou. Lentamente, passaram por uma fila de pessoas que se dirigia ao ponto de recolha. Irena procurou a amiga entre a multidão, mas Ewa não estava ali.

Agora, aproximavam-se do pequeno gueto. Na ponte de madeira estavam

carrinhas com homens da SS armados até aos dentes. Ala abrandou e tentou relaxar os músculos do rosto.

– Deixa isto comigo – sussurrou.

Dois homens já vinham na direção delas.

– Há uma emergência lá dentro. É urgente – disse Ala, tentando sorrir.

– Têm uma emergência – o homem sorriu com malícia para o colega.

– Por favor – suplicou Ala, desesperada, ainda que preferisse ter dito qualquer outra coisa.

– Há muitos bloqueios nas estradas lá dentro. Não vão chegar muito longe.

– Queremos, pelo menos, tentar.

O último homem a falar encolheu os ombros e olhou para o outro. Ainda estava a sorrir.

– Como queiram – fez-lhes sinal para que avançassem.

Irena e Ala suspiraram de alívio.

– Se estiver escondida, estará perto do círculo jovem. Ela conhece bem aquela zona – disse Irena com entusiasmo. Ala assentiu.

O homem da SS tinha razão: tinham sido erguidas novas barreiras por todo o lado para impedir a fuga. A SS e os representantes do Serviço Policial judaico deslocavam-se de forma organizada pelas ruas, entrando e saindo das casas e aglomerando as pessoas nos pontos de recolha. Algumas imagens ficaram para sempre marcadas na memória de Irena: um rapaz só com um sapato, um homem com meio pão na mão, uma senhora idosa ao pé dele que não levava bagagem, mas sim um pequeno cão preto com trela.

– É uma emergência! Temos de passar! – Gritou Ala para um ponto de controlo, mas o guarda aproximou-se com a pistola apontada às duas.

– Desapareçam daqui! Já!

– Há uma senhora paralisada, está naquela rua já ali – voltou a tentar Ala. O homem levantou a pistola e disparou dois tiros no ar. Ala engatou a marcha atrás e partiu fazendo os pneus chiar.

– Há outra entrada para a rua da Ewa – disse Irena baixinho, mas, naturalmente, essa também estava bloqueada.

Desta vez, Ala saiu da ambulância. Um homem da SS com cerca de cinquenta anos e o rosto cheio de rugas aproximou-se.

– Temos de levar uma senhora paralisada que já não consegue caminhar até ao ponto de recolha – explicou Ala antes que o homem chegasse até ela.

– O seu documento?

Ala ainda tinha alguma esperança.

– Aqui está.

O homem deu uma olhadela rápida e devolveu-lho.

– Com que então, uma senhora paralisada… – disse com um olhar indagador.

– Sim, paralisada – Ala procurou fixar o olhar, mas sentiu os olhos vacilarem. «Claro que sabe que estou a mentir», pensou ela, resignada. No entanto, o guarda esboçou um sorriso e em vez de a mandar embora olhou à volta por uns instantes. O colega dele parecia estar ocupado com outra coisa.

– Despachem-se – com um gesto da mão pouco percetível, fez-lhes sinal para que seguissem. Ala virou-se e correu até à ambulância. Tinha o rosto a arder.

– Heinrich, há algum problema? – A voz devia pertencer ao colega.

– É só uma emergência, uma senhora paralisada algures na rua.

– Daqui não passa ninguém – a voz do colega parecia autoritária. Aproximou-se velozmente. – Saiam daqui, e depressa! – Deu um golpe seco no capô.

Ala, que já estava ao volante, olhou suplicante para o primeiro homem, mas agora o seu rosto parecia ser de pedra.

– Ouviram? Saiam daqui!

Durante mais duas horas, Ala e Irena passaram a pente fino as ruas do pequeno gueto na esperança de encontrar Ewa num dos pontos de recolha ou de poder passar num ponto de controlo. Tinham a remota esperança de que tudo correria bem se ao menos conseguissem encontrar Ewa, mas nada.

No ponto de embarque, também Irka e Nachum tinham procurado Ewa entre milhares de pessoas em vão. Petrificados, Irena e os outros viram partir o último comboio do dia. Será que Ewa estava num daqueles vagões? Ou já teria chegado a Treblinka várias horas antes?

Naquela noite, já tarde, Irena deitou-se na cama de Adam, desolada e esgotada, com o rosto virado para o retângulo escuro da janela. Adam abraçava-a. Os olhos de Irena estavam a arder, tinha a garganta seca.

– Ela dizia sempre: «Vai acontecer aquilo que tiver de acontecer» – lamentou. Tinha todos os músculos do corpo contraídos. – E agora, Ewa? Correu tudo como esperavas? – Espetou as unhas nos braços de Adam e desatou a chorar. Adam apertou-a contra si e afundou o rosto no pescoço dela.

– Foste tão parva! – Gritou Irena, e acrescentou: – Volta, Ewa, minha parva, tonta e doce Ewa – o corpo dela era sacudido pelos soluços e pelo desespero.

Capítulo Trinta e Quatro

Ludwig Fischer serviu-se de outra fatia de carne assada e uma batata, cortou tudo em pedaços pequenos e colocou um pouco de molho por cima. Tinha mandado o pessoal sair da sala. Tinha à sua frente Heinz Auerswald, o comissário do gueto. As grandes janelas do apartamento de Fischer estavam escancaradas e permitiam que uma agradável brisa quente de fim de tarde entrasse no salão. Até àquele momento, limitaram-se a comer e a falar de futilidades, mas agora Fischer queria conduzir a conversa ao verdadeiro motivo do convite.

– De acordo com os vossos relatórios, a Operação Reinhardt prossegue de forma satisfatória…

Heinz Auerswald limpou os lábios com um guardanapo de pano branco.

– Absolutamente. Não se verificou nenhuma resistência significativa todas estas semanas. Até agora, tem sido fácil e confirma o nosso parecer acerca da inferioridade da raça judaica. Não foram feitos para lutar ou para se defender.

Fischer anuiu.

– O que acha, quanto tempo ainda falta?

– No máximo, algumas semanas. Já limpámos grande parte do gueto. Os orfanatos estão vazios, em breve será a vez dos hospitais. Afinal, já não serão necessários – sorriu.

– Deixemo-nos de fantasias. O gueto será evacuado até ao final de setembro.

– À exceção daqueles que ainda serão necessários para trabalhar nas fábricas alemãs de Varsóvia – Ludwig Fischer bebeu um gole do vinho. – Não me consigo recordar do número exato, neste momento.

– O último relatório estima que até ao final de setembro teremos transferido cerca de trezentos e oitenta mil habitantes do gueto para Treblinka. Oficialmente, ficarão cerca de trinta mil para trabalho forçado.

– Oficialmente? – Fischer arqueou as sobrancelhas.

Auerswald hesitou por um instante.

– Apesar da execução minuciosa, temos de partir do princípio de que existem números não oficiais. Alguns elementos conseguem sempre escapar à purga,

embora não estejam isentos da mesma.

Ludwig Fischer começava a ficar farto da linguagem burocrática do seu colega. Embora tivesse um doutoramento em Direito, gostava de chamar as coisas pelos nomes.

– Está a dizer-me que alguns judeus conseguiram fugir e estão escondidos algures no gueto?

– Exatamente.

– Quantos?

Auerswald fez uma careta.

– Supomos que serão mais de trinta mil.

– Trinta mil? Raios partam! – Fischer bufou. – São como o pó, nunca se consegue limpar bem os cantos – Auerswald riu, mas Fischer continuou. – Não importa. Para já, vamos deixar que tudo assente e arranjaremos espaço em Treblinka para os recém-chegados de outros guetos. E quando aqueles que ficaram cá se sentirem seguros, voltamos ao trabalho.

– Já tem uma previsão de datas?

Fischer pousou a faca e o garfo no prato vazio e atirou o guardanapo para o lado.

– Deixemos passar o Natal. Estou a pensar em janeiro, mas claro que não depende só de mim – viu que Auerswald também tinha acabado de comer. – Vai um conhaque?

Capítulo Trinta e Cinco

Irena levantou-se quando o primeiro raio de sol atingiu o seu rosto. Abriu os olhos e não reconheceu o quarto onde estava. Uma cama de ferro, uma mesa desengonçada e, ao seu lado, um velho urso de peluche com um braço que voltara a ser cosido. Assustada, sentou-se. Onde estava? Sentiu-se invadir pelo pânico, mas depois lembrou-se. É claro! Estava no quarto da filha de Rachela. A cama da menina já estava vazia, assim como o colchão que estava ao lado, no chão. Ali tinha dormido o pequeno Sergiusz, cuja fuga através do tribunal tinha sido um fracasso. Nesse dia, iam tentar de novo.

Irena deixou-se afundar mais uma vez no colchão que estava no chão e, de repente, um pensamento invadiu-a: Ewa estava morta. Nos dias sucessivos ao seu desaparecimento, procuraram-na por todo o lado sem sucesso. Desde então, a dor esmagava Irena contra a almofada após cada despertar. Os seus olhos encheram-se de lágrimas e sentiu-se pesada como chumbo. «Não sou capaz de me levantar», pensou. «E não vou poder fazer com que o Sergiusz saia daqui através da rede de esgotos. Para isso é preciso coragem e energia, e a minha vontade não chega sequer para me levantar deste colchão». Sentiu as lágrimas quentes escorrerem-lhe pelo rosto. Deixou-as secar, depois levantou-se de um salto, vestiu-se e foi até à cozinha.

– Estava mesmo para te ir acordar. Está tudo bem? – Rachela olhou para Irena com preocupação. Esta anuiu com cansaço. Sergiusz estava sentado à mesa com uma fatia de pão na mão.

– Desculpa, ele tinha tanta fome e já não havia mais nada. Mandei o Aaron ir à padaria com a Ava, devem estar quase a chegar.

Irena tentou esboçar um sorriso. Era bom para ela concentrar-se nas questões mais práticas, colocar um pé à frente do outro. Era isso que deveria fazer, tal como Rachela. Naturalmente, Rachela tinha uma filha e um marido que facilitavam esta tarefa. Mas porque se estava a lamentar? Também tinha uma mãe, tinha Adam. E quase todos os dias uma criança nova cuja vida dependia da sua presença de espírito.

Bebeu o copo de água que Rachela lhe pôs à frente e sentiu o seu espírito

lutador regressar. Se se deixasse derrotar agora, então os alemães já teriam vencido.

Irena olhou para o relógio e apercebeu-se de que não tinha muito tempo. Tinha dormido com Sergiusz em casa de Rachela para se poder aventurar na rede de esgotos o mais cedo possível.

– O Aaron deve chegar daqui a pouco – repetiu Rachela, como se tivesse lido os pensamentos de Irena. Passaram mais alguns minutos num silêncio ensurdecedor. Irena mexia no relógio e Rachela lavou o prato de Sergiusz e limpou as migalhas da mesa.

– Temos de ir – disse Irena, por fim, e levantou-se. Deu uma festa na cabeça de Sergiusz. – Pronto para a grande aventura? – O pequeno assentiu com os olhos bem abertos.

– Vou deixar a porta aberta para o Aaron e a Ava. Provavelmente estão presos numa fila interminável na padaria – disse Rachela, desculpando-se.

Saíram. Como sempre nas últimas semanas, as ruas estavam calmas, só se viam filas de pessoas até ao passeio em frente às lojas na esperança de comprar um pouco de comida. Quando estavam a passar perto da padaria, Rachela deu uma olhadela às pessoas que estavam à espera do lado de fora. Aaron e Ava não estavam entre elas. Talvez já estivessem lá dentro. Rachela semicerrou os olhos, mas atrás da vitrina só se viam silhuetas indistintas. Poucos minutos depois, chegaram a um silencioso beco sem saída.

– Tudo como de costume, ótimo – sussurrou Irena. – Tu ficas aqui. Se chegar alguém ou se vires alguém nas janelas, baixa-te e aperta os sapatos. A tampa de esgoto está apenas solta. Se tudo correr bem, estaremos lá em baixo em menos de um minuto.

Rachela assentiu. Não era a primeira vez que cobria Irena. Com calma e concentração, os seus olhos verificavam as janelas dos apartamentos circundantes. Estavam todas fechadas, muitas delas tapadas. A rua atrás deles estava vazia. Viu Irena baixar-se, levantar a tampa redonda e colocá-la exatamente ao lado do buraco. Depois, ajudou o menino a pousar os pés nos primeiros degraus de ferro. Poucos segundos depois, já estava suficientemente em baixo para que Irena o pudesse seguir.

Rachela voltou a verificar os arredores. Quando voltou a olhar para a rua, a tampa estava a deslizar de novo para cima do buraco. Irena tinha razão. Era preciso menos de um minuto. Rachela permaneceu imóvel por alguns segundos e depois voltou para casa.

A fila na padaria estava maior. Apesar de ser cedo, já fazia muito calor e Rachela caminhava a passo rápido. Já no fresco das escadas do prédio, suspirou de alívio. Tinha corrido tudo bem e aquilo que mais queria naquele momento era uma fatia de pão.

– Olá. Já voltei! – Disse ela, abrindo a porta do apartamento. Lá dentro reinava o silêncio.

– Aaron? – Rachela entrou na cozinha. Estava vazia, assim como o quarto das crianças e o seu quarto. – Aaron? Ava…? Aaron? – Rachela voltou a correr para a cozinha e regressou aos quartos. Ao lado da cama de Ava, agarrou no urso de peluche e fixou-o durante alguns segundos. – Ava – sussurrou mais uma vez. Foi a correr lá para fora.

Entretanto, Irena e Sergiusz percorriam os corredores baixos dos esgotos. A lanterna que levavam fazia as sombras encurvadas subir e descer nas paredes húmidas e sujas e os seus pés afundavam-se ruidosamente na lama até aos tornozelos. O ar quente e fedorento quase cortava a respiração de Irena, que tentava reprimir a sensação de enjoo.

– Quanto é que falta? – Perguntou Sergiusz com uma voz queixosa.

– Estamos quase – respondeu Irena de forma mecânica. Precisava de se concentrar para poder identificar quais os corredores corretos do labirinto, que tinha memorizado. Do teto vieram os primeiros sons do trânsito: o barulho de uma carrinha, a buzina de um carro e um ruído forte de cascos a bater no chão. Estavam a aproximar-se da parte ariana.

Mas Sergiusz parou repentinamente.

– Quero voltar para casa – os cantos da sua boca estavam curvados para baixo. – Tenho medo… Tia Luda. Quero a tia Luda – contraiu os lábios e as lágrimas começaram a regar-lhe o rosto.

– Shh – disse Irena. – Vamos devagar – baixou-se ao pé dele, largou-lhe a mão e limpou-lhe as lágrimas. – Há um parque infantil no sítio para onde vamos, já te disse. E também há mais crianças. Eu prometi-te, não foi?

– E a tia Luda? – Era a pergunta que Irena mais temia. Sergiusz iria ficar escondido num orfanato gerido por um convento de freiras católicas perto de Varsóvia. As freiras eram senhoras maravilhosas que faziam tudo pelas crianças e arriscavam muito. O menino ficaria bem. A única coisa que não lhe podia garantir era poder rever a tia, a única família que lhe restava.

– Ela vem buscar-te assim que puder – sussurrou Irena com um aperto no coração. Ainda assim, Sergiusz começou a soluçar. Nesse preciso momento,

Irena ouviu passos de botas militares a aproximarem-se. Agarrou apressadamente na mão de Sergiusz e arrastou-o consigo para onde quer que fosse, desde que se afastassem das botas. Para sua surpresa, o menino parou de chorar e, pouco depois, o silêncio voltou. Estava tudo demasiado silencioso. Para onde tinham ido os sons do trânsito? Raios! Irena mordeu o lábio.
Para que corredor é que tinha virado durante o momento de pânico? Será que tinha simplesmente voltado para trás ou teria ido parar a uma bifurcação? Voltou a ouvir o barulho dos cascos e decidiu caminhar na direção do som.

Foi a decisão certa. Em breve, estavam em frente a uma curva que reconheceu e apenas poucos minutos depois viu uma luz fraca através da tampa de esgoto. Quando se colocaram debaixo da mesma, levou o dedo indicador aos lábios e pôs-se à escuta. Ao início, não ouviu nada, depois escutou passos que se aproximavam e afastavam. Silêncio mais uma vez. Por fim, ouviu um assobio. Era o sinal acordado: a costa estava livre.

Irena fez sinal a Sergiusz e começou a subir os degraus de ferro.

Irena recebeu a notícia do desaparecimento de Rachela no dia seguinte à fuga de Sergiusz. Os vizinhos disseram que Aaron e Ava não tinha regressado da padaria. Tentaram parar Rachela, mas escapou e nunca mais foi vista. Pensavam que tivesse ido a correr para o ponto de recolha para procurar a família e que tivesse sido capturada e levada para Treblinka.

Irena sentiu uma dor absurda que a separava do resto do mundo como um vidro fosco. Sentia-se afastada de tudo e todos, incluindo de si própria.

Mas só sabia parte da verdade: o marido e a filha de Rachela tinham efetivamente sido mortos em Treblinka, mas Rachela foi colocada pelos alemães num grupo de trabalhadores forçados que, de manhã cedo, era levado para a parte ariana para separar trapos num laboratório.

Rachela deixava, impassível, que tudo acontecesse. Era como se o desaparecimento da família tivesse desligado todos os seus instintos de sobrevivência. Já não sabia quantos dias ou semanas se tinham passado desde a deportação de Aaron e Ava. Com o olhar fixo em frente, colocava um pé em frente ao outro sem sequer se aperceber dos outros homens e mulheres que, vestidos com uniformes de trabalho sujos, caminhavam a seu lado. Sentia-se inanimada, vazia, uma marioneta que não se importava com o próprio destino, quer fosse destruída ou abandonada.

Também naquela manhã de outono, passou pelo ponto de controlo juntamente com os outros. Os seus dados pessoais foram anotados. Já estavam a

pé há muitas horas junto das longas mesas de trabalho. As mãos de Rachela remexiam mecanicamente as roupas velhas. O ar no laboratório era sufocante. Cheirava a suor e a trapos sujos.

Só mais tarde é que Rachela se apercebeu daquilo que a sua vizinha lhe tinha sussurrado.

– Hoje é o dia. Não vamos voltar para o gueto. Presta atenção à palavra-chave que vai desencadear tudo.

Rachela não sentia nada, não sentia excitação ou medo alguns. Não sabia qual era a palavra-chave e não lhe interessava. Continuou a trabalhar como se nada fosse.

Depois, um tiro de pistola acabou com o silêncio, seguindo-se gritos.

– Para este lado! Para trás! – Rugiram os guardas. À volta deles, os operários dispersavam, alguns gritaram de medo quando se ouviram mais disparos. Então, até Rachela corria. Não tinha tido tempo para pensar, não sabia sequer para onde ia. Como uma ovelha num rebanho, correu com os outros até uma saída lateral. Ouviram-se mais disparos e um homem ao seu lado foi atingido e caiu no chão. Rachela continuou a correr. À sua frente abriu-se uma porta, do outro lado estava a rua. Quem conseguiu sair dispersou em todas as direções. Rachela correu sem parar. O seu hálito quente roçava-lhe a garganta seca, o suor colava-lhe o cabelo, já quase não sentia o corpo e tinha a mente vazia. Os disparos atrás de si cessaram, mas continuou a correr.

Parou numa rua que não parecia conhecer. As casas andavam à roda, o suor caía-lhe nos olhos e os seus joelhos vacilaram. Tinha a respiração ofegante, os pulmões a arder e a pedir mais ar. Algumas pessoas fizeram um círculo amplo à sua volta, trocaram acenos de concordância e olhares cúmplices e observaram-na antes de se afastarem. Uma vez que estava vestida com as roupas do trabalho com a estrela de David, Rachela era facilmente reconhecida como uma trabalhadora forçada judaica. A qualquer momento, algum transeunte poderia alertar as autoridades, mas a sua mente continuava vazia.

– Rachela? Por amor de Deus! – Uma mão agarrou-a pelo braço e Rachela levantou o olhar em direção a um rosto que lhe parecia vagamente familiar. Dois olhos cinzentos-esverdeados olhavam para ela, transtornados.

Depois, agarrou-a com mais força.

– Tens de sair daqui. Depressa.

Rachela deixou-se arrastar através de uma porta.

Ala partilhava da mesma dor de Irena. Os desaparecimentos de Ewa e de

Rachela eram insuportáveis: tudo indicava que as duas tivessem sido mortas em Treblinka. Mas a dor pelas amigas não era o único motivo pelo qual Ala tinha dormido mal nas últimas noites. Uns dias antes, Rami, a sua filha, foi deixada com uma família de acolhimento na parte ariana. Ela tinha-se recusado a fugir, mas acabou por aceitar separar-se de Rami, apesar de tudo. Era bom saber que a filha estava a salvo, mas, ao mesmo tempo, tinha muitas saudades da sua menina, do seu riso alegre quando a abraçava à noite. Rami era o seu único raio de esperança, sobretudo quando ela e Nachum tiveram de renunciar à tenda da Cruz Vermelha no ponto de recolha. Quanto menos pessoas houvesse no gueto, menos os alemães se esforçavam por manter as aparências. Certa manhã, desmantelaram a tenda sem cerimónias e disseram-lhes para não voltarem a aparecer no ponto de recolha. Desde então que passava os dias na clínica, mas a sensação de ter fracassado nunca a abandonou. Todas as noites se sentia atormentada ao recordar-se de todos os rostos que não conseguiu salvar, e na clínica as coisas não eram muito diferentes.

Cansada, abriu a porta do grande edifício.

– Quero-te daqui a pouco na enfermaria! – Disse-lhe uma colega ao vê-la passar. Ala arqueou as sobrancelhas, mas não fez perguntas.

Dado que já não havia cadeiras livres na sala praticamente vazia, encostou-se à parede. Cada vez mais pessoas entravam na enfermaria. Um médico velho, de pé ao lado da porta, observava a multidão com uma inquietação crescente.

– Penso que podemos começar – exclamou quando já não viu mais pessoas chegar. Ajustou os óculos e tirou do bolso da bata uma folha de papel. Ala percebeu imediatamente que se tratava de um comunicado alemão. Sentiu o estômago contorcer-se. Depois de todo o sofrimento e das mortes dos últimos meses, o que mais poderia acontecer? Os seus colegas murmuravam baixinho.

– Silêncio! – Gritou o médico, que Ala via como uma pessoa amável. – Esta manhã, afixaram este comunicado por toda a cidade. A partir de agora, os alemães garantem a amnistia a todos os polacos que revelarem os nomes dos judeus que ajudaram ou esconderam.

Não houve reação.

Uma jovem enfermeira rompeu o silêncio:

– Mas os polacos que ajudaram os judeus não vão mudar de ideias de repente e ir a correr denunciá-los.

– Nunca se sabe – interveio um enfermeiro. – Pode haver pessoas já fartas do cansaço e da responsabilidade que ficariam contentes por sair ilesas.

– Se querem a minha opinião, isto é o início do fim – disse o médico que tinha anunciado o comunicado. – Evidentemente, os alemães querem encontrar os judeus que estão escondidos há algum tempo. Querem encontrá-los a todos, até ao último homem – olhou para os seus colegas, um a um. – Sabem o que isto significa para nós?

Voltou a cair o silêncio, até que uma jovem médica exclamou:

– As nossas famílias aqui no hospital!

O médico assentiu. Muitos médicos, enfermeiros e assistentes tinham levado os seus familiares para a clínica e tinham-nos registado como pacientes para os proteger das deportações. Bastaria uma fiscalização para mandar o plano pelos ares.

– Quem tiver filhos, pais ou cônjuges aqui na clínica tem de os levar para outro esconderijo e… – O médico interrompeu o seu raciocínio quando ouviu as portas da entrada bater contra a parede do piso térreo. Num instante, começou a ouvir-se o som de botas a pisar o pavimento de linóleo. Os passos dispersaram-se, uma voz alemã dava instruções. Os primeiros gritos ecoaram pelos corredores: «Saiam das camas! Venham connosco!».

Por um momento, ficaram todos petrificados. Depois, uma jovem enfermeira falou e a sua voz parecia querer fazer uma simples constatação:

– Acho que chegou a nossa vez. Vão evacuar-nos.

Sem mais uma palavra, saíram todos da sala rapidamente. Só quando chegou ao corredor é que Ala caiu em si. Para onde queria ir? Ia fugir? Mas como? Depois, lembrou-se de outra coisa. O departamento de pediatria! Se havia alguém a salvar, eram as crianças.

Atravessou o corredor a correr. Ao virar a esquina, viu um homem da SS em frente a uma maca no corredor, na qual jazia um homem idoso.

– De pé. Vamos!

– É o senhor Pollock – disse Ala sem pensar. – Ele já não consegue andar. Ele…

Ainda não tinha acabado a frase quando o homem da SS sacou da pistola e disparou contra a cabeça do idoso. Virou-se para Ala que, por instinto, começou a correr na direção de onde tinha vindo. Havia outras vias de acesso ao departamento pediátrico.

Ouviam-se gritos estridentes e choro por todo o lado. Para onde quer que olhasse, ressoavam passos e as pessoas corriam como loucas sem saber para onde ir. Em frente às saídas estavam guardas, não havia forma de escapar. Pelo canto

do olho, através de uma porta aberta, Ala viu uma médica sua amiga na cabeceira da cama de uma paciente.

– Milena? – Entrou sorrateiramente. A médica olhou para ela, desolada. – Anda, por favor – suplicou-lhe Ala. – Quero ir ao departamento de pediatria. Talvez ainda possamos fazer alguma coisa – mas assustou-se. O rosto de Milena estava petrificado, tinha os olhos rasos de água e Ala não sabia se tinha percebido. Que estava a acontecer? O seu olhar posou sobre a cama, a senhora de cabelos brancos e de faces encovadas e depois as mãos trémulas da colega que seguravam num pequeno recipiente. Finalmente percebeu. A senhora idosa era a mãe de Milena e o pequeno frasco continha o único presente que Milena ainda lhe podia dar: uma morte serena pelas mãos de uma filha que a amava.

– Vou ter contigo assim que puder – disse Milena com um fio de voz. Ala anuiu. Queria dizer mais alguma coisa, uma palavra de encorajamento ou de conforto, mas não havia nada a acrescentar. Olhou para Milena por um instante e saiu apressadamente da sala.

Já à porta da pediatria, encontrou Damian, um rapaz com cerca de quinze anos que se tinha refugiado no hospital algumas semanas antes e que, desde então, trabalhava como ajudante de cozinheiro. Ala puxou-o para o tentar parar. O rapaz olhou para ela em pânico e só a reconheceu quando olhou pela segunda vez. Ala tinha tido uma ideia.

– Damian, ouve. Preciso que me faças um favor, está bem?

O rapaz assentiu.

– Vai a correr para a cozinha e diz aos outros para carregar a carrinha com caixas e sacos vazios. Se tudo correr bem, entrarei logo com os meninos, pode ser?

– Sim.

Começou a correr. A ideia era arriscada, mas não se lembrava de mais nada. As janelas da cave da cozinha iam dar a uma rua lateral. Não havia nenhuma porta naquele lado do edifício e, se tivessem sorte, não haveria nenhum alemão a guardá-lo. Durante o dia, a carrinha estava sempre estacionada naquela rua em frente aos poços. Se a costa estivesse livre, podiam sair com as crianças e levá-las para fora do gueto entre as caixas na carrinha. Era arriscado, mas não tinham nada a perder.

A pediatria estava um caos, tal como o resto da clínica. Feliz-mente, os alemães ainda não tinham lá chegado, mas as crianças, chocadas com os gritos e com o desespero dos enfermeiros, tinham saído das camas e andavam pelos

corredores a chorar.

Num momento de clareza, Ala pegou numa colher e começou a bater com ela numa panela. O choro desvaneceu e as primeiras crianças e os primeiros enfermeiros começaram a juntar-se à sua volta. Em poucos segundos, viu-se rodeada de várias dezenas de crianças, algumas ainda a chorar.

– Ouçam com atenção – disse num tom calmo. – Vamos sair todos juntos. Não vos vai acontecer nada se formos com calma, está bem? Todas as crianças mais velhas vão dar a mão a duas mais novas. Quem conseguir levar um recém-nascido, que leve. Não deixamos ninguém para trás. No fim, quero ver apenas camas vazias. Mas temos de ser rápidos. Vão descer comigo. Vá, vamos lá!

Poucos minutos depois, mais de trinta crianças e alguns enfermeiros seguiram-na sorrateiramente até à cozinha. Duas auxiliares já se encontravam ao lado das janelas da cave abertas.

– A carrinha está carregada com caixas – disse uma delas indicando com a cabeça o exterior.

– Boa, vamos começar. Precisamos de alguém na rua que agarre nas crianças e as esconda. Nós mandamo-las lá para fora – sem falar, puseram mãos à obra. Os pequenos perceberam logo o que se estava a passar. Seguiram com atenção cada movimento das mãos dos adultos e, sem protestos, deixaram-se levantar para as janelas e puxar lá para fora por mãos amigas. Tudo acontecia com o máximo de rapidez possível.

«Se ao menos tivéssemos tempo suficiente até chegarem à cozinha», rezou Ala.

Alguém ouviu as suas preces. Quando, pouco tempo depois, a carrinha virou a esquina, Ala nem queria acreditar. Tinham mesmo conseguido! Fazer passar tantas crianças juntas por um ponto de controlo era, obviamente, impensável. Quem sabe se seria possível escondê-los em vários lugares no gueto até Irena e as outras conseguirem fazê-los sair às escondidas. Mas este já era o passo seguinte. Agora, era a vez dela e dos outros enfermeiros se manterem a salvo.

Capítulo Trinta e Seis

O transporte para Treblinka foi interrompido no final de setembro. O gueto estava praticamente vazio. 85% dos seus habitantes tinham sido mortos no campo de concentração. Entre aqueles que foram poupados graças aos documentos de trabalho, estavam Ala, o seu colega Nachum Reba e a mãe de Beata, Hanja Kosler. Além disso, milhares de pessoas ainda viviam no gueto como «selvagens», escondidas em caves, sótãos ou entre paredes duplas. Muitas delas eram crianças de todas as idades que já não tinham família. Irena estava desesperada. Tinham de duplicar os esforços, mais uma vez. Mas como? As famílias de acolhimento tinham de ser sustentadas financeiramente, mas os meios da sua rede já não chegavam, visto que os alemães tinham reduzido bastante os fundos dos serviços sociais.

Por fim, chegaram as primeiras chuvas abundantes de outubro, que levaram consigo o pó do verão em riachos castanhos ao longo das ruas. Irena tinha as meias húmidas quando se sentou na cozinha de Stanislawa Bussold. A mãe de acolhimento da pequena Beata colocou uma chávena fumegante de café de cevada sobre a mesa da cozinha lacada a azul e sentou-se em frente a ela. Beata tinha adormecido nos seus braços e ainda tinha as faces ruborizadas de ter estado a chorar.

– Não dormiu bem na noite passada – disse Stanislawa. Acrescentou: – Na verdade, eu já não devia estar a cuidar dela. Devia ter sido apenas nos primeiros dias. Mas já que me afeiçoei à bebé, não me consegui separar dela.

– Estou muito feliz por teres ficado com ela – disse Irena, bebericando o café. – Tens notícias da família da Beata?

Stanislawa suspirou.

– Sim. A Hanja Kosler ainda trabalha na fábrica Többens, no gueto, o que é uma bênção. De vez em quando, um dos chefes deixa-a telefonar para cá. Fala com a Beata, que ouve com os olhos esbugalhados, ri e guincha alegremente. Claro que reconhece a voz da mãe. Quando a Hanja tem vontade de chorar, desliga o telefone. Quando a Beata começa a choramingar, sinto-me culpada por a pequena estar comigo e não com a mãe – fez uma breve pausa antes de

continuar. – A propósito, o pai da Beata faleceu. Foi morto a tiro no ponto de recolha, dizem que se recusou a entrar no comboio. Mas o avô ainda está vivo. Foi colocado num grupo que trabalha na parte ariana numa fábrica alemã.

Irena anuiu, pensativa.

– Para já, a «operação» dos alemães está concluída. Se a Beata tiver sorte, no fim vai poder voltar para a mãe e para o avô. De qualquer forma, a Hanja está protegida na fábrica, mesmo que não acredite muito nesta calma aparente.

– Nem eu – permaneceram em silêncio por um momento. Depois, Stanislawa disse com uma voz um pouco incerta – Bem, queria dizer-te que a Beata vai ser batizada dentro em pouco.

– O quê? – A voz saiu-lhe com mais vigor do que gostaria. Irena acrescentou com um pouco mais de calma – Mas porquê? Não é preciso.

– É melhor assim, para não darmos nas vistas. Vai ser uma criança católica para todos os efeitos. Ninguém vai suspeitar de nada.

– Sabes que posso procurar uma certidão de batismo falsa. Amanhã de manhã, vou logo…

– Não – a voz de Stanislawa parecia inflexível. – Irena, a Beata está comigo e acho que é a coisa certa a fazer.

– Eu não – contrapôs Irena de forma brusca. – Assim, vamos retirar à família da Beata a última coisa que lhes resta, a pertença da filha à própria comunidade religiosa – olhou para Stanislawa com insistência, mas o rosto da mulher não se alterou e Irena sabia que não ia conseguir fazer com que ela mudasse de ideias.

Suspirou porque, mesmo sendo ela própria católica, irritava-se com o facto de muitas crianças retiradas do gueto serem batizadas e, por conseguinte, afastadas das tradições da família de origem. Mas não havia nada que pudesse fazer.

Depois da visita a Stanislawa Bussold, Irena refletiu longamente, mas tomou uma decisão. Estava a chuviscar e o céu estava coberto quando parou perto do ponto de controlo através do qual o avô de Beata e a sua equipa de trabalho voltavam para o gueto todas as noites. Se tivesse sorte, a fiscalização duraria tempo suficiente para permitir que falassem sobre o batismo iminente de Beata. Lamentava que aquele homem já marcado fosse ficar ainda mais triste, contudo, sentia que tinha o dever de informar a família.

Teve sorte. Meia hora depois, viu o senhor Kosler no meio dos outros trabalhadores forçados. Enquanto o grupo esperava em frente ao ponto de controlo, Irena abordou-o.

– Senhor Kosler? – Disse docemente. A cabeça do homem virou-se para ela e

surgiu-lhe um sorriso no rosto enrugado.

– Senhora Sendler… Como está a Beata? – Os olhos do senhor iluminaram-se. Tirou o chapéu e alisou as madeixas cinzentas. Era óbvio que o encontro o tinha perturbado. Irena condenou-se pela sua decisão. Como podia fazer-lhes isto? Mas tinha de o dizer.

– A Beata está bem – respondeu com um sorriso. – Por vezes, consegue ser uma menina muito tagarela, mas é uma criança maravilhosa.

O sorriso nos pequenos lábios do senhor alargou.

– Vai ser uma menina teimosa, como o resto da família – disse com orgulho. A chuva tornara-se mais intensa. Irena sentiu as costas ensopadas e a cabeça calva do senhor Kosler brilhava com as gotas de água, mas, em vez de colocar o chapéu, o idoso amarrotou-o, apertando-o nervosamente.

– Tenho uma coisa para lhe dizer – a voz de Irena mostrava hesitação, mas acrescentou de uma vez só: – A Beata vai ser batizada em breve. Lamento imenso. Se dependesse de mim, não aconteceria, mas, infelizmente, não o posso impedir.

Durante alguns segundos, o senhor Kosler olhou para ela completamente mudo. A boca dele abriu-se ligeiramente e o lábio inferior começou a tremer. Irena viu os olhos do senhor humedecerem. Voltou a fechar a boca e engoliu em seco. A maçã de Adão movia-se rapidamente para cima e para baixo. A chuva começou a cair ainda mais forte. Ouviram-se gritos no início da fila e o grupo avançou alguns passos. O avô de Beata virou-se e juntou-se aos outros. Irena também se afastou. Esperava que o senhor Kosler voltasse a olhar para ela, mas continuou com o olhar fixo em frente.

Irena tinha passado quase a tarde inteira no gueto e voltou ao escritório ao pôr do sol. Apenas algumas portas deixavam passar luz. Cansada, pendurou o casaco húmido no cabide, prendeu o cabelo atrás das orelhas com as duas mãos e sentou-se à secretária. Ainda tinha alguns relatórios para escrever e depois iria ter com Adam. Por várias vezes ouviu passos no corredor que se aproximavam e afastavam. A porta de vidro das escadas abriu e fechou. Devia ser a última pessoa no edifício. Irena tinha acabado de assinar um documento quando ouviu bater à porta.

– Entre! – Disse, surpreendida. A porta abriu e entrou uma jovem colega com quem Irena não costumava falar muito. – Olá, Stefania! Ainda estás aqui?

– Posso sentar-me? – Perguntou a colega.

– Claro. Que se passa?

– Também estás a fazer contas? – Apontou com a cabeça para os documentos de Irena.

– Não, são relatórios – Irena não conseguiu esconder as suas suspeitas.

– Acabei agora de fazer as minhas contas. Mas sabes como é, desde que os alemães nos cortaram os financiamentos todos que não há dinheiro para nada. É deprimente.

– Pois é – disse Irena relaxando um pouco, mas, para sua grande surpresa, Stefania levantou-se. Enquanto se levantava, deixou uma folha em cima da mesa rapidamente.

– Há alguém que nos pode ajudar com o nosso trabalho. Não estamos sozinhas. Por favor, deita a morada fora o mais depressa possível, quer decidas ir lá ou não. Mas se fores, pergunta pelo Trojan – Stefania esboçou um sorriso. – Boa noite! Não trabalhes muito.

Antes que Irena conseguisse responder, Stefania virou-se e foi-se embora. Irena agarrou no bilhete e leu-o: «Rua Zurawia, nº. 24, apartamento 4, terceiro andar». Começou a pensar sem parar. Stefania não fazia parte da sua rede, mas claramente conhecia melhor as atividades de Irena do que esta tinha suposto. Ou talvez tivesse deduzido que Irena tivesse os mesmos problemas económicos que todos os outros colegas. Mas porquê tanto mistério? Um bilhete com uma morada que não podia guardar. Trojan, certamente um nome de código…

Recostou-se na cadeira e franziu o sobrolho. Estas ofertas, aparentemente bem-intencionadas, podiam ser perigosas. Talvez a sua colega quisesse aliciá-la para depois a entregar aos alemães. Ou então Stefania tinha-se deixado enganar por alguém e agora estava, inadvertidamente, a arrastar outros consigo.

Irena brincava com o bilhete por entre os dedos. Depois, levantou-se, pegou no casaco e saiu. Tinha percorrido apenas alguns metros de bicicleta quando viu uma tampa de esgoto fora do sítio. Parou, tirou o papel do bolso, rasgou-o em pedacinhos, deixou-o cair no buraco e prosseguiu.

«Rua Zurawia nº. 24», pensou Irena. Preferia esquecer-se da morada. Era demasiado perigoso. Não sabia quase nada sobre a colega. Se ela e os seus amigos ainda não tinham sido capturados pelos alemães, era apenas porque respeitavam as regras estabelecidas.

Mas seria mesmo assim? Irena pensou de imediato nas muitas crianças que só estavam vivas porque tinham corrido um risco contra toda a razão. Além disso, tinham esgotado todas as possibilidades financeiras. Já não havia dinheiro para ajudar todas as crianças que ainda estavam no gueto.

No cruzamento seguinte, Irena não virou para a rua que a levava ao apartamento de Maria Kukulska, onde Adam estava escondido. Pouco tempo depois, parou a bicicleta em frente ao número 24 da Rua Zurawia. Com o coração na garganta, bateu suavemente à porta do apartamento número 4 do terceiro andar.

«Se ninguém der sinais de vida agora, é um sinal», pensou. «Assim, vou-me embora e não volto mais».

– Sim? – Disse uma voz feminina baixinho.

– Jolanta – sussurrou Irena, mesmo não sabendo se aquele nome pudesse significar algo para ela. A porta abriu e uma senhora magra com o cabelo curto e grisalho deixou-a entrar.

Os olhos da mulher moviam-se com nervosismo de um lado para o outro.

– Venha…

– Disseram-me para perguntar pelo Trojan – cochichou Irena quando a senhora fechou a porta atrás dela. Não recebeu qualquer resposta. Ao fundo do corredor, a senhora abriu a porta de um quarto escuro.

– Cá está ele.

Um homem, que Irena estimou que tivesse cerca de cinquenta anos, levantou-se de uma poltrona. A pequena lâmpada a óleo em cima da mesa era a única fonte de luz e o rosto dele estava envolto pela sombra. Era robusto, tinha uma barba escura e sobrancelhas fartas. Examinou Irena com os olhos à medida que ela se aproximava.

«Se for uma armadilha, vão dar sinais disso agora», pensou Irena. O homem aproximou-se dela e estendeu-lhe a mão, que ela apertou com alguma hesitação.

– Sei que está com medo, mas não há motivo para isso – disse ele, indicando uma cadeira. – Sou o Trojan da recém-constituída organização clandestina Zegota. Trabalhamos sob a alçada do Exército.

Irena ouviu-o com atenção. Já tinha ouvido falar na organização militar e de resistência secreta. Tratava-se de militantes voluntários que combatiam clandestinamente contra a ocupação alemã.

– O Exército pertence ao Estado secreto polaco e é apoiado pelo governo exilado em Londres – explicou Trojan.

– Eu sei – Irena sorriu. Agora, já se sentia mais segura. Trojan devolveu-lhe o sorriso.

– Boa. E sei que faz parte de uma rede em bom funcionamento que tira as crianças judaicas do gueto e as esconde.

O rosto de Irena escureceu subitamente, mas Trojan continuou sem hesitar.

– A Zegota tem a sua própria divisão de apoio à infância. E temos os meios financeiros. O dinheiro entra no país através do governo exilado com a ajuda dos paraquedistas. Aquilo que não temos é uma rede que funcione, como a sua. É por esse motivo que quero propor-lhe uma colaboração. Colabore connosco. Não vamos interferir com o vosso *modus operandi*.

A responsabilidade pelas atividades é apenas vossa, mas podemos financiar-vos e teriam acesso às nossas caixas de correio secretas… São pontos de encontro em que trocamos dinheiro e informação. Também temos um apartamento dedicado à conspiração. Que me diz?

A mente de Irena encheu-se de pensamentos. Era exatamente aquilo de que precisava. Dinheiro para financiar as atividades da rede, mas mantendo a autonomia. Era bom de mais para ser verdade.

– A propósito, o meu nome verdadeiro é Julian Grobelny – disse o homem. – E, com isto, a senhora sabe mais sobre mim do que sei sobre si. Mas pelo que ouvi, acho que posso confiar em si e espero que seja recíproco, em breve.

– Irena Sendler, muito gosto.

Estendeu-lhe a mão prontamente. Grobelny apertou-a com força.

– Tenho de ir, são quase horas do recolher obrigatório – disse Irena em voz baixa a Adam alguns dias depois, e abraçou-o mais uma vez debaixo dos cobertores.

– Podias ficar cá esta noite – a mão de Adam acariciou-lhe as costas. – Faz tanto frio à noite sem ti.

– Eu sei – Irena beijou-o com doçura e esfregou o seu rosto no dele. – Mas não posso deixar a minha mãe sozinha durante muito tempo. Já a ando a negligenciar demasiado.

Mais uma vez, beijaram-se com ternura e Irena afastou-se. Vestiu-se rapidamente. A sua respiração transformou-se numa pequena nuvem branca na escuridão fria do quarto de Adam. Quando se virou para ele, Adam estava de barriga para cima e fixava o teto.

– Tenho de ir – repetiu, mas Adam não se mexeu.

– Por mais absurdo que pareça, – disse ele, por fim – eu invejo-te. Tu és capaz de fazer qualquer coisa, ajudar as crianças, estar presente para a tua mãe. E ouvi dizer que estão a formar uma resistência no gueto. Homens e mulheres. Dizem que já são centenas. Fazem contrabando de armas e fabricam-nas sozinhos. Se os alemães iniciarem mais alguma coisa, vão dar-lhes luta. Finalmente está a

acontecer alguma coisa, estão a combater e vou poder participar.

Irena olhou para ele muito séria.

– Já eu estou feliz por estares aqui e não lá dentro.

Adam suspirou lentamente.

– Sim, aqui… onde fico sentado como um leão enjaulado. Desde manhã até à noite não faço nada sem ser ir de uma divisão para a outra. Não sirvo para nada. Pior ainda, sou um perigo para a Maria e a filha dela.

Irena olhou para o relógio. Já era tarde, mas voltou a sentar-se na cama ao pé de Adam.

– Talvez haja algo que possas fazer – disse ela.

Adam sentou-se.

– Agora que a Zegota nos encheu os bolsos, vou precisar de alguém que me ajude a registar tudo. De momento, temos à disposição mais de oitenta mil zlotys por mês, com os quais podemos pagar os documentos falsos, o transporte e o sustento dos nossos protegidos. E é provável que o número de protegidos aumente nos próximos meses. Mas obviamente que não vamos gastar o dinheiro assim, como se nada fosse. Vamos dar conta de tudo de forma meticulosa. Mas não vai haver muito tempo para a contabilidade. Que achas, gostavas de nos ajudar?

– Eu sonho em lutar pela resistência e tu propões que eu faça de contabilista? Incrível!

Irena olhou Adam nos olhos.

– Não posso fechar-te aqui contra a tua vontade. E se quiseres juntar-te aos combatentes no gueto, não te posso impedir. Mas tens de saber uma coisa: eu preciso de ti. E a tua mãe também.

Adam não disse nada, mas depois acrescentou:

– Também preciso de ti – Irena agarrou-lhe o rosto com as duas mãos e beijou-o intensamente. Quando se afastaram, olhou para o relógio. Já passava da hora.

– Oh não! Vai começar o recolher obrigatório.

Despediu-se dele à pressa e correu pelas escadas abaixo até à bicicleta. Demorava um quarto de hora a chegar a casa. Não iria conseguir. As ruas escuras já estavam desertas. Irena subiu o passeio e pedalou ao longo das paredes dos edifícios. Apesar do frio húmido, estava a suar. Porque não tinha ficado com Adam?

De repente, acenderam-se os faróis de um carro estacionado mesmo à sua

frente. Irena assustou-se. A luz intensa cegou-a e a bicicleta derrapou ligeiramente. Ambas as portas abriram e saíram do carro dois homens de uniforme.

– Pare!

Irena não parou para pensar, virou-se rapidamente e foi na direção de onde tinha vindo. Ouviu um clique atrás de si. Conhecia o som de quando o dispositivo de segurança de uma pistola era desativado, mas não parou e passou a esquina de um prédio, saindo da linha de fogo. Voltou a ouvir as portas do carro a bater e o motor a ligar.

«Pensa, conheces a cidade melhor que os alemães», disse Irena a si mesma para recuperar o ânimo. E, de facto, tinha uma ideia: uma das próximas ruas laterais era pouco mais larga que um beco. Era ampla o suficiente para si, mas não para um carro. Pedalou o mais velozmente que podia. Imaginava que tinha pelas costas os faróis do carro, ainda que não os visse. Chegou ao beco e virou. Atrás de si, ouviu o chiar dos pneus e o carro a parar. As portas abriram novamente. Mas antes que a primeira bala fosse disparada, ela já tinha dobrado outra esquina.

Conseguiu chegar a casa através de um caminho alternativo. Enquanto abraçava a mãe, assustada, apercebeu-se do perigo que tinha corrido.

Demorou uma hora a acalmar-se. Comeram qualquer coisa e a mãe deu a mão à filha várias vezes. Não fez perguntas. Sabia que Irena não lhe podia contar nada acerca das suas atividades para sua segurança.

Quando acabaram de lavar os pratos, colocou um pequeno embrulho em cima da mesa à sua frente.

– Foi uma rapariga que trouxe esta tarde – disse a mãe, e saiu.

Irena agarrou no embrulho. Uma rapariga? Devia ser uma pequena contrabandista. O conteúdo do embrulho era maleável, só sentia algo subtil e duro num sítio específico. Abriu-o com cuidado e levantou o fino tecido de renda branca. Ao início, não percebeu do que se tratava, mas depois os seus olhos encheram-se de lágrimas. Era um vestido de batismo e ao lado estava uma cruz de prata. Um último presente desesperado dos Kosler para a sua pequena Beata, que seria batizada em breve.

Irena deixou-se cair na cadeira. Só quando a mãe entrou na cozinha e a agarrou é que percebeu que estava a chorar.

Capítulo Trinta e Sete

Na noite de 31 de dezembro, recomeçara a nevar. Ao fim da tarde, Irena despediu-se da mãe e das amigas e encaminhou-se para o elétrico para ir para casa de Maria Kukulska e passar a noite com ela, a filha e Adam. O afundar os pés na neve fresca e macia, as crianças que faziam lutas de bolas de neve na esquina da rua e o brilho quente das janelas ao entardecer recordavam-na do passado, do tempo antes da guerra. Um tempo que parecia estar a anos luz de distância.

Quando Irena passou pelo ponto de controlo, sentiu um aperto no coração. As ruas do gueto estavam desertas. Não se viam candeeiros acesos nem luzes nas janelas. Tudo estava envolto na escuridão, como se já ninguém vivesse naquele bairro, embora ainda houvesse lá gente. Milhares de pessoas viviam escondidas em caves gélidas e sótãos cheios de correntes de ar, assustadas e invisíveis.

No apartamento de Maria estava calor. Para festejar o Ano Novo, tinha aquecido todos os quartos.

– Mmm, cheira tão bem a bolas de Berlim recheadas! Precisam de ajuda? – Perguntou Irena ao entrar na cozinha.

– Sim, estamos a fazer os *paczki*[2] e a cozer o pão. Já podes trabalhar a massa.

Irena colocou um avental. Juntas, formaram animais estranhos com a massa, como se costumava fazer no Ano Novo. Enquanto colocavam as suas criações no forno a lenha, Maria disse:

– Na verdade, hoje devíamos jogar ao jogo da sorte, mas não sei se é boa ideia. Por causa da terra.

Irena refletiu. O jogo da sorte era uma tradição de Ano Novo de que todos gostavam. Numa mesa, eram dispostos vários objetos: um copo de água, uma pequena taça com terra, uma chave, um ramo de murta, um terço e um anel. Uma de cada vez, as pessoas eram vendadas e, sem ver, tinham de agarrar num dos objetos dispostos ao acaso. Cada objeto tinha um significado particular e dizia-se que aquele que fosse escolhido era uma previsão do ano que estava por vir. A terra era um presságio de morte e sepultura.

– De certa forma, tens razão – disse Adam. – Mas vamos mesmo deixar que os

alemães nos tirem também as tradições de Ano Novo? E se calhar a terra a algum de nós, o que importa? Todos nós respiramos a morte diariamente.

– O Adam tem razão – disse Anna, a filha de Maria. – Não tenho medo do jogo, nem da terra. Vá, mãe, vamos jogar como todos os anos.

Maria riu e concordou.

Depois do jantar, começaram a jogar. Anna foi a primeira e calhou-lhe o terço. Ficou desiludida.

– A devoção, que seca!

– Não é nada – disse a mãe, dando-lhe um breve abraço. –
É algo muito bonito que sempre quis para ti.

Anna revirou os olhos e os outros riram. Depois, foi a vez de Adam. Ele pegou na chave.

– Economia doméstica? – Olhou para Anna e fez uma careta. – Acho ainda mais secante do que a devoção. Mas, pelo menos, combina com o meu novo cargo de contabilista – Anna sorriu.

Por fim, foi a vez de Irena. Colocou a venda e Adam trocou os objetos de sítio. As suas mãos apalparam os objetos.

– Oh! – Irena sentiu-se corar. Tinha encontrado o anel.

– Um casamento, fantástico! – Exclamou Anna, fazendo com os lábios muitos beijinhos. Irena abanou a cabeça, divertida, e as suas faces ficaram ainda mais vermelhas.

– Tenho de beber qualquer coisa! – Disse alegremente, antes que os outros pudessem comentar, evitando o olhar de Adam.

Chegou a meia-noite. Beberam muito, abraçaram-se e beijaram-se.

– Sei que não vais acreditar, mas já pensei muitas vezes no quanto gostaria de te dar um anel – sussurrou Adam quando se encontraram sozinhos no sofá, e acrescentou: – Se ao menos fosse possível…

Irena foi apanhada de surpresa e olhou para ele com os olhos esbugalhados. Ficou felicíssima, mas o olhar de Adam era triste e sabia porquê. Estavam em plena guerra, mas não só isso. Ainda que ela e Mietek vivessem separados há anos, ainda eram casados.

Penteou-lhe os cabelos da franja com doçura.

– Um dia, esta guerra vai terminar – disse calmamente. – O Mietek vai regressar e então eu… então, seremos livres – deu-lhe um beijo fugaz. – De qualquer modo, já não te largo.

Os olhos de Adam sorriam. Puxou-a para si.

– Bom ano, Irena. Ou, pelo menos, um melhor. Juntos, aconteça o que acontecer.

– Juntos – disse ela.

Os bons presságios para o novo ano dissiparam-se quando o ano de 1943 mostrou o seu verdadeiro caráter. Em janeiro, os alemães iniciaram uma nova «operação».

«Desta vez, vão fechar o gueto para sempre», dizia-se por todo o lado. Alguns diziam-no com respeito, outros num tom solidário.

Também os habitantes do gueto sabiam que tudo estava em jogo. No primeiro dia da «operação», um grupo de jovens conseguiu repelir os alemães graças a um ataque armado. Tinham feito contrabando de armas para o gueto nos meses anteriores. Os alemães, apanhados de surpresa, foram forçados a recuar. Nunca tinham pensado que os judeus se tentariam defender, e foi a primeira vez que soldados alemães perderam a vida. Mas, no dia seguinte, chegaram os reforços e a tal rebelião foi reprimida. No decorrer de poucos dias, foram deportadas milhares de pessoas para Treblinka. Assustadas e desesperadas, cada vez mais pessoas tentavam fugir do gueto e a rede de Irena ajudava quando podia. Precisavam de refúgios, roupa, dinheiro e documentos.

Depois, no fim de janeiro, sofreram um golpe duro. Os passes que Irena e os seus amigos utilizavam para entrar no gueto foram declarados inválidos. A explicação foi lapidária: o controlo das epidemias já não era necessário num bairro onde, em breve, ninguém iria viver. As últimas ligações telefónicas com o gueto foram cortadas; quem lá tinha ficado tinha de se safar sozinho. Também a ligação entre Irena e Ala foi interrompida, mas ela não se rendeu. Em vez disso, acordou com um grupo de contrabandistas adolescentes continuar a conduzir as crianças para fora do gueto através dos esgotos, onde a rede de Irena esperava por elas e as transferia para outro sítio. Era uma luta quotidiana pela sobrevivência, e quanto mais os alemães se esforçavam por encontrar e deportar as pessoas do gueto, mais Irena e os seus amigos trabalhavam desesperadamente para as salvar. O número de pequenos papéis em que Irena anotava os nomes antigos e novos das crianças aumentava de dia para dia.

Irena já não sofria de insónias há algum tempo. Enquanto antes passava noites em branco ou tinha pesadelos, agora caía na cama devido ao cansaço e dormia profundamente. Também foi assim naquela tarde no início de março. E também porque não ouviu logo baterem à porta.

– O quê? – Quando finalmente se levantou, deu um salto, alarmada. Com um

olhar, certificou-se de que o frasco dos papéis com os nomes estava em cima da mesa da cozinha. Se a Gestapo fosse a sua casa, bastava abrir a janela para que as folhas se espalhassem no pátio.

Bateram suavemente à porta mais uma vez. «Não são os alemães», pensou Irena. Quando a Gestapo chegava, parecia o fim do mundo.

Abriu a porta com cuidado e viu os rostos desolados de quatro crianças sujas. Ao lado delas estava uma rapariga com cerca de quinze anos, com terror nos olhos.

– Jolanta?

Irena assentiu. Fez-lhes sinal para que entrassem com um gesto rápido da mão. Fixava o olhar na porta do lado oposto do andar. Há quanto tempo estaria a rapariga a bater à porta antes de dar por isso? Ao contrário de si, a idosa do apartamento da frente ficava sempre acordada até tarde.

Fechou a porta do apartamento devagarinho, levou o dedo aos lábios e conduziu as crianças encharcadas até à casa de banho.

– Que aconteceu? – Perguntou Irena sussurrando.

Com uma mão a tremer, a rapariga tirou uma madeixa de cabelo da testa. Depois disse:

– Éramos duas. Uma amiga minha com três crianças e eu com eles. Ela ia um pouco mais à frente e chegou uma patrulha. Eles não tinham hipótese, mas nós conseguimos esconder-nos. Não nos viram.

Irena mordeu o lábio. Os alemães tinham capturado uma jovem contrabandista com três crianças. Não havia cenário pior, já a teriam levado para a prisão de Pawiak e tentado extorquir-lhe informações acerca dos contactos e do *modus operandi* da rede através de tortura. Será que a rapariga iria resistir até a matarem? O pensamento era insuportável.

Mas agora tinha estas crianças à sua frente. A rapariga lavou-se num instante e foi-se embora. Estava com pressa.

Irena olhou para os rostos silenciosos das crianças.

– Tenho de vos dar banho – disse ela. – Amanhã de manhã, quando terminar o recolher obrigatório, vou levar-vos a casa – face à falta de resposta, acrescentou: – Está tudo bem, não vos vai acontecer nada – pensou no que saberiam as crianças. Os pequenos do grupo que ia à frente deles estariam todos mortos. Mais uma vez, o acaso tinha decidido quem ia viver e quem ia morrer. Irena acendeu o fogão a lenha na cozinha e pôs-se a aquecer uma grande panela de água.

Maldição! Tinha-se esquecido de comprar sabonete. Será que lhes dava banho sem sabonete? Mas a roupa das crianças cheirava a esgoto. Irena olhou para o relógio e refletiu: já passava um pouco da 01h00… e só havia uma solução. Saiu do apartamento e bateu à porta da frente no patamar. Abriram logo.

– Senhora Sendler – disse a vizinha idosa, que não parecia surpreendida.

– Peço imensa desculpa – Irena sorriu de forma quase impercetível. – Não teria batido à porta se não soubesse que se vai deitar sempre muito tarde… como eu. Estou a dar em doida com a preocupação pelo meu marido. Sobretudo de noite. Está num campo de prisioneiros na Alemanha.

A idosa acariciou-lhe o braço.

– Pobrezinha.

– É por isso que, à noite, me mantenho sempre o mais ocupada possível – mentiu Irena. – Hoje, comecei a fazer limpezas, mas o sabonete acabou. Por acaso não tem um pouco que me possa dar?

Os olhos da senhora cerraram.

– Mas é claro – virou-se e, pouco depois, voltou com o sabonete.

– Muito obrigada!

Quando Irena entrou na cozinha, a panela grande de água já não estava no fogão. Foi à casa de banho. A mãe estava de joelhos em frente a uma menina e ajudava-a a despir-se.

– Mãe?

A mãe virou-se. Irena sempre evitou envolvê-la nas suas atividades, ainda que a mãe certamente suspeitasse de algo. Mas quanto menos soubesse, mais protegida estava, além de que a agitação e a preocupação podiam afetar o seu coração frágil.

– Que estás a fazer aí parada? – O olhar da mãe era afetuoso, mas determinado. – Vá, dá-me o sabonete e ajuda-me antes que estes pequenos malandros se magoem com os panos encharcados.

Irena não se conteve. Agachou-se e deu um beijo na testa da mãe. Depois, ajudou uma criança a despir o casaco.

Uma vez que o passe de Irena já não era válido e que os alemães tinham cortado as últimas ligações telefónicas com o gueto, Irena só tinha uma forma de se assegurar de que Ala estava bem: tinha de estar no ponto de controlo do lado ariano quando Ala, que agora trabalhava para a fábrica alemã Többens no gueto e vivia numa cave, passasse por lá ao voltar do trabalho. Se tivessem sorte, podiam trocar alguma informação através de gestos. Irena enviava regularmente

comida e medicamentos à amiga através dos pequenos contrabandistas, que Ala distribuía pelas famílias que viviam na clandestinidade. Depois da operação de janeiro, as pessoas que ficaram no gueto só ousavam sair durante poucas horas de noite para apanhar um pouco de ar fresco e ir buscar comida. Durante o dia, viviam escondidas nos *bunkers* que tinham construído.

Mas naquela noite nublada de abril, tudo tinha mudado. Quando Irena virou a esquina do último prédio antes do ponto de controlo, parou, estupefacta. Tal como no verão anterior, antes do início da primeira «operação», o gueto estava cercado por um anel de carrinhas e homens armados até aos dentes. «O ramo militar da SS», pensou Irena. E isto só podia significar uma coisa: a batalha final para o gueto tinha começado.

– Ei, tu! Sai daqui! – Um dos homens aproximou-se dela com a mão sobre a pistola. Irena deu uma última olhadela à rua além do ponto de controlo. Não havia sinais de Ala. Virou-se e desapareceu atrás da esquina do prédio.

Poucos minutos depois, o mesmo aconteceu a Ala do outro lado. Com a pistola apontada a si, um dos guardas aproximou-se dela assim que parou junto ao ponto de controlo. Assustada, começou a correr, avistando o ajuntamento de homens e de meios pesados: o gueto estava cercado!

Em vez de voltar para casa, Ala apressou-se para o *bunker* dos seus amigos. Há meses que estava em contacto com as mulheres e os homens da ZOB, a nova organização de luta judaica. Muitos deles já tinham trabalhado nos círculos culturais e de jovens do gueto. Contudo, tudo isto era história: uma vida no gueto, fosse de que forma fosse, já não era possível. Os combatentes da resistência concordavam acerca do facto de que tinham permitido aos alemães fazer aquilo que queriam com as pessoas do gueto durante demasiado tempo. Durante a operação de janeiro, reagiram pela primeira vez, mas na altura ainda estavam pouco equipados e foram derrotados em poucos dias. Desde então que tinham acontecido muitas coisas: centenas de esconderijos e *bunkers* tinham sido construídos por todo o gueto e a quantidade de armas de contrabando e *cocktails molotov* feitos em casa tinha aumentado consideravelmente. Além disso, trabalhavam há muito para se prepararem.

Ala disse uma palavra em código e deixaram-na entrar numa sala baixa e sem janelas. A sala foi criada ao construir paredes adicionais e tinha uma ligação à rede de esgotos, mas o ar era sufocante. Vários homens e mulheres estavam sentados, ombro a ombro, no chão.

– O gueto foi cercado. Os alemães estão a planear uma nova operação –

lamentou Ala sem fôlego.

– Nós sabemos – disse um jovem chamado Marek.

– Que venham eles – riu a senhora pálida de cabelos ruivos ao lado dele. – Desta vez, estamos mais bem preparados.

– Sim – disse Ala. – Mas, desta vez, os alemães estão à espera de resistência. Não é como em janeiro, quando os apanhámos de surpresa.

A jovem ruiva encolheu os ombros.

– Estão à espera do que viram em janeiro. Mas, no entretanto, já nos tornámos centenas. Os nossos grupos estão à espreita por todo o gueto. Temos uma boa rede de comunicação e centenas de *bunkers* ligados através de túneis e esgotos. Construímos passagens de ligação entre as caves de todas as casas. Além disso, conhecemos os caminhos e, se chegarem, podemos disparar a partir de cima, das janelas e dos telhados. Temos vantagem.

– Sim – confirmou Marek. – Desta vez, vamos infligir-lhes o máximo de dano possível. Vamos combater até ao último homem porque já não temos nada a perder.

– Até ao último homem e mulher – a ruiva soltou uma gargalhada sombria.

Ala ficou durante mais alguns minutos, mas teve de ir-se embora. Nessa noite, quase não pregou olho. Pensou na sua filha Rami e agradeceu a Deus que esta estivesse em segurança na parte ariana. A sua amiga Ewa não tinha sobrevivido ao gueto. Qual seria o seu destino? «Antes que isso aconteça, também vou lutar», pensou. «Mas sinto que ainda não é o momento».

De repente, sentiu-se mais calma. A longo prazo, seria impossível desafiar o poder militar da SS, dos seus tanques e dos meios blindados. Mas era bom finalmente poder reagir. Ala pensou nos combatentes da resistência, à espreita nas suas caves, *bunkers* e sótãos durante longas horas de tensão e incerteza, na escuridão sufocante.

Subitamente, ressoou o primeiro disparo, seguido de uma grande explosão. Alguém tinha lançado um *cocktail molotov*. Ouviam-se os gritos ao longe. Seguiu-se um tiroteio feroz. Ala olhou para o relógio: eram 6h03. Tinha chegado o momento.

Jürgen Stroop
Comandante da SS e da Polícia
Distrito de Varsóvia
Ao Comandante Superior da SS e da Polícia Leste
Tenente-general da SS e General da Polícia Krüger

ou ao Representante em funções
Cracóvia
Varsóvia, 23 de abril de 1943
Relatório diário da operação no gueto do dia 23/4/1943 (quinto dia)
Entrada no gueto às 6h00 da manhã com o objetivo de recolher e limpar. Os nossos homens depararam-se de imediato com um ataque de armas de fogo por parte dos judeus e dos bandidos. Um tanque e um meio blindado foram incendiados. Do nosso lado, foi destacado um grupo de combate adicional, assim como sapadores e equipamentos pesados. Apesar dos novos ataques dos ocupantes, foi possível passar a pente fino um grande complexo de edifícios. Inúmeros bunkers e passagens secretas foram descobertos e detonados. Foram capturados 300 judeus. Todavia, um grande número conseguiu fugir através de outros túneis e esconderijos. Como contramedida, dei ordens para incendiar toda a zona residencial. Assim, os judeus foram exterminados com o fogo ou preparados para a evacuação.
A presença de bandidos na rede de esgotos levou à necessidade de submergir algumas zonas. Depois de ter descoberto que os judeus trapaceiros transportavam pessoas até ao cemitério judaico em supostas carrinhas fúnebres para que fugissem para a parte ariana, foi ordenado que se fizessem fiscalizações ao cemitério. No total, cerca de 3500 judeus provenientes dos locais de trabalho ainda existentes no gueto foram recolhidos e levados ao ponto de recolha para serem deportados. Até à data, foram registadas para deportação 19,450 pessoas.
Já deportadas: 16,950.
Dos quais ainda por levar: 2500.
0 próximo transporte parte no dia 24/4/1943.
A continuação da operação está prevista para o dia 24/4/1943 às 10h00, para que os judeus acreditem que esta está terminada.
Forças de intervenção:
Divisão de infantaria blindada da SS
Divisão da cavalaria da SS
Polícia de Ordem
SD
Homens de Trawniki[3]
Equipamento, ver o dia anterior.

Comandante da SS e da Polícia
no distrito de Varsóvia
Assinado: Jürgen Stroop

Brigadeiro-General da SS
e Major-General da Polícia

[2] Massa frita em forma de bolas achatadas com um círculo mais claro à volta. Têm um recheio doce e costumam ser polvilhadas com açúcar de confeiteiro ou cobertas com glacé ou raspa de laranja desidratada. É semelhante à bola de Berlim. (*N. da T.*)

2. [3] Homens da Europa central e oriental recrutados como colaboradores da SS entre os prisioneiros de guerra soviéticos. Participaram ativamente na operação Reinhard e, em particular, na repressão da revolta do gueto de Varsóvia. O seu nome deve-se ao campo de Trawniki, perto de Lublin, que foi o seu principal centro de formação. [*N. da T*].

Capítulo Trinta e Oito

A chegada do calor em maio não melhorou a qualidade do ar nos *bunkers*. Entretanto, já era a terceira semana de combates e a euforia inicial devido aos primeiros sucessos dos rebeldes transformou-se numa desilusão amarga.

Os alemães tinham cortado a eletricidade há algum tempo e Ala mal conseguiu reconhecer a própria letra ao escrever uma carta num pedaço de papel que adquirira com dificuldade. Não sabia bem a quem estava a escrever, se a Irena ou à sua filha Rami, que só perceberia o conteúdo muitos anos depois, contando que Ala conseguisse que a carta saísse do gueto às escondidas. Era um grande risco e foi por isso mesmo que não utilizou nomes. Mas tinha de tentar. O desejo de uma ligação com as pessoas que mais amava era demasiado forte. Quando terminou, releu a carta várias vezes. Parecia estar a falar com Rami, Irena e os outros.

Meus queridos,

estávamos tão eufóricos apenas há algumas semanas, quando os primeiros cocktails molotov caíram entre as filas de soldados alemães, que vimos a fugir aos gritos. Era tão inconcebível que nos custava a crer. Os nossos rebeldes não eram atiradores exímios, mas alguns deles acertaram no alvo e, pela primeira vez, vimos os alemães a serem apanhados de surpresa. Homens de uniforme que corriam com medo nos olhos, conseguem imaginar? Tivemos de esperar demasiado tempo para ver este espetáculo. Mas, como era óbvio, não foi preciso muito para que a SS descobrisse o elaborado sistema de bunkers e passagens subterrâneas. Mudaram imediatamente de estratégia e voltaram com cães farejadores para encontrar as pessoas nos seus esconderijos, mas nem isto lhes bastou. Para eliminar todos os judeus e fazer com que os combatentes saíssem dos respetivos esconderijos, começaram a incendiar prédios inteiros. Ontem, ainda se conseguiam ver as chamas na Rua Leszno até altas horas da noite. Houve muitos gritos ao início. Famílias inteiras que atiravam colchões, cobertores e lençóis para a rua na esperança de sobreviver

à queda do terceiro ou quarto andar. Outros, desceram dos prédios ao deslizar pelos lençóis. Feridos durante a queda, tentaram refugiar-se em casas que ainda não estavam em chamas, mas não tinham como escapar. Pelo menos de noite havia paz, no começo. Viam-se as pessoas na rua à procura de mais provisões ou a apanhar um pouco de ar. Os poucos bunkers que sobram estão cada vez mais sobrelotados. As pessoas ficam sentadas durante horas e horas no chão duro e húmido, lado a lado, sem se mexerem. As dores nas articulações e a falta de oxigénio levam-nas à loucura. Ouvi dizer que alguns se meteram em sarilhos ao discutir entre si.

Tento dar-vos notícias sempre que posso. Também na nossa empresa existem grupos de rebeldes, mas as notícias são devastadoras. Falta tudo: água, comida, munições. A cada dia que passa, a situação torna-se mais desesperante. E isto também se aplica a nós, que trabalhamos nas fábricas. A maior parte já foi morta. Ouvi dizer que não partem transportes apenas para Treblinka, muitos também vão para o campo de trabalho de Poniatowa.

A propósito, no outro dia encontrei a mãe da pequena B. Só falava da sua menina e sobre já não poder ligar à mãe de acolhimento para ouvir a voz dela. Para ela, nada mais importa. Tentei encorajá-la, mas com que direito?

Também ficaria desesperada se não soubesse que estão bem, não só pela minha situação, mas também pela humanidade no seu todo. Certamente, já souberam da feira que se realizava durante as festas da Páscoa mesmo em frente ao muro do gueto. E todas as pessoas que subiram para o carrossel para ver de cima os combates no gueto, como se fosse uma atração, uma bela atração que envolve os seus ex-concidadãos numa luta pela sobrevivência, como se se tratasse de animais numa caçada. Obviamente, sei que o Exército secreto polaco tentou vir em apoio aos nossos combatentes a partir do exterior, mas parece que não conseguiram. Gostaria muito de concluir com algo de bom. Todos os dias, penso nas muitas horas que passámos juntas, nas nossas gargalhadas, nas nossas brincadeiras, na boa comida, mesmo que já não me recorde bem do sabor de muitas coisas. Mas o desespero no gueto torna-se cada vez mais opressor. Daquilo que se ouve, os poucos rebeldes que ficaram estão a pensar fugir e unir-se aos guerrilheiros polacos fora do gueto. Pergunto-me como é que uma fuga poderia ter sucesso, visto que está cada

vez mais difícil. Os alemães injetaram gás nos esgotos, muitos dos que tentaram fugir por lá estão mortos.

Mas, por agora, vou tentar, antes de mais, escrever-vos esta carta. Quando a tiverem nas mãos, pensem em mim. Abracem e beijem a minha menina por mim. Talvez um dia possa ler estas palavras, ou talvez não seja necessário porque poderei dizer-lhe tudo em pessoa. Desejem-me sorte, vou precisar. Ainda assim, não fui feita para me render.

Ala dobrou a carta tantas vezes que esta se transformou num pequeno retângulo embrulhado num fio. Depois, esgueirou-se para o exterior, ao longo das paredes escuras dos edifícios. Mesmo tendo chegado muito cedo ao ponto de encontro, o jovem contrabandista já lá estava. Quando chegou ao pé dele, este estendeu-lhe a mão sem dizer uma palavra. Ala deu-lhe o pequeno pedaço de papel e algum dinheiro.

– Para a Jolanta – sussurrou ela, mesmo que o rapaz já o soubesse. Ele virou-se e desapareceu na escuridão.

Ala queria dizer-lhe para ter cuidado, mas não foi a tempo. De repente, foi tomada por um enorme desalento. O que estaria por vir nos dias, semanas ou meses seguintes… sempre que lhe fosse permitido pensar no futuro? Seria aquela carta talvez a última ligação entre ela e as pessoas que amava, as tais últimas palavras?

«Basta», repreendeu-se. «Se começas a pensar desta forma, já perdeste». De repente, deu-se conta de que ainda estava de pé no adro escuro da igreja. A cada minuto que passava na rua, o risco de ser descoberta aumentava. Na escuridão mais densa que as paredes dos prédios, apressou-se a regressar à cave.

Jürgen Stroop
Comandante da SS e da Polícia
Distrito de Varsóvia
Ao Comandante Superior da SS e da Polícia Leste
Tenente-general da SS e General da Polícia Krüger
ou ao Representante em funções
Cracóvia
Varsóvia, 16 de maio de 1943
Assunto: Fim da operação no gueto de Varsóvia

Foi apenas graças a um empenho incansável, tanto de dia como de noite, que foi possível derrubar a tenaz resistência dos judeus e dos bandidos no gueto de

Varsóvia, obrigando as forças de intervenção a ser extremamente severas. Por fim, a missão foi concluída com sucesso: o antigo bairro judaico de Varsóvia já não existe. Conclusão: desde o seu início, no dia 19 de abril de 1943, um total de 56,065 judeus foram identificados e exterminados ou enviados para os campos de concentração.

A repartição detalhada será feita num relatório separado. Este valor não compreende aqueles que foram mortos durante as detonações necessárias e os incêndios e que não foi possível registar numericamente.

A operação em grande escala foi concluída no dia 16 de maio de 1943 às 20h15 com a explosão da Grande Sinagoga. Neste momento, já não existem mais locais de trabalho no bairro judaico.

Todas as matérias primas e maquinaria presentes nas empresas foram levadas. À exceção de oito edifícios, entre os quais a sede da polícia e um hospital, o gueto foi completamente destruído por demolições e incêndios. No local ainda estão presentes grandes quantidades de pedras e sucata para a reciclagem. Seguir-se-á um relatório final.

Comandante da SS e da Polícia
no distrito de Varsóvia
Assinado: Jürgen Stroop
Brigadeiro-General da SS e Major--General da Polícia

Nos meses sucessivos à destruição do gueto, Irena e os seus amigos sentiram-se profundamente em choque. Centenas de milhares de pessoas foram mortas perante o mundo inteiro. Os números eram desconcertantes e era difícil acreditar neles: por detrás de cada indivíduo que deixara de existir, estava uma vida, uma história pessoal. Muito poucos tinham conseguido salvar-se em comparação àqueles que foram levados.

O único raio de esperança era a notícia de que Ala e Hanja Kosler tinham sobrevivido à «operação». Os alemães tinham-nas levado para o campo de trabalhos de Poniatowa, que ficava nos arredores, onde produziam uniformes militares para o produtor têxtil alemão Többens. Não se podia dizer que esta era uma boa notícia, mas era encorajadora. Ala era uma lutadora, se alguém conseguiria safar-se, era ela.

Com a destruição do gueto, também terminaram as operações de salvamento das crianças. Já ninguém vivia entre as ruínas queimadas, que tinham sido bem revistadas. As ruas de Varsóvia estavam cheias de pessoas que tinham conseguido fugir durante a «operação». Muitos não tinham dinheiro nem

contactos e saíam à rua arriscando a própria vida. Com a ajuda dos fundos da Zegota, Irena tinha arrendado apartamentos na periferia de Varsóvia, já que aquilo de que os refugiados mais precisavam era de um refúgio, um esconderijo. Estes refúgios eram geridos por membros da sua rede, que eram os únicos que lá viviam oficialmente e que tratavam de todos os recados e tomavam conta dos seus protegidos. Era um trabalho angustiante que requeria coragem e tato, já que os informadores estavam por todo o lado. Na primavera, chegou a vez da colega Stefania, que tinha apresentado Irena à Zegota. Depois de vários dias de ansiedade, teve a certeza: Stefania foi fuzilada juntamente com outros prisioneiros. Apesar da tortura, não revelou nada.

Irena pensava em tudo isto enquanto, numa tarde húmida de outubro, regressava de elétrico da vila de Swider, onde tinha ido ver um dos novos refúgios. Passaram à sua frente paisagens escuras e, finalmente, a periferia de Varsóvia. O comboio começara a parar em intervalos cada vez mais curtos. Irena olhou para o relógio. Era o seu aniversário, embora, na realidade, dadas as circunstâncias, não houvesse motivo para festejar. Contudo, a sua amiga Janka tinha insistido em ir vê-la.

Irena inclinou-se para a frente no assento de madeira gasto. O elétrico estava atrasado e, de regresso a casa, queria passar pela lavandaria, que servia de «caixa de correio secreta».

Finalmente, o elétrico parou em frente à estação central. Irena encontrou a sua bicicleta e limpou o selim molhado com a manga do casaco. Tinha de despachar-se se queria chegar à lavandaria antes da hora de encerramento.

As ruas da cidade estavam escuras. Muitas vezes, Irena evitava os buracos no passeio no último segundo. Quando viu a luz da lavandaria ao longe, suspirou de alívio. Encostou a bicicleta a um candeeiro e empurrou a porta, mas esta ofereceu resistência. Irena abanou-a ligeiramente: estava trancada. Encostou o nariz ao vidro grande; não havia ninguém atrás do balcão, onde uma pilha de roupa esperava para ser lavada.

Irena olhou para o relógio. Ainda faltavam mais de dez minutos para a lavandaria fechar. Um pouco irritada, bateu de novo no vidro. Nada. Bateu com mais força, mas não chegou ninguém. O que poderia fazer? Talvez houvesse dinheiro e uma mensagem à sua espera lá dentro. Se alguma criança judaica fosse encontrada algures e precisasse de refúgio, Irena seria a primeira pessoa a ser informada. Não ousou bater no vidro com ainda mais força, nem gritar, para não chamar a atenção dos vizinhos.

Pelo canto do olho, pareceu-lhe ver um cortinado a mexer-se no apartamento ao lado. Bateu uma última vez, esperou uns segundos e voltou à bicicleta. Era estranho que a proprietária da lavandaria tivesse fechado tão cedo, mas talvez tivesse um recado urgente para tratar antes da hora de encerramento. Tinha de haver uma explicação. Regressaria na manhã seguinte.

Em casa, Irena cumprimentou a mãe, tomou banho e penteou o cabelo, que Irka tinha cortado há pouco tempo. O lado esquerdo estava mais longo do que o lado direito, mesmo que a amiga tivesse tido muito trabalho a tentar deixar ambos os lados simétricos. Só quando o cabelo se começou a tornar cada vez mais curto é que Irena, rindo, pediu por favor e tirou a tesoura das mãos de Irka. Era uma pena que ela e Jaga não pudessem estar lá naquela noite.

Ouviu a sua mãe abrir a porta do apartamento e cumprimentar Janka. As horas seguintes passaram a correr entre bolachas caseiras e o licor que Janka tinha trazido. Teria de passar a noite ali, uma vez que o recolher obrigatório tinha começado há algum tempo.

Algumas horas depois, quando Irena estava quase a adormecer, estremeceu. Os nomes das crianças! Tinha-se esquecido de colocar o frasco com os papéis na mesa da cozinha, em frente à janela. Levantou-se num ápice e arrumou tudo. Por momentos, permaneceu em frente ao retângulo escuro da janela que dava para o pátio, depois voltou para a cama e adormeceu.

Mas, apenas poucas horas depois, acordou com pancadas na porta do apartamento.

– Abram! Gestapo!

Irena deu um salto. Também Janka e a sua mãe acordaram e estavam na cozinha com os olhos cheios de medo. Irena tinha vivido aquela situação centenas de vezes na sua cabeça. Em poucos passos chegou ao pé do frasco com os nomes, abriu a janela da cozinha… e recuou, assustada. Havia vários homens de uniforme no pátio a olhar para a sua janela.

– Maldição! Não posso mandar fora os papéis – sussurrou. Em pânico, olhou para Janka. A sua amiga percebeu imediatamente: se os alemães encontrassem os papéis com os nomes, milhares de crianças escondidas estariam em perigo de vida, assim como as pessoas com quem viviam.

– Estou aqui por ti, não por mim – disse Janka, e agarrou no frasco. Irena deixou que Janka o levasse e viu-a enfiar mãos cheias de papéis no sutiã.

Entretanto, o barulho do outro lado da porta intensificava-se. Os homens estavam a usar um pé de cabra. Irena pensou na pasta com documentos falsos

que estava debaixo da sua cama, mas a pasta era muito volumosa e já não tinham tempo.

Janka acenou e Irena abriu a porta. Nesse instante, uma série de homens empurraram-na e à mãe para um canto, enquanto o comandante gritava ordens a um segundo grupo. Os soldados entravam em massa. Os pratos voaram para fora do armário da cozinha e os livros, que Irena tinha conseguido salvar no passado, depois de terem construído as barricadas na sua rua, caíram pela segunda vez da estante abaixo. As cadeiras caíram com estrondo, as penas voaram quando um dos homens cortou uma almofada.

Irena mordeu o interior da bochecha até sentir o sabor a sangue. E se a Gestapo as revistasse às três? E se encontrassem os documentos debaixo da cama? Através da porta do seu quarto, viu a estante cair em cima da cama. A velha estrutura cedeu e desmoronou-se. Irena nem podia acreditar: a cama tinha desmoronado sobre a pasta e os homens não davam sinais de a querer levantar.

Por fim, Irena não conseguia perceber quanto tempo tinha passado, mas lá fora já nascia o dia quando o comandante ordenou que se vestissem. Com toda a pressa, Irena enfiou um par de calças nas pernas e vestiu uma camisola. Se os alemães se concentrassem nela, iria correr tudo bem. O importante era que deixassem a sua mãe e Janka ir.

Quando, pouco depois, dois homens a empurravam em direção à porta, Irena não ousou olhar para a mãe. Pelo canto do olho reparou que Janka a estava a abraçar e sentiu-se grata. As portas dos vizinhos permaneceram fechadas, mas Irena não tinha dúvidas de que estavam todos acordados e à escuta. Quem estaria satisfeito com a sua detenção e quem não estaria? Irena não tinha a certeza de que lado estava cada um deles.

Mal saíram do edifício, foram recebidos por uma chuva torrencial. Os motores dos carros negros já rugiam e Irena foi enfiada dentro de um carro por um homem da Gestapo. Quando a porta fechou atrás de si, olhou através do véu de chuva para os rostos de Janka e da sua mãe, que tinham surgido à janela.

Os carros arrancaram. Irena sabia para onde ia: para o matadouro, como as pessoas de Varsóvia chamavam à sede da Gestapo na Avenida Szucha. Os prisioneiros que podiam fornecer informações eram levados para lá.

Tal como tinha feito tantas vezes nas últimas horas, pensou em Adam. Os papéis com os nomes estavam em segurança, para já. Agora, era a sua vez de arriscar. Irena cerrou os dentes. Resistiria à tortura? A segurança de Adam, dos seus amigos e de toda a rede dependia disso.

Os seus dedos moviam-se com nervosismo dentro do bolso do casaco. Que era aquilo? Sentiu o pânico a invadi-la: ainda tinha no bolso a lista de crianças acolhidas a quem queria levar dinheiro. O medo venceu-a. Pelo canto do olho, reparou que o guarda ao seu lado estava a dormir. Rasgou o papel fino e enrolou-o o melhor que pôde com os dedos. A janela do carro estava ligeiramente aberta. Rapidamente, levantou a mão e deixou que os pedacinhos voassem pela janela fora. Ninguém reparou em nada.

«Os documentos debaixo da cama, os nomes no sutiã da Janka e agora este bilhete», pensou Irena. «Espero que ainda não tenha esgotado a sorte toda…». Os seus passos ressoavam enquanto era conduzida por um corredor no quartel-general da Gestapo, ladeada por dois guardas. Muitas portas abriram. Apesar de ser tão cedo, já havia homens e mulheres sentados em frente às máquinas de escrever. O chão tinha sido encerado, as botas dos homens ao seu lado brilhavam, negras. «A burocracia cintilante da morte», pensou Irena com amargura.

Pararam em frente a uma porta. Um toque e depois um «Entre!». Na sala estava um homem de cabelos grisalhos sentado com um sorriso que, noutro contexto, pareceria simpático.

– Bom dia, Senhora Sendler. Fique à vontade! – Irena sentou-se. O homem falava polaco com um sotaque alemão. – Chama-se Irena?

– Sim.

Ele anotou.

– Reside em?

Deu-lhe o nome da rua.

– Data de nascimento?

– Eu estaria aqui se já não soubessem tudo isto? – Perguntou Irena, sem acrescentar mais nada. A provocação era bastante inapropriada dada a situação em que se encontrava. De facto, o homem interrompeu a sua lista de perguntas banais, encostou-se à cadeira e fixou-a.

«Deve estar a pensar em que tipo de pessoa sou e como deve comportar-se comigo», pensou Irena, irritada, e tinha acabado de lhe dar um instrumento para tal.

– Senhora Sendler, – disse o homem, levantando a voz – queremos saber onde está Konrad Zegota.

Irena estava tão assustada que mal conseguiu conter a sua expressão, mas recuperou o controlo imediatamente. Afinal, os homens da Gestapo sabiam da

Zegota, mas parecia que não sabiam nada de específico porque caíram na esparrela. A Zegota era uma organização, e não uma pessoa. Tinham inventado o senhor Konrad Zegota apenas para se proteger, para os distrair do facto de que por detrás daquele nome existia toda uma rede.

Irena abanou a cabeça.

– Konrad Zegota? Não conheço esse nome.

O homem olhou para ela com compaixão.

– Senhora Sendler, descobrimos um dos seus pontos de encontro. Uma lavandaria. A senhora foi tão simpática que nos deu o nome – abriu uma gaveta e colocou uma pasta grossa em cima da mesa. Posou a mão numa caixa de cartão castanha. – Como pode ver, não vale a pena negar. Sabemos que colabora com a resistência. Por isso, vou perguntar-lhe mais uma vez: quem são os seus contactos? Quem é Konrad Zegota?

Irena lutou contra o pânico. Haveria mesmo informações sobre si naquela pasta? A lavandaria, que obviamente foi fechada no dia anterior, poderia, no máximo, ter dado o nome Jolanta. Como é que os alemães sabiam que era ela? Há quanto tempo a observavam? Saberiam das crianças levadas para fora do gueto? E de Adam?

– Às vezes, vou à lavandaria, é verdade. Mas se a proprietária trabalha com a resistência, não tenho nada que ver com isso. Deve ter-me confundido com outra pessoa.

O homem assentiu, aborrecido. Claramente, não esperava uma resposta diferente. No início, diziam todos a mesma coisa, mas após alguns dias tornavam-se mais faladores. Por vezes, bastava apenas um encontro. Fez sinal aos guardas ao lado da porta.

– Levem-na daqui. Continuamos mais tarde.

Depois da detenção de Irena, Janka esperou que o recolher obrigatório fosse levantado e apressou-se até casa de Maria Kukulska com os papéis no sutiã para lhe contar da detenção.

O céu fora da janela da cozinha estava nublado. De tanto em tanto, uma rajada de vento fazia com que as molduras das janelas antigas chocalhassem e os vidros abanassem. À luz pálida do início da manhã, o rosto de Maria parecia cinzento.

– Santo Deus… – Quando Janka finalmente terminou de lhe contar, Maria levou as mãos à boca. Em silêncio, avaliou as consequências, para Irena e para todos.

Naquele momento, a porta do quarto de Adam abriu.

– Olá, Janka – disse, surpreendido. – Já aqui, tão cedo? Que se passa…?

O olhar de Adam fixou-se no rosto de Maria. Esta deixou cair subitamente as mãos, mas não conseguiu esconder a aflição.

– A Irena foi presa. Está no quartel-general da Gestapo – disse Janka.

– O quê? – Adam despenteou o cabelo em choque. Por um instante, desviou o olhar. – Tenho de a ajudar – disse, e dirigiu-se à porta do apartamento.

– Adam, por amor de Deus! – No mesmo instante, Janka e Maria precipitaram-se para junto dele e agarraram-lhe ambos os braços. Adam tentou libertar-se, mas Maria virou-o para si:

– Se quiseres morrer, podes ir, mas a responsabilidade é tua se acontecer alguma coisa a mim e à minha filha.

Os braços de Adam caíram, inertes. Elas acompanharam-no à mesa. Com a cabeça entre as mãos e os olhos fixos no tampo da mesa, Adam ouviu a história de Janka.

Maria ouvia apenas metade, pois os seus pensamentos concentravam-se nos próximos movimentos. Tinham de fazer algo por Irena, e o mais depressa possível. Teve uma ideia, mas era arriscada.

– E agora? – Ouviu Adam perguntar, desanimado. Janka abanou a cabeça, perplexa.

– Agora, tens de sair daqui – Maria tomou as rédeas da situação. – Já não estás seguro aqui.

– A Irena nunca vai revelar o meu esconderijo. Ela…

– É uma mulher forte, eu sei – Maria agarrou a mão de Adam. – Mas tens de ir-te embora. Vai buscar as tuas coisas.

Depois disse a Janka:

– Podes ficar aqui mais um pouco? Tenho de fazer uma coisa.

Janka anuiu e Maria levantou-se.

Capítulo Trinta e Nove

Quando, naquela tarde, Irena se deitou no beliche da prisão de Pawiak, quase não conseguia acreditar que teria, pelo menos, algumas horas de tranquilidade.

Permaneceu durante horas sentada na cadeira na cela de espera, com o olhar fixo na nuca da senhora à sua frente, tal como foi instruída. Um depois do outro, os transportes dos prisioneiros de Pawiak chegavam ao quartel-general da Gestapo e os corredores encheram-se de gritos, choro e de barulhos de pontapés e socos. A certo ponto, chegou a vez de Irena, mas não revelara nada.

Passadas mais algumas horas na cela de espera, foi levada de volta para a prisão com mais vinte detidas. Não sabia o que lhe aconteceria no dia seguinte. Na escuridão, levou a mão à têmpora e apalpou o sangue seco e o lábio inchado e rasgado.

«Não penses no Adam», repreendeu-se. «Não posso pensar em ninguém. Tenho de tirar todos os nomes da minha cabeça». Fechou os olhos. Tinha a garganta seca, sentia a língua maior do que o costume e tinha dificuldades em engolir. Depois, alguém lhe tocou no braço.

– Irena.

Mal se ouviu aquela voz. Irena virou a cabeça lenta e mecanicamente. Conseguiu distinguir com muito esforço os contornos de um rosto na escuridão à altura dos seus olhos.

– Sou eu. A Basia.

– Basia?

Irena queria virar ainda mais a cabeça, mas as dores impediram-na.

Basia era sua conhecida de longa data e, se o que diziam era verdade, também ela colaborava com a resistência. Todavia, nos últimos anos, as suas vidas tinham-se cruzado poucas vezes.

Basia deslizou uma mão por debaixo da cabeça de Irena e levantou-a enquanto a outra aproximava uma chávena com água aos seus lábios secos. Um clarão doloroso atravessou o crânio de Irena, que engolia com dificuldade.

– Não estás sozinha – sussurrou Basia quando Irena acabou de beber. – Há

muitas outras aqui, vais ver. Uma autêntica rede clandestina. Vamos lá… – baixou a cabeça de Irena de novo. – Agora, descansa um pouco.

Irena fechou os olhos, mas não conseguia dormir. A certo ponto, ouviu o canto abafado de vozes femininas cristalinas à sua volta. Era uma canção popular polaca. A voz de Basia estava muito próxima. A melodia familiar no escuro da cela tinha qualquer coisa de mágico e a dor de cabeça atenuou. Adormeceu.

Julian Grobelny estava sentado na sua poltrona inclinado para a frente. Tinha os cotovelos apoiados nos joelhos e olhos fixos no chão. Permaneceu assim sentado durante vários minutos, durante os quais Maria Kukulska teve tempo para o observar. Tinha as faces encovadas, a barba negra estava mais comprida do que o costume e vestia um roupão. Julian tinha contraído tuberculose, mas continuava a gerir as atividades da Zegota a partir de casa. A notícia da detenção de Irena foi um golpe duro também para ele.

Por fim, endireitou-se e esfregou a barba.

– O problema não é o dinheiro – disse secamente. – O governo exilado manda o suficiente, mas tens razão. Temos de fazer com que a Irena saia dali. Sobretudo devido ao risco que representa para todos os outros. Se ela ceder à tortura, poderia pôr em causa milhares de vidas. A Irena é forte, eu sei, mas será forte o suficiente?

Colou o olhar à parede oposta e parecia estar a refletir, depois voltou-se para Maria.

– Bem, a pergunta não é se devemos fazer alguma coisa, mas sim o que podemos fazer. Precisamos de uma pessoa que tenha o contacto de alguém na Gestapo que se saiba que é possível corromper – suspirou e encostou-se à cadeira.

Maria hesitou por momentos, depois disse:

– É possível que eu conheça alguém lá…

– Dentro da Gestapo? – Julian arqueou as sobrancelhas, surpreendido.

– Não. Mas conheço uma senhora, a Maria Palester. Já foi colega da Irena e também trabalha para a resistência e para a rede da própria Irena, mas para o mundo exterior é amiga dos alemães. Todas as semanas, organiza no seu apartamento uma partida de brídege, na qual participam os informadores da Gestapo. Com o seu charme, consegue muitas vezes arrancar-lhes informações úteis e, quem sabe, talvez um destes homens conheça alguém na Gestapo de quem nos possamos aproximar.

Julian estalou a língua.

– Seria um bom ponto de partida, mas ela tem de compreender que não se trata apenas de informações. Pode ser preciso corromper várias pessoas de alto nível na Gestapo. Se alguma coisa correr mal, ninguém a poderá ajudar. Ela tem família?

– Um marido, dois filhos e uma filha.

Julian suspirou devagar.

– Achas que ela era capaz?

– Tenho a certeza.

Julian anuiu, pensativo, olhando para Maria.

– Está bem, podemos tentar.

Depois do primeiro dia, Irena já não foi levada ao quartel-
-general da Gestapo na Avenida Szucha para ser interrogada. Em vez disso, ao romper do dia, foi mandada para a lavandaria da prisão. Sabia que era apenas uma pausa, mas sentiu-se aliviada pelo facto de nem Basia nem ela própria terem sido levadas para um interrogatório naquela manhã. Estava convencida de que tinha pela frente um dia duro na lavandaria, mas pelo menos não era tortura.

Quando leram os nomes das pessoas que se deviam apresentar na enfermaria, Irena não prestava atenção.

– Irena Sendler: dentista.

Irena reagiu com um segundo de atraso.

– O quê? Eu? Porquê?

Basia deu-lhe um encontrão suave, mas firme, de lado e Irena permaneceu em silêncio.

Quando, pouco depois, se encaminhava com um guarda ao longo do corredor encerado que conduzia à enfermaria, o seu desconforto inicial tinha desaparecido. Basia tinha razão. O facto de ter de ir ao dentista só podia significar uma coisa: alguém da resistência queria entrar em contacto com ela. Entrou na pequena sala cinzenta onde, além de uma maca, só existiam alguns instrumentos em cima de uma mesa. O guarda pôs-se à janela e olhou lá para fora, entediado. Pouco tempo depois, apareceu uma senhora de bata branca. Irena quase gritou o nome dela, tal era a surpresa. Era Hania Sipowicz! Irena sabia que ela e o marido trabalhavam para a resistência e que tinham sido presos algum tempo antes. Agora, trabalhavam como médicos na prisão. Hania piscou-lhe o olho e fez-lhe sinal para que se deitasse na maca.

– É por causa de um molar que precisa de uma obturação, certo? – A voz de

Hania era completamente neutra. Pegou num instrumento e aproximou-se de Irena.

– Erm, sim, um molar, é isso mesmo – Irena abriu a boca. Hania debruçou-se sobre ela. Nesse preciso momento, Irena sentiu uma coisa na mão e fechou-a. Era um bilhete.

– Oh, primeiro temos de perfurar o dente, depois tratamos da obturação – a médica endireitou-se e Irena leu as poucas palavras escritas à mão por Julian Grobelny: «Mantém-te firme! Estamos a fazer os possíveis para saíres daí.»

O olhar de Irena cruzou-se com o da médica. Em silêncio, passou-lhe uma caneta e virou o bilhete.

Irena percebeu imediatamente. Enquanto Hania ligava a broca, Irena rabiscou a sua resposta a Julian: «Todos os nomes estão em segurança».

Nas semanas sucessivas, Irena encontrou cada vez mais amigos e conhecidos na prisão de Pawiak. Com um grande susto, descobriu que entre eles estava também Helena Szesko e o marido Leon, que tinha falsificado milhares de documentos para Irena e tinha feito várias crianças sair do gueto dentro do elétrico. Quando era possível, Irena e Helena trocavam algumas palavras. Sabiam o que as esperava, mas também sabiam do que dependia o seu silêncio e era bom ver caras conhecidas à sua volta, mesmo que Irena achasse sempre que não houvesse mais.

Também pensava muito em Ala. A última notícia que tinha dela era que tinha sido levada para o campo de trabalho de Poniatowa, no sudeste de Varsóvia, onde trabalhava como costureira. Quem sabe se tinha encontrado ali pessoas que pensavam como ela.

Irena tinha razão. Após alguns dias de permanência no campo de trabalho, Ala juntou-se a um pequeno grupo clandestino, e, pouco tempo depois, outra cara conhecida foi transferida para a sua barraca: Hanja Kosler, a mãe da pequena Beata. Certa tarde, Ala aproximou-se dela. Estava perdida nos seus pensamentos a um canto. Ala não conhecia Hanja muito bem, mas sabia a falta que sentia do falecido marido e da filhota. Ao início, não foi fácil começar uma conversa com Hanja, que estava exausta e parecia preferir abandonar-se aos próprios pensamentos e recordações. Ala fez várias tentativas sem sucesso, mas quando lhe contou que muitos trabalhadores das barracas circundantes tinham sido transferidos para o exterior para cavar trincheiras, Hanja escutou.

– Onde eu estava antes também levaram, pelo menos, uma centena de pessoas – disse. – Mal conseguimos acompanhar o trabalho de costura nas oficinas. Falta

muita gente. Que estarão a fazer lá fora?

– Parece que estão a escavar trincheiras para defender o campo – disse Ala.

– Parece?

Ala avaliou por um instante se valia a pena preocupar Hanja, mas na situação delas a verdade era vital.

– Não tenho a certeza, mas também há uma rede de combatentes da resistência aqui no campo com contactos no exterior. E, segundo dizem, as coisas não estão a correr bem aos alemães, neste momento. Em Treblinka, houve uma revolta dos recém-chegados e diz-se que houve desordens entre os prisioneiros de Auschwitz.

Hanja esbugalhou os olhos.

– Achas que os alemães estão a construir trincheiras para se defenderem de nós em caso de revolta?

– Não parece muito plausível, eu sei – admitiu Ala. – Temos um pequeno grupo clandestino cá dentro e – Ala baixou a voz – algumas armas. Mas nada que nos permita travar uma luta armada contra os alemães. Tenho medo é que todos estes campos cheios de prisioneiros estejam a tornar-se um problema para eles, um risco cada vez maior.

– Achas que as trincheiras são para nós? – Perguntou Hanja com uma voz estridente.

Ala abanou a cabeça com veemência e agarrou o braço de Hanja.

– Tem calma. Nem eu sei. Mas, se chegar a isso, isto é, se os alemães quiserem realmente livrar-se de nós, não me vou abaixo sem lutar. O nosso pequeno grupo cresce a cada dia que passa, mesmo não tendo muitas armas. Que me dizes, queres juntar-te a nós?

Hanja olhou para ela, perplexa. Mesmo após anos de opressão e de luta pela sobrevivência, não conseguia sequer imaginar agarrar numa arma.

– Não sei – respondeu, hesitante. – Sabes que tenho uma filha pequena. Já tem quase dois anos. Quero sobreviver, Ala. Pela Beata. Tenho de sobreviver. E uma resistência armada?

Não acredito que consiga participar nisso.

Ala assentiu.

– Eu percebo. Também tenho uma filha. Chama-se Rami e vive com uma família de acolhimento, tal como a Beata. Também quero voltar a vê-la, mais do que qualquer outra coisa no mundo. Não sei se vou conseguir. Mas quero, pelo menos, tentar e vejo na resistência as melhores hipóteses.

Hanja anuiu.

– Vou pensar.

– Boa – Ala apertou-lhe o ombro por um instante e levantou-se.

Depois de semanas de prisão e inúmeros interrogatórios brutais, uma coisa era clara para Irena: a sua vida estava por um fio, dado que os alemães não sabiam quem tinham à sua frente. Tanto quanto parecia, pensavam ter encontrado em Irena um pequeno peão que tinha confraternizado com a resistência e tinha feito alguns recados aqui e ali, mas esperavam conseguir extorquir-lhe mais nomes. Durante uma sessão de tortura, chegaram a partir-lhe uma perna. A perna não foi bem tratada e, desde então, o trabalho na lavandaria era insuportável.

Apesar de tudo, Irena continuava a sorrir ao pensar que os agressores não valiam nada e não faziam ideia de que a jovem mulher pálida à sua frente fosse uma das engrenagens mais ativas da resistência, uma mulher que tinha salvado milhares de crianças.

Pelo menos, naquele dia na lavandaria deram-lhe algo para comer, porque havia guardas «bons» que permitiam que os filhos dos prisioneiros fossem ao armazém buscar batatas ou nabos. As mulheres cozinhavam-nos numa pequena panela enquanto a roupa era lavada em grandes tinas. Um verdadeiro banquete!

Quando Irena foi levada para a cela, nessa tarde, viu Basia deitada no beliche com o rosto virado para a parede. Sentou-se na borda da cama e acariciou-lhe o braço enquanto lhe escrutinava o rosto e o corpo à procura de eventuais feridas.

A mão de Basia procurou a sua, mas não se virou.

– Olá – disse com doçura. – Amanhã, na chamada, vou ouvir o meu nome quando chamarem os que vão ser fuzilados.

– Basia, – sussurrou Irena tristemente – porque pensas isso? Sabes que dá azar pensar essas coisas.

– Estou a senti-lo. Hoje, vi o Zbigniew, o rapaz que trabalha para nós como mensageiro. Arrastaram-no quase sem vida pelo corredor fora, mesmo à minha frente.

Irena estremeceu.

– E então? Disse o teu nome?

Basia virou-se para a amiga de repente, com os olhos rasos de água.

– Não – lamentou. – Mas eu disse o dele. Sem querer, devo ter dado a entender que o conheço e agora vão fazer dois mais dois.

– Vá – disse Irena. – Não sabes isso. O Zbigniew é apenas um mensageiro. Não sabe muito e os alemães querem peixes maiores. Anda, vamos cantar um

pouco. Não é a mesma coisa sem a tua bela voz.

Mas Basia abanou a cabeça e voltou a virar-se para a parede.

– Não consigo – disse com firmeza. – Não esta noite.

Capítulo Quarenta

As noites de novembro eram gélidas nas barracas do campo de trabalho, mas este não era o único motivo pelo qual Ala não conseguia dormir. As trincheiras tinham sido terminadas poucos dias antes, os operários que as escavaram tinham regressado às suas máquinas de costura e, até então, não tinha acontecido nada de relevante. Seriam mesmo trincheiras defensivas como os alemães diziam?

Nas primeiras horas da manhã, o frio tornava-se insuportável. Ala tinha dores em todo o corpo, fosse por passar o dia inteiro de pé, fosse por o beliche ser muito duro. Queria levantar-se, mas era proibido. Por isso, encolheu-se, colocou os braços à volta dos joelhos e pensou na sua filha: Rami a comer um pão com marmelada, Rami que lhe dava um abraço antes de Ala ir trabalhar. «Só mais um minuto», dizia sempre. «Só mais um minuto». De repente, até os anos no gueto lhe pareciam incríveis. Pelo menos, tinham estado juntas. E agora?

Subitamente, ouviu vozes e passos lá fora. Os cães ladravam, entusiasmados. Ala sentou-se e as prisioneiras ao seu redor também se começaram a levantar. Mesmo já não tendo um relógio, a sua voz interior dizia-lhe que ainda era muito cedo para o despertar.

Depois, o altifalante grasnou:

– Chamada para todos. Todos os prisioneiros devem colocar-se em filas organizadas. Chamada para todos.

«Para todos?». Ala sentiu o coração na garganta. Olhou com um ar perplexo para a mulher que dormia no beliche debaixo do seu, que, por sua vez, também parecia preocupada. Nunca tinham feito uma chamada matinal para todos os prisioneiros.

A mulher do beliche da frente olhou para Ala e fez-lhe sinal. Ela percebeu logo e devolveu-lho. Nos últimos dias, tinham tentado recrutar o maior número possível de prisioneiros para a resistência. Em situações como esta, o combinado não era seguir as ordens, mas sim permanecer nas barracas. À volta das duas mulheres, todas se preparavam para deixar a barraca numa fila ordenada. Ouvia-se a voz de um guarda do exterior.

Ala procurou com o olhar Hanja Kosler, que a evitava depois da conversa que tiveram, mas não conseguiu encontrá-la em lado nenhum. Com a azáfama, ninguém parecia ter reparado que algumas pessoas se tinham enfiado debaixo dos beliches enquanto as outras formavam uma fila. Ala espreitou de debaixo do beliche e viu-a: Hanja estava de pé, a poucos metros de distância; mordia o lábio e tinha as mãos a tremer descontroladamente.

A porta da barraca abriu. Ouviu-se alguém a dar a ordem e o cortejo começou a andar. Repentinamente, Hanja olhou à volta, escrutinando a sala com um olhar nervoso. «Estará à minha procura?», pensou Ala. Do seu esconderijo debaixo do beliche, tentou estabelecer contacto visual com Hanja, mas os seus olhos não se cruzaram. Hanja deu os primeiros passos em frente. Poucos minutos depois, a barraca estava vazia.

Enquanto os gritos agudos e o ladrar dos cães provenientes do exterior lhes chegavam em intervalos cada vez mais curtos, Ala e as suas companheiras começaram a barricar-se a um canto da sala. Verificaram as poucas armas que tinham e Ala sentiu o suor a escorrer-lhe pelas costas abaixo, apesar do frio matutino. Não se ouviu nenhum som durante vários minutos. De repente, um grito isolado, depois outro. Dois disparos sucessivos, um a seguir ao outro. Mais silêncio. Ala estava com medo. Que se estaria a passar lá fora? Será que estavam a deportar as pessoas?

Nesse momento, foram disparados os primeiros tiros de metralhadora. Os gritos agudos foram abafados por rajadas de balas cada vez mais próximas. Ala petrificou quando as lágrimas lhe começaram a descer pelo rosto. Afinal, tinha razão: lá fora, as pessoas estavam a cair nas sepulturas que tinham cavado. Ala não se iludia, com certeza tinham reparado na sua ausência. Era apenas uma questão de tempo até que chegassem.

E chegaram. Com os disparos de metralhadora provenientes do exterior, a porta da barraca abriu sem fazer ruído e sem pré-aviso. Num ápice, os guardas espalharam-se pela sala com os cães.

Ala estava aterrorizada. Por instantes, parecia que não conseguia respirar. As outras prisioneiras também foram apanhadas de surpresa, até que uma mulher mais velha à sua direita disparou e acertou no alvo. O jovem alemão caiu no chão. Agora, também as outras disparavam. Os alemães responderam ao fogo, mas a barricada improvisada de cadeiras e mesas continuava a resistir.

Ala fez pontaria, mas sem sucesso. «Sou enfermeira», pensou, desesperada. «Que estou aqui a fazer?». Cerrou os dentes e continuou a disparar. Quando o

terceiro alemão caiu, os homens retiraram-se. Ala sentia o sangue a correr-lhe quente nas veias. Estavam vivas… para já! Que fariam os alemães, agora? Se ao menos pudessem sair da barraca! Mas era impossível fugir.

Passaram alguns minutos, que pareceram intermináveis para Ala. Ninguém falava. Depois, sentiu o cheiro a fumo. Nesse momento, a porta da barraca abriu. Vários objetos a arder aterraram nos cobertores dos beliches e, num segundo, levantaram-se chamas imensas. O fumo queimava-lhe os olhos e provocou-lhe um ataque de tosse. Uma jovem mulher correu em direção a uma das pequenas janelas e foi atingida por uma bala. A barraca estava cercada.

Ala encostou-se à parede, fechou os olhos e evocou imagens de Rami. Mais uma vez, a tosse sacudiu-a, mas agarrou-se à imagem do rosto da filha. «Pelo menos não estou sozinha», pensou. «A Rami está comigo e vai viver». Perdeu a consciência.

Capítulo Quarenta e Um

O homem da Gestapo estava nervoso. Nunca tinha feito nada assim, mesmo conhecendo pessoas que metiam dinheiro ao bolso por fazer pequenos favores na prisão de Pawiak. As famílias pagavam bem para fazer chegar um pedaço de pão aos seus entes queridos nas celas ou para trocar cartas.

Mas aquilo que estava a fazer não se inseria na categoria dos pequenos favores. Salvar um prisioneiro da execução e fazê-lo sair às escondidas do quartel-general era algo completamente diferente. Além disso, tinha de se certificar de que o nome constava da lista dos executados. Sentiu uma tontura por alguns segundos. Era uma loucura. Se o apanhassem, seria fuzilado no local.

Trocou o peso de uma perna para a outra e massajou o pescoço tenso com a mão direita, olhando para o relógio. Faltavam cinco minutos. Raios, porque é que tinha chegado tão cedo? Estava à paisana e a rua estava deserta. Não importava! Ninguém ficava parado no mesmo sítio sem motivo durante quinze minutos naquela maldita cidade, era suspeito. Deu alguns passos. Podia ir-se embora agora… ainda não era tarde de mais. Voltou a parar. Não, o dinheiro. Era uma quantia inacreditável. Poderia construir algo em conjunto com a esposa depois da guerra. Se ao menos já tivesse terminado…

Mas por quem pagariam tanto? Pela milésima vez, este pensamento invadiu-lhe a mente, mas afastou-o. Se queria ir até ao fim, não podia pensar nisso.

Voltou a verificar a rua. De facto, chegou uma pessoa: uma senhora vestida de vermelho, tal como combinado. Não… foi apanhado de surpresa. Seriam loucos o suficiente para mandar uma rapariga assim tão nova? Tinha, no máximo, catorze anos e trazia uma mochila às costas. «Aqueles malditos polacos», pensou. «São completamente loucos». Será que pensavam que por ser uma rapariga não iria disparar contra ela depois de ter o dinheiro na mão? Sabia que algumas pessoas recebiam o dinheiro e depois matavam os mensageiros. Não havia nada mais simples e sempre era menos uma testemunha. Inventar uma desculpa para contar ao superior por ter disparado contra um polaco era facílimo. Outras pessoas recebiam o dinheiro e não faziam aquilo que lhes tinha sido pedido ou pediam ainda mais dinheiro. «Ainda vou a tempo de repensar

tudo», pensou ele. «Até amanhã de manhã. Ainda posso escolher a última opção. Mas, por agora, trata-se apenas do dinheiro… e desta rapariga».

A rapariga aproximou-se dele. Parou a cerca de dois metros à frente do homem e olhou-o nos olhos com tranquilidade. Sem tirar os olhos de cima dele, tirou a mochila de cabedal das costas e abriu-a. Enquanto a mão dela desaparecia lá dentro, os seus dedos envolveram o punho da pistola que tinha no bolso do casaco.

A mão da rapariga reapareceu com um envelope, que lhe entregou. Com o coração na garganta, estendeu a mão. A rapariga voltou a colocar a mochila às costas, virou-se e caminhou ao longo da rua como se tivesse acabado de sair da escola e não tivesse mais preocupações além dos trabalhos de casa.

O homem só soltou o punho da pistola quando a rapariga dobrou a esquina.

Capítulo Quarenta e Dois

Irena Sendler.

Irena sabia que, mais tarde ou mais cedo, iria ouvir o seu nome entre os escolhidos para a execução. Era apenas uma questão de tempo.

Quase tinha vontade de rir. De repente, não sentia dores na perna partida, mas os lábios tremiam-lhe e a boca estava tão seca que a língua quase colava ao palato. E assim, chegara o seu momento, naquele dia cinzento de janeiro. Quando é que Adam e a sua mãe viriam a saber?

«Uma vida inteira», pensou, «reduzida repentinamente a poucas horas». Só passado meia hora é que «a carrinha da morte», como lhe chamavam, chegou para a levar. Os guardas polacos ajudaram-na a subir. Nos olhos de alguns via compaixão, nos de outros não via nada. «A viagem vai dar-me um pouco mais de tempo», pensou Irena. «Será meia hora? Ou talvez mais?».

A Avenida Szucha não ficava longe de Pawiak, mas as operações de carga e descarga levavam tempo. Sabia que não era sensato pensar nisso, mas agarrava-se com desespero a estes cálculos. «São dez minutos de viagem. Mais dez para descarregar. Talvez sejam só cinco». Tentou pensar em Adam, na sua mãe… Mas não conseguia. Em vez disso, agarrou-se aos minutos que pareciam passar cada vez mais depressa. Às vezes, os prisioneiros eram fuzilados no pátio da prisão logo de manhã, às vezes num cruzamento público mais à frente.

«Sou uma sortuda», pensou Irena. «Tenho, pelo menos, mais meia hora, já que os alemães adoram variar no que toca à morte». Quase quis rir, mais uma vez.

A carrinha partiu. Irena gostaria de rever as ruas da sua cidade, mas a zona de carga tinha as janelas todas tapadas. Nas curvas, tentava adivinhar a rua em que estavam enquanto revia os respetivos edifícios na sua mente.

No quartel-general, foram conduzidas para uma sala de espera vazia e, apenas poucos minutos depois, a primeira mulher foi levada. Debaixo da ombreira da porta, gritou e tentou libertar-se das garras dos guardas. Foi atingida por um bastão entre as omoplatas e cambaleou para a frente. A porta da sala de espera ficou aberta. Como que hipnotizada, Irena viu uma mulher depois da outra a

percorrer o corredor e a desaparecer na porta ao fundo, à direita. Depois, um tiro. Cada uma delas morreu em solidão. Irena nunca se sentira tão sozinha, nem sequer conseguia evocar a imagem de Adam. Quem sabe como se tinha sentido Basia. A premonição da amiga não foi um engano: na manhã seguinte ao seu anúncio lúgubre, foi realmente executada no pátio da prisão.

– Irena Sendler.

Como que em transe, seguiu o guarda. A sua respiração era cada vez mais ofegante. Automaticamente, dirigiu-se à porta ao fundo do corredor, à direita.

– Esquerda – disse o guarda com uma voz branda, mas clara.

Ela hesitou, assustada. Outro interrogatório? Teriam adiado a execução?

– Esquerda – repetiu, insistente. Atrás da porta à esquerda, abria-se um longo corredor. O aperto à volta do seu braço tornou-se mais fraco, o passo do homem acelerou. Irena tropeçou, a dor na perna partida era insuportável. O guarda abriu uma porta. Através dela, viu uma rua sossegada, adjacente à Avenida Szucha. Sem falar, o homem arrastou-a consigo.

– Onde vai ser? – Perguntou Irena. Os seus olhos tremeluziam nervosamente. Cinquenta metros mais à frente havia um cruzamento, e os cruzamentos eram populares para execuções, mas uma parede qualquer também servia.

De repente, o homem parou. A sua mão soltou o braço de Irena.

– Vai, depressa!

Irena não estava a perceber e olhou para ele, boquiaberta. Que quereria dela?

– Corre! Vai-te embora daqui, força! – Sibilou.

Irena ficou surpreendida. Nos olhos do homem viu medo. Seria possível?

– O meu cartão de identificação. Sem ele não posso…

Irena apercebeu-se do quanto era absurdo pedir, naquele momento, o cartão de identificação que lhe tinha sido retirado quando foi detida, mas não se conseguiu conter. Sem um cartão, seria uma presa fácil.

Não teve tempo de terminar a frase, já que o homem lhe bateu no rosto com violência e sentiu o sabor a sangue.

– Pela última vez, vai-te embora!

Irena começou a caminhar, primeiro devagar, mas depois mais rapidamente. Por fim, começou a correr. Na esquina da rua seguinte, aventurou-se a olhar para trás: o homem tinha desaparecido.

Irena continuou a correr, mas após cinquenta metros já não conseguia respirar, a dor aguda na perna quase a fazia perder os sentidos. Ofegante, encostou-se à vitrina de uma loja. Queria pensar, mas só sentia tonturas. Ouviu um pequeno

sino a tocar ao seu lado. Saiu uma mulher de bata e o primeiro impulso de Irena foi fugir. Com as últimas forças, afastou-se do vidro, mas antes que pudesse dar um passo, uma mão fechou-se à volta do seu braço e arrastou-a consigo para dentro da loja.

Nas prateleiras havia algumas latas e detergentes. A mulher conduziu Irena para uma sala nas traseiras e tentou dar-lhe uma cadeira, mas antes de chegar a ela, Irena desabou no chão. A mulher dirigiu-se a um lava-louça e encheu um copo com água, que ofereceu a Irena.

– Fique aqui sentada – e saiu da sala. Irena bebeu a água rapidamente. Tinha a mão a tremer e entornou metade do copo. A água desceu-lhe pela garganta e tossiu violentamente. Pouco depois, a mulher voltou com uma camisola, calças e um casaco.

– Tire essa roupa da prisão, depressa. Não pode ficar aqui – só então é que Irena percebeu que vestia um uniforme de prisioneira. Começou a despir-se com pouca coordenação. Os meses de medo e de tensão, as torturas e a malnutrição fizeram-se sentir num ápice. A mulher ajudou-a a vestir-se.

– Tem para onde ir?

– Para casa da minha mãe, na Rua Ludwiki.

– Ótimo – a mulher parecia aliviada. Foi para a loja e Irena ouviu-a abrir a caixa. Segundos depois, colocou algumas moedas na mão de Irena.

– A linha 5 do elétrico para ali na esquina e vai quase até sua casa. Acha que consegue chegar lá?

Irena acenou afirmativamente com a cabeça. Não sabia se conseguia, mas não tinha alternativa senão tentar.

Quando Irena entrou, o elétrico já estava cheio. Tentou agarrar-se a uma pega, mas não conseguia. Tentou agarrá-la de novo quando um idoso se levantou e a sentou no seu lugar.

«Devo estar com péssimo aspeto», pensou Irena, com vontade de rir. A pouco e pouco, apercebeu-se de que era livre. A sua cabeça começou a trabalhar e os sentidos despertaram.

Meia hora depois, bateu à porta de casa, que ficou entreaberta, e Irena reconheceu o rosto da prima.

– Irena! Graças a Deus! – A porta escancarou-se e dois braços envolveram-na. Irena abandonou-se no abraço.

– Estás em pele e osso. Anda.

A prima ajudou-a a sentar-se no sofá.

– Vou buscar-te pão e chá.

– A minha mãe?

A jovem engoliu em seco.

– Irena, ela não está bem. É o coração. Piorou bastante ultimamente, o médico não pode fazer nada. Não sabemos por quanto tempo… – interrompeu a frase. Não era a sua intenção deixar a prima desolada.

Os olhos de Irena encheram-se de lágrimas. A mãe estava a morrer e era culpa sua. A detenção, os longos meses sem notícias, o medo pela sua vida tinham sido como veneno para a mãe, sentia-o. A cada dia que passava na prisão, previa isto.

Irena apoiou-se nas costas do sofá para se levantar. A porta do quarto rangeu suavemente quando ela a empurrou, mas a mãe não abriu os olhos. Com cuidado, Irena sentou-se à borda da cama. Estava tão magra! O cobertor caía sobre o corpo esguio e o rosto pálido afundava-se na almofada. Mesmo não a querendo acordar, Irena não resistiu à tentação de acariciar delicadamente o rosto encovado. A sua mãe abriu os olhos. Ao início, parecia desorientada, depois esboçou um sorriso com os olhos e as mãos dela procuraram as da filha.

– Mãezinha.

– Irena – disse a mãe com uma voz trémula. Irena não ousou pousar a cabeça no peito da mãe. Agarrou-lhe nas mãos e levou-as ao seu rosto. Estavam frias, mas o calor que emanavam era tal que lhe vieram lágrimas aos olhos. Também as faces da mãe estavam ruborizadas, mas os olhos brilhavam com alegria.

– Está muito fraca – a mão da prima pousou nas costas de Irena. – Deixa-a dormir mais um pouco e vem comer qualquer coisa.

Alguns dias depois, Irena ainda estava em casa da mãe. Tinha dormido e comido e já estava suficientemente revigorada para pensar com lucidez de novo. A cabeça dizia-lhe que era uma loucura ficar ali. Se alguém se apercebesse de que tinha fugido, aquele seria o primeiro lugar onde a iriam procurar. Mas a sua mãe enfraquecia mais a cada dia que passava e Irena não era capaz de a deixar.

Um dia, Janka foi visitá-la. Cumprimentaram-se de forma rápida, mas intensa. Irena percebeu que a amiga tinha algo para lhe dizer.

– Vieste ver a minha mãe? – Perguntou Irena, quando se sentaram uma ao lado da outra no sofá.

Janka abanou a cabeça.

– Mas como é que sabias que tinha regressado? – Irena olhou para ela, confusa, mas depois percebeu. – Tu… vocês… a Zegota fez mesmo…?

Janka sorriu.

– Quem mais poderia ser?

Irena anuiu. Claro. Quem mais poderia ser?

– Mas tens de te ir embora agora – disse Janka. – Imediatamente.

Irena abanou a cabeça com teimosia.

– Deixei a minha mãe sozinha demasiado tempo nos últimos anos. Estava doente e eu andava por todo o lado, menos por aqui.

– Irena, – a voz de Janka não escondia a severidade – não tens escolha. Es… – tirou uma folha do bolso e desdobrou-a. – Estes comunicados estão por toda a parte na cidade.

– «Comunicado» – leu Irena em voz alta. – «Lista das pessoas executadas no dia 20 de janeiro de 1944» – correu os nomes e encontrou o seu: – «Irena Sendler. Motivo da execução: ajuda aos judeus». – Soltou uma gargalhada, mas Janka agarrou-lhe o pulso e apertou-o com força.

– Ai!

– Irena, isto não é motivo para brincadeiras. Acham que estás morta, mas as pessoas que te viram aqui nos últimos dias vão ler esta lista e perceber que és uma fugitiva. É apenas uma questão de tempo até seres denunciada e, se te encontrarem aqui, foi tudo inútil. Não podes ficar. Tens essa responsabilidade, até para connosco.

Tirou mais qualquer coisa do bolso e pousou tudo na mesa em frente a Irena. Era um cartão de identificação com o nome Klara Dabrowska e uma folha escrita à mão.

– Agora, este é o teu nome – disse-lhe Janka. – E esta é a tua história. Decora tudo sobre a tua nova identidade. Já ajudaste milhares de pessoas a fazer o mesmo. Agora, é a tua vez. Quando a Gestapo descobrir que te ajudaram a escapar, vão perceber o quanto és importante para a Zegota e vais parar ao topo da lista deles. Vão perseguir-te.

– Posso ir para o último andar, para casa de uma vizinha. Ela ofereceu-me ajuda.

– No último andar deste prédio? Será que enlouqueceste? – Perguntou Janka, incrédula. – Não, por agora vais para Otwock, para casa do Julian. Vais voltar a ver o Adam.

Ao ouvir o nome de Adam, os olhos de Irena começaram a brilhar, mas disse com firmeza:

– Não. Vou para casa da vizinha e não se fala mais nisto. Tenho de estar perto

da minha mãe. Não me podes obrigar.

Janka olhou para ela em silêncio, depois abanou a cabeça, aborrecida, mas Irena tinha razão. Não podia forçá-la a nada.

Passaram-se vários dias desde a visita de Janka. De noite, Irena dormia em casa da vizinha, que vivia no sótão, e de dia estava com a mãe. Sentava-se ao pé da cama dela, ajudava-a a comer e a beber e falava com ela, sobretudo do passado. Memórias dos tempos antes da guerra, do pai, dos amigos e dos parentes. A mãe estava demasiado fraca para falar muito. Respirava com dificuldade e ficava ofegante. Contudo, as histórias e as memórias de Irena faziam-na sorrir.

Quando Irena voltou ao apartamento da vizinha numa tarde fria no fim de janeiro, foi direta para a casa de banho. A mãe deu-lhe a entender que queria comer pão branco. Irena sabia que aquele pão já não se encontrava nas lojas, pelo menos já não se via há anos. Assim sendo, decidiu fazê-lo com as suas próprias mãos.

Na casa de banho, abriu o móvel debaixo do lavatório e tirou uma saqueta de hena. Janka tinha-lhe levado aquilo para que pintasse o cabelo, mas até então não fazia tenções de a utilizar.

Olhou-se ao espelho. O seu cabelo loiro escuro estava compridíssimo e tinha o rosto magro. Sorriu, mas o seu reflexo continuava estranho. Pensou em Adam, na noite que passaram no Café Sztuka, no gancho que Ewa lhe tinha emprestado e no batom. O sorriso desvaneceu-se. Ewa já cá não estava, nem sequer o café. De repente, desejou Adam ardentemente, o seu calor, os seus braços. Iria reencontrar-se a si própria com ele… um dia.

Pintar o cabelo foi mais complicado do que pensava. Limpar o lavatório também foi uma grande missão e a visão daquela longa juba ruiva fê-la estremecer. Sem pensar muito no assunto, pegou numa tesoura e começou a cortar. Se tinha de ser outra pessoa, tinha de se comprometer com isso.

– Irena? Mas que raio…? – A colega de casa, Lara, olhou para ela com os olhos arregalados. Depois, desatou a rir. – Finalmente, ganhaste juízo. Mas não está nada bem. Dá-me isso – arrancou a tesoura da mão de Irena. Após meia hora de trabalho meticuloso, Irena tinha um belo corte de cabelo. Cruzaram olhares no espelho. – Bem, que tal?

Irena examinou-se com minúcia. Por fim, sorriu.

– Uma mulher nova. Não fica nada mal, pois não?

Para seu grande espanto, sentiu algo semelhante a uma ligeireza inesperada

quando, pouco tempo depois, se sentou com Lara para jantar. De repente, ouviu-se um golpe forte. Devia vir da porta de entrada do prédio, porque nesse mesmo momento ouviram-se passos pesados de botas e vozes masculinas nas escadas. Irena não percebia que língua era, mas não parecia polaco. Olhou para Lara, que ficou, subitamente, branca como a cal. Pousou o copo na mesa com a mão a tremer.

– Vieram buscar-te? – Perguntou com um fio de voz.

– Não sei, talvez…

Irena nunca se tinha sentido assim tão impotente, nem estúpida. Sentiu a raiva a crescer dentro de si. Que tinha feito? Um sótão como esconderijo? Era ridículo. Para onde a iriam levar agora? Os alemães iriam virar todos os apartamentos de pantanas e não só a iam encontrar, como também iam levar Lara. A sua vizinha seria morta… por culpa sua. Os olhos esbugalhados de Lara comprovavam que também lhe passava pela cabeça um cenário semelhante.

– Levanta a mesa – disse Irena com veemência. Correu em direção ao armário onde tinha os novos documentos. Depois, enfiou-se debaixo dos cobertores para se esconder, mas não tinha esperança. Iam encontrá-la. Não havia dúvidas.

Continuaram a bater a todas as portas enquanto subiam as escadas. Os passos e as vozes aproximavam-se cada vez mais. Irena sentiu os móveis mexerem-se. De tanto em tanto, alguém protestava, mas a maioria das pessoas deixavam que tudo acontecesse sem dizer uma palavra.

Ouviu o seu nome. A Gestapo tinha descoberto que a sua morte tinha sido uma mentira.

«E se levarem a minha mãe? Não vai resistir», pensou Irena. Passou-lhe pela cabeça entregar-se, talvez assim pudesse ao menos salvar Lara e a mãe. Pela intensidade do barulho, percebeu que os homens da Gestapo tinham chegado ao andar de baixo. Ouviu-os a repetirem o seu nome e as respostas negativas dos vizinhos.

Determinada, levantou-se e vestiu-se, mas ainda não tinha chegado ao corredor quando ouviu a porta do apartamento de baixo a fechar-se. Os passos ressoavam nas escadas, mas estavam a afastar-se. Seria mesmo possível? Os seus olhos encontraram os de Lara. Puseram-se à escuta. Os homens estavam mesmo a descer. A porta de entrada fechou com força e caiu o silêncio.

Após algum tempo, que pareceu uma eternidade para Irena, Lara disse:

– Não se aperceberam da existência do meu apartamento. Não acredito. Não sabiam que vivia aqui alguém.

Lara soluçou, aliviada, e Irena abraçou-a. Naquele momento, bateram devagar à porta.

– Eu abro – disse Lara de repente, limpando as lágrimas. Pouco tempo depois, a prima de Irena entrou na sala.

– Graças a Deus! – Abraçaram-se. Depois, deu-lhe um bilhete dobrado e devolveu-lhe um olhar cheio de significado. – É da tua mãe.

Irena pegou na folha e passou os olhos pelas poucas palavras escritas com dificuldade:

> Minha querida, se me queres bem, vai-te embora. Não voltes aqui, nem sequer para te despedires de mim. É demasiado perigoso. Não tens com que te preocupar, és a melhor filha que alguma vez poderia desejar. Salva-te, não me deves mais nada. Da tua mãe.

Irena tinha um nó na garganta, mas sabia que a mãe tinha razão, estava fraca. Além disso, tinha posto em perigo não só a própria vida, como também a vida de terceiros. Na mesa da cozinha estavam os seus novos documentos. Agora, no mundo lá fora, era Klara Dabrowska.

Capítulo Quarenta e Três

K-lara. Apesar de tudo, é um nome bonito – disse Adam às gargalhadas.

– Tens sempre algum problema com os nomes, não tens? – Irena riu docemente e envolveu-o nos seus braços. Adam também a abraçou imediatamente.

Há um bom quarto de hora que estavam sentados e embrulhados numa manta na pequena varanda do apartamento da resistência, em Otwock, e observavam os delicados flocos de neve que pousavam, quase hesitantes, no chão. Estava escuro no jardim e não havia vento. Uma luz quente era filtrada pelas janelas atrás deles e iluminava as tábuas de madeira cobertas de neve. Apesar do gelo que estava, não tinham frio.

Irena tinha reencontrado Adam há algumas semanas e sabia que o seu tempo juntos estava quase a acabar. Era demasiado perigoso permanecer muito tempo no mesmo sítio, e Janka tinha razão: a fuga de Irena tinha feito com que a Gestapo se apercebesse do peixe que lhes tinha escapado. Desde então, Irena estava no topo da lista de procurados em todos os cartazes de todas as praças e esquinas das ruas.

– Não te preocupes – disse Adam, e Irena só conseguiu imaginar o sorriso dele. – Acho que Irena ainda é mais bonito. Mas podemos tomar nota – fez uma breve pausa. – Para o futuro. Se algum dia precisarmos de um nome.

Irena ficou radiante. Será que Adam tinha mesmo dito aquilo que pensava que tinha percebido? Teria falado em terem uma filha juntos? Abraçou-o com força. Não havia nada no mundo que quisesse mais.

– Às vezes, tenho medo que nunca aconteça, que o amanhã nunca chegue.

– Não devias sequer pensar nisso – respondeu Adam com doçura, e olhou para ela com carinho. – O nosso futuro está a poucos passos de distância. Quase que o consigo ver. Assim como o futuro daqueles miúdos ali – acenou com a cabeça para o grande frasco de vidro com os papéis. Era o «frasco da vida» de Irena, que continha os nomes antigos e novos das crianças que salvou.

– Tens a certeza de que queres enterrar o frasco? – Perguntou Adam repentinamente. – Pode ser arriscado.

Irena assentiu.

– Pensei muito nisto e acho que é o melhor a fazer. A Ewa e a Ala morreram e a Rachela também, de certeza. A Basia foi executada. A nossa rede está a desintegrar-se. Vamos correr muitos mais riscos se continuarmos a carregar os nomes connosco. Não podem cair nas mãos erradas, por nada neste mundo. E se não formos nós a enterrá-los, mais cedo ou mais tarde alguém os vai encontrar – Irena tentou dar um tom decidido à sua voz.

– Nós enterramos o frasco, não te preocupes – disse Adam. – Mas antes, tenho de conseguir escavar um buraco neste terreno gelado – afastou-se de Irena, levantou-se e pegou na pá. Afastou um pouco de neve de debaixo de uma velha macieira. – Aqui?

Irena anuiu. Adam começou a mover o terreno gelado. A respiração dele tornou-se rapidamente ofegante e o suor escorria-lhe pela testa. Irena tirou as luvas e agarrou no frasco. Estava frio. Apertou-o contra si e sentiu que, aos poucos, o aquecia com as mãos.

Era uma sensação estranha: quantos destinos se escondiam naquele simples recipiente! Eram milhares de vidas que deviam ser vividas. Recordou a pequena Beata na caixa de ferramentas. Hanja, a sua mãe, foi morta no mesmo campo que a amiga Ala, mas Beata tinha sobrevivido. Assim como Sergiusz, que tinha chorado com medo nos esgotos. Sucessivamente, viu à sua frente os rostos dos mais pequenos e dos maiores. Lembrava-se de todos os nomes. Não se tinha esquecido de um, mesmo tendo estado com as crianças apenas por poucas horas.

– Ufa! Já está. Está bom assim?

Irena estremeceu.

– Olá? Em que é que estavas a pensar? – Adam riu.

– Não, nada – Irena levantou-se para ver o buraco. Era mais fundo do que pensava. – Ótimo trabalho. Obrigada, Adam! – Depois, inclinou-se e colocou lá dentro o frasco com cuidado.

– Uma boa vida para todos nós – disse baixinho. Pegou na pá e começou a tapar o buraco.

Capítulo Quarenta e Quatro

Nos meses que se seguiram, Irena passou de apartamento clandestino em apartamento clandestino. Era cansativo e desgastante, mas não tinha escolha. A partir dos seus refúgios, continuava a coordenar a distribuição de documentos e alojamento para os judeus que estavam escondidos. Foi um alívio constatar que o número de pessoas dispostas a colaborar com a rede aumentava constantemente. A ameaça da tortura e da pena de morte ainda pesavam muito, mas, tal como a raiva e o desespero, a coragem e a rebeldia cresciam.

No entanto, Irena continuava a demorar a adormecer à noite. Sentia-se inquieta, preocupada com aqueles que só podia ajudar à distância e, além disso, sentia a falta da mãe e de Adam. De tanto em tanto, Irena conseguia ter notícias através da prima. O coração da mãe estava fraco e Irena sabia que a preocupação com ela e a separação eram veneno para a sua saúde.

Já em março, sofreu outro golpe duro. Julian Grobelny foi descoberto e detido no seu esconderijo na pequena aldeia de Ceglów. Isto voltou a provocar alguma comoção na Zegota. Como líder da organização, Julian dispunha de contactos que não podiam, de forma alguma, cair nas mãos dos alemães. Mas por quanto tempo iria resistir à tortura na prisão? O corpo dele estava tão debilitado devido à tuberculose que Irena e os outros temiam o pior. Era preciso dinheiro para um resgate… e um plano.

Este último veio de Juliusz Majkowski. Irena tinha visto o diretor do distrito de saúde pouquíssimas vezes desde que, anos antes, lhe tinha pedido o passe para entrar no gueto para si e para as suas amigas, mas sabia que continuara ativamente empenhado na resistência. A ideia de Majkowski tinha tanto de simples como de genial. A condição de Julian era tão grave que não havia qualquer problema em arranjar um transporte que o levasse para o hospital. Depois disso, o motorista da ambulância, que tinha sido bem pago para o fazer, só tinha de se livrar dos guardas.

Risco era coisa que não faltava, mas o plano foi bem-sucedido. Em vez de ir para o hospital, Julian foi levado para um novo esconderijo. Era livre de novo e todos os membros da rede suspiraram de alívio.

Para quase todos, o problema já estava resolvido, mas Irena não conseguia tirar aquela missão da cabeça. Transportado de ambulância! Será que poderia funcionar para a sua mãe?

Decidiu arriscar e contactou Juliusz Majkowski, que aceitou prontamente visitar Irena no seu esconderijo.

– O café está tremendo – observou com um sorriso quando se sentaram um em frente ao outro na cozinha. Irena devolveu-lhe o sorriso.

– Talvez porque não é bem café.

Majkowski riu. Era tão amigável e brincalhão como Irena se lembrava. Se não fossem os quilos a menos, podia pensar-se que os últimos anos não tinham deixado marcas no diretor do distrito de saúde.

Irena aproveitou a breve pausa para descrever a situação da mãe.

– Desde janeiro que não a vejo – disse, por fim. – A condição dela piora de semana para semana, mas não tenho forma de ir ter com ela. Em frente à nossa casa, estão alemães posicionados à paisana, à espera que eu apareça, e a minha mãe está acamada. Tenho muito medo de nunca mais a ver viva. Por isso é que pensei no transporte de ambulância.

– Como está a pensar fazer, exatamente? – Perguntou Majkowski sem se descompor. Irena suspirou.

– É precisamente esse o problema. Não tenho grandes ideias de como podíamos fazer. Talvez como foi com o Julian. O motorista teria de despistar os possíveis perseguidores e levar a minha mãe para um esconderijo. Mas esta é a parte complicada: quem é que iria conduzir a ambulância? Se a operação correr mal, a vida dela está em jogo. E não estou em posição de oferecer um pagamento. Não quero pedir a nenhum dos meus amigos ou conhecidos. Por isso, pensei que talvez eu o pudesse fazer.

– A Irena, a pessoa por quem os guardas que estão em frente à casa esperam há meses? – A este ponto, Majkowski arqueou as sobrancelhas, surpreendido. Depois, começou a rir à gargalhada. – Acha mesmo que não a vão reconhecer por causa do cabelo ruivo e curto?

Irena fez uma careta.

– Tem razão, sim, mas…

– Podia pedir-me para conduzir.

– O quê? – Irena fixou-o. – Ao senhor? Faria isso por mim? A sério?

– Acha que não sou bom condutor?

– Não, não é isso – Irena não sabia o que dizer. Era a segunda vez que aquele

homem, que conhecia apenas de passagem, a ajudava. E, desta vez, arriscaria a vida para que pudesse rever a mãe antes de ela morrer.

Nos dias sucessivos, planearam a operação o mais pormenorizadamente possível. Todavia, na manhã do dia combinado, Irena sentia-se febril. Além disso, estava ainda mais angustiada por estar condenada a ser uma mera espectadora, desta vez.

Nessa manhã, também as mãos de Majkowski suavam quando entrou na ambulância em frente ao distrito. Segurava no volante com demasiada força e o veículo deu um pequeno solavanco quando o pé escorregou da embraiagem demasiado depressa.

– Maldição! Não me digas que estás velho de mais para uma pequena aventura destas – esboçou um sorriso para o espelho retrovisor. Já se sentia melhor.

Mergulhava nas curvas rapidamente, acelerando em todas as retas. Casas e ruínas passavam ao seu lado como flechas, carros e carroças encostavam-se à berma da estrada, até um peão recuou com medo.

– Então, é esta a sensação – murmurou Majkowski, cheio de si. Sempre quis guiar uma ambulância e adorou aquela parte da missão. O nervosismo só voltou a fazer-se sentir quando chegou às imediações da Rua Ludwiki.

Assim que virou a última esquina, viu pelo canto do olho dois homens a fumar em frente à vitrina de uma loja a cerca de vinte metros do prédio de Irena. Deviam ser eles. Majkowski imobilizou a ambulância com um chiar dos pneus. Sem sequer olhar para os homens, saiu do veículo, correu para dentro do prédio e suspirou de alívio. Atrás da porta de entrada, a prima de Irena já estava à sua espera, assim como a mãe. Nessa altura, desenrolou-se tudo num instante e Majkowski carregou a mulher esguia para dentro da ambulância.

Ao verem a mulher idosa, os dois homens puseram-se a caminho. Dirigiram-se à ambulância a correr, mas chegaram demasiado tarde. Com a sirene ligada, Majkowski afastou-se na direção oposta. Viu que os homens entraram num carro pelo espelho retrovisor. Pregou a fundo, mas, pouco depois, uma carroça puxada por cavalos bloqueou a estrada. O carro preto dos alemães continuava a aproximar-se, e já não faltava muito para chegar ao esconderijo previsto. O plano A estava em risco de falhar.

– Que seja o plano B – murmurou Majkowski entre dentes e, a uma velocidade imprudente, ultrapassou o agricultor na sua carroça. Ainda que não conseguisse despistar os homens, uma vantagem mínima seria suficiente para os

perder de vista na azáfama do átrio da triagem.

Quando, pouco depois, parou em frente ao hospital, fez chiar os pneus, ainda que este pormenor não fizesse parte do plano. A ultrapassagem descuidada da carroça tinha atrasado os alemães o suficiente para conseguir a vantagem esperada. Um jovem colega estava à sua espera à entrada com uma maca. Ofegantes, correram para dentro com a idosa. Por sorte, o átrio à entrada da clínica estava, como sempre, cheio de pessoas que pediam ajuda ou informações em voz alta.

Majkowski e o colega abriram caminho através de vários corredores de passagem, passando por enfermeiros e médicos espantados. Quando chegaram à sala escolhida no segundo andar, Majkowski estava encharcado de suor debaixo da bata branca. Também o jovem tinha o cabelo emaranhado na testa.

Uma enfermeira rechonchuda de cabelos grisalhos e rosto severo aproximou-se e ajudou a mãe de Irena a sair da maca. Agora, chegava a parte mais difícil para a velhota, que estava exausta, tinha a respiração ofegante e os olhos esbugalhados. A enfermeira segurou-a com os seus braços fortes e conduziu-a a uma saída que dava para uma escada de incêndio.

– Só falta descer alguns degraus. Estamos quase – a voz da enfermeira era mais afável do que parecia. Com cuidado, acompanhou a mãe de Irena pelas escadas abaixo, um degrau de cada vez.

Uma segunda ambulância já estava à espera na rua. Majkowski fez um aceno ao motorista, lá de cima. Mais uns instantes e teriam conseguido. Foi até à porta e espreitou para o corredor. Nada. Tanto quanto parecia, os alemães ainda estavam no átrio ocupados a recolher informações acerca de onde estava a paciente acabada de chegar. Na rua, o motorista da ambulância içou a mãe de Irena para dentro do veículo, foi para trás do volante e partiu. Aliviado, Majkowski acenou ao jovem colega e à enfermeira, que tinha regressado pelas escadas acima com falta de ar. Esboçou um pequeno sorriso.

– Vocês do distrito de saúde só sabem arranjar problemas. Sempre foi assim – disse de forma aparentemente rude, mas com um olhar travesso. Majkowski sorriu. Despiu a bata e desapareceu em direção à saída das traseiras. Quando Irena recebeu a notícia de que a mãe tinha chegado ao apartamento clandestino, ninguém a conseguiu conter no seu esconderijo. O ar de março ainda estava fresco. Um casaco largo, um chapéu e óculos falsos completavam o seu disfarce, enquanto caminhava a passo rápido pelas ruas sob o céu azul celeste. A proprietária do apartamento em que a mãe de Irena estava escondida também

trabalhava para o departamento de saúde e era uma enfermeira especializada. Quando Irena chegou, a enfermeira já tinha colocado a mãe na cama e tinha-lhe feito um chá. A velhota respirava de forma ofegante e tinha os lábios azuis.

– Venha, Irena, eu acompanho-a até ao quarto – a senhora conduziu-a até uma pequena divisão.

– Mãe!

Irena correu em direção à cama. Queria apertar a mãe contra si com força, mas estava fora de questão.

– Estás a chorar por me ver ou estou com muito mau aspeto? – Perguntou a mãe. As palavras saíam-lhe lentas, mas o sorriso era aquele que Irena sempre conheceu. Rindo, limpou as lágrimas que lhe caíam pelo rosto abaixo como se tivessem vida própria.

– As duas coisas – respondeu a brincar.

A mãe riu, mas a gargalhada fê-la engasgar-se de repente e a velhota começou a tossir. A enfermeira espreitou para dentro do quarto e fez um gesto tranquilizante. Irena percebeu. A sua mãe não podia emocionar-se muito, fosse qual fosse o motivo.

– Obrigada por me libertares daquela prisão. Obrigada por me dares a oportunidade de ver-te uma última vez – disse a mãe de Irena quando a tosse acalmou.

– Uma última vez? – Irena agarrou-lhe as mãos. – Não digas isso nem a brincar. De agora em diante, vamos ver-nos todos os dias.

– Não é demasiado perigoso para ti? Era melhor ficares no teu esconderijo.

Irena abanou a cabeça.

– Não é longe daqui. Não tens de te preocupar, percebes? Isto é muito importante. Agora, está tudo bem.

A mãe de Irena assentiu, com os olhos brilhantes. Depois, o seu lábio começou a tremer.

– Mãe? – Disse Irena, alarmada.

– Está tudo bem – respondeu. – Só há mais uma coisa que me preocupa. Tens de me prometer e tens de fazer valer a tua palavra. Depois, posso parar de me preocupar, prometo-te.

– O que é? – Perguntou Irena com cautela.

– O meu funeral – a mãe soltou uma mão e acariciou o rosto de Irena. – Não, ouve-me – disse ela, quando Irena abriu a boca para começar a falar. – Esse dia vai chegar, e está para breve. E sabes que os alemães andam aí à espreita para te

apanhar. É por isso que não podes vir ao funeral. Jura por tudo o que te é sagrado. Jura pelo teu pai e por todas as crianças que ajudaste.

Irena olhou para ela por um instante, meio chocada, meio com ar de desafio.

– Não, não discutas comigo – a mãe apertou as mãos de Irena o mais que conseguiu. – Se o Senhor me levar consigo, é porque tem de ser. Mas não tem de ser um motivo para te deterem. Tens de me prometer. Aqui e agora – tossiu, exausta. A fuga do apartamento e a conversa invulgarmente longa tinham esgotado as suas forças. O rosto ruborizou, os lábios ficaram mais escuros.

– Prometo-te – apressou-se Irena a dizer. – Não venho e vou cuidar de mim mesma.

O ataque de tosse parou, a respiração normalizou e a mãe de Irena afundou-se ainda mais na almofada. Irena voltou a agarrar-lhe as mãos.

Lá fora, a luz da tarde começava a desvanecer. O papel de parede amarelo esverdeado escureceu. Também desapareceu o movimento ondulante da sombra dos ramos do carvalho que, até há pouco tempo, se projetava na parede. A enfermeira chegou e acendeu a lâmpada da mesa de cabeceira, mas a mãe de Irena tinha adormecido.

Uma semana depois, a mãe de Irena faleceu. Nesse mesmo dia, a iminente chegada do mês de abril foi anunciada com os primeiros aguaceiros, e também choveu a potes no dia do funeral. Embora lhe custasse imenso, Irena manteve a promessa que fez e não participou. Em Varsóvia, ninguém era sepultado sem o conhecimento dos alemães. De qualquer modo, já não podiam fazer mal à sua mãe e não tinham conseguido impedir Irena de dizer-lhe adeus.

Nos dias que antecederam a morte da mãe, Irena ficou horas e horas à cabeceira da cama. Ao contrário da primeira vez que se tinham revisto, não foram precisas muitas mais palavras e simplesmente desfrutaram do tempo que passavam juntas. Esta perda criou outro grande vazio que só podia ser preenchido com o trabalho. Nas semanas e nos meses sucessivos, Irena mergulhou de cabeça nas atividades da Zegota. A sua experiência, a sua coragem e a sua obstinação astuta fizeram com que ganhasse o respeito de todos. Começou a assumir cada vez mais a liderança dentro da organização, a tomar iniciativa e até a planear as operações de outros grupos.

Já em janeiro de 1944, a União Soviética derrubou o cerco alemão em torno de Leninegrado e a Força Aérea Britânica tinha iniciado os primeiros ataques pesados a Berlim. Em março, várias bombas destruíram o centro de Frankfurt. Desde há algumas semanas que também Roma voltara a ser uma cidade livre e,

com o desembarque dos Aliados na Normandia, tinha começado a batalha final para a libertação da França. A Alemanha tornara-se vulnerável.

Em Varsóvia, as ruas provisoriamente restauradas reluziam no calor sufocante de julho e o vento quente fazia dançar as nuvens de pó sobre os escombros. Segundo o Exército Nacional, que operava na clandestinidade, tinha chegado o momento de se opor abertamente à ocupação. Há dias que Adam e Irena não falavam de outra coisa. Entretanto, ambos estavam alojados em casa de Maria e Henryk Palester, que se tinham convertido ao judaísmo alguns anos antes e tinham realmente conseguido «desaparecer» silenciosamente debaixo do nariz de todos. Também outra amiga dos Palester, a médica judaica Maria Skokowska, vivia escondida no apartamento do casal.

– Hoje é melhor ir dormir cedo, para o caso de amanhã, às 5h, o contra-ataque iniciar mesmo, tal como previsto – disse Adam só meio a brincar, enquanto se instalavam na sala de estar depois do jantar escasso. Irena, que se tinha sentado ao lado dele, com a cabeça apoiada no seu ombro, endireitou-se ao ouvir aquelas palavras.

– E porque é que não havia de ser amanhã de manhã? – Perguntou, irritada. – A revolta do nosso Exército Nacional está planeada há semanas.

Adam riu.

– Por amor de Deus… estava só a brincar. Se iniciar amanhã de manhã… já vai tarde! – O seu olhar pousou sobre os outros: os olhos de Maria Skokowska iluminaram-se, mas Henryk e Maria Palester tinham um ar melancólico, quase nervoso.

– Também pensava que tivesse chegado o momento de uma insurreição aberta nesta cidade – disse Henryk, hesitante, quando reparou no olhar inquisitivo de Adam. – Mas agora que aqui chegámos, de repente, já não tenho tanta certeza.

– O quê? Porquê? – Perguntou Adam, surpreendido. – O Exército Vermelho já está na Polónia. Ainda há poucos dias libertaram o campo de concentração perto de Lublin e uma das divisões deles está mesmo nos arredores de Varsóvia. Todos concordámos que este seria o melhor momento.
Ou tens medo que os confrontos nos obriguem a abandonar este apartamento?

– Sim, isso também – respondeu Maria Palester com um suspiro. O marido continuou.

– Mas não só. Simplesmente, tenho um mau pressentimento acerca de tomarmos por garantido que o exército soviético virá em nosso socorro nesta revolta.

– Porque não? – Perguntou Maria Skokowska com um tom ligeiro. – A Alemanha é o nosso inimigo comum. Naturalmente, vão ajudar-nos quando virem o nosso Exército Nacional a atacar amanhã.

– Também acho que sim – disse Irena com firmeza. – E perante esta frente comum, os alemães vão render-se. Não terão outra escolha. Só o nosso exército clandestino conta com quase quarenta mil homens. Também temos armas, que nos foram fornecidas pelo governo em exílio.

– Exatamente – interveio Adam. – E mesmo que não estejamos tão bem equipados como os alemães, compensamos, de longe, com a nossa coragem e determinação. É mesmo isso que lhes falta, nesta altura. Ao contrário dos alemães, nós combatemos pelo nosso país.

– O Adam tem razão – acrescentou Maria Skokowska. –
O nosso país. A nossa cidade. E, quando acabarmos com eles, vamos fazer os soldados alemães desfilar por Varsóvia, tal como os soviéticos fizeram em Moscovo, há pouco tempo. Lembram-se? Há apenas duas semanas, fizeram com que dezenas de milhares de prisioneiros de guerra alemães atravessassem Moscovo. Henryk, acredita em mim, os alemães que aqui estão não se esqueceram disso. Secretamente, o medo já se instalou. Lá no fundo, estão desmoralizados, tenho a certeza.

Henryk suspirou, encolhendo os ombros de forma incerta. Tinha a mão direita pousada no joelho da mulher, que estava sentada ao pé dele.

– Talvez tenham razão. Por que raio é que os soviéticos não nos ajudariam? Só espero que se despachem, para que o pesadelo acabe depressa. Ou, pelo menos, antes que os alemães tenham a oportunidade de destruir ainda mais a cidade de Varsóvia. Os últimos anos, o medo, a clandestinidade, a crueldade quotidiana que nos rodeia, tudo isto me chocou. E a ideia de perder o nosso apartamento nos próximos confrontos vai levar-me à loucura. Já não sou jovem como vocês – lançou um sorriso maroto à mulher, muito mais jovem que ele. Esta deu-lhe um beliscão jocoso na bochecha.

– Ele quer é ouvir elogios outra vez pelo facto de ainda ter o cabelo todo e parecer mais jovem do que realmente é.

Os outros riram.

Capítulo Quarenta e Cinco

Ludwig Fischer, o governador de Varsóvia, estava na varanda e olhava para a cidade escura à sua frente. A única fonte de luz eram os graciosos candeeiros *Art Nouveau* da sala de estar, que combinavam na perfeição com as estantes altas e com os sofás de pele. Fischer não tinha mudado quase nada na decoração do apartamento. Aqueles judeus ricos tinham bom gosto. Já não se recordava do nome da família. No fundo, tinham quase todos o mesmo nome: Goldblatt, Goldkranz, Rosenblatt, Rosenkranz… pelo menos na Alemanha.

Na escuridão, os seus olhos conseguiam distinguir apenas alguns contornos vagos. Quem sabe o que teria acontecido àquela família. Aquele pensamento veio-lhe à cabeça pela primeira vez. Formulou a hipótese de terem ido para Treblinka, apesar de, na verdade, terem dinheiro suficiente para ir para um local seguro ainda antes disso. Obviamente que muitos o tinham feito, mas não todos. A maior parte deles esperava poder adiar essa mudança, tal como os polacos daquela cidade. Pensavam mesmo que estavam prestes a vencer. Talvez pensassem que os alemães não soubessem dos seus planos ridículos de revolta.

Fischer olhou para o relógio e conseguiu distinguir os ponteiros: tinha passado pouco das 23h. No mesmo instante, viu um carro parar lá em baixo. Um jovem oficial saiu e dirigiu-se a passo rápido para a entrada.

Pouco depois, o jovem apresentou-se na sala de estar. Fischer, que ainda estava de pé na varanda, virou-se para ele.

– *Heil* Hitler!

– *Heil* Hitler!

– Tenho informações para si – o jovem permaneceu imóvel.

– Então, diga – respondeu Fischer com um tom impaciente.

– Claro, governador. Os nossos informadores confirmam que o plano não sofreu alterações. O início da tal revolta está previsto para amanhã, às 5h.

Fischer assentiu.

– Obrigado, pode ir. *Heil* Hitler!

– *Heil* Hitler! – Com poucos passos, o jovem chegou à porta. Pouco depois, o carro voltou a partir estrada fora.

Fischer suspirou. Seria uma noite curta e, provavelmente, as seguintes também seriam. Sentiu a raiva a crescer. Será que os polacos acreditavam mesmo que podiam libertar a cidade com os poucos homens que tinham e com o equipamento escasso fornecido pelo cobarde governo exilado em Londres? Mas é claro. Pensavam que os soviéticos viriam socorrê-los. Lado a lado contra o inimigo comum.

Fischer sorriu no escuro. Obviamente, não podiam descartar essa possibilidade, mas, na sua opinião, os russos tinham os próprios planos. E mesmo que conseguissem… Quem pensava que iriam abanar os panos brancos e abandonar a cidade estava bem enganado. Na sua secretária, naquele preciso momento, estava a resposta de Heinrich Himmler em pessoa, inequívoca: Varsóvia tinha de ser mantida a todo o custo. Se necessário, iriam assassinar toda a população e arrasar a cidade.

Voltou-se e sentou-se na poltrona grande da sala. Não valia a pena ir para a cama. Fechou os olhos.

Capítulo Quarenta e Seis

Outra detonação nas imediações fez o chão e as paredes da cave estremecerem. A luz apagou-se e caíram pedaços de gesso do teto. Algumas pessoas tossiram e o filho da vizinha começou a gritar.

– Não o pode calar?

– Deixe a senhora em paz! Acha que ela pode fazer alguma coisa?

O homem que se lamentou abanou a cabeça, aborrecido.

Irena tentava ignorar as trocas de palavras irritadas que se tornavam cada vez mais frequentes entre as pessoas que se tinham refugiado na cave. Tinha o rosto apoiado nos joelhos e abraçava as pernas dobradas. Sentia a mão de Adam nas costas, que a acariciava quase mecanicamente. Sabia que também ele tinha os nervos em franja depois dos últimos dias. Desde que a revolta do Exército Nacional tinha começado, uma semana antes, que tinham passado mais tempo na cave daquela casa do que lá fora. Tinham comido pouco e dormido ainda menos. Na noite anterior, uma vizinha tinha tido um ataque de pânico. Henryk Palester conseguiu acalmar a senhora, mas também se refugiou nos braços da esposa, com as mãos e a cabeça a tremer devido ao cansaço.

Ouviu-se o rombo de um avião de novo. Tornou-se mais alto… e ainda mais alto. Um assobio intenso. A detonação fez a cave estremecer. Pedaços de cimento grandes como punhos abateram-se sobre eles vindos do teto. Irena gritou, sentiu poeira de cimento na boca, tossiu e cuspiu.

– Está a ficar calor. há um incêndio por cima da cave – ouviu a voz de Adam sobre os gritos e os berros dos outros.

– Anda! – levantou-a com um puxão. – Temos de sair daqui. As chamas devem estar próximas.

Irena deu a mão a Maria Skokowska, abalada por um ataque de tosse. Curvados, brancos devido aos detritos e com as mãos e os braços a tapar a boca, arrancaram em direção à saída da cave.

Quanto mais se afastavam, mais intenso se tornava o calor. O ar vibrava na rua. O edifício do lado, em chamas, abanou e ruiu. Um pedaço da parede cedeu e estilhaçou-se. Por todo o lado na rua, havia pessoas a correr e a gritar. E ouvia-

se o rombo de um avião que se aproximava, mais uma vez.

– Temos de nos esconder! – Gritou Henryk Palester. – Temos de encontrar outra cave!

Correram atrás dele. Ao fim da rua, havia um edifício residencial que tinha sido danificado num bombardeamento alguns anos antes, mas o pátio e a cave ainda estavam intactos. Entraram nas salas que cheiravam a mofo, onde já estavam algumas pessoas sentadas, que os fixaram com rostos inexpressivos.

Numa sala ainda vazia, deixaram-se deslizar por uma parede abaixo, exaustos.

– Porque é que os soviéticos não fazem nada? – Lamentou Maria Palester com raiva. – Onde estão? Do que estão à espera?

Maria Skokowska riu com amargura.

– Sabes o que acho? Querem que os alemães e os polacos se matem uns aos outros. Não querem saber da nossa libertação. Não permitem sequer aos Aliados utilizar as pistas de aterragem deles, senão pelo menos os ingleses viriam ajudar-nos.

Maria Palester bufou.

– E nós fomos uns tolos por acreditar neles.

Irena olhou para Adam, que batia com a cabeça na parede de forma rítmica.

– Foi um maldito erro de principiantes contar com os soviéticos. E se a ajuda deles fosse a nossa única esperança de êxito, então boa noite.

Irena abraçou-o.

– Shh! Ainda não acabou. Não nos podemos render tão cedo.

Adam riu amargamente, mas não respondeu. De repente, fez-se silêncio por cima deles. O rombo dos aviões afastou-se e desvaneceu por completo. Irena suspirou de alívio. Sentiu os músculos a relaxar gradualmente, o suor a secar, mas não tinha forças para se levantar. Também os outros pareciam sofrer do mesmo. Além da sua respiração, não se ouvia nada. Irena encostou a cabeça às costas de Adam. Como por magia, os seus olhos fecharam. Adormeceu.

Nas semanas seguintes, os confrontos prosseguiram sem tréguas. A cidade parecia um monte de escombros. Irena, Adam, os Palester e Maria Skokowska dormiam na cave. Montaram um pequeno hospital improvisado sob a orientação dos médicos Henryk Palester e Maria Skokowska no pátio do prédio. Aquilo que tinha iniciado apenas com um soldado ferido tornou-se uma instalação permanente. A notícia do seu hospital improvisado espalhou-se rapidamente e houve muita adesão. A única coisa que faltava era os meios. Os instrumentos eram rudimentares e as ligaduras e os medicamentos eram difíceis

de encontrar.

Mas, desde há uns dias, além dos confrontos constantes, havia outro perigo iminente que pairava sobre eles: os alemães tinham começado a ir buscar pessoas a casa e a levá-las para fora da cidade a pé. Tratava-se de outra evacuação e ninguém sabia ao certo qual era o destino. Irena e o seu grupo estavam determinados a ficar.

Certa manhã, enquanto Irena ajudava a limpar a ferida de um paciente, uma voz enérgica fê-la estremecer. O homem falava polaco, mas quando Maria e Irena se viraram, petrificaram. Tinha vestido um uniforme das Forças Armadas Nazis.

– Não ouviram falar da evacuação? – Perguntou o homem. Desta vez, Irena conseguiu detetar um sotaque alemão.

– Isto é um hospital – disse Maria Skokowska com uma voz firme. De dentro do edifício, Irena viu Henryk e Maria Palester entrarem a correr. Era impossível interpretar a expressão nos seus rostos.

– Só temos uma maca – acrescentou Irena de forma pragmática. – Não podemos transportar os nossos pacientes e não os vamos deixar aqui.

O jovem alemão voltou a correr para a entrada do pátio. Quase parecia que se queria ir embora. Irena e Adam trocaram um olhar perplexo. Contudo, o homem parou em frente ao portão e examinou a rua em ambas as direções. Depois, voltou para trás.

– Não podem ficar aqui – disse sucintamente. – Vou levar-vos para outro lado. Tirem aquelas portas das dobradiças, podemos usá-las como macas. Ou então tábuas, também servem, se houver. Não é muito longe. Despachem-se!

– Porque é que nos quer ajudar? – Perguntou Maria Palester timidamente.

– A minha mãe é polaca e o meu pai é alemão. Prometi à minha mãe não matar ninguém e ajudar quem pudesse.

Por um instante, ninguém se mexeu, mas Henryk aproximou-se de uma das portas e tirou-a das dobradiças. Entretanto, Adam, que tinha ouvido a conversa lá de dentro, desaparecera. Irena estava nervosa porque não fazia ideia se podiam mesmo confiar naquele desconhecido alemão. Mas este já estava ocupado com outra porta.

Em menos de uma hora, encontravam-se nas salas de um edifício sem janelas e sem telhado, a poucas ruas de distância.

– Deve servir – disse o soldado. – Já verificaram este lugar. Se alguém chegar, digam que estão aqui sob as ordens do major Patz – com isto, acenou-lhes e

desapareceu.

Nos dias seguintes, Irena e os outros continuavam à espera de ser descobertos, mas não aconteceu nada.

– Conseguiste encontrar alguma coisa? – Perguntou Irena a Maria Palester quando se encontraram na vizinhança do seu novo esconderijo, depois de se separarem para procurar provisões. Tinham tido sorte. O bairro tinha estado calmo nas últimas horas, pelo que puderam procurar comida e medicamentos durante mais tempo que o costume.

– Uns nabos, algumas seringas e um cobertor, mas nada de medicamentos. E tu? – Maria afastou uma madeixa escura do rosto e tentou acompanhar o ritmo de Irena, que avançava a passos largos em direção ao alojamento.

– Batatas ressequidas, mas ainda comestíveis. Estavam na cave de uma casa abandonada. E também um frasco de marmelada – Irena olhou para Maria, triunfante.

– A sério? – Maria parou e Irena continuou em frente. – Oh, Irena, há anos que não…

Ouviu-se uma grande explosão, seguida de um grito agudo. Ao espreitar pela esquina de um prédio, viram uma senhora que andava às voltas, como se tivesse enlouquecido, agarrando um braço do qual faltava a mão.

Irena correu, agarrou na desconhecida e arrastou-a consigo. Maria esperava ver outra granada a voar de uma janela, mas continuou tudo calmo. Quando Irena alcançou a amiga com a mulher ferida, Maria tirou o cobertor da mala e enrolou-o à volta do coto da mulher que gritava. Depois, levaram-na para o hospital.

– Santo Deus! – Maria Skokowska e Henryk Palester foram a correr ao seu encontro e deitaram a mulher, que estava em choque, numa maca. Ainda estava consciente e fixava-os com os olhos arregalados e vivos.

– Temos de a operar imediatamente – disse Maria olhando para Henryk. – Quem o vai fazer, tu ou eu?

Henryk começou a esfregar as mãos, angustiado.

– Sou especialista em doenças infeciosas. Isto… acho que não consigo.

– Também não é a minha especialidade, e agora? – Mas, com uma expressão feroz, Maria Skokowska pegou num frasco de desinfetante quase vazio. Ninguém falava. Maria trabalhava concentrada, quase obstinadamente, enquanto Henryk e Irena faziam de assistentes. Maria Palester e Adam, encostados à parede suja da cave, seguiam cada movimento. Ninguém ouviu os

passos que se aproximavam até o homem já estar na sala.

– Que se passa aqui? Que raio estão a fazer? – Gritou o oficial, que parecia surpreendido por se encontrar em frente a um grupo de pessoas. Tinha o cabelo rapado, os óculos riscados e o uniforme rasgado. Só nesse momento é que se lembrou de extrair a pistola. Ouviram-se mais passos a aproximar-se lá fora. Dois soldados chegaram à entrada e também extraíram as suas armas.

Adam foi o primeiro a reagir e agarrou na bandeira da Cruz Vermelha que tinham pintado.

– Cruz Vermelha! – Exclamou em inglês. Quase se engasgou na própria voz. – Hospital. Temos um paciente – apontou para a mesa operatória improvisada. Os olhos dos soldados moveram-se nervosamente de um lado para o outro.

Henryk Palester levou as mãos ao alto e acrescentou:

– Estamos desarmados. Médicos. E estamos aqui sob as ordens do major Patz.

Com uma velocidade inesperada, o homem dos óculos riscados lançou-se a Henryk e bateu-lhe. Henryk cambaleou para trás, mas conseguiu manter-se de pé.

– O major Patz? – Rugiu o homem. – Eu sou o major Patz!

– Silêncio! – A voz de Maria Skokowska era cortante.

Todos os rostos se viraram para ela.

– Não veem que estou a operar? Estão a desconcentrar-me. Esperem que eu termine, depois explico-vos tudo.

O tom calmo e autoritário de Maria teve um efeito inesperado. O homem, que aparentemente era o major Patz, fez sinal aos outros dois soldados para saírem. Quanto a ele, voltou a guardar a arma no coldre e encostou-se à parede ao lado de Adam e Maria Palester. Voltou a aproximar-se apenas quando a operação terminou e Maria lavou as mãos.

– Agora, tem de vir comigo.

– Talvez eu pudesse… – ofereceu-se Henryk, mas o major Patz interrompeu-o.

– Esta senhora queria explicar-me uma coisa, e agora tem de o fazer – dito isto, conduziu Maria Skokowska ao exterior.

Passou mais de uma hora, durante a qual Irena, Adam e os Palester quase não disseram nada. Em silêncio, cada um por si, taparam as orelhas à espera do tiro que indicaria que Maria tinha morrido. Mas este nunca chegou. Em vez disso, voltaram a ouvir passos que se aproximavam. Irena foi a primeira a ir para o pátio, seguida de Adam e dos Palester. Lá estava ela! Era Maria. Ao seu lado

caminhavam quatro soldados que transportavam cestos grandes.

– Que se passou? – Irena foi a correr ao encontro de Maria. – Está tudo bem?

Os olhos de Maria brilhavam e tinha o rosto ruborizado.

– Consegui esclarecer as coisas. E o major Patz ofereceu-nos isto – apontou para os cestos. – Pão, ligaduras e medicamentos. Salientou que nos podia ter matado, mas parece que ficou impressionado com a operação que realizámos nestas condições. Temos de ter mais cuidado no futuro – voltou-se para os soldados. – Venham, por aqui!

Capítulo Quarenta e Sete

Ludwig Fischer estava sentado à secretária de madeira de cerejeira finamente trabalhada na sala do seu apartamento. Lá fora ainda estava escuro, e mesmo dentro da grande sala o ambiente era sombrio. Só tinha um pequeno candeeiro aceso em cima da secretária. Os móveis e os livros que se encontravam fora do feixe de luz pareciam pertencer a outra dimensão. Por um instante, Fischer permaneceu sentado com o diário encadernado em pele fechado à sua frente. Abriu-o. Passaram-se várias semanas desde que tinha escrito as últimas notas. Pegou na caneta, mas voltou a pousá-la e voltou algumas páginas atrás.

Dia 4 de outubro. Bufou. Como as coisas tinham mudado tão depressa… Percorreu as linhas com o olhar:

4 de outubro de 1944

O chamado Exército Nacional Polaco rendeu-se. Não deviam ter iniciado uma revolta ao agitar pistolas e granadas feitas em casa enquanto o inimigo tinha canhões, tanques e aviões à sua disposição. Tal como previsto, o Exército Vermelho não moveu uma palha para ajudar os rebeldes polacos, mesmo até ao fim. Na minha opinião, não é motivo para festejar. Considerando a inferioridade numérica dos polacos, é uma vergonha para os alemães que tenham existido sessenta e três dias de confrontos. Seria melhor não nos vangloriarmos demasiado. Toda a operação devia ter sido concluída em menos de uma semana.

A partir de amanhã, iniciará, como previsto, a destruição da cidade, ou daqueles que aqui permanecerem, ordenada pelo próprio Himmler.

Os olhos de Fischer percorreram as datas que se seguiam.

10 de outubro de 1944

Há alguns dias que as nossas unidades de pioneiros vasculham a cidade para queimar e demolir todos os edifícios que ainda estão intactos. As nossas equipas de demolição têm explosivos e lança-chamas à disposição. Os edifícios com interesse histórico ou público são prioritários. Foi-me dito que existem dois planos diferentes acerca do que fazer da cidade após a vitória alemã. Um deles prevê transformar Varsóvia num campo militar intermédio, o outro propõe arrasar a cidade e criar um lago em seu lugar.

Não são más ideias.

Até agora, foram detonados dezasseis edifícios. Mais de vinte foram incendiados. Grandes perdas entre a população civil.

29 de outubro de 1944

Até ao momento, foram detonados mais de cem edifícios, entre os quais a Biblioteca Nacional, assim como todo o seu conteúdo. Continuam a registar-se graves perdas entre a população civil.

27 de dezembro de 1944

Hoje, foi abatido o Palácio Saxónico. Grandes perdas entre a população civil. A destruição do Palácio Lazienki foi filmada por uma equipa para a realização de um documentário.

10 de janeiro de 1945

Por esta altura, cerca de 85% do património edificado de Varsóvia foi destruído. Este valor inclui a destruição durante a conquista de 1939, a supressão do gueto de Varsóvia e a destruição durante a Revolta de Varsóvia. Estima-se que o número das vítimas civis esteja entre as 150,000 e as 225,000.

Fischer encostou-se um pouco às costas da cadeira. Tinha a mão direita sobre a última data. As páginas seguintes estavam em branco. Os seus olhos vaguearam pela sala vermelha, que brilhava na penumbra. Só de pensar que tinham alcançado tanto… e que, em poucos dias, a situação se inverteu por completo. Tinha chegado o momento de acrescentar uma última entrada, para ter tudo organizado.

Debruçou-se sobre o caderno e agarrou na caneta.

Escreveu, muito concentrado, durante vários minutos. Contou como as linhas de defesa alemãs foram penetradas pelos russos até atravessarem o Vístula, em Varsóvia. Não havia data nem movimento das tropas que não conseguisse reconstituir ao minuto.

Por fim, tinha chegado o dia:

17 de janeiro de 1945, 5h00

Há poucas horas, o primeiro exército polaco, sob comando soviético, atravessou o Vístula e chegou à cidade de madrugada.

Foi interrompido por passos velozes à entrada do apartamento. Golpes secos na porta. Pouco tempo depois, entrou o seu assistente.

– *Heil* Hitler, governador!

– *Heil* Hitler!

– Com o devido respeito, – começou o jovem – o carro está pronto.

– Só mais um minuto…

– Governador, não temos tempo a perder. Os soviéticos podem chegar a qualquer momento. Seria oportuno deixar a cidade de imediato…

– Eu disse «só um minuto»! – Gritou Fischer. Tinha o rosto distorcido pela raiva. O jovem estremeceu.

– Como queira, governador.

Fischer voltou-se e continuou a escrever:

De que serviu a repressão da resistência de Varsóvia? De que serviu a destruição generalizada da cidade se agora temos de renunciar cobardemente a tudo o que conquistámos? Não nos chega qualquer apoio das unidades móveis ocidentais. Continuam a dizer que são indispensáveis nas frentes contra os Aliados. Fomos sacrificados!

A minha mulher e a minha filha abandonaram a cidade há alguns dias. Hoje, é a minha vez.

Fechou o diário, colocou-o na pequena mala que deixara ao lado da secretária e levantou-se. O assistente vestiu-lhe o casaco e seguiu à frente dele.

À porta da sala, Fischer parou e olhou para trás uma última vez. Não tinha desligado o candeeiro, mas também já não importava. Quem sabe o que os russos fariam com o edifício. O seu olhar percorreu os tapetes persas, os móveis, a estante possante revestida em pele. Provavelmente, iam saqueá-lo, como os bárbaros que eram. «É uma pena», pensou. Voltou-se e seguiu o assistente até ao carro.

Capítulo Quarenta e Oito

Durante as últimas semanas desesperantes da revolta destinada a falhar, também Irena e os seus amigos tiveram de deixar a cidade e encontrar refúgio numa antiga fábrica fora de Varsóvia.

Quando, no dia 17 de janeiro, se soube que os soviéticos tinham «libertado» a cidade e que o governador Ludwig Fischer tinha fugido, puderam finalmente regressar. Mas não havia alegria no ar; Varsóvia estava praticamente inabitável.

Irena e Adam instalaram-se num abrigo improvisado durante os gélidos meses do inverno de 1945 e partiram em busca de concidadãos judeus. Durante anos, tinham vivido na esperança de que muitos deles tivessem conseguido esconder-se fora do gueto. Agora que já não era preciso brincar às escondidas, podiam finalmente revelar-se. Mas as suas esperanças foram em vão. Só depois é que viram os números, que eram difíceis de conceber. 90% da população judaica polaca não tinha sobrevivido.

Irena e Adam não desistiram. Durante as excursões à cidade destruída em busca de comida e de qualquer tipo de material para se aquecerem, andavam de olho nos sobreviventes e nos que tinham regressado.

E assim foi numa tarde cinzenta no fim de março. Poucas horas antes, tinha chovido e os escombros que Irena estava a trepar estavam húmidos.

– Ai! – Escorregou na lama de cinzas molhadas e caiu de costas. Agora, as calças, que já estavam sujas, iriam para o lixo. Recompôs-se o melhor que conseguiu e voltou a pôr a mochila quase vazia às costas. Depois, o seu olhar pousou num ponto branco. Curiosa, aproximou-se.

«A facilidade com que nós humanos voltamos aos tempos de caçadores-recoletores», pensou, e esboçou um largo sorriso. O pontinho branco no meio daquela cidade, que parecia ser feita de tons de cinzento, castanho e preto, era uma campainha de inverno.

– Que estás aqui a fazer? Achas que é um lugar seguro para ti? – Irena tocou na coroa branca com a ponta dos dedos. Resistiu à tentação de colher a flor e as suas raízes para a plantar em frente ao barracão onde vivia com Adam.

– Já muitas pessoas foram transplantadas nesta guerra – disse, por fim. –

Todas, na verdade. Tu cresceste aqui, então devias ficar aqui. Tem cuidado.

Voltou a levantar-se. De repente, sentiu-se mais leve. Bastava tão pouco para aquecer um coração.

Pouco depois, enquanto Irena se aproximava do barracão onde ela e Adam se tinham refugiado, ouviu uma voz feminina agitada que vinha lá de dentro. Instintivamente, parou para escutar. A voz era-lhe vagamente familiar, mas não conseguia perceber de quem era. Dirigiu-se à porta desengonçada, bateu e abriu.

Nesse preciso instante, uma mulher magra e alta com feições angulosas e uma juba negra desgrenhada virou-se e atirou-se para cima dela.

– Senhora Sendler! – Irena não percebia o que se estava a passar e, por pouco, não perdeu o equilíbrio no abraço vigoroso daquela mulher. Atrás das costas dela, via Adam a rir-se.

A mulher libertou-a daquele aperto.

– Não se lembra de mim? Sou a senhora Bialeki. Ajudou-me a mim e ao meu filho a sair do gueto, durante a revolta – olhou para Irena com alegria.

– O pequeno Ismael?

– Sim, exatamente, o meu pequeno Ismael. Na altura, por motivos de segurança, não me quis dizer para onde é que ele ia. Há dois meses que ando à sua procura, senhora Sendler. Virei todas as pedras que vi e finalmente encontrei-a. Estou tão feliz. Onde está o Ismael, como está?

Irena sentiu-se invadir pelo calor da alegria.

– O Ismael está num orfanato em Otwock. Tanto quanto sei, todas as crianças do orfanato estão bem.

A senhora Bialeki tapou a boca com as mãos e escorreram-lhe lágrimas de felicidade pelo rosto.

– Tenho de ir ter com ele. Agora, imediatamente.

Adam tinha-se aproximado delas e agarrou delicadamente no braço da senhora Bialeki.

– Já está escuro. Partir agora seria impossível. Mas pode passar a noite connosco e amanhã vamos consigo – lançou um olhar interrogativo a Irena. Ela assentiu.

– É isso mesmo. E amanhã de certeza que vamos encontrar alguma forma de chegar a Otwock.

E encontraram. Os carris do elétrico tinham sido destruídos e, por isso, fizeram a primeira parte do trajeto na parte de trás da carroça de um agricultor

puxada a cavalo. Por fim, no último troço, os carris estavam a funcionar e chegaram a Otwock ao fim da tarde. Irena não teve como avisar da sua chegada. Enquanto ela, Adam e a senhora Bialeki subiam os degraus da entrada, transpirados e cobertos de poeira, Irena sentia que tinha dado a volta ao mundo. Já a senhora Bialeki empurrou a porta com força.

O ar fresco vindo do interior do edifício imponente investiu sobre os três. A porta pesada fechou-se lentamente atrás deles. Silêncio total. A senhora Bialeki dirigiu-se a Irena com uma expressão alarmada.

– Não está cá ninguém!

Irena abanou a cabeça com um sorriso e virou à esquerda. Nesse momento, ouviram a voz de um menino, seguida da de uma mulher adulta. Irena e os outros seguiram as vozes. Numa sala, uma irmã mais velha estava sentada a tomar conta de algumas crianças que estavam a escrever qualquer coisa nos seus cadernos. Quando Irena perguntou, disseram que a maior parte dos miúdos estava a brincar no jardim. Seguida de Adam e da senhora Bialeki, Irena percorreu vários corredores pintados de branco que conduziam a uma grande porta dupla.

Em frente, havia um terraço de pedra que dava acesso ao jardim depois de alguns degraus. As árvores altas ainda estavam despidas, só aqui e ali se viam algumas manchas verdes a espreitar dos ramos. Estavam perante um relvado amarelado com ervas moles e pisadas. Todavia, Irena suspirou de alívio. Há muito tempo que não via um jardim, e neste até havia crianças a brincar. Era a coisa mais bonita do mundo.

Irena desceu os degraus a correr e dirigiu-se a um grupo de crianças de pé no meio da relva, que olhavam à sua volta em todas as direções com muita concentração. Apenas uma rapariga mais velha observava o resto do jardim. A senhora Bialeki passou ao lado de Irena e foi a correr ter com as crianças.

– O Ismael Bialeki está aqui? – Perguntou quase sem fôlego.

As crianças olharam para ela com desconfiança.

– Aqui não há nenhum Ismael – disse um menino com cerca de oito anos e cabelos ruivos. Irena chegou ao pé deles.

– Queríamos dizer Jan Wabel. O Jan está convosco?

Os rostos das crianças iluminaram-se.

– Ainda não encontraram o Jan. Mas eu sei onde é que ele está – disse uma menina de cinco anos.

– Sou a mãe dele – a senhora Bialeki não aguentava mais.

– A sério? – Perguntou a menina, surpreendida.

– Sim, a sério – a senhora Bialeki tinha os olhos rasos de água.

A pequena virou-se e gritou:

– Jan, aparece, a tua mãe está aqui…

Ficaram todos à espera, mas não aconteceu nada. A rapariga que estava à procura dos outros virou-se para eles com alguma surpresa.

– Era óbvio que não ia cair nessa – disse um rapazinho com cerca de treze anos. – Eu também não caía. Acha que queremos que saia do esconderijo… Jan! – chamou outra vez, ainda mais alto. – A tua mãe está mesmo aqui!

Desta vez, houve resposta.

– Não está nada! Parem com isso. Vocês são maus!

A rapariga mais velha virou-se na direção da voz.

– Encontrei-te! – Dirigiu-se a um barracão e uma criança desmazelada saltou lá de dentro. Correu para junto do grupo aos ziguezagues, como um veado. A rapariga retomou a perseguição. Gritando de medo e de alegria, Jan aproximou-se e viu-a. Parou de repente a dez metros da mãe. Arregalou os olhos e escancarou a boca.

– Mãe – disse baixinho. – Mãe.

– Apanhado! – A rapariga tinha-o alcançado e deu-lhe uma palmadinha nas costas sem se aperceber do que estava a acontecer. – Apanhei-te.

Jan não lhe prestou atenção. Em vez disso, lançou-se para os braços estendidos da mãe. O seu pequeno peito era sacudido por soluços fortes. Também a mãe chorava. Os meninos viraram-se e começaram a cochichar entre eles. Alguns pareciam tristes, outros entusiasmados.

Irena deu a mão a Adam. Desfrutaram do espetáculo por um pouco, depois afastaram-se.

– Vá, temos outra coisa para fazer, lembras-te?

Adam anuiu sem olhar para ela e Irena reparou que ele tinha um nó na garganta. O reencontro entre mãe e filho não o tinha deixado indiferente.

Sempre de mãos dadas, encaminharam-se para a porta principal do orfanato de Otwock e atravessaram algumas ruas pequenas até uma casa na periferia. Alguns edifícios tinham sobrevivido intactos aos últimos anos, outros estavam abandonados e em ruínas. Quase todos os jardins tinham sido esquecidos, mas aqui e ali viam-se homens e mulheres a reparar vedações, a substituir telhas ou a recolher as folhas. Pareciam um pouco hesitantes, como se houvesse algo de errado na intenção de reparar alguma coisa, de acreditar no amanhã e também

no futuro.

Quando Adam e Irena chegaram à porta do seu antigo esconderijo, pararam. A vedação do jardim em frente à casa tinha desabado, alguém tinha roubado a porta. Tinha duas persianas estragadas e duas janelas partidas. Um cortinado rasgado ondulava na brisa ligeira da tarde.

As divisões estavam praticamente vazias. Tudo o que tivesse a mínima utilidade tinha sido levado. As tábuas do chão estavam inchadas devido à humidade, havia uma cadeira partida no chão e as paredes tinham bolor. Enquanto se dirigiam à porta das traseiras, um rato atravessou o quarto a correr, de um canto para o outro. Irena abriu a porta com um rangido e saiu. Tal como o jardim do orfanato, este também tinha sido esquecido e invadido pela vegetação. Mas, lá ao fundo, a velha macieira nodosa permanecia intacta. Os seus botões escuros brilhavam húmidos à luz do crepúsculo.

– Vês, ela também está cá – disse Adam atrás dela. Tinha na mão a pá com que, um ano antes, tinham enterrado o frasco com os nomes. – Está um pouco enferrujada, mas ainda serve – sorrindo, foi até à árvore.

Enquanto o último raio de sol se retirava a poente e o ar se tornava mais fresco, escavou sem levantar o olhar, uma pazada depois da outra. Pouco depois, a ponta da pá atingiu algo duro.

– Cuidado! – Irena aproximou-se e baixou-se. Com as mãos, afastou a terra argilosa até chegar ao frasco. Custava a crer, mas não tinha entrado humidade lá dentro! Apertou o frasco contra si. Mais de duas mil vidas num espaço tão pequeno. Quase sentia o frasco vibrar contra o peito, mas sabia bem que era apenas fruto da sua imaginação.

– Que vais fazer com os papéis? – Perguntou Adam. Irena sorriu.

– Vou entregar a alguém que saiba cuidar deles e que consiga reunir todas estas crianças espalhadas com os familiares sobreviventes – bateu levemente na tampa. – Mas, primeiro, quero ver outras crianças e saber como estão.

Capítulo Quarenta e Nove

E foi isso que Irena fez. Era o início de maio, o sol e o clima ameno faziam a destruição brilhar numa luz mais suave. Em cada esquina, havia pessoas a escavar os escombros com pás simples e até com as próprias mãos. Já se viam os agricultores, que levavam batatas, ovos e frango, a andar pela cidade de novo.

Nas últimas semanas, Irena procurou e encontrou várias das suas crianças. Foi mais fácil encontrar as que tinham sido colocadas em orfanatos ou conventos nos arredores de Varsóvia, ao contrário daquelas que tinham ficado com famílias de acolhimento que, durante a confusão dos últimos meses, tinham deixado as próprias casas e apartamentos e nem sempre tinham regressado ao mesmo lugar.

Era como se uma mão gigante tivesse enfiado a cidade num saco e a tivesse sacudido violentamente, para depois a deixar cair ao acaso. Paredes, telhados, móveis, pessoas. Já nada nem ninguém estava no seu lugar. Tudo era provisório, até mesmo o novo edifício dos serviços sociais, que tinham retomado a atividade no meio do caos e da miséria.

No dia 8 de maio, Irena saiu do edifício, que quase não merecia este nome, um pouco mais cedo. Queria seguir uma nova pista. Uma colega tinha-lhe dado uma dica acerca de onde podia encontrar Stanislawa Bussold com a pequena Beata.

Os buracos de balas no edifício, do qual apenas o piso térreo era habitável, brilhavam ao sol da tarde como pequenos furúnculos. Irena atravessou a entrada, cuja porta partida estava encostada à parede, e bateu à porta do apartamento. Ouviu logo os pequenos passos de uma criança vindos lá de dentro. «Vai devagar», disse uma senhora. Surgiu um sorriso no rosto de Irena. Finalmente! Tinha conseguido!

A porta abriu. Por um instante, Irena fixou maravilhada a senhora desconhecida com uma menina da idade de Beata agarrada à sua perna. Com um braço, a menina abraçava a coxa da mãe e, ao mesmo tempo, tinha o polegar da outra mão na boca.

– Como posso ajudá-la? – Perguntou a senhora com gentileza.

Irena ainda se estava a compor devido à surpresa.

– Olá, o meu nome é Irena Sendler, trabalho nos serviços sociais. Estou à procura da obstetra Stanislawa Bussold e da sua filhota Beata.

– Lamento. Agora, só eu e a Lena é que vivemos aqui – acariciou os cabelos da menina.

– Bem, obrigada na mesma! Adeus! – Irena sorriu à menina e estava para ir-se embora quando a senhora disse:

– Senhora Sendler, só um momento. Eu disse «agora». Eu conheço a Stanislawa. Ela e a Beata viviam comigo até há pouco tempo, mas já encontraram uma casa para elas.

– Ah!

– Porque quer falar com a Stanislawa? – Perguntou a jovem, desta vez com uma ponta de desconfiança. – É por causa da Beata?

– Sim – Irena mostrou um sorriso cordial. – Exatamente. Na altura, deixei a menina com a senhora Bussold e queria apenas voltar a vê-la. Ver com os meus próprios olhos o quanto cresceu.

A mulher sorriu, aliviada.

– Sim, já tem três anos e é uma grande reguila. Ela e a Lena viraram tudo de pernas para o ar no único quarto que temos. Não quer entrar? Assim, dou-lhe a morada nova da Stanislawa.

No caminho de volta, Irena sentia-se eufórica. A Beata estava bem e voltaria a ver a menina em breve. Adam ia ficar feliz por ela. Não via a hora de lhe dar a notícia.

Ao entrar na grande praça não muito longe do seu refúgio, Irena parou. Centenas de pessoas estavam reunidas no centro. Ouviam-se gritos de alegria, os chapéus eram atirados ao ar e muitas pessoas abraçavam-se.

Irena não conseguia perceber a notícia anunciada através de um megafone devido aos gritos. Contudo, assim que se começou a aproximar, foi travada por uma voz feminina vinda de trás que lhe soava familiar.

– A Alemanha rendeu-se. A guerra acabou.

Irena virou-se e olhou para a mulher, boquiaberta.

– Rachela? Não pode ser! És tu? Estás viva!

Rachela esboçou um sorriso e, por uma fração de segundo, Irena viu à sua frente a velha amiga, como se não tivesse passado sequer uma hora desde o seu último encontro. Mas o sorriso de Rachela desapareceu e Irena reparou numa determinação invulgar, quase como uma dureza, no rosto magro da amiga. Observou-a melhor. Rachela tinha calças e um casaco militar vestidos, tinha a

coluna muito direita e parecia mais musculada, os olhos brilhavam de uma forma diferente comparando com outros tempos.

– A Alemanha rendeu-se? A guerra terminou? – Foi então que as palavras de Rachela ganharam forma na cabeça de Irena. – Oh, Rachela! – Agarrou-se à amiga e abraçou-a com força. Rachela retribuiu o abraço.

– Esperámos tanto tempo. Nem consigo acreditar. Já podemos voltar a olhar em frente! – Exclamou Irena. – Estamos vivas e muitas das crianças que salvámos podem voltar às suas famílias. Vais ver que…

Rachela parecia furiosa. Transtornada, Irena interrompeu o que dizia.

– Oh, Rachela, desculpa! Estou a falar de mim e das crianças e ainda nem te fiz uma pergunta. Onde estiveste estes anos todos? Sei o que aconteceu à tua família, lamento imenso!

Irena reviu na sua mente a manhã em que se tinham visto pela última vez. Enquanto Rachela verificava a rua para que Irena descesse para o esgoto com o pequeno Sergiusz, os alemães deportaram a família dela. Irena olhou, desconsolada, para a amiga, mas Rachela esboçou um sorriso.

– Não tens de pedir desculpa, Irena. Tu… nunca! – Fez uma pequena pausa e acrescentou: – Nos últimos anos, vivi na floresta com os combatentes e lutei ao lado deles. Entretanto, também conheci o Stanislaw. É um soldado polaco. Casámo-nos.

Irena agarrou nas mãos de Rachela.

– Fico muito feliz por ti, mesmo sabendo que deve ser difícil.

Rachela levou o dedo indicador aos lábios.

– Irena, a Rachela que conhecias já não existe. Foi levada juntamente com a família e com o seu passado. Ela desapareceu, percebes? O meu marido não sabe de nada acerca da minha vida antiga. Nem sequer sabe o meu verdadeiro nome, e é melhor assim. Agora, sou a Karolina, apenas Karolina.

Irena assentiu. Era esta a mudança em que tinha reparado imediatamente na amiga: a sua firmeza, aquele olhar sério. Abraçaram-se mais uma vez sem dizer nada e Rachela virou-se. Irena seguiu-a com o olhar durante mais uns segundos, mas depois também se foi embora. Nesse momento, voltou a ouvir a voz de Rachela.

– Irena, vais continuar a lembrar-te da Rachela Rosenthal?

Irena voltou-se, olhou para a amiga e colocou uma mão sobre o coração.

– Estará sempre comigo.

Voltou a esboçar aquele sorriso fugaz. Depois, Rachela virou-se

definitivamente e afastou-se a passo rápido.

– Irena!

Adam aproximava-se dela a correr com a felicidade estampada no rosto.

– Ouviste? A guerra acabou! – Disse ele com uma voz quase em falsete. Quando alcançou Irena, abraçaram-se com força. – Acabou mesmo. Não posso crer – sussurrou.

– Pois é – respondeu Irena. – E ainda estamos cá os dois, como sempre te prometi. Espero que, em breve, o Mietek regresse e, então, podemos todos começar uma vida nova.

Adam quebrou o abraço e esboçou um sorriso incerto.

– Confesso que houve momentos em que duvidei – feliz, olhou Irena nos olhos. Depois, fez sinal com a cabeça na direção de alguém atrás de si. – Quem era aquela com quem estavas a falar?

– Oh… – Irena abanou ligeiramente a cabeça e sorriu. – Uma pessoa de quem já fui muito próxima.

Posfácio

Este romance foi um desafio para mim em muitos aspetos. Como é que se mergulha no capítulo mais sombrio da história alemã? E como é que se faz justiça às pessoas nascidas naquela época e que, querendo ou não, tiveram de tomar uma posição? Aquilo que aconteceu durante os anos da Segunda Guerra Mundial não deu a ninguém a liberdade de ficar «de parte», como um mero espectador. Muitos, pelas mais diversas razões, tornaram-se carrascos; outros, salvadores e rebeldes. As grandes massas procuravam sobreviver seguindo o rebanho, e esta também foi uma decisão que teve consequências de grande dimensão, para elas e para os outros.

Se a coragem quase sobre-humana e a grandiosidade moral dos salvadores deste livro não tivessem tido repercussões tão positivas, submergir nos abismos humanos daquela altura ter-me-ia arrastado até ao mais profundo desespero.

Irena Sendler e o seu círculo demonstraram de forma inequívoca aquilo que estas pessoas foram capazes de fazer, arriscando a própria vida. Mais de duas mil e quinhentas pessoas sobreviveram apenas graças a uma mão-cheia de pessoas que não aceitou o terror e que lutou por cada uma dessas vidas. Foram mais de duas mil e quinhentas crianças que puderam crescer e envelhecer, que exerceram profissões, que se casaram, que tiveram filhos.

Quem ler a história de Irena Sendler e dos outros benfeitores não pode deixar de pensar em como teria agido na altura, uma pergunta à qual não se pode responder em retrospetiva. No entanto, a história de Irena pode servir de inspiração para as nossas vidas, porque cada época tem os seus conflitos, os seus perseguidos e os seus desfavorecidos. Quem somos hoje? O que nos limitamos a aceitar com indiferença e onde podemos fazer mais? Foram estas as perguntas que foram surgindo ao aproximar-me desta página da história e ao conhecer os protagonistas deste livro.

Não, Irena Sendler, Irka Schultz, Ala Golab-Grynberg e os outros não eram «sobre-humanos»; eram pessoas comuns que simplesmente escolheram continuar humanas ao encarar a desumanidade. Aqueles que sobreviveram à guerra continuaram a viver uma vida «normal», mas muitos deles morreram

nos últimos anos do conflito. Ala Golab-Grynberg faleceu durante a revolta do campo de trabalho em Poniatowa, Julian Grobelny rendeu-se à doença no dia 5 de dezembro de 1944.

Depois da guerra, Irena Sendler divorciou-se do marido e amigo de infância e casou-se com Adam Celnikier. Tiveram três filhos, mas separaram-se em 1957. Adam, que depois da guerra manteve a sua nova identidade (Stefan Zgrembski), faleceu em 1961.

Quatro anos depois, Irena Sendler e Irka Schultz foram reconhecidas pelo instituto israelita Yad Vashem como «Justas entre as Nações». As duas amigas participaram na cerimónia juntas. Irena Sendler viveu toda a vida em Varsóvia, onde faleceu de velhice no dia 12 de maio de 2008.

As pessoas do círculo mais íntimo de Irena que surgem no livro são reais, assim como a maior parte dos ocupantes alemães. Os esforços incansáveis de Ala Golab-Grynberg, Rachela Rosenthal, Ewa Rechtman, Irka Schultz, Janusz Korczak, Stanislawa Bussold e de muitos outros são descritos em várias publicações, entre as quais *Nome de código: Jolanta*, *A História de Irena Sendler: a Mãe das Crianças do Holocausto* de Anna Mieszkowska ou *A rapariga das flores de vidro* de Tilar J. Mazzeo. O pedagogo e diretor do orfanato do gueto, o doutor Janusz Korczak, manteve um diário até ao dia da sua morte (*Diário do Gueto*). Também vale a pena ler o livro de Jack Mayer, *Life in a Jar,* nascido do projeto de algumas alunas americanas.

Os nomes de outras personagens da história também são autênticos. Existe um diário detalhado de Adam Czerniaków, presidente do Conselho de Judeus. O papel dos oficiais nazis, em primeiro lugar Ludwig Fischer (governador de Varsóvia) e Hans Frank (governador do Governo Geral), foi amplamente documentado. No que toca às personagens menores, quando não sabia os nomes, inventei-os.

Já os nomes das crianças que foram salvas e os das suas famílias são fictícios, mesmo estando suficientemente documentados. Esta escolha deveu-se à necessidade de proteger a privacidade das vítimas ainda vivas e das respetivas famílias. Muitos dos eventos das operações de salvamento aconteceram tal como descrito ou de forma semelhante.

Alguns foram detalhadamente descritos por Irena Sendler, outros foram apenas sugeridos, e é por isso que no livro a ficção e os acontecimentos reais se misturam. Todavia, tentei representar os eventos narrados da forma mais autêntica possível. Sempre que a imaginação preencheu os espaços vazios, fi-lo

com o máximo respeito de modo que também os eventos fictícios pudessem, em teoria, ter acontecido, ou talvez, quem sabe, tenham acontecido mesmo, de uma forma ou de outra.

Desde a primeira página em branco no computador ao livro à venda nas livrarias passou muito tempo, durante o qual muitas pessoas colaboraram comigo ativamente.

Antes de mais, gostaria de agradecer a Piper Verlag pela confiança em mim depositada. Quero fazer um agradecimento especial à minha editora, Anne Scharf, pelas críticas construtivas, pela boa comunicação, pela colaboração e por me acompanhar durante todo o processo de criação. Um agradecimento sincero também à senhora Annika Krummacher pela atenta e intensa revisão final e pelos numerosos e preciosos comentários.

Quero agradecer do fundo do coração ao doutor Uwe Neumahr da Agence Hoffman, que me faz sempre entrar em contacto com projetos preciosos como este; sem ele, não teria escrito este romance.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha mãe, Gabriele Kurasch-Macharzina, e ao meu namorado, Giancarlo Abbamonte, pelo seu amoroso apoio diário.

Table of Contents

1. Capítulo Um
2. Capítulo Dois
3. Capítulo Três
4. Capítulo Quatro
5. Capítulo Cinco
6. Capítulo Seis
7. Capítulo Sete
8. Capítulo Oito
9. Capítulo Nove
10. Capítulo Dez
11. Capítulo Onze
12. Capítulo Doze
13. Capítulo Treze
14. Capítulo Catorze
15. Capítulo Quinze
16. Capítulo Dezasseis
17. Capítulo Dezassete
18. Capítulo Dezoito
19. Capítulo Dezanove
20. Capítulo Vinte
21. Capítulo Vinte e Um
22. Capítulo Vinte e Dois
23. Capítulo Vinte e Três
24. Capítulo Vinte e Quatro
25. Capítulo Vinte e Cinco
26. Capítulo Vinte e Seis
27. Capítulo Vinte e Sete
28. Capítulo Vinte e Oito
29. Capítulo Vinte e Nove
30. Capítulo Trinta
31. Capítulo Trinta e Um
32. Capítulo Trinta e Dois
33. Capítulo Trinta e Três
34. Capítulo Trinta e Quatro
35. Capítulo Trinta e Cinco
36. Capítulo Trinta e Seis
37. Capítulo Trinta e Sete
38. Capítulo Trinta e Oito
39. Capítulo Trinta e Nove
40. Capítulo Quarenta
41. Capítulo Quarenta e Um
42. Capítulo Quarenta e Dois
43. Capítulo Quarenta e Três
44. Capítulo Quarenta e Quatro

45. Capítulo Quarenta e Cinco
46. Capítulo Quarenta e Seis
47. Capítulo Quarenta e Sete
48. Capítulo Quarenta e Oito
49. Capítulo Quarenta e Nove
50. Posfácio

Page List

1. 3
2. 4
3. 5
4. 7
5. 9
6. 10
7. 11
8. 12
9. 13
10. 14
11. 15
12. 16
13. 17
14. 18
15. 19
16. 20
17. 21
18. 22
19. 23
20. 24
21. 25
22. 26
23. 27
24. 28
25. 29
26. 30
27. 31
28. 32
29. 33
30. 35
31. 36
32. 37
33. 39
34. 40
35. 41
36. 42
37. 43
38. 44
39. 45
40. 46

41. 47
42. 49
43. 50
44. 51
45. 52
46. 53
47. 55
48. 56
49. 57
50. 58
51. 59
52. 61
53. 62
54. 63
55. 64
56. 65
57. 66
58. 67
59. 68
60. 69
61. 70
62. 71
63. 72
64. 73
65. 74
66. 75
67. 77
68. 78
69. 79
70. 80
71. 81
72. 82
73. 83
74. 85
75. 86
76. 87
77. 88
78. 89
79. 90
80. 91
81. 92
82. 93
83. 94
84. 95
85. 96
86. 97
87. 98
88. 99
89. 100
90. 101

91. 102
92. 105
93. 106
94. 107
95. 109
96. 110
97. 111
98. 112
99. 113
100. 114
101. 115
102. 116
103. 117
104. 119
105. 120
106. 121
107. 122
108. 123
109. 124
110. 125
111. 126
112. 127
113. 128
114. 129
115. 130
116. 131
117. 132
118. 133
119. 134
120. 135
121. 136
122. 137
123. 138
124. 139
125. 140
126. 141
127. 142
128. 143
129. 144
130. 145
131. 146
132. 147
133. 148
134. 149
135. 150
136. 151
137. 152
138. 153
139. 154
140. 155

141. 156
142. 157
143. 158
144. 159
145. 160
146. 161
147. 162
148. 163
149. 164
150. 165
151. 166
152. 167
153. 168
154. 169
155. 170
156. 171
157. 172
158. 173
159. 174
160. 175
161. 176
162. 177
163. 178
164. 179
165. 180
166. 181
167. 182
168. 183
169. 185
170. 186
171. 187
172. 188
173. 189
174. 190
175. 191
176. 192
177. 193
178. 194
179. 195
180. 197
181. 198
182. 199
183. 200
184. 201
185. 202
186. 203
187. 205
188. 206
189. 207
190. 208

191. 209
192. 210
193. 211
194. 212
195. 213
196. 214
197. 215
198. 216
199. 217
200. 218
201. 219
202. 220
203. 221
204. 223
205. 224
206. 225
207. 226
208. 227
209. 228
210. 229
211. 230
212. 231
213. 232
214. 233
215. 234
216. 235
217. 236
218. 237
219. 238
220. 239
221. 240
222. 241
223. 243
224. 244
225. 245
226. 246
227. 247
228. 248
229. 249
230. 250
231. 251
232. 253
233. 254
234. 255
235. 256
236. 257
237. 258
238. 259
239. 260
240. 261

241. 262
242. 263
243. 264
244. 265
245. 266
246. 267
247. 268
248. 269
249. 270
250. 271
251. 272
252. 273
253. 274
254. 275
255. 277
256. 278
257. 279
258. 280
259. 281
260. 282
261. 283
262. 284
263. 285
264. 286
265. 287
266. 289
267. 290
268. 291
269. 292
270. 293
271. 294
272. 295
273. 296
274. 297
275. 298
276. 299
277. 300
278. 301
279. 303
280. 304
281. 305
282. 306
283. 307
284. 308
285. 309
286. 310
287. 311
288. 312
289. 313
290. 315

291. 316
292. 317
293. 318
294. 319
295. 320
296. 321
297. 322
298. 323
299. 324
300. 325
301. 326
302. 327
303. 328
304. 329
305. 331
306. 332
307. 333
308. 334
309. 335
310. 336
311. 337
312. 338
313. 339
314. 340
315. 341
316. 343
317. 344
318. 345
319. 346
320. 347
321. 348
322. 349
323. 350
324. 351
325. 353
326. 354
327. 355
328. 356
329. 357
330. 358
331. 359
332. 360
333. 361
334. 362
335. 363
336. 365
337. 366
338. 367
339. 368
340. 369

341. 371
342. 372
343. 373
344. 374
345. 375

Landmarks

1. Cover